GRÁCIO RIBEIRO

CAIÚRU

ROMANCE TIMOR

COLECÇÃO «AMANHÃ»

1939

Imprensa Artística, L.da — Rua Diário de Notícias, 113-115 — Telef. 28761

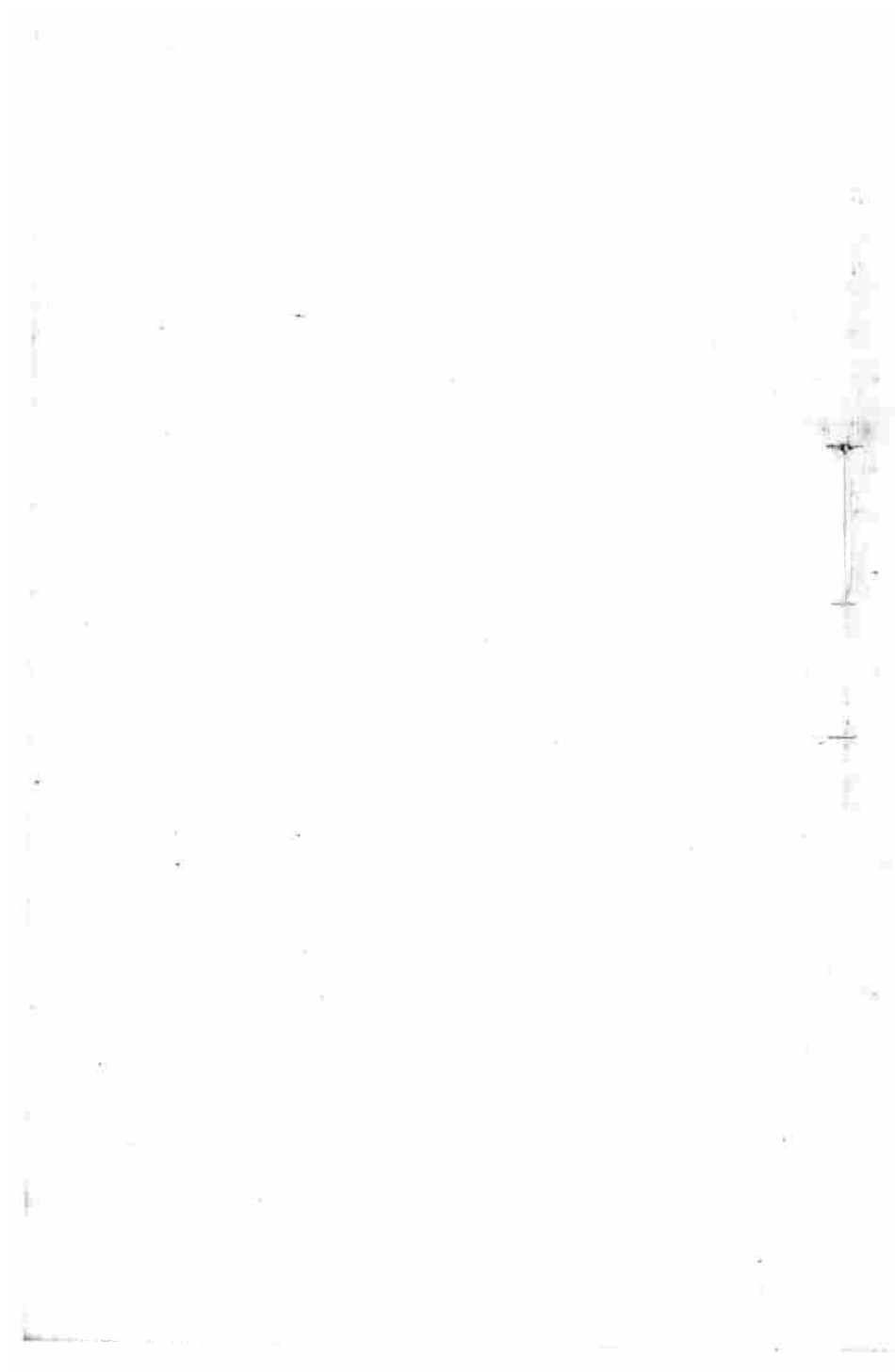
GRÁCIO RIBEIRO

CAIÚRU

(ROMANCE TIMOR)

COLECÇÃO "AMANHÃ"
RUA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 113 - 115
L I S B O A TELEFONE 2 8761

Dedico estas páginas a todos aquêles que sofrem e lutam por um mundo melhor.

Ao escrever êste livro tive apenas como objectivo tornar conhecidas algumas das paï-sagens mais belas de Timor e divulgar alguns dos curiosos costumes dos seus nativos. Todo o enrêdo é produto da minha imaginação e qualquer semelhança que, porventura, possa encontrar-se entre as figuras e o entrecho desta história e factos vividos, ou personagens reais, não passa de simples coincidência.

I

Quando a *corcora* [1] fundeou na pequena enseada, eu vinha quási só. Os outros camaradas preferiram viajar por terra a partir de Maubara, encantados pela perspectiva de uma viagem de automóvel e também para se livrarem do barco, onde tínhamos vindo empilhados como sardinhas em canastra. Eu, porém, continuei na «Lifau», não só para não dispender algumas patacas com o aluguer do automóvel, mas, e sobretudo, porque o pior já estava passado. Até ali nem sequer tivera onde me sentar, durante dois dias e três noites, pois que, até para nos deslocarmos alguns metros, tínhamos que incomodar bastante os companheiros que nos cercavam. Lembro-me que mesmo para vomitar, em virtude dos meus freqüentes e violentos enjoos, tinha que me encarrapitar no local denominado retrete, contorcendo-me e espremendo-me entre os companheiros.

Mas depois foi diferente: Fugindo aos apertos, deu-se em Maubara um desembarque quási geral. Só eu e dois camaradas continuámos na «Lifau», podendo as-

---

(1) Embarcação parecida com a fragata, mas mais pequena e menos estável.

sim aproveitarmo-nos de algumas cadeiras de viagem, que tinham vindo arrumadas por falta de espaço. Aparte algum frio que se fazia sentir, a noite estava esplêndida, embora muito escura. Não fazia vento e o mar parecia um lago bonançoso, motivos que nos fizeram esquecer as agruras passadas e até a agradável viagem que os outros estariam fazendo por terra.

Deviam ser quatro horas da manhã e, como disse, a noite estava escura. Não obstante êste pormenor, eu e os dois camaradas resolvemos desembarcar. Os tripulantes fizeram-nos descer para o pequeno bote da *corcora*, onde também puseram a nossa reduzida bagagem. O barquinho deslizou para terra e, depois, um indígena transportou-nos para a praia às-cavalitas e trouxe-nos em seguida as malas. Dentro em breve verificar-se-ia o nascer do Sol, mas, entretanto, não havia visibilidade alguma e nem vivalma silhuetava pela Avenida Marginal, onde nos encontrávamos. Díli dormia ainda e nós, indecisos, olhávamos em volta sem rumo definido. Trocámos impressões para resolvermos qualquer coisa; encontrávamo-nos em terra estranha e, agravando a situação, adormecida. O certo, porém, é que não podíamos ficar ali. Discutimos algum tempo sem proveito e decidimos, por fim, pegar nas malas e andar ao acaso. Um pouco adiante deparámos com um soldado indígena fazendo sentinela. Teríamos nêle, senão um cicerone, pelo menos uma bússola. Tentámos fazer-nos compreender, procurando-lhe por hotel ou pensão. O soldado volveu-nos um olhar lerdo e sonolento e ficou-se assim uns momentos, perfeitamente abderítico. Nós estávamos cansados e, por isso, pousámos a bagagem e aguardámos pacientemente que o timor se resolvesse a dizer qualquer coisa. Êste, entretanto, fazia esforços sôbre-humanos para segurar as pálpebras que se cerravam; por fim reagiu, pensou ainda, lentamente, e acabou por dizer na sua língua:

— *Hau la hatene buat ida* [1].

Ficámos na mesma, sem compreender o que êle dizia. Tampouco êle nos deveria ter compreendido. Que fazer? Cogitámos uns momentos sôbre a melhor maneira de nos fazermos entender. Finalmente, gritei-lhe:

— Administração de Concelho? Onde é?

A sentinela, visìvelmente aborrecida, apontou para diante e resmungou:

— *Ia craic* [2].

Caminhámos na direcção indicada e passámos por algumas residências particulares sem encontrarmos a Administração. Cansados, parámos e sentámo-nos nas malas. Estávamos bem aborrecidos por não sabermos para onde dirigir os nossos passos! Um dos camaradas disse que «mais valia termos esperado no barco que fizesse dia, do que andarmos por ali ao acaso». Eu, cheio de sono, abri a bôca e espreguicei-me à vontade.

Pegámos novamente na bagagem e continuámos na mesma direcção, até que encontrámos um edifício modesto, mas com aparências de repartição pública. Devia ser ali! Aproximámo-nos e eu bati à porta. Aguardámos alguns momentos; tornei a bater com mais fôrça e voltámos a esperar. No interior gemeram esteiras e alguém, que não se dignou abrir a porta, disse-nos lá de dentro, num português arrevesado e detestável, que déssemos a volta. Torneando o pequeno edifício, penetrámos na cêrca da Administração do Concelho e deparámos com a varanda posterior da repartição transformada em camarata. Várias pessoas dormiam ali, ao ar livre, sôbre colchões alinhados em cima do cimento. Miríades de mosquitos zumbiam em tôrno, ferozmente. Com a nossa chegada, alguns dorminhocos acordaram e soergueram-se,

---

(1) Não sei nada. Também significa: não percebo.
(2) Em baixo.

apoiados nos cotovelos e esfregando os olhos com as costas das mãos. Depois, com ares estúpidos e ainda entorpecidos pela sonolência, observaram-nos em silêncio. Adiantei-me e dei os bons dias. Alguns corresponderam; outros permaneceram calados, examinando-nos. Verificámos sermos desconhecidos uns dos outros. Dirigi-me a um dêles, ao acaso, e pedi-lhe que me indicasse uma casa onde pudéssemos ir dormir.

A minha interrogação provocou nêles a hilariedade. No entanto, riam sem vontade e ainda sob o domínio do sono. Um dêles elucidou, apontando o improvisado dormitório:

— Cá em Díli é êste o único hotel!

Outro acrescentou, em ar de chacota:

— Com o calor que faz não seria nada mau, se não fôssem os nossos amigos mosquitos.

Houve um que disse, profundamente contrariado:

— É uma praga danada!

Eu, por mim, opinei:

— Não desgosto de dormir ao ar livre. Havendo sono, dorme-se em qualquer parte...

Um dos que estavam deitados indicou-me um colchão vazio:

— Se você quiser descansar um pouco, pode deitar-se ali.

Não valia a pena. A alva começava a romper e eu tinha mais curiosidade de visitar a cidade do que vontade de dormir. O que me oferecera o colchão preguntou-nos:

— Os camaradas vêm de Oé-Kussi, não?

Respondi eu, afirmativamente, e expliquei-lhe que tínhamos acabado de chegar na *Lifau*. Êle voltou a interrogar:

— Mas, vieram só vocês?...

Tivemos então que lhe satisfazer tôda a curiosidade, dizendo-lhe que tínhamos vindo uns trinta, mas que os

outros tinham desembarcado em Maubara, seguindo depois de automóvel. Quiseram saber pormenores da viagem e da nossa vida em Oé-Kussi. Em breve os meus companheiros de viagem, entusiasmados com a conversa, discutiam coisas dos *campos*, coisas que todos nós estávamos fartos de saber e discutir. O que eu queria era lavar a cara e mudar de roupa. Um dos camaradas indicou-me um pequeno lavatório, um espelhito pendurado na parede e, não longe, uma torneira. Não era muito, mas era o suficiente. Abri uma das malas (eu tinha duas) e tirei tudo o que me era preciso: *gilette,* sabonete e um boião de brilhantina para me pentear convenientemente. Desde há quatro meses que eu sentia pela primeira vez uma grande necessidade de me apresentar bem. Em Díli certamente que haveria mulheres, coisa que ainda não tinha descoberto em Timor!

Entretanto, êles renovavam caturramente as eternas discussões, pretendendo os de Ataúro que Oé-Kussi era melhor, emquanto os de Oé-Kussi defendiam teimosamente a tese contrária. Esta rivalidade nunca acabará e cada um há-de pretender sempre ter sofrido mais do que os outros, ter experimentado mais duras privações. Eu, confesso, estava farto de tais disputas, bem estéreis, afinal. Naquele momento só tinha um desejo: apresentar-me em Díli com as aparências e a disposição de espírito do turista que desembarca numa grande capital. Para mim, que tinha vindo do mato, dum mato onde as mulheres fugiam dos nossos olhos como se foge de um perigo de morte, Díli, ainda que insignificante, parecer-me-ia uma cidade imensa e maravilhosa! A meio da discussão, um dos camaradas interpelou-me:

— Você fica em Díli, ou segue para a montanha?

Nem eu próprio o sabia. Os meus projectos, mal amadurecidos, eram bem divergentes a tal respeito. Limitei-me a responder.

— Por enquanto ainda não resolvi nada!

Vesti aquêle fatinho de brim branco que tinha comprado em Lourenço Marques, calcei os sapatos de sola de anta que minha Mãi me levara ao Aljube nas vésperas da partida e... para que fôsse um colonial completo, apenas me faltava um capacete.

Os outros, agora, falavam da vida na cidade e nas montanhas. Afinal os que ali dormiam viviam nas montanhas e estavam em Díli de passagem, apenas para fazerem compras.

—E para beber uns copitos!—afirmou um com olhar malicioso. Depois de pequena pausa e fazendo um cigarro, elucidou:

—Estávamos fartinhos de Ataúro! Felizmente já cá estamos todos...

Não pude conter a minha admiração e exclamei:

—O quê, já cá estão todos? Vocês, afinal, são homens de sorte: Melhor e mais rápida viagem, um bom campo de concentração e, por fim, todos recambiados para Díli, enquanto nós, de mal a pior e quási todos ainda em Oé-Kussi...

Um dos de Ataúro interrompeu-me, indignado:

—Você está doido com certeza! Sabe lá o que tem sido a nossa vida! Viemos de Ataúro porque estávamos em riscos de morrer lá todos. Vocês tinham mosquiteiros, médico, eu sei lá!... e nós?

Riu sarcàsticamente. Percebi que o que êle queria era recomeçar a eterna controvérsia, de maneira que não convinha dar-lhe corda. Encolhi os ombros e disse-lhe, sêcamente:

—Olhe, meu caro, isso não me interessa. O que eu queria era saber dos companheiros de viagem, para ir ter com êles...

O mesmo, noutro tom, elucidou:

—Naturalmente seguiram para o Hospital.

Tinha-se feito dia, entretanto, e eu não queria perder ali a manhã.

Os meus dois companheiros, interessados na palestra, discutiam interminàvelmente. Despedi-me:

— Bem, rapazes, eu vou ver a terra. Quero aproveitar a manhã para desentorpecer as pernas...

Afastei-me e entrei na artéria comercial, a mais longa e importante da cidade. Era uma rua larga, orlada de arvoredo. Confesso que senti uma sensação agradabilíssima!

Via-me livre — pelo menos na aparência — numa cidade, modesta mas cidade, uma povoação, pelo menos... E havia oito meses que eu não pisara um povoado! Durante êsse tempo apenas conheci a clausura, o mar hediondo, eterno e infernal, baionetas caladas, negros hostis, fossos, o mato e sórdidas palhotas. Agora, porém, estava numa cidade, numa rua com estabelecimentos abertos ao público, onde eu poderia entrar, comprar e sair, sem ser seguido, sem ver baionetas, nem o mar, nem o mato. Oh, o mar é horrível!

Dum estabelecimento china saía um odor activo a café. Não pude resistir e entrei. Alguns timores esvaziavam a trôco duns *doets* (1) umas porquíssimas chávenas daquela preciosa bebida. Escusado seria dizer que também me apeteceu café. O chinês lavou-me, com um cuidado cativante, uma chávena e, depois de servir-me, teve a gentileza de me preguntar se eu desejava mais açúcar. Para os timores adoçava-se em conjunto e para mim abriu-se uma excepção, que eu achei encantadora. Paguei e saí, encaminhando-me, devagar, para ocidente.

Passei a pequena ponte *A-Ahl* e continuei ao longo da rua. Àquela hora matinal não se encontrava um único europeu. Mas não tardariam alguns *malai* (2) mais madrugadores.

---

(1) Avos.

(2) Estrangeiro. Com êste têrmo os indígenas designam todos aquêles que não são timores, especialmente os europeus.

Entretanto fartei-me de andar até que, afinal, encontrei um antigo companheiro de Oé-Kussi. Houve exclamações de regozijo e abraços. O velho camarada encheu-me de preguntas: «e fulano, e beltrano?» Satisfiz-lhe a curiosidade. Uns estavam de saúde, outros com o paludismo ou às voltas com a sífilis.

O meu amigo exclamou:

— Acho-te esplêndido! Nem parece que vens do inferno de Oé-Kussi.

Expliquei-lhe:

— Mas, meu velho, eu não venho directamente do *Campo!* Passei apenas por lá, visto que há mais de um mês que vivia em Oé-Nai, na montanha distante, numa horta admirável que o Régulo pôs à minha disposição. Eu, o Júlio e o Eduardo.

— A trempe inseparável! — interrompeu o camarada.

Depois, com intenção, continuou:

— Mas... pelo que vejo, preferiste Díli!...

Respondi-lhe, apenas:

— É verdade. Não sou capaz de estar muito tempo na mesma terra!

Para que perder mais tempo em explicar coisas que só a mim interessavam. Oé-Nai foi bem um oásis, depois do *Campo.* Recordo, talvez com saüdade, aquela madrugada, ainda escura, da partida! Os *cudas* lazarentos, sem selins, sem cochins, sem nada e nós a improvisarmos uns assentos menos duros que as ossadas descarnadas dos pobres cavalicoques. Depois a pequena caravana, o guia indiferente, no seu cavalo negro, luzidio, gordo e audaz. A seguir nós — os três amigos inseparáveis — e no fim os bagageiros, uma enfiada de timores, magrizelas e ressequidos, ajoujados ao pêso das malas, colchões, panelas e outras utilidades e até de um pesado filtro de barro!

Viagem longa, em que desfiámos horas sôbre horas nos dorsos escalavrados daquelas montanhas sem fim e

cheias de mistério. De longe em longe ouviam-se os gritos agudos dos guias ou de bagageiros distanciados e perdidos da caravana. Cansavam-me mais as horas decorridas do que as colinas transpostas e afligia-me sobretudo aquela eterna resposta do guia: «*Ia né*» [1], apontando vagamente em frente, sempre que eu preguntava se Oé-Nai ainda era longe! Chovera várias vezes, torrencialmente, deixando-nos completamente encharcados, até aos ossos, e outras tantas vezes um sol escaldante se encarregara de nos secar a roupa nos corpos, completamente, sem que nos surgisse a terra da promissão! Chegámos, afinal, quási noite, mortos de fome e de cansaço, mas felizes e sem landins a escoltar-nos. Depois foi bom e foi mau. Foi bom porque três amigos inseparáveis se encontravam no cimo de uma pequena colina, cercada de intermináveis montanhas, colina verdejante, mimosa, gretando água límpida e fresca por tôda a parte e ofertando-nos com abundância os melhores frutos, saborosos legumes, tudo, até mesmo um clima delicioso, incomparável! Mas também foi mau porque... o nosso dinheiro nada conseguia comprar, nem carne, nem aves domésticas, nem ovos, nada e os nossos vizinhos timores fugiam e escondiam-se de nós, teimosamente, talvez com ódio. E depois, soubemos que muitos camaradas conseguiam embarcar para Díli com o apoio da medicina e até sem tal apoio. Porque não haveríamos de ir nós, também?

Mas isto é outra história, o final de uma história sinistra que eu talvez me resolva a contar um dia, se a paciência e a memória me não atraiçoarem!

Eu ia recordando mentalmente estas coisas passadas, enquanto o velho companheiro me contava aconte-

---

[1] É ali.

cimentos de Díli. Êste, percebendo a minha pouca atenção, bateu-me no ombro e propôs-me:

— Queres que te mostre a cidade? Vem daí comigo e não penses mais nisso, que não vale a pena. A vida agora é diferente, não achas?

Concordei com êle. Realmente já não havia sentinelas, nem fossos. Dei-lhe o braço e cortámos na direcção da avenida marginal — a Avenida Sá da Bandeira.

Ali tinha eu desembarcado há poucas horas, mas de noite. Dum lado era praia, onde se vinham quebrar, indolentemente, as indecisas ondas da enseada. A todo o comprido e regularmente dispostas, árvores seculares com copas imensas e ingondões gigantescos com troncos monstruosamente grossos, preservavam-nos da incidência causticante dos raios solares. Do lado oposto, uma fieira de edifícios públicos e pequenos palacetes, envolvidos em jardins ou quintais, contemplavam bùdicamente o Pacífico.

— Gostaria de viver nesta avenida! — exclamei eu, encantado.

— Realmente, para quem vem de Oé-Kussi, só uma avenida destas! — retorquiu o meu amigo, de brincadeira.

Rimo-nos e continuámos.

— Ali tens o cais — informou o meu companheiro, apontando um pequeno pontão de cimento.

— Tão pequeno? — observei.

— É mais que suficiente para os dois vapores holandeses da K. P. M. que, mensalmente, se dignam visitar a ilha. É pena que não ofereça segurança...

Num edifício isolado num dos extremos da Avenida, estavam instalados o Quartel General, o Govêrno e a Administração Civil. Um pouco aquém ficava a Escola de Artes e Ofícios, pertença das Missões e em seguida os Correios, a Alfândega e o Quartel de Artilharia.

O camarada ia-me mostrando e descrevendo estes

edifícios, minuciosamente. Continuámos para ocidente e ultrapassámos vários *bungalows*, relativamente elegantes e depois a Administração do Concelho, que eu já conhecia. A seguir estava a Escola Chinesa e um pouco além uma vivenda em madeira, de forma bizarra.

O companheiro explicou-me:

— Esta vivenda é habitada por camaradas nossos. Chamamos-lhe o «D. O. X.»!...

— Realmente parece-se...

— Daqui para diante é o Estoril...

Não pude conter a minha admiração:

— O Estoril?

— Sim o Estoril. Fomos nós os padrinhos, bem entendido. Não te parece que também temos direito a possuir um Estoril? Os da Metrópole não são mais do que nós!...

O Estoril era, afinal, um grupo de vivendas — modelos de bom gôsto e de frescura — que se estendiam do «D. O. X.» até ao términus da Avenida. Abandonavam a linha traçada pelo resto do casario e estreitavam para metade o macadame, parecendo, assim, que o mar as atraía para as banhar nas suas águas tépidas, azul-claras e quietas...

Nada mais tínhamos que ver ali; metemos por uma rua perpendicular à baía e entrámos na maior e mais importante artéria de Díli: a rua comercial por excelência.

O meu amigo ia explicando:

— Esta é a Rua Dr. António de Carvalho Começa em Bídau, nos limites do concelho, segue paralela à Avenida Sá da Bandeira, sempre em semi-círculo, e vai morrer na Colmera, lá ao fundo.

Dum e doutro lado, em linha cerrada de combate, dispunha o comércio as suas montras: o chinês imperava, o árabe e o indiano viviam, o português vegetava e o nativo deixava-se esfolar pacientemente...

Os estabelecimentos eram todos iguais e apresentavam um único pavimento, mais ou menos elevado acima do solo, conforme a insalubridade e umidade dos terrenos. Dava-lhes acesso uma varanda, em regra de cimento, mas com a frente destapada. Lá dentro tinham apenas um pequeno balcão e tôscas prateleiras onde se expunham, amontoados, os objectos de maior consumo na região. Por cima da porta principal, uma tabuleta de madeira dava a personalidade à loja, com o nome do proprietário pintado em caracteres latinos e chineses ou árabes.

O comércio já abrira; às portas das lojas, os chineses e as chinesas, de calções e casacos de riscado branco, acocoravam-se e para ali ficavam eternamente, de olhinhos semi-cerrados, a contemplarem os que passavam.

De longe em longe, entrava um timor que comprava um atado de areca, *vintens-ida* (1) de tabaco, ou discutia, tempos sem fim, o preço duma *lipa* (2), ou de um lenço.

— Esta é a loja do indiano Waaddoomaal — disse o meu companheiro indicando um estabelecimento de aspecto um pouco fora do comum.

Entrámos. As características dominantes nesta loja eram a sumptuosidade e a abundância.

Ali se admiravam sêdas ricas e preciosidades orientais e notava-se a freqüência assídua das damas europeias ou europeïzadas.

O meu amigo informou-me:

— O Waaddoomaal é careiro, mas vende...

Uma camisa atraíu-me a atenção; examinei-a e pre-

---

(1) cinco avos.

(2) pano que os indígenas enrolam da cintura para baixo, à maneira de saia.

guntei o preço. Waaddoomaal supôs-me algum príncipe e pediu muito, muitíssimo mesmo, para as minhas posses. Sorri-me e disse-lhe apenas:

— É caro!

Waaddoomaal explicou:

— São tecidos das fiações de Bombaim!... Não há melhor, creia...

Mas o negócio não se fêz: tinha tempo de comprar o que me fôsse necessário.

Despedimo-nos cordialmente. Waaddoomaal veio acompanhar-nos até à porta, sempre a desarticular-se em salamaleques.

Continuámos e um pouco adiante o meu amigo voltou a indicar-me novo estabelecimento, dizendo-me:

— Aqui tens o Jusouff. Árabe de fortuna que vende para todos os gostos, mas igualmente por bom preço. É, no entanto, mais acessível que o Waaddoomaal...

Entrámos e fizeram-se as apresentações. Jusouff afirmou logo, sem mais preâmbulos:

— Já sei que me vai preferir nas suas compras. Todos os seus camaradas se têm fornecido no meu estabelecimento. Ninguém vende nas minhas condições...

Com mal disfarçada vaidade, continuou:

— Preços e qualidades sem competência! De resto, temos conta-corrente com o Quartel General...

Prometi voltar e saímos, continuando para ocidente. Entretanto eram já dez horas e o movimento tinha aumentado bastante. Soldados timores e africanos passavam vagarosamente, fumando grossos cigarros. Alguns gentios, com mantas dobradas sôbre os ombros nus, tagarelavam acêrca da vida própria e da alheia. O calor esbraseava e grossas bagas de suor inundavam-nos os rostos. Eu, pelo menos, destilava a valer e já tinha o lenço ensopado. O meu amigo aconselhou-me «a deixar correr à vontade»! Um pouco adiante deparámos com

duas enormes árvores cobertas de fôlhas pendentes, negras e compridas.

— Tôdas aquelas fôlhas não passam de morcegos!

— Morcegos?

— Sim, meu caro, morcegos; três ou quatro vezes maiores do que os de Portugal.

— Parámos uns instantes a admirar a estranha folhagem e continuámos o nosso passeio, entrando, poucos passos andados, na fotografia de Thom, um simpático chinês, de uma amabilidade requintada e muito apreciada... por certas pessoas. Era indiscutìvelmente um fotógrafo emérito, de extraordinários recursos artísticos. Êle conhecia os segredos da juventude e da beleza eternas e, por isso, os retratos ficavam sempre ao gôsto dos clientes. Bastava dizer-lhe: «Ponha-me uma gravata de tal côr», ou «chegue-me o laço um pouco mais para o lado», ou ainda «ponha-me... tire-me o bigode»... enfim, êle fazia, a contento, tôdas as modificações desejadas.

Saímos. A rua regorgitava de transeuntes e alguns cavaleiros passavam por nós, céleres, esporeando os pequenos *cudas* [1]. Mais adiante entrámos numa outra loja e o meu companheiro apresentou-me ao dono — o sr. Mie Hap — um chinês amável e — segundo me afirmou o camarada — muito procurado pela nossa gente.

Mie Hap tinha um bom sortido de capacetes e, como eu necessitava de comprar um, aproveitei a oportunidade. Mie Hap desfazia-se em gentilezas, mostrando a bela dentuça branca num sorriso, que eu vi bem ser de exclusiva cortesia e repetindo sempre:

— Tudo *bom* qualidade, senhor. Tudo barato...

Acabei por adquirir por sete patacas um capacete que êle me garantiu ser de fabrico americano e, até, o último da remessa que lhe tinham enviado...

---

[1] cavalos.

Por fim saímos e Mie-Hap despediu-se de nós com o mesmo sorriso com que nos recebera.

Passámos pela outra frente do Quartel de Artilharia, pelo Jardim Municipal, pela Câmara, o Tribunal, a Fazenda, a Central Eléctrica e outra face dos Correios.

Depois — a convite do meu amigo — entrámos na cervejaria do Toke Barde e pedimos cerveja, para nos des-sedentarmos. Um criado chinês trouxe duas garrafas de *Kloster*, que nos apressámos em beber, de mistura com uns tremoços... Eu especialmente, confesso, tenho um certo fraco pelos tremoços e desde que saíra de Portugal ainda não lhes tinha pôsto a vista em cima! Pagámos uma pataca e setenta avos por cada garrafa e saímos.

Passámos pela farmácia do Sebastião da Costa e, mais adiante, pela filial da Sociedade Agrícola «Pátria e Trabalho».

A minha camisa estava completamente encharcada e, francamente, sentia-me já bastante cansado. As nódoas vermelhas da arecina cuspinhada pelo chão e o cheiro nauseabundo do suor dos timores a invadir-me as narinas, eram factores que indirectamente concorriam para o meu cansaço.

Sem embargo, prosseguimos e entrámos — quási à Colmera — no *Lay Jumen*. Era um china amável, instruído e muito nosso amigo... Sentíamo-nos ali melhor do que em qualquer outra parte!

Para justificarmos a nossa entrada no estabelecimento, pedimos três cervejas *Scisors*.

Lay Jumen conversou e bebeu connosco. O meu camarada, que já estava bem relacionado, apresentou-me:

— Chegou hoje de Oé-Kussi! É um estudante revolucionário... Estou certo de que hás-de gostar dêle, Lay Jumen!...

O chinês sorriu amàvelmente, concordando.

De regresso passámos ainda pela Escola, pelo Pôsto

Médico e pela Farmácia do Estado. As ruas perpendiculares eram curtas e tinham pouco interêsse, perdendo-se em oceanos de capim. Havia ainda a estrada de La-Hane, alcatroada, larga e orlada de simétricos e frondosos renques de árvores. Esta estrada ligava a cidade ao Hospital Dr. Carvalho, distante uns cinco quilómetros. Entre o Hospital e Díli ficava La-Hane, povoação salubérrima, onde viviam em confortáveis *chalets* os coloniais mais abastados e os funcionários superiores da Colónia, incluindo o Governador. Ali não havia mosquitos, nem calor. Já perto de Díli ficava o Bazar (1), mercado farto de tudo e abastecedor da cidade.

Mas eram horas de almoçar, razão por que nos encaminhámos para a pensão do Albuquerque, onde comia o meu amigo. Caminhando, êste apontou-me ainda uma lojeca banal, dizendo:

— Aqui tens o Lay-Sie-Kie, o maior nababo desta terra. Uma fortuna muito respeitável, acumulada com o negócio do café.

— Mas... é uma casa tão modesta e está às móscas! — comentei eu, admirado.

— De facto, mas isso não quere dizer nada. Agora hibernam todos. O café é a única coisa que lhes interessa; na época das colheitas multiplicam as suas transacções, por intermédio das suas numerosas filiais do interior e o resto do ano passam-no sem fazer nada, de cócoras, às portas das lojas.

Os negócios da areca, do tabaco, da *canipa* (2) e doutras bugigangas, já lhes dá para os poucos bagos de arroz que comem. À noite, juntam-se e jogam os lucros do café ao *fan-tan*, ao *Ma-Jong*, ao «trinta e um», ou a qualquer outro jôgo. Desta maneira, ora são pobres,

---

(1) mercado.
(2) álcool com água.

ora são ricos. Umas vezes são patrões com inúmeros empregados, outras, trabalham como caixeiros dos antigos subordinados, agora patrões. O que êles nunca perdem é a fleugma!

— É uma raça extravagante! — comentei.

— Se é!

Entretanto tínhamos chegado ao Albuquerque, junto à cadeia, onde almoçámos em amena cavaqueira na companhia de vários camaradas. Depois eu estendi-me, a fazer o quilo, numa cadeira de *malandro*, aberta na varanda, enquanto o meu amigo foi tratar duns assuntos que lhe interessavam.

Ficámos, porém, de nos encontrar mais tarde no Anhi, onde me desejava apresentar a alguns camaradas que eu já conhecia de nome.

II

A loja do senhor Anhi funcionava, também, como cervejaria. Era, incontestàvelmente, a mais freqüentada pelos deportados. De manhã à noitinha ali se procuravam para entabularem conversas intermináveis.

Uns falavam de Ataúro, como de coisa recente e desagradável; outros referiam-se a Oé-Kussi nos mesmos termos. Um reduzido número falava de tempos mais remotos, empregando constantemente estas expressões: «Nós, os sociais...»; «nós, os antigos...». «Vocês não conheceram Ai-Pêlo, nem Batugadé, nem...» Mas os assuntos do dia eram outros. Havia preguntas e respostas que se repetiam quási ininterruptamente. Por exemplo: «Vais para a montanha?...» «Não, eu fico em Díli; arranjei um emprêgo». Outros respondiam; «Partirei logo que acabe esta maldita distribuïção de roupas». A êste respeito alguns observavam, com azedume: «Mais valia darem-nos o dinheiro para a gente comprar à nossa vontade...» Esta opinião era quási sempre aplaudida, mas havia também quem resmungasse, com pessimismo: «Sim, sim! Alguns bebiam tudo sem comprar um lenço»: Vários, vindos das montanhas, suspiravam a-miúdo, com ar nostálgico: «Tomara que isto acabe para voltar lá para cima!». Tôdas as conversações pareciam, pois, contraditórias e sem fim...

Era bem modesta a cervejaria do senhor Anhi; meia

dúzia de mesas, algumas cadeiras e várias prateleiras cheias de garrafas. Era quanto bastava, afinal. O vinho vendia-se bem: a soda e a cerveja menos...

A decoração era simples: ao meio de uma das paredes, em lugar de honra, estava dependurada uma enorme fotografia do Dr. Sun-Yat-Sen. A um lado, de tamanho mais reduzido, via-se o retrato do marechal Chang-Kai--Chek e do outro, o do General Feng.

As outras paredes estavam cobertas por uma infinidade de retratos de mandarins, chinesas formosas, bailarinos asiáticos e várias outras figurações exóticas. A fotografia do senhor Anhi também se acomodava, embora dificilmente e sem realce, no meio daquela exposição de abundantes quadros sem valor.

O senhor Anhi era um homem magro e alto — *gentleman* mumificado — de olhinhos oblíquos e rasgados e os seus lábios, secos, eram portadores de um sorriso permanente, cortês e simpático, Quem se habituasse a ver o senhor Anhi, custar-lhe-ia a admitir que êle pudesse, um momento sequer, despojar-se do seu sorriso, mesmo dormindo, ou até depois de morto... O sorriso do senhor Anhi exercia uma função idêntica à de uma flor que se usasse na lapela. Dava-lhe um parecer correcto e amável!... Independentemente do seu sorriso, o senhor Anhi era uma pessoa gentil e educada.

Os portugueses distinguiam-no com a sua estima e os seus irmãos de raça votavam-lhe uma especial consideração e amizade. Ocupava, quási sempre, a presidência na comunidade chinesa e lia e relia os jornais e telegramas que chegavam com informações do Celeste Império. E' que o senhor Anhi era um patriota apaixonado, fanático mesmo! O que êle sofreu com a guerra do Manchukuo! Em compensação, que delírio, a-quando dos sucessos de Shangai, Chapei e Wo-Sung! A êste respeito ouvia-se-lhe dizer: «Os meus, a-pesar-de mal armados, comportaram-se como heróis!»

Seguiu, a-par e passo os dias sombrios do Manchukuo e do Jehol. Em tais momentos exclamava: «os cãis japoneses pagarão um dia!...».

A-pesar-de derrotado, o General Ma teve da parte do senhor Anhi uma homenagem, se bem que simples, elucidativa e eloqüente: o retrato colocado na galeria nacionalista, um pouco abaixo do do Dr. Yat-Sen.

Mas, não obstante as catástrofes que assolavam a sua pátria, o senhor Anhi nunca abandonava o seu sorriso, evidenciando assim uma delicadeza requintada, talvez até excessivamente expressiva para um chinês...

....

Pelas três horas da tarde, eu e os meus novos amigos encaminhámo-nos para o Anhi. Fazia um calor sufocante e, a-pesar-de irmos sem casacos, a camisa colava-se-me ao corpo, completamente encharcada em suor. Estava convencido de que me habituaria a andar assim, pelo menos porque tôda a gente mo dizia, mas, entretanto, confesso, isso incomodava-me de-veras. Às vezes pensava em ir vestir outra, mas de que me serviria tal medida, se a camisa que eu vestisse ficaria logo na mesma?!

No Anhi estava um pouco mais fresco, não muito mais, porque o sol, em Díli, nem sequer respeita os interiores das casas. Mas o calor na loja do Anhi era também conseqüência da grande aglomeração de gente... que já não temia o calor! Antes o excitava com bebidas alcoólicas...

Com muita dificuldade, conseguimos arranjar uma mesa. Naquela época e àquela hora, descobrir ali uma mesa vaga era quási um milagre. Mas nós descobrimo-la! Sentámo-nos em volta e, depois de mútua consulta, requisitámos cervejas. Esta nossa resolução não foi nada banal. Na verdade, poderíamos nós, apenas com um subsídio de cinqüenta patacas por mês, beber cervejas a uma pataca e setenta avos cada? Consumindo uma por dia, sòmente, não chegaria o subsídio completo!

E as restantes despesas? Só a alimentação nos levaria trinta a quarenta patacas e o quarto umas cinco!... Mas não se fala mais nisso... Quando velhos camaradas se encontram ou quando se estabelecem novas amizades, é sempre necessário beber cerveja e com maior razão se o calor fôr muito! Assim, ficaremos justificados em parte...

Mantivemo-nos calados algum tempo, observando os circunstantes: beberrões e palradores.

Entretanto encheram-se os copos e nós des-sedentámo-nos. Um dos meus novos amigos, Manuel Alexandre, iniciou a conversa, preguntando-me:

— Então você resolve-se a vir connosco, ou não? Talvez prefira ficar para aqui a apodrecer...

— Ainda não sei, meu amigo! — respondi-lhe —. Creia-me: gostaria de ir convosco, mais que não fôsse, pela vossa boa companhia. Verdadeiramente pela montanha, não; um mês em Oé-Nai encheu-me de mato...

Fiz uma pequena pausa e continuei:

— Sinceramente, o que eu desejava era regressar à Metrópole...

Esta minha preferência provocou nêles a hilariedade. Francamente não era caso para menos. Alexandre voltou a insistir no seu ponto de vista:

— Olhe que aqui não conseguirá viver apenas com o subsídio.

Raul Martins, um dos presentes, acrescentou:

— A não ser que você arranje uma colocação, o que me parece muito difícil.

João Soares, o único dos meus novos conhecimentos que se mantivera calado, atalhou por sua vez:

— Pois eu asseguro-lhe que se encherá de neurastenia na montanha. De resto — continuou — não me parece que seja assim tão difícil ganhar-se aqui dinheiro.

Mas, antes de prosseguir, é justo que eu apresente aos leitores os meus novos amigos, todos deportados,

dos chamados sociais, chegados a Timor em mil novecentos e vinte e sete.

Manuel Alexandre era um antigo jovem sindicalista, duramente experimentado nas lides revolucionárias, razoàvelmente culto, coração magnânimo, espírito activo e pessoa de uma afabilidade inexcedível. Vivia longe, detrás de grandes montanhas, no sossêgo pacatíssimo de um lar e dividindo a sua actividade pela família — a mulher e duas filhinhas pequenas — e pela granja «República», que dirigia com sabedoria e muito acêrto.

Raul Martins era vizinho de Alexandre na terra distante de Manufai. Saíra ainda bastante jovem de Portugal, de modo que estava ainda em plena mocidade. Rapaz robusto e alegre, audacioso e leal, onde êle estivesse dominava infalìvelmente a boa disposição. Tinha também a sua companheira e duas filhinhas lá longe...

João Soares, que fôra um activo revolucionário comunista na Metrópole, era então um dos poucos deportados antigos que desfrutavam boa situação. De sociedade com dois companheiros explorava uma pequena padaria, que lhe assegurava uma regular posição de independência. Espírito cativante e generoso, não raro salvava os camaradas de apertos financeiros...

Eram estes os meus novos conhecimentos. Os dois primeiros encontravam-se em Díli apenas de passagem e pretendiam arrastar-me na sua companhia para Manufai. O terceiro, detestando o mato, aconselhava-me a ficar...

Manuel Alexandre insistiu:

— Venha connosco para Manufai e verá que se não arrepende. O Soares está numa situação especial, é proprietário de uma padaria. Mas você, como poderia viver aqui?

Soares concordou:

— Por êsse lado está bem. Concordo que só com o subsídio não é possível fazer-se aqui face às despesas

correntes. Mas, estou certo de que o camarada conseguirá arranjar cá uma colocaçãozita qualquer...

— Poderei dar umas lições, por exemplo: — disse eu em apoio de Soares.

— Não compreendo o que o possa interessar nesta estúpida terra! — tornou Alexandre. Que alguns bebedolas gostem de viver aqui, enfim, explica-se; agora você!...

Confesso que o que se debatia a êste respeito no meu espírito, não era aquela conhecida rivalidade entre a cidade e o campo, já tão discutida pela literatura. Nem Díli era verdadeiramente uma cidade, nem o campo — num sentido continental — existia em Timor. Díli era apenas cidade em relação às outras povoações timores. Em comparação com qualquer cidade, mesmo colonial, não passaria de aldeia ou, quando muito, vila modesta. É certo que havia uma avenida, muito comércio, botequins, e tôdas as instituïções públicas que normalmente se encontram numa capital! Mas tudo isto não exercia no meu espírito qualquer influência. Díli, para mim, não pesava como cidade, como meio cosmopolita onde se respirasse um pouco de civilização. Campo — no sentido rigoroso do têrmo — também não existia, como já disse. Além de Díli, havia apenas a selva, inculta e misteriosa, bárbara e cheia de perigos! A verdade, porém, é que até êste momento ainda não tinha pensado em tal assunto. E, com franqueza, valeria a pena pensar nisso? Os meus amigos colocavam-me êste dilema para eu escolher: Díli ou o mato? Mas... eu tinha acabado de chegar e viera a Díli por poucos dias, com o pretexto de fazer umas compras!... Por enquanto o que me interessava era nunca mais voltar a Oé-Kussi. Em relação a isto o resto era-me quási indiferente. É certo que, ainda que eu quisesse acompanhar os meus amigos para o mato, não desejaria ir já. Pois eu viera de Oé-Nai para me ir já esconder nas montanhas de Manufai? Era preciso que eu estivesse em Díli pelo menos

uma temporada e isto no caso de não ser forçado a regressar ao *Campo*, ou à quinta do régulo! Portanto, na melhor das hipóteses, primeiro Díli... De modo que respondi:

— Que querem? Primeiro o porão do «Gil Eanes» durante quatro meses, depois outros quatro nos barracões de *palapa* [1] do Campo de Concentração! O rancho, os anofeles, os landins, os fossos, o torreão!... Estou farto! Se eu já me sinto cafrealizado, para que hei-de ir meter-me no mato? Claro que Díli não é terra que me satisfaça. Calor e mosquitos não faltam; no entanto, aqui pode chegar-se a ter a ilusão de que se vive numa terra civilizada e de que se é livre. É preciso trabalhar? Seja, mas, em compensação, há mulheres, bebidas, automóveis, movimento, enfim, distracções!

— Você ainda não disse tudo! — atalhou Alexandre. Tem aqui, também, o paludismo, a sífilis e a possibilidade duma biliosa ou duma pneumonia que o levam desta para melhor enquanto o diabo esfrega um ôlho!

Retorqui-lhe:

— Que importa isso? Quem somos nós, afinal? Homens sem destino próprio, que nunca sabemos se dormiremos na nossa cama ou na masmorra fatal de Batugadé! A morte, a doença? São tudo incidentes tão banais nas nossas vidas incertas e nómadas!...

— Precisamente, é lá longe que nós sentimos a sensação da liberdade, a alegria de viver!... — tornou Alexandre. Que coisa melhor poderei eu desejar do que o meu lar, embora pobrezinho, de Ersal? Ali tenho bom ar, afectos sinceros, saúde!... A minha casinha de *palapa*, escondida nas montanhas, é bem superior a estes fornos de alvenaria. Enfim, meu amigo, tenho lá a minha companheira e as minhas filhinhas! Carne da minha carne,

---

[1] Arbusto tropical.

de uma e de outro. Quem sabe se amanhã receberei guias do Quartel General para embarcar novamente para Oé-Kussi? Mas, admitindo que não me obrigam a regressar, iria eu já encafuar-me na montanha, sem ao menos estar aqui o tempo suficiente para me aborrecer?! Ná, meus caros! O Soares é menos eloqüente, mas é mais lógico, está mais dentro da verdade... Se isso depender de mim, tenham a certeza de que me deixarei ficar por aqui uma boa temporada! Depois, veremos...

III

Passava da meia-noite. No escuro, a poeira infinita das estrêlas enchia o firmamento de vida luminosa e intensa. O calor sufocante encaminhou-me para a varanda, onde me estendi numa cadeira de «malandro», abandonada. Ali dormiria, se os mosquitos consentíssem, mas a sua actividade desesperava-me. Não me deixariam sonhar, nem meditar, sequer... Os ralos — milhões dêles, por certo — rilhavam em uníssono um concêrto sem fim e ensurdecedor. Os berros dos *tòkés* e os gritos dos morcegos punham notas graves e mais espaçadas naquela orquestração esquisita e incómoda.

Havia três dias que me encontrava em Díli e, confesso, ainda não tinha descoberto o caminho que deveria seguir. Agora, que a noite estava escura e os homens dormiam, poderia pensar, talvez, e escolher... Que fizera eu durante êsses três dias? Pouco mais de nada! Corri os chinas um a um, comprei algum vestuário com vales autorizados pela comissão de distribuïção de roupas, fui algumas vezes ao Quartel General, visitei muitas casas de camaradas transformadas em «repúblicas», e, do meu pequeno pecúlio, gastei mais do que devia em cerveja... Transpirei bastante e cansei-me ainda mais. Estava instalado, provisòriamente, numa modesta «república» de camaradas, situada num bairro excêntrico. Devido à aglomeração de recém-chegados, dor-

que me absorve todos os carinhos e preocupações! É o meu lar, lá em cima... Enquanto que tudo aqui é perigoso, fictício, fugaz e falso!

Raul Martins veio em refôrço de Alexandre:

— Isso é verdade! Na montanha nós conseguimos fazer uma vida verdadeiramente superior. Desde manhã cedo até à noitinha, andamos atazanados com afazeres: ora é a faina doméstica que carece do nosso esfôrço, ora a horta que precisa de ser cavada, sachada, ou regada ou se torna mister dar milho aos galináceos, a vianda aos porcos, a ração aos *cudas*, etc.! É sempre preciso rachar lenha, dar ordens... E nas horas disponíveis temos os cãis, a casa... e os nossos miúdos, que gostam de festas e mimos!...

Confesso que os meus amigos de Manufai eram pessoas muito simpáticas. Era, portanto, com indizível satisfação e desvanecimento que assistia a estas exaltadas descrições da vida na selva, da vida dêles!...

Alexandre, vendo no meu silêncio concordância com a sua prédica, retomou a palavra:

— É uma vida cheia de saúde e de alegria! Mal o Sol transpõe as abruptas cristas da Cablac, enfiamos umas calças velhas e umas botas grosseiras e toca de animar tudo quanto palpita e gravita em tôrno de nós! A uma ordem nossa, todos os sêres que nos rodeiam se põem em movimento. Sentimos, então, vivamente e orgulhosos, que tôda aquela vida depende de nós e se nos subordina! Somos o eixo dêsse movimento! Se faltássemos, todo aquêle conjunto se desagregaria. Somos, assim, como que uns pequenos reis, mas de amplos poderes! Realeza reduzida, de-certo, e ilusória, mas calma e cheia de recompensas espirituais!...

Raul Martins, erguendo o seu copo de cerveja, exclamou:

— Estas bebidas nada valem, ao pé dos mananciais de água cristalina e fresca que brotam das nossas fontes.

— Não se fie em cantigas, meu amigo — atalhou João Soares. A verdade é que o mato é uma fábrica de neurasténicos... Isto aqui não é bom, bem entendido, mas com dinheiro suporta-se. Se tiver facilidade de ganhar umas patacas, siga o meu conselho: deixe-se ficar. Sem patacas é que não, porque o subsídio não chega nem para mandar cantar um cego!

Tal discussão seria interessante, mas absolutamente inútil. Que sabia eu do meu destino? Enquanto o Quartel General não decidisse da minha sorte, nada poderia resolver de definitivo. Isto lhes expliquei mais uma vez, com o intuito de pôr têrmo à amável disputa. Alexandre, porém, não se deu por vencido com as minhas razões e voltou à carga:

— Mas, mesmo que assim seja, talvez possa vir connosco! Mexa se! Vá ao Quartel General e peça que lhe fixem residência em Manufai. Com uns pedidos não lhe há-de ser difícil conseguir autorização para partir amanhã connosco! Garanto-lhe que lá nada lhe faltará!

— Nos primeiros tempos será nosso hóspede e depois terá também a sua casa e uma *nona* (1) ... — apoiou Raul Martins.

Entretanto o café tinha-se enchido por completo. O chocalhar dos copos e as vozes altíssonas e baralhadas eram as notas dominantes do ambiente. Uma ou outra palavra, sobressaindo, deram-me a conhecer que se debatiam os diversos assuntos que interessavam à situação dos deportados: roupas, subsídios, campos de concentração e doenças.

Alguns, mais exaltados, abarroavam as suas opiniões ajudados pelo álcool. Afinal, eram mais os que falavam do que os que ouviam. Ao balcão, o vulto sêco e asiático do caixeiro — sombra quieta — observava, fria-

(1) Senhora. Em regra tem tratamento de *nona* a indígena que vive amancebada com um europeu.

mente, a confusão e tagarelice dos meridionais. Pela tarde fora tinham entrado vários camaradas oriundos do *Campo* de Oé-Kussi que, ao verem-me, tinham vindo confraternizar comigo. Alguns assediavam-me com preguntas sôbre a situação dos que lá tinham ficado. Outros, não podendo esconder a vaidade de há mais tempo se encontrarem em Díli, gabavam-se da vida que ali levavam, das facilidades de que dispunham e até das conquistas que já tinham feito! Êste último pormenor era susceptível de acicatar a curiosidade a qualquer deportado vindo de Oé-Kussi! É que nós em Oé-Kussi não conseguíamos conquistar uma única mulher! Em primeiro lugar a moral dos timores daqueles reinos — o de Oé-Kussi e o de Ambeno — era excessivamente rigorosa quanto aos *malai*, mesmo os *mutin* [1]! Ali nenhuma mulher se vendia, ou alugava, ou melhor, apenas uma o fazia. Mas essa, possìvelmente, nem pertenceria àquelas regiões. Dir-se-ia que estava ali, como única excepção, para vincar mais nìtidamente a regra geral. A excepção era uma mulher pública no sentido mais lato do têrmo. Era de todos e não era de ninguém. Mas, precisamente porque era de todos, ela não se demorava nunca e andava apressadamente de terra em terra, exercendo estòicamente a sua função nos dois extensos reinos que lhe estavam confiados. De modo que, algumas vezes, se demorou dois ou três dias nas vizinhanças do Campo de Concentração! Quanto às outras, não só se nos mostravam indiferentes, como até fugiam de nós. Quando nos era permitido passear à vontade, para lá dos fossos, durante uma hora, atravessávamos aldeias inteiras sem ver uma só mulher! Quando lhes aparecíamos de surprêsa, sem lhes darmos tempo para serem avisadas, corriam ràpidamente a imiscuir-se no matagal, escondendo-se de

---

[1] branco. Têrmo especialmente usado pelos indígenas para designarem os portugueses metropolitanos.

nós. E tudo isto sucedia porque, antes da nossa chegada, alguém avisara que iam chegar *malai* que eram como os cãis e que o seu contacto produziria infalìvelmente a morte. De modo que as pobres timores receavam que os nossos simples olhares bastassem para as fulminar!...

É certo que, nos primeiros tempos depois da nossa chegada, também nós não andávamos à vontade. Apenas desembarcados, alguém — a mesma pessoa que assustara os timores — nos garantiu que os indígenas eram terríveis antropófagos! Por estas razões andámos durante muito tempo com mêdo uns dos outros. Os indígenas com mêdo que nós os matássemos e nós temendo que êles nos comessem!... Mas deixemos Oé-Kussi em paz...

A atmosfera estava completamente saturada de fumo. Eu concorria bastante para isso, pois continuava sendo o mesmo terrível fumador. Mudámos de assunto, deixando-nos absorver por completo pelas conversações dos outros. Eu estava pouco falador e, por isso, ouvia, enquanto fumava, chupando cigarro após cigarro, distraïdamente. Não poderia, porém, procurar a resolução que me convinha nas espirais de fumo: estas dissolviam-se ràpidamente no ar viciado! Quando o fumo não sobe alto, é bem certo que o pensamento também não caminha!

A verdade é que Díli, com dinheiro, deveria ser realmente agradável. O dinheiro ganhá-lo-ia eu com facilidade. Díli, mais do que cidade, era o único pôrto da colónia e isto, para mim, tinha uma significação muito importante! Era o lugar onde se estava mais próximo da Metrópole e onde, mais tarde ou mais cedo, eu acabaria por embarcar para lá! Aqui se recebiam a correspondência e os jornais primeiro que em qualquer outra parte. Aqui, igualmente, circulavam sempre boatos animadores, se sabia de supostos telegramas que tinham chegado... Quanto às cartas e jornais, raro demoravam menos de dois meses a chegar... mas, para nós, pesa-

vam menos os dois meses que nos separavam de Portugal, que os oito ou quinze dias que afastavam Díli da montanha!

Por outro lado, o mato assustava-me e atraía-me ao mesmo tempo. A palavra «selva» significaria, para mim, aborrecimento, ou imprevistos agradáveis, maravilhosos?

Oé-Nai, sem amor, tinha-se tornado, em pouco tempo, uma solidão intolerável, mas Manufai seria diferente, por certo!... Esta última idea fazia-me vibrar na alma uns resquícios de romantismo que trouxera de Portugal! Estava no meu direito: tinha 21 anos e não muitas desilusões!

Alexandre, que adivinhava o objecto dos meus pensamentos, interrompeu-mos:

— Havia de gostar daquela vida! Organizamos emocionantes corridas de cavalos e soberbas caçadas ao búfalo e ao veado. Volta não volta lá vamos de passeata até Alas, Betano, Tútu-Luro...

— Vocês quando começam a falar de Manufai tornam-se maçadores— chasqueou João Soares.

E para mim:

— Tenha cuidado que êles querem perdê-lo.

Martins, por seu turno, sentenciou:

— E ainda não lhe falámos do pior defeito de Díli. Quere saber?...

— Desabafe, meu amigo...

— A intriga! Moléstia bem mais nociva que as biliosas ou o paludismo. Vegeta por estas baiúcas, qual erva daninha e poucos lhe escapam às mordeduras. Aqui todos se entretêm a caluniar, a desfazer reputações. Díli é uma terra de *coilões* [1] e infâmias!

---

[1] Canais que servem de escoadouros aos pântanos. Díli é atravessada por alguns *coilões*, que dão vazão aos pântanos vizinhos da cidade. O maior de todos é o *Gebu*, que separa Díli de Motael.

— É uma calamidade tremenda, acredite! — afirmou Alexandre, em apoio do companheiro. Na Raimera estamos imunizados contra esta peste repelente. De longe em longe, chegam-nos lá os seus ecos arrastados e longínquos. Não repercutem, porém, nas nossas vidas e tratamos a intrusa com o máximo desprêso!

— Ora, ora! — obtemperou Soares. É afinal um defeito comum a tôdas as cidades coloniais. Habituamo-nos e acabamos por não ligar nenhuma à maledicência da terra. Chegamos até a distrair-nos e a não poder passar sem ela...

— Oh, a montanha é tão diferente! — exclamou Alexandre. Vivemos lá em permanente comunhão com a linda e rica natureza e nada ali nos ofende, nem procura deminuir. É são o ar que se respira e inocente o gorjeio das aves! As vozes dos animais não nos caluniam...

Alexandre, que pronunciara estas palavras com certo calor, continuou:

— Estúrdias nocturnas, cervejas, mulheres! Que falsa e superficial alegria! As coisas simples da natureza gravam os seus prazeres puríssimos mais fundamente, mais saùdàvelmente!

— Estás simplesmente grotesco com todo êsse bucolismo — troçou Soares. Por êsse andar ainda espero ver-vos de *lipa* ou de *langotin* (1) a mascar areca (2) e a beber *canipa*, estendidos à sombra duma papaeira ou de um ingondão!

— A vossa discussão é inútil, meus amigos — sentenciei eu. Como já tive ocasião de vos dizer, no meu espírito não se trava nenhuma competição entre a cidade e o mato. De resto, conheço os prós e os contras

(1) Pano estreito e comprido que os timores enrolam no corpo de forma a só taparem os órgãos sexuais.

(2) Produto vegetal que os indígenas mascam.

míamos vários em colchões estendidos pelo chão. Alguns, sem mosquiteiros, passavam noites verdadeiramente inquisitoriais. Eu armei por cima do colchão o meu mosquiteiro de Oé-Kussi e, assim, enquanto dormia, estava livre da companhia diabólica dos anofeles. Ali, na varanda, é que era um martírio! Mas, sabia tão bem aquêle fresquinho!... Aquela solidão que me rodeava enchia-me a alma de saüdades da minha Lisboa distante. Recordei, de olhos cerrados, a minha agitada juventude. Revivi, mentalmente, as movimentadas reüniões dos estudantes revolucionários, os discursos, os manifestos, os golpes de audácia! Alguns comícios que o nosso atrevimento tornou possíveis, certas frases tão belas e tão rebeldes que nos queimaram os lábios em frémitos de entusiasmo e idealismo! As prisões, as conspiratas, as missões arriscadas, a psicose do perigo que nos embriagava!... E todos os jovens camaradas dos últimos anos eu fui lembrando com saüdades doloridas, que me esmagavam o peito... E eu tão longe, nos antípodas!

Dos meus amores, que igualmente me ocorriam, talvez não tivesse saüdades... Mas tinha-as do Amor, êsse fogo latente das almas moças, que buscam ansiosamente aquela que lhes fará trasbordar um dia o coração de capitosas ternuras!... Porque os amores vividos não vibravam em mim senão como recordações longínquas e sem importância. Na verdade, os poucos amores que tive não tinham passado de enganos, de tentativas falhadas! Quantas vezes uns olhos perturbadores me lançaram em perseguição duma alma vazia, ou cheia de fatuïdades e sem encantos. Mas, na mocidade é-se assim! Corre-se sempre de ilusão em ilusão, de vazio em vazio! Quantas cartas de amor mal lidas, incompreendidas! Quantos beijos sem ressonância espiritual e fàcilmente esquecidos! Cartas tão belas e beijos tão doces... tudo irremediàvelmente perdido! Recordei-me, então, muito bem, da minha primeira crise sentimental.

Ela... era muito nova ainda e tinha uns cabelos maravilhosos, pretos e lisos, uns olhos profundos e negros, de negrura fulgurante como a de noites sem lua nem vento e os seus lábios finos, rubros, eram dêsses que apenas existem para serem beijados!... Oh, apaixonei-me de-veras, empolguei-me a valer!... Que amor, que cegueira! Como a sua figurinha gentil e magnetizante se me apoderou dos sentidos! Povoava-me os sonhos, submetia-me os pensamentos. Depois veio a desilusão, o contacto com uma alma sem poesia! Parecia-me ouví-la ainda, falando sempre das suas preocupações prosaicas, insignificantes. Nem um vislumbre de espiritualidade! As nossas conversas sôbre o tempo, os bailes, os outros, a criada, o gato... Os nossos bocejos! Enfim, era tão nova! Que seria feito dela? Saberia que me encontrava ali? Em Lisboa, já há mais de dois anos que a não via, nem nela pensava. Qual teria sido o seu destino? Certamente casou com algum bom rapazinho, dêsses que sabem fazer contas correntes e as escrituram, diàriamente, com uma regularidade fatal.

Depois, vieram outras que igualmente *passaram*... Quantas tinham fugido horrorizadas de mim, ao saberem que eu era bolchevista! «Que pavor, bolchevista!» — diziam elas, persignando-se cheias de mêdo. Mas algumas nunca tinham ouvido falar em tal palavra; não lhe conheciam nem a significação verdadeira, nem a caluniada e vituperada. Para essas podia-se olhar... De entre elas ocorre-me uma, especialmente cativante. Para que descrevê-la? Tinha os mesmos cabelos, os mesmos olhos, os eternos sorrisos... Tinha a alma cândida e o seu amor parecia suave como o aroma das flores!

Foi uma paixão morna, sem oposições, sem conflitos. Mas poderá ser assim o amor? Sem lutas, sem desesperos? Morreu, tão suavemente como nascera... sem um queixume, sem protestos, nem arrelias. Afinal, casou-se com um excelente rapaz, que eu reputo meu ver-

dadeiro amigo... todos os meus namoros foram assim! Começos sem seqüência. Uns morriam naturalmente, quási sem eu dar por isso! Outros, mais entusiásticos, eram liquidados pelo próprio destino, obstinado em me afastar... Assim sucedeu com certa encantadora rapariga que eu vi em Coimbra, na manhã de um domingo de Primavera! Três dias depois do nosso belo encontro, quando me preparava para lhe fazer chegar às mãos uma carta—produto de uma noite febril—soube que ela tinha partido para muito longe, para sempre, também!

Quantos amores terminaram com a minha entrada na prisão! Na vida real, normalmente, o amor é incompatível com a desgraça. Mas porquê? Quantos camaradas, ali se encontravam sofrendo, enquanto as mulheres ou as namoradas, em Portugal, dormiam nos braços doutros sonos calmos e sem remorsos! Este procedimento não era a regra, felizmente, mas era uma excepção de proporções inquietantes... Revoltava-me ver que o amor das mulheres era assim tão condicional e volúvel! De resto, não era dos que tinham mais razões de queixa... Recordei-me da minha última namorada como se ela estivesse já muito distante... no tempo. Tinha também uns olhos de sonho, umas mãos de fada... Foi um amor já mais realista... mais próximo do casamento! Logo que eu concluísse a minha formatura em letras, unir-nos-íamos para sempre. Com que ansiedade aguardávamos o momento solene em que fundiríamos os nossos lábios num ósculo definitivo, tal como já fizéramos com as nossas almas!

Mas, depois veio a minha prisão e, após, a notícia terrível da minha iminente partida para destinos longínquos e ignorados. Parece-me que estou vendo a carta que, então, lhe escrevi na minha letra irregular e quási ilegível, prestando-lhe as minhas últimas homenagens —não já as de um futuro professor liceal, a quem a vida se abre sorridente, mas sim as de um pobre homem,

sem lar, sem liberdade, nem futuro, perdido para a vida e para o amor.

Ali lhe restituía os seus compromissos e juramentos, libertando-a daquele que eu fôra para as suas aspirações de burguesinha calculadora e desejando-lhe um futuro feliz com outro que fôsse livre. «Não quero que permaneças ligada a um homem que despedaçou a sua vida. O meu destino incerto e sombrio só a mim deve arrastar, aniquilar talvez!»

Fiz bem em lhe ter escrito. Devemo-nos sempre adaptar às circunstâncias. Para que procurar manter sentimentos que são incompatíveis com a desgraça?

O amor, a amizade! Que belas palavras quando a vida nos sorri!... Mas, quão estúpidas e sem significação quando a adversidade nos bate à porta!... Isto nem a todos diz respeito...

Faltava pouco para a partida, quando ela me surgiu na cela, com o divino olhar banhado em lágrimas. A princípio, as suas mãos mimosas, trémulas, prenderam as minhas! Passaram-se alguns minutos sem trocarmos uma palavra e depois enxugou os lindos olhos com um lencinho de rendas, todo perfumado. Conversámos em seguida longamente e reparei bem na maneira agastada como ela, a pouco e pouco, me ia observando minuciosamente: O meu fato de ganga, a minha barba de dois dias e o cabelo puxado para trás, ao acaso, sem brilhantina! Que decepção, para ela! Entretanto tinham chegado alguns amigos, que vinham despedir-se, «cumprir um dever», como disse um dêles. A maneira como ela fitava os meus «ex-colegas» e o cuidado tão feminino com que retocou a «maquillage»! Quanto eu me senti decair, aos seus olhos, neste *tête-à-tête* com os meus amigos. Éramos tão diferentes!...

Tocou a campaínha, avisando que a visita terminara e, enquanto a acompanhei até à grade, disse-lhe pressentir que não voltaria mais. Ela, já sem emoção, con-

cordando, talvez, comigo, dizia-me sem convicção, sem arte, sequer: «Esperar-te-ei sempre; aguardarei a vida inteira, que voltes!» Já no último adeus ainda murmurou: «Perscrutarei as ondas do Atlântico e suplicar-lhes-ei que te devolvam, de-pressa, aos meus braços!»

Percebi bem, pela maneira de falar e pelo silêncio que a antecedeu, que aquela frase tinha sido estudada...

Não produziu em mim, porém, grande efeito. Dois dias depois eu partia e durante uns quatro ou cinco meses ainda trocámos meia dúzia de cartas. Afinal veio um silêncio total, lógico e definitivo. O que significariam as expressões «esperar-te-ei sempre!»... «a vida inteira!»? Referir-se-iam ao tempo limitado de quatro ou cinco meses? Quereriam dizer mais tempo? Menos?... Immerso nestes fúteis pensamentos, nem reparei na entrada de dois camaradas. Eram Raul Martins e Alexandre que, a-pesar-da pressa que tinham em regressar a Manufai, ainda não se tinham decidido a deixar Díli. Aproximaram-se de mim e, depois dos habituais cumprimentos, sentaram-se.

—Então vocês ainda por cá, anh?

—É verdade!—respondeu Alexandre. Temos que aproveitar bem esta visita, porque agora só daqui a um ano é que cá voltaremos!

—Não me parecem horas muito honestas de respeitáveis chefes de família recolherem a casa!—disse-lhes, de troça.

—E o meu amigo, o que fazia aqui sòzinho?—Preguntou o Martins. Pensando? Alguma pequena que lá ficou, não?

E após curta pausa:

—Não vale a pena pensar nisso! É até talvez preferível esquecer...

—Não, meus caros! Eu sou um homem previdente; trouxe o coração comigo! As mulheres de lá são versáteis e pérfidas demais para se lhes poder confiar o

coração! — volvi eu, zombeteiro. Trouxe o coração e, mais do que isso, uma esperançazinha de encontrar por cá a mulher dos meus sonhos. Não poderá, Aquela que eu tenho procurado um pouco às-cegas, existir por estas paragens, para, num relâmpago, me enfeitiçar e tornar-me venturoso? Estará na Ásia? Na Austrália ou nalguma das ilhas dêste arquipélago? Talvez aqui mesmo, quem sabe...

Os meus amigos, quási simultâneamente, fizeram menção de me interromper. Os seus rostos expressaram espanto e riso. Eu, porém, não consenti que falassem. Perfilei o dedo indicador na frente do nariz e continuei:

— Porque não há-de ela viver escondida nas selvas misteriosas da vossa Raimera? Selvagem, embora, mas intacta das perfídias dos civilizados, confundida com tôdas essas extravagantes espécies animais e vegetais, que o mato esconde avaramente, pode muito bem suceder que ela realmente exista reservada expressamente para mim, tal como eu o estarei para ela!...

Os meus interlocutores não puderam reprimir uma gargalhada.

— Riam à vontade, que não destroem as minhas convicções.

E, indiferente e extasiado, prossegui:

— Estou a vê-la, desenhada na minha imaginação: linda e simples, bravia mas de olhar meigo, fulgurando os mistérios scheerezádicos do Oriente e com os lábios ligeiramente entumecidos para melhor apreenderem os meus beijos de fogo...

Envolve o corpo esbelto numa linda *cambati* (1) tecida pelas suas mãozinhas morenas de raínha malaia e numa *cabaia* (2) de sêda multicolor. Seus pés, pequeninos, escondem-se, tìmidamente, em *cambaras* (3) bor-

---

(1) Lipa de luxo, só usada pelas mulheres.
(2) Blusa de luxo.
(3) Chinelas.

dadas a prata e oiro! Vejo-a a estender-me os seus braços venustos, chamando-me, para nos irmos refugiar, através caminhos insuaves, nas paradisíacas grutas das suas montanhas!... Deve estar lá, algures, guardada na bruteza dos vossos montes rocazes! Aguardando que eu chegue para a arrebatar nos meus braços nervosos e, então, lhe revelar o mistério sacratíssimo do nosso amor, êsse sentido delicado e delicioso, que ela palpita já, mas desconhece, ainda, por certo!...

Fui interrompido por uma dupla gargalhada, a que me associei com gôsto. Alexandre preguntou-me:

— Isso foi a sério?

— Foi a brincar, respondi. Mas... e se fôsse a sério? Haveria nisso algum mal?

— É que, a sério, não se podem dizer essas coisas. A não ser assim, em família. Todavia, na presença de pessoas que já cá vivam há algum tempo, como nós, tais afirmações colocam aquêle que as fizer numa situação ridícula.

— Não vejo motivo para tanto! — objectei. Alencar, Chateaubriand e tantos outros puderam imaginar o amor à minha maneira. Não leram «Os Caramurus»?

— Puras fantasias, meu amigo — disse Raul Martins. Se não quiser ser desfrutado nunca fale em tal assunto!

— A mulher dos seus sonhos não existe aqui! — asseverou Alexandre. Poderá viver noutro país; na Índia, na China, eu sei lá! Aqui — garanto-lhe — não está, com certeza.

— O coração da mulher timor! — comentou Martins. Eis uma incógnita que ainda nenhum europeu conseguiu descobrir.

E rindo-se:

— Estou convencido de que nem mesmo os médicos, nas autópsias.

— Em primeiro lugar — apoiou Alexandre — todo o

timor — homem ou mulher — detesta profundamente o europeu. Êsse ódio ressalta nìtidamente de todos os seus gestos, não obstante sorrisos, subserviências e, por vezes, aparente submissão. Mas, é sobretudo nas revoltas que mais se evidencia essa animadversão, com o corte das nossas cabeças, sem mais considerações, nem formalidades... Pode um timor ser criado de pequenino por um europeu, ser sempre tratado com todos os carinhos que, nem a mais ínfima parcela de gratidão ou amizade êle sentirá pelo *malai*. O europeu, para êles, é, acima de tudo, um *malai*, um estrangeiro! De igual modo, as mulheres desta ilha são insensíveis perante o nosso amor. Vivem algumas na nossa companhia, maritalmente, há já alguns anos. Com elas temos partilhado o pão negro do nosso destêrro. São mãis dos nossos filhos, alvo das nossas sinceras afeições, quási que já fazem parte de nós mesmos! A nossa dedicação por elas é manifesta e permanente! Nada, porém, lhes altera a natureza hostil e gelada. Assim sabemos que, da sua parte, só hipòcritamente podemos ser correspondidos. Há aqui malaias realmente encantadoras. Ninguém, todavia, é capaz de modificar, num único caso, a soberana indiferença com que nos tratam. São insusceptíveis de nos amar, ou de compreender o nosso amor!

Alexandre falava nervosamente, reflectindo, no mover dos lábios, um desprêzo infinito. O olhar, um pouco amortecido, espelhava o mesmo sentimento. As mãos, afastando-se e abrindo-se, mostravam que era evidente tudo quanto dizia. Calou-se a súbitas, rememorando recordações quási mortas. Eu e Martins acompanhámo-lo nas suas cogitações, mantendo-nos silenciosos e pensativos. Alexandre, no entanto, parecia alheado, esquecido do que ainda não dissera. Aos lábios aflorou-lhe um sorriso, dêsses que justificam e concluem. Depois, recomeçou:

— É um animal parecido com a mulher, sem dúvi-

da nenhuma, mas a verdade é que não chega a ser mulher, porque não tem alma, sensibilidade!

Novamente se interrompeu por uns momentos. Fixando-me, retomou:

— Os seus projectos, ou, pelo menos, as suas concepções, meu amigo, são puro romantismo, completamente irrealizável nestas regiões. Se desejar mulheres, sob o ponto de vista sexual, garanto-lhe que encontrará muito por onde escolher e de modo a satisfazê-lo plenamente. Quanto ao resto, não pense nisso... A timor... é a mulher ocasião, a mulher material, mas jamais a mulher espiritual, amorosa! Tem, incontestàvelmente, infinitas semelhanças com as outras. É, por exemplo, vaidosa em extrêmo: O luxo, para ela, é tudo e representa o ciúme e a paixão com arte em nada inferior à de uma portuguesinha autêntica. Não tem menos estultícia e *coquetterie* que as civilizadas e finge, às mil maravilhas, o amór e as carícias que as da Europa algumas vezes — raríssimas! — sentem! A mulher no seu sentido verdadeiro, ser sensível idealizado por todos nós, está ainda por descobrir nesta ilha. Percorra-a de-lés-a-lés, de Lautém a Kupang, observe, atentamente, tôdas as malaias, desde as mais selvagens até às mais civilizadas e verá que não encontra, que não existe aqui a princesa encantada e amorosa do seu romance!

Entretanto fizera-se tarde e urgia trocar a agradável palestra pelo sono reparador. Demo-nos as boas noites e enfiou-se cada um dentro do seu mosquiteiro com tôdas as cautelas, não fôsse algum anofele mais audacioso introduzir-se também.

Antes de adormecer fui recordando as opiniões dos meus amigos, há pouco expostas, sôbre o amor das timores. Poderia eu concordar com êles? Teria ficado convencido ou teimaria em provar pràticamente e numa época próxima que êles estavam enganados?

Eis o que veremos mais adiante.

IV

Assim como me deitei tarde, tarde me levantei. Fui mesmo o último a sair da cama. Os outros já tinham ido todos para a pensão do Albuquerque, a-fim-de tomarem o *mata-bicho*.

Enquanto me vestia, o criado da casa meteu conversa comigo e acabou por me preguntar se eu desejava uma mulher. Caso quisesse poderia até trazer-me a própria irmã, rapariga engraçada e apetitosa, segundo a sua opinião. Depois de discutido o preço, partiu, prometendo-me que não se demoraria muito. E, realmente, cumpriu a sua palavra, porque, antes de meia hora, regressou acompanhado da irmã. Seria efectivamente irmã dêle? Era uma rapariga de 17 anos — cara bonita e corpo perfeito —, que não se mostrou muito agastada na minha presença. Pelo contrário, pôs-se à vontade e de tal maneira que, dos dois, eu deveria parecer o mais inocente. Foi bastante gentil para comigo, denotando maneiras de pessoa habituada a um convívio de gente civilizada. Era uma timor da cidade ou dos arrabaldes, eis tudo e, logo, muito diferente das suas irmãs selvagens do interior. Sôbre a sua pessoa resta-me apenas dizer que trajava com gôsto à maneira timor, revestida de sêdas e usando camisa e outros atavios próprios de senhoras brancas. Direi ainda que paguei integralmente o preço estipulado e que esta timor foi a primeira aventura (?) galante que Díli me proporcionou!

Entretanto, a hora do *mata-bicho* passou, facto pouco alarmante, afinal, porque, é bem sabido, nem só de pão vive o homem...

Saí e encaminhei-me para a rua Dr. António Carvalho onde, certamente, encontraria bastantes deportados, com quem dar à língua até que soasse a hora do almôço. Ou na rua, passeando, ou nos chinas, beberricando, não faltariam camaradas. De facto, encontrei numerosos rapazes amigos, com quem discuti os assuntos do dia. Eu estava particularmente indignado com certos cavalheiros da «Comissão de Roupas» que queriam impingir-me gato por lebre, enquanto para êles iam comprando o que havia de melhor. A mim não fariam o mesmo que a certos camaradas mais bisonhos e condescendentes que se deixavam espoliar à vontade! Quantos, na montanha, recebiam roupas usadas e ordinárias e calçado em segunda mão, sem um protesto. Entretanto, os da Comissão governavam-se, vestiam do melhor e tinham sempre dinheiro! Mas comigo nada disto seria possível.

Um companheiro, acabado de chegar do Quartel General, trouxe-me uma comunicação desoladora. Mandavam-me ir receber guias para embarcar no dia imediato na *Liquiçá*, a-fim-de regressar a Oé-Kussi.

Fiquei sucumbido! Tudo, menos Oé-Kussi! Um camarada experimentado deu-me logo um sábio conselho, que eu segui sem pestanejar. Procurei um médico e contei-lhe as minhas atribulações, suplicando-lhe que me *baixasse* ao hospital, única maneira de evitar o iminente e negregado regresso. Não foi em vão que bati àquela porta salvadora, pois que o bondoso clínico me mandou seguir imediatamente para La-Hane.

Assim, depois de almôço, aluguei um automóvel e parti para o Hospital «Dr. Carvalho».

Êste meu expediente — aliás muito usado — causou séria indignação no Quartel General e chegou a pensar-se em mandar uma escolta de landins buscar-me à en-

fermaria para depois me levar à *corcora*. Felizmente êste extrêmo foi pôsto de parte e a Liquiçá partiu sem mim.

Para salvar as aparências, mantive-me três dias no hospital. De resto, ainda é com saúde que êste se suporta melhor. Naquela época, a-pesar-de não haver camas vagas, estavam lá poucos *doentes verdadeiros!* A saúde era um atributo da maior parte, que, assim, não carecia de remédios nem tratamentos. Podiam-se, pois, passar uns dias em La-Hane, sem qualquer constrangimento. A alimentação era boa e *económica*, as camas esplêndidas e... boa disposição não faltava! Fazíamos, assim, uma cura de repouso muito apreciável. Quando na enfermaria, fumávamos, líamos e tagarelávamos e, fora dela, dávamos agradáveis passeios pelos jardins do hospital.

O hospital «Dr. Carvalho» dispõe de instalações modernas e fica situado a meio de um vale aprazível e pitoresco. Liga-o a Díli uma estrada magnífica — em parte alcatroada — que os automóveis percorrem fàcilmente em menos de meia hora. Alguns camaradas, que não podiam dispensar os tratamentos hospitalares, mas que não queriam estar internados, fixaram-se nas proximidades e viviam com *nonas* em pequenas casas de *palapa* situadas nas encostas sobranceiras. Respirava-se ali um ar puro, que nos renovava as saúdes abaladas pelo paludismo do litoral. Temperaturas suaves proporcionam a La-Hane uma primavera sem grandes incidentes térmicos ou meteorológicos. Além de três médicos e três ou quatro enfermeiros europeus, inúmeros indígenas especializados assistem permanentemente aos doentes, fazendo tratamentos com louvável zêlo e competência. Alguns camaradas sentiam-se mesmo mais à vontade nas mãos dos enfermeiros indígenas que nas dos brancos.

Só a perícia e rapidez com que o Chico dava as injecções!

O hospital está bem provido de medicamentos, mesmo especialidades estrangeiras das mais caras e julgo que nenhum camarada se terá queixado de faltas, quer nos tratamentos, quer nos remédios! Outro tanto não dirão os pobres indígenas, pouco menos que abandonados na sua mísera e sórdida enfermaria.

Desta maneira e neste agradável ambiente, não foram, para mim, de sacrifício os três dias que passei em La-Hane. Tornando-se, então, já desnecessária a minha estadia ali, pedi alta e desci ao povoado, convencido de que poderia viver sossegadamente, sem novas arremetidas do Quartel General.

Contudo, no dia seguinte, fui chamado, com urgência, à presença do Chefe do Estado Maior, que me colocou perante um dilema brutal, em que pouco havia para escolher: ou seguir imediatamente para a montanha, ou embarcar nesse mesmo dia para Oé-Kussi. Iria uma *corcora*, especialmente, levar-me lá! Para a montanha teria igualmente que partir nesse próprio dia. Não hesitei um segundo, bem entendido, e, a meu pedido, foi-me fixada residência no Comando de Manufai.

Por mera coincidência, Alexandre e Raul Martins iniciavam daí a pouco o seu regresso à Raimera, tendo já um automóvel alugado.

Foi com júbilo, pois, que êles tiveram conhecimento do sucedido e, assim, embora forçado, sempre acabei por partir com êles.

— Em Díli — disseram-me no Quartel General — não queremos nenhum deportado dos de Oé-Kussi!

Continuávamos, portanto, sendo umas pessoas terríveis, perigosas, que urgia afastar para longe!...

V

Martins e Alexandre iam recostados no banco detrás; ao volante sentava-se o árabe Abdula e eu tinha-me acomodado a seu lado. Os meus amigos iam contentes: tinham conseguido o seu objectivo, levando-me de Díli... Eu, pelo contrário, não podia conformar-me com esta partida inesperada e brusca.

Para quebrar o silêncio, disse-lhes voltando a cabeça:

— Começo a desconfiar que vocês me rogaram alguma praga!

Êles riram-se e trocaram um olhar de bom entendimento que parecia querer dizer: «Conseguimos vencer, trazendo-o connosco»!

A viagem, porém, absorveu-nos as atenções e eu passei a admirar, silenciosamente, o belo panorama que se ia desenrolando na minha frente. A paìsagem começou a fechar-se, formando a embocadura dum desfiladeiro, enquanto que o meu espírito se abria e o pensamento se me alongava. O jovem Abdula, com os pés nus enfiados em minúsculas sandálias, a *lipa* multicolor a embrulhar-lhe as pernas, a gorra de veludo vermelho-azul enterrada na cabeça, um cigarro da marca do seu nome, ora nos dedos, ora nos lábios, a outra mão ao volante e aparência indolente e serena, expelia baforadas de fumo e fazia voar o automóvel. O seu olhar in-

diferente precedia o carro, deslizando pela estrada. Só se ouvia a trepidação do motor, apenas amortecida pelos lamentos das catatuas, os gritos dos periquitos e o esvoaçar espavorido de um ou outro *mano fulc*[1].

Eu ia recordando, mentalmente, todos os incidentes que me obrigaram a abandonar Díli e todos os meus falidos projectos de me fixar ali. Mas, a pouco e pouco, fui-me esquecendo da capital e de todos os que lá ficaram. O pensamento, mais rápido do que eu, entranhava-se igualmente nas montanhas e procurava adivinhar todos os seus segredos. Díli? Para que persistir em olhar para trás, se o futuro estava todo na minha frente, no mato? De que me serviu ter escolhido entre ficar ou partir? Valeria a pena manter as minhas opiniões sôbre estes assuntos?

Então, lembrei-me de tudo quanto ouvira a Alexandre. Segundo êle, na selva, tudo era belo! Tudo menos o amor! Tudo menos o melhor, menos Tudo!...

No entanto, desde que eu partira, as suas opiniões sôbre as timores pareciam-me totalmente absurdas, inaceitáveis...

O amor é um bem universal! Poderá uma minúscula ilha do Pacífico desconhecê-lo e mostrar-se-lhe insensível?

Eu nunca poderia concordar com isto! Quantas vezes se afirma que um terreno é pobre e, após algum tempo, êle se desentranha em ouro!

O vento sacudia-nos com fôrça e levava consigo algumas discussões íntimas, mais difíceis de resolver. Os nossos olhos, brilhando doces alegrias, lambiam, com optimismo, o compacto e belo arvoredo que se nos oferecia numa extensão imensa. Quando a natureza é assim deslumbrante e grandiosa e nos abre amplamente os

(1) Galo bravo.

seus braços, valerá a pena ser-se pessimista acêrca dos sentimentos das criaturas que nêle se abrigam?

Seria lá possível não haver naqueles bosques uma mulher, uma única, capaz de sentir, desejar e retribuir o amor, tal como eu o palpitava ansiosamente e o concederia! Pelo menos uma existiria, por certo... Sem esta convicção, dispor-me-ia eu a transpor, tantas montanhas em demanda dessa selvagem Raimera, misteriosa e distante? Oh, ela existia, tal como eu a congeminara em sonhos febris, tal como a contemplava naquele mesmo momento, em deslumbramentos extáticos! Assim distraído, embrenhava o olhar nos meandros do meu pensamento, como se me fôsse mais fácil encontrá-la ali, do que naquelas impenetráveis muralhas de selva que me cortavam a vista! Absorvido nestas lucubrações, parecia-me vê-la, retratada no meu cérebro, com os seus olhos negros aureolados com uma luz estranha, sorrindo e chamando-me... E punha-me a construir com crescente entusiasmo o templo da minha felicidade, pedra a pedra, pormenor a pormenor. ...Felicidade eterna e indestrutível só possível ali, bem longe da afectada e maléfica civilização do Ocidente e dêsse país longínquo — Portugal — onde tinha sofrido tantas ofensas e desilusões...

Um solavanco do automóvel precipitou-me na realidade. A estrada, agora, desenhava-se nas encostas dos montes em curvas constantes e apertadas. À medida que subíamos, tornava-se mais irregular a configuração da montanha e nem um insignificante bocadinho de recta se proporcionava a Abdula. O abismo alargava-se de mais em mais, afundando-se a centenas de metros numa ameaça permanente e hiante! De vez em quando deixava cair o olhar nas fundas lernas e um instintivo espanto fazia-me estremecer. Não podendo calar a minha admiração, voltei-me, exclamando:

— Se o Abdula se distrair, deixando o volante des-

viar-se ligeiramente, seremos precipitados nesta bocarra enorme e aterradora, que nos engolirá nuns segundos, ou nos transformará em poeira!

Alexandre contou-me, então, vários casos mais recentes, em que os automobilistas, ou por imperícia, ou por seus entusiasmos desportivos, tinham já experimentado essa pulverização fatal!

— Terríveis desastres! — exclamei, emocionado.

O carro continuava rodopiando de curva em curva, numa correria louca, suïcida! O motorista, indiferente ao perigo, chupava contìnuamente o seu cigarro, como se o fumo lhe fôsse indispensável à respiração e limitava-se a fazer rodar o volante, quási sincrònicamente, para a esquerda e para a direita, num imperceptível movimento de braços, como se brincasse distraïdamente com uma roleta. O seu pé escuro carregava imoderadamente no acelerador, até quási o fazer desaparecer no fundo do carro. Eu sentia-me inquieto naquela espécie de «montanha russa» e, ora olhava admirado para a calma asiática do *chauffeur*, ora contemplava, maravilhado, a luxuriante flora desdobrada pròdigamente pelas colinas fronteiras, ou fitava, em vertigens, a grandiosidade abissal das medonhas profundezas. Aquela ininterrupta reviravolta indispunha-me, esvaía-me o cérebro e provocava-me náuseas. Em breve, vómitos aflitivos, fizeram-se recordar os terríveis enjoos sentidos no Atlântico, no alteroso Índico e, até, nas águas oleosas e quietas do Pacífico. O automóvel, como que entregue a entusiasmo próprio, continuava a elevar-se, a dominar, cada vez mais audaciosamente, o gigante orográfico, com seus vôos perigosos e curvilíneos. Dir-se-ia que uma invencível fôrça centrípeta o inibia de se ir despedaçar nas fauces escancaradas do vale! Havia três horas que tínhamos partido de Díli e, vencidas grandes altitudes, continuava-se a viagem por planuras que, ora pareciam sem fim, ora se recortavam nos vultos de outras monta-

nhas maiores e mais distantes. De quando em vez, limpava-se o horizonte, encurtava se o planalto e, então, tinha-se a impressão de que o carro, em sua exagerada velocidade, tomava balanço para dar um salto olímpico e gigantesco para a imensidade atmosférica, sucedânea da serra. Mas, logo que êsse salto parecia iminente, a estrada fazia uma curva elegante e suave e desfiava-se, ziguezagueada e longa, pelas brenhas da encosta. Eu debruçava a minha curiosidade por sendas e desfiladeiros e aquelas formas reflectiam-se-me no pensamento em sérias deformações. Alexandre e Martins mostravam-se mais insensíveis, mas, em certos momentos, enrugavam-se-lhes as frontes à medida que os côrregos enormes se engrandeciam e aproximavam, para logo refluírem de contentamento expansivo e infantil, ao desembocarmos das gargantas, ou transpostos os cocurutos. Eu meditava, mas as minhas cogitações, por vezes, chocavam-se naquelas assustadoras escarpas e recuavam a refugiar-se em Díli ou, mais além, em Portugal, para de-pressa volverem e se irem aninhar lá longe, nas espêssas florestas da Raimera...

A minha emotividade vibrava ao contacto da natureza bruta e selvagem e manifestava-se em exclamações entusiásticas. Martins e Alexandre conversavam, entre si, a maior parte do tempo e interrompiam-se, de quando em onde, apenas para responderem às minhas preguntas ou para me explicarem os segredos e os nomes daquelas monumentais e extravagantes corcovas.

— Para nascente é muito mais imponente — elucidou Alexandre. O caminho de Manatuto, por exemplo, tem precipícios muito menos tranqüilizadores do que estes que aqui tem visto! A estrada, estreita, é um novelo labiríntico e inextricável. Os montes, quais seios úberes de mulher, multiplicam-se, forçando o caminho a descrever angulosidades tão apertadas que os automóveis têm que parar e fazer marcha atrás para as conseguir dobrar.

— Acho estas montanhas muito diferentes das nossas! — exclamei eu, interrompendo-o.

Alexandre, vendo-se escutado e orgulhoso da sua sabedoria, explicou:

— Estas serras que estamos atravessando fazem parte duma cordilheira de montanhas xistosas que se estendem a todo o comprimento da ilha. Fora da cordilheira e isolados há, ainda, um grande número de outeiros de somenos importância. No dorso das montanhas destacam-se altitudes que deixam a perder de vista a nossa Serra da Estrêla. Temos, por exemplo, o monte Ramelau, com perto de três mil metros e os seus satélites Ablai, Mancoli, e outros cumes com mais de dois mil e quinhentos metros! Dessas cumiadas brotam ribeiras que fertilizam extraordinàriamente as terras desta ilha.

— Pelo frio que aqui faz, calculo que se deve bater o dente, muito razoàvelmente, nesses *Ramelaus!* — comentei, tiritando. Parece que estamos na Beira, aí por alturas de Janeiro...

— Pouco menos — confirmou Raul Martins. A-pesar-disso, em Portugal, julgam que isto aqui é um inferno insalubre e em chamas!

Alexandre, com ar galhofeiro, prosseguiu:

— Se os anofeles pensassem em nos perseguir nesta nossa fuga da impaludada Díli, pode ter a certeza de que ficariam no caminho, transformados em *icebergs!*

— Chega a parecer incrível esta caprichosa orografia, numa ilha tão pequena! — asseverei por minha vez.

— Altitudes não menos notáveis que as de Ramelau encontram-se a oeste, no reino de Lamaquitos, onde se erguem os picos de Leo-Hito e Lakos, ambos com cêrca de dois mil metros — continuou Alexandre.

Depois de uma pequena pausa, retomou:

— Enquanto no que se refere a montanhas é o que se vê, no que respeita a cursos de água é uma des-

graça. Só ribeiras e nenhuma navegável... Temos, no entanto, algumas regulares. Em Leo-Hito e Lakos nascem a Lobo-Mean e a Malibaca. Esta desagua na de Lois, o curso hidrográfico mais importante da colónia. Temos, também, planícies. Ao longo das ribeiras estendem-se algumas, mas a maior desdobra-se, ininterrupta, a todo o comprimento da costa sul, desde Loré até Suai, num lençol com cêrca de dez quilómetros de largura.

— Há aqui uma novidade que, de-certo, o há-de interessar — interveio Martins.

— Qual?

— Vulcões! Esta ilha é de orígem vulcânica, a-pesar-de já não fazer parte do famoso *anel de fogo do Pacífico*. Possuímos em Timor pequenos karakatoas, de lama apenas, em actividade. Temos um em Baucau e outro em Oé-Kussi, essa terra de que se não pode falar na sua presença sem o irritar...

— Gostaria de visitar um dêsses vulcões!

— É impossível. Estão em regiões distantes e quási inacessíveis. Só para bons alpinistas que não tenham vertígens, nem...

— Nem o quê? — interroguei, intrigado.

Martins, rindo-se, continuou:

— Nem enjoem! De resto, é mínimo o interêsse de tais vulcões, pois que a sua actividade só se revela em colunas de lama projectadas a seis e sete metros de altura.

Alexandre, dando-me uma palmada no ombro, disse por seu turno:

— Meu caro ocidental: fique sabendo que, se quiser tomar águas medicinais, escusa de ir para as Pedras Salgadas ou para as Caldas da Raínha. Temo-las cá e em nada inferiores, a-pesar-de menos rèclamadas. Aconselho-lhe, por exemplo, as termas de Marobo, se é que não preferir as mínero-medicinais de Lacluta, Samaram ou Caimauco!

— Para o reumatismo, Marobo não é inferior às famosas Caldas da Raínha! — afirmou Raul Martins.

— Parece que já as experimentou!? — comentei de troça.

— Felizmente, nunca! Nem estas, nem nenhumas!

— É pena não haver rios! — lamentei. Faríamos interessantes pescarias...

— E é bem natural que os não haja! — elucidou Alexandre. Numa ilha estreita e pequena não pode haver grandes cursos de água. Temos, no entanto, algumas ribeiras relativamente importantes, que brotam da cordilheira central. No tempo sêco o seu volume de águas é extrêmamente reduzido, mas na época das chuvas cresce e são estreitos os leitos para as conterem, transformando-se, então, em torrentes rápidas e caudalosas. A ribeira de Lois, que desagua entre Maubara e Atabai, nasce nos píncaros de Fatu-Mean. As suas principais afluentes são as *mota* [1] Marobo, Malibaca e Lau-Ile. Já conhece a ribeira de Comoro que desagua a oeste de Díli. Há, ainda, a Lacló e a Vemor dignas de menção...

— Enfim! — interrompi eu. A água, tôda junta, dessas míseras ribeiras, não chegaria para encher os depósitos do sr. Carlos Pereira, em Lisboa...

— Mas chegará para o afogar se tentar passar qualquer delas em determinadas ocasiões! — ripostou Alexandre. Suponha-se de automóvel, a atravessar uma das ribeiras que lhe citei, num momento em que leve pouca água. Vai já a meio do leito, por exemplo. De-repente, ouve um ruído temeroso, que toma, nuns segundos, proporções ensurdecedoras aos seus ouvidos. Ainda não está em si, do espanto que lhe causaram esses apocalí-

(1) Ribeira.

pticos rugidos da montanha, quando lhe surge, a dois passos, uma avalanche formidável, correndo enfurecida e desordenada para si e arrastando, na enxurrada, pedregulhos enormes e árvores! Suponha que não tem tempo de fugir, que a baba do monstro lhe consegue, mesmo, tocar, lambê-lo e que, num instante, o arrasta e ao automóvel, tudo engulindo e despedaçando, pouco depois, no seu ventre agitado e pedregoso! Diga-me: apetecer-lhe-ia, depois disso, ridicularizar as nossas «míseras ribeiras», como você lhes chama?!

—Livra!—exclamei. Eis um quadro muito fantasista, se bem que pouco tranqüilizador, e um pintor fúnebre e talentoso...

—Pois, meu caro, o que lhe acabo de contar não tem fantasia nenhuma. É a pura realidade, bastante vulgar e natural nesta ilha. Enquanto chove torrencialmente nuns pontos, o sol brilha em límpido céu, logo ao lado. Assim, na hipótese que lhe apresentei, enquanto que no local em que você está a atravessar a ribeira nada lhe faz prever a proximidade de chuva, alguns quilómetros mais para nascente chove diluvianamente, engrossando, dêsse modo, a corrente, que se transforma, num instante, num perigoso e veloz caudal...

Dos abismos um pouco antes admirados já nada restava. Entrámos numa achada em forma de cova, semelhante ao leito dum lago esvaziado. As curvas, então, já eram menos vincadas, como se, livres de qualquer mola invisível, se começassem a distender.

Aileu pressentia-se no alargamento e lisura da estrada, nas árvores que a orlavam e nalguns canteiros com flores. Não tardaria que se oferecesse, na sua totalidade, aos nossos olhos ansiosos e cansados. Dobrámos ainda um pequeno outeiro sobreposto na montanha e divisámos, perto, uma enfiada de casas brancas de alvenaria, alinhadas à beira da estrada e, ao fundo, um aglomerado de edifícios.

— Aileu! — exclamámos todos, quási simultâneamente.

— Aileu, enfim! — repeti eu, num desabafo.

Nos nossos rostos desenhou-se a alegria que nos causava o final daquela interessantíssima, mas longa e não pouca maçadora e emocionante etapa da viagem.

Entretanto o globo solar atingira o pino, mas, desequilibrando-se, começara a tombar para o ocidente, muito devagar...

VI

Aileu, povoação planáltica, a oitocentos metros de altitude, fêz-nos esquecer que nos encontrávamos numa zona tropical. As repartições públicas instaladas em edifícios modernos, os seus jardins e as ruas largas, dão-lhe uma agradável atmosfera de frescura e de encanto. Foram dois companheiros de Alexandre e Martins os artistas que dirigiram a construção da nova vila. Viviam numa casinha branca, situada numa encosta, próxima e fronteira, donde contemplavam à vontade a sua obra. Foi lá que nos instalámos para descansar dois dias antes de continuarmos a nossa viagem. Abdula, indiferente à fadiga, despediu-se logo à chegada e regressou a Díli. Eu respirava, a haustos longos, o ar fresco e saüdável daquela terra e chegava-me a supor no Covão do Ronca ou nas Penhas Douradas dos meus queridos Montes Hermínios! Pela primeira vez, desde que chegara a Timor, me vi coberto de grossas mantas na cama. De manhã ergui-me cedo, friorento! À cautela tirei uma camisola da mala e enfiei-a. Depois saí a apreciar o nascer do Sol, que tinha o seu leito ali mesmo no Oriente, não precisamente em Aileu, mas talvez detrás duma colina que se divisava um pouco adiante!

As largas e compridas fôlhas das bananeiras, agitadas pela brisa matutina, as esgrouviadas arequeiras e as palmeiras de tronco grosso, pútrido e anão, fizeram-me

recordar que não estava na minha Beira acidentada e fria. O Sol vermelho-escuro, sem aquelas cintilações diamantinas com que, enfatuadamente, se enfeita no poente, gélido e cheio como cereja madura, surgiu no requebrado horizonte, numa ascensão lenta e indecisa de balão mal cheio e preguiçoso. Visto dali parecia muito maior que no Ocidente, ao immergir nas terras de Portugal ou no Atlântico. Dir-se-ia que o seu vôo diário o consumia, reduzindo-o a ínfimas proporções, para depois, no seu sono nocturno, se ir refazer nas entranhas da terra, renascendo no dia seguinte, prenhe de seiva, inchado e ruborescente!

....

Era dia de bazar. Tomámos o pequeno almôço e fomos fazer compras e ver cachopas, que as havia lá bem bonitas. Acorria àquele mercado gente de próximos e afastados reinos, a negociar os seus produtos. De Maubara e Maubice, traziam os cultivadores o seu café, na mira de boas vendas ou compensadoras trocas. De Turriscai, Laulora e Railaco vinham os cereais, legumes, cocos e a preciosa areca. Em confusa babel baralhavam-se ali, regateantes, alguns dos dezóito dialectos da ilha. Amarelos, malaios, papuas, polinésicos e alguns, poucos, africanos de importação, davam ao ambiente uma tonalidade polícroma, que variava desde o branco-europeu e amarelo-claro chinês, até ao moreno-escuro polinésico e negro-carvão dos landins. Mas, naquela reduzida babilónia de raças e idiomas, todos se entendiam, todos distinguiam o *meio* (1) bom do falso, o florim do pêso mexicano e o diferente papel-moeda emitido pelo govêrno da Colónia. Verdade se diga que pouca importância liguei aos produtos que os feirantes vendiam. Estava de passagem e não tinha casa para governar, eis a minha jus-

(1) Moeda de prata no valor de vinte avos.

tificação. Não obstante, as vendedoras foram atentamente observadas nos seus olhos guapos, nas suas tranças e — porque não? — nos seus corpos esbeltos, esculturais! Assim, se nada poderia dizer quanto aos preços daquele dia, nem sôbre as qualidades das mercadorias expostas, podia, no entanto, afirmar categòricamente que tal moça era a mais bonita de quantas ali tinham ido, que aqueloutra pouco ficava a dever às demais, se é que não fôsse mais galante ou mais simpática, além de muitas e autorizadas opiniões sôbre certos olhos primorosos, determinados cabelos negros, uns seios que pareciam ter sido roubados à própria Vénus, etc., etc..

Por nada ter que comprar, nem por isso andei menos, cansei-me até, talvez, mais.

Alexandre bem sabia o que eu queria e, para confirmação, lá me atirava as suas piadinhas quando se cruzava comigo, ou ao topar-me embevecido nas minhas contemplações, ou mergulhado nalgum olhar mais profundo.

Alexandre também ali não tinha que fazer, é certo. As suas compras eram efectuadas no bazar de Same, e, como agravante, lá estava a sua *nona* na Raimera, a esperá-lo, cheia de impaciência e com as duas filhinhas nos braços... Mas, uns olhares furtivos e umas discretas galantarias pronunciadas em *tétum* (1), não eram delitos de pecaminosidade fàcilmente demonstrável... Que nêle não havia nenhum intento adúltero, provava-o o facto de ter enfiado o seu braço no meu, arrastando-me para um pequeno circo onde se realizavam combates de galos. Eu ainda quis resistir, para o que garanti ser contrário a espectáculos que produzam a morte aos lutadores: «Em Portugal nunca vou a toiradas de morte»!

---

(1) Dialecto timor falado em tôda a ilha. É uma espécie de língua internacional.

agachados um em frente do outro, de cabeças baixas e olhares atentos. O público, emocionado, suspendeu discussões e apostas e passou a seguir, atentamente, todos os movimentos dos lutadores. Estes, com os pescoços esticados o máximo posssível e com as respectivas penas eriçadas em leque, mantinham-se em estratégica quietude, olhos nos olhos, espiando-se nos mais imperceptíveis gestos e intenções. As posições dos combatentes mantiveram-se assim alguns momentos, que ao nervosismo do público pareceram séculos. Apenas moviam, um pouco, os pescoços e as cabeças, para os lados, para baixo e para cima, procurando-se, mùtuamente, os pontos fracos, ou inutilizando as possibilidades dum ataque de surprêsa. Sùbitamente, um dêles saltou sôbre o outro, que se confundiu com o solo para não ser tocado. Num relâmpago, porém, estavam voltados e defrontavam-se, de novo, na posição inicial. Repetiu-se o golpe sem resultado. A luta começou a animar-se. Os galos pareciam compreender que traziam presas aos esporões as terríveis e aceradas lâminas e, por isso, só investiam quando lhes parecia que iam dar um golpe seguro e, por outro lado, evitavam-se mais que nos combates usuais. Nenhum procurava utilizar-se do bico, desejando apenas enterrar a lâmina, que lhe guarnecia a perna, no corpo do adversário. Os vôos tornaram-se cada vez mais rápidos e havia momentos em que os combatentes se empertigavam de pé, peito com peito, mas sem se tocarem. Via-se que receavam o mais ligeiro contacto. O público, dividido, seguia minuciosamente todos os gestos dos galos favoritos. Nos momentos mais incertos da luta, os timores pulavam e soltavam gritos agudos, selvagens, evidenciando turbulentamente os seus entusiasmos e as suas raivas. Aqui e além dobravam-se as apostas, jogava-se o que se tinha e o que se não tinha. Eu, mau grado a brutalidade do divertimento, expandia também o meu arrebatamento. Os galos, enfure-

cidos, investiam se com mais vigor, sobrevoando-se alternada e continuamente. Com sanha tigrina, aproximavam-se mais e parecia que iam golpear-se fundamente mas, se um atacava resoluto, o outro confundia-se com o chão e permanecia intacto. A luta seguia movimentada e cheia de interêsse, num duelo em que não faltavam golpes científicos, astutos, rápidos e imprevistos!

Já os dois contendores, extenuados, abriam os bicos com lassitude, distendendo as línguas numa respiração ofegante, sem que um só tivesse sofrido a mais leve arranhadura, ou houvesse perdido, numa bicada inevitável, qualquer das suas preciosas plumas. Os espectadores tinham a respiração suspensa e o olhar cravado nos combatentes, observando complexa e directamente. Aquêles a quem tinha sido confiada a guarda do dinheiro das apostas, apertavam as moedas, fortemente, nas mãos, num crescente de nervosismo e ansiedade. Pressentia-se que um golpe instantâneo decidiria a luta e, por isso, todos se concentravam nas suas mais insignificantes particularidades. A imobilidade estratégica dos lutadores parecia extenuá-los ainda mais que o corpo-a-corpo movimentado. De-repente, quando parecia que o combate perderia o interêsse, devido ao cansaço evidente dos galos, estes recrudesceram de energia e passaram a sobrevoar-se mais assìduamente. O meu favorito dominava agora o jôgo com a sua inegável habilidade. O outro limitava-se à defesa, quási voltado de esterno para o ar e com a acerada lâmina em riste. Mas o galo branco persistia no ataque até que, de surprêsa, estendeu o outro no solo com o peito fundamente golpeado e sangrando. O vencedor, embriagado com o triunfo, atirou-se, raivoso, sôbre o adversário morto e arrancou-lhe as penas com bicadas ferozes e violentas.

O público manifestou-se ruìdosamente numa gritaria infrene e insuportável. Os que apostaram pelo galo branco invadiram a arena e atiraram ao ar o vencedor

por entre aclamações de vitória. O vencido foi imediatamente apanhado e despedaçado. Todos quiseram um bocadinho, um trofeu, uma simples pena, ou um ôsso, ou qualquer farrapo de carne... Assim terminou êste emocionante combate de *galos de morte!* Em seguida, procedeu-se à entrega do dinheiro das apostas. Eu, pouco menos entusiasmado que os gentios, recebi também a *rupia* que ganhei, com grande desapontamento de Alexandre que perdeu a dêle. Assistimos a mais dois jogos e depois afastámo-nos.

Enquanto Alexandre foi à cabine telefonar para a Raimera, eu internei-me, outra vez, pelo bazar. Os europeus já tinham feito as suas compras e naquele momento os timores ocupavam-se em trocar entre si os seus produtos. Comecei a aborrecer-me e dispus-me a regressar a casa. Eram horas de almôço e apetite não faltava. Mas uma indígena, mais negra que morena, atraíu-me a atenção. Prendia, sôbre os biquinhos dos seios erectos, um *cambati* de linda e rica sêda. Os braços, bem torneados e adornados com pulseiras de oiro timor e de prata lavrada, falavam aos sentidos sensualmente. Tinha os olhos negros e as pálpebras túmidas e nas orelhas ostentava brincos com libras presas. Os cabelos fartos e lisos entrançavam-se sôbre a nuca e, nêles, trazia espetados dois pentes de prata com incrustações doiradas, um crescente de oiro e alguns pregos de prata e oiro. Sôbre o colo fino e escuro, descaíam um cordão de mutiçala, uma corrente de oiro com medalhas e ainda uma pequena *lua* de oiro. Era elegante e de formas esculturais e distintas. Senti-me apaixonar por aquêle modêlo grego envernizado de escuro e ricamente vestido e adornado à maneira oriental...

Premi o meu olhar libidinoso sôbre as feições correctas da jovem, deslizando-o, depois, suavemente, para o colo de ébano e para as formas venustas que se adivinhavam sob as flores vermelhas da *cambati.*

Insensivelmente, fui-me aproximando. A rapariga, magoada pelos meus olhares cupidíneos, poisou o olhar macio e inocente no chão. Os parentes, ao perceberem os meus intuitos, rodearam-na em atitude defensiva. A mim pouco importavam essas precauções, certo como estava de ter encontrado a maravilhosa princesa dos meus sonhos! Em vez de disfarçar a súbita paixão, mostrava-me cada vez mais enamorado e atrevido.

Alexandre arrancou-me àquele encantamento:

— Então, vem ou não vem almoçar?

Mas, reparando depois na causa da demora:

— Oh, meu caro, não pense nisso! Essa não é para os seus dentes!

Aborrecido por me ver importunado e intrigado com as últimas palavras de Alexandre, interroguei:

— Não é para os meus dentes? Não sei porquê?...

Alexandre desatou a rir. Depois tentou puxar-me, mas, perante a minha resistência, acabou por me explicar, ali mesmo, que aquela beldade era uma princesa autêntica, herdeira feliz do poderoso e rico reino de Maubara:

— Não terá, nem dinheiro, nem argumentos para a convencer!

— E se ela gostasse de mim?

— Seria o mesmo, porque os pais não lha dariam.

— Pois asseguro-lhe que, custe o que custar, há-de ser minha!

Alexandre soltou uma gargalhada. Depois, vendo talvez que nada ganhava em me contrariar, arrastou-me, dizendo:

— Pode ser, mas só se fôr depois do almôço!...

E, até chegarmos a casa, foi-se sempre a rir, intrigando-me e desconcertando-me cada vez mais...

VII

Maubice assenta no tôpo dum montículo, perdido na ondulação da serra. Dentro da tranqueira [1] apenas se encontravam as repartições públicas e a residência do Comandante. Na base da colina e dispostos à beira da estrada, ficavam os estabelecimentos chineses, sucursais dos de Díli. Apenas chegámos, instalámo-nos, por um dia, em casa do Comandante — vélho amigo de Raul Martins e de Manuel Alexandre.

A estrada tinha ali o seu términus e, por isso, o resto da viagem teria de ser feito a cavalo. No dia seguinte, às sete da manhã, sentámo-nos à mesa para tomarmos o *mata-bicho* [2]. Após essa ligeira refeição iniciar-se-ia a última etapa. Uma ventania glacial açoitava a planada com violência, assobiando pelos interstícios das portas. Nós, porém, entregámo-nos, durante algum tempo, com verdadeiro afã, à agradável tarefa de descarnarmos os ossos duma galinha frita.

— Vamos a ver o novo cavaleiro! — resmungou Alexandre, sem tirar os olhos do prato.

— Espero não fazer muito má figura nesta difícil estreia! — repliquei no mesmo tom.

---

(1) — Paliçada com que se fortificam os postos e comandos em Timor.

(2) — Pequeno almôço.

Martins fingiu-se assustado:

— Estes caminhos, perigosíssimos, são autênticos carreiros de cabras recortados nos rochedos das montanhas...

O chefe do pôsto, porém, tranqüilizou-me:

— Sem dúvida, muitas vezes terá que fazer equilibrismo sôbre vales cavados a centenas de metros de fundura; mas, desde já lhe dou um conselho muito útil: confie mais na montada do que em si mesmo!

— Certamente, confirmou Alexandre. Os cavalos timores têm olhos nas patas e vêem tão bem de dia como de noite.

Fazendo das tripas coração, afirmei-lhes:

— Enfrentarei todos êsses perigos com afoiteza e sem esquecer os vossos ensinamentos...

Martins, intimativo, disse:

— Terá que nos acompanhar nas nossas galopadas, se não quiser perder-se sòzinho em qualquer desfiladeiro!

— Não tenha mêdo! — animou o chefe do pôsto. Hei-de escolher-lhe o melhor cavalo, para dar uma lição a estes cavalheiros...

— Desde já prometo ser tão bom cavaleiro como D. Quixote! — assegurei eu, com ar solene.

— Daqui a pouco já não lhe apetecerá fazer humorismo! — sentenciou Alexandre, abanando a cabeça, ameaçadoramente.

....

Os cavalos timores, tipo árabe, pouco maiores são, normalmente, do que burros. São, porém, elegantes, velozes e resistentes, a-pesar-da sua pequenez. Escalam e descem íngremes ladeiras, com a presteza de um gato e calcurriam dias inteiros, ao sol e à chuva, sem comer, nem repousar.

Dos três *cudas* que nos transportariam, o mais alto

era o meu. Os *coxins* [1] eram em forma de selins e feitos de pano timor, franjados e de coloração garrida e variegada. Eu escarranchei-me, a custo, no novo meio de condução e aguardei que os outros dessem o sinal da partida. Finalmente, trocadas as últimas palavras de despedida com o chefe do pôsto, pusemo-nos em marcha. Alexandre tomou a dianteira, seguindo-se-lhe Martins a curta distância. Eu ia no fim, como caudatário. Descemos a pequena encosta, cautelosamente, de olhos no caminho, para evitarmos samoucos e descrevendo *sss* sucessivos. Ia-me equilibrando o melhor que podia, ora escorregando para a direita, ora para a esquerda, ora empertigando-me, mas sempre com ares de grande cavaleiro. No vale encurtámos as distâncias que nos separavam, para irmos trocando algumas palavras. De vez em quando passavam timores ajoujados de sacos ou madeiros de sagu. Ao verem-nos, poisavam a carga e saüdavam-nos, curvando-se e estendendo as mãos numa mesura servil: «*Licença, malai!*. Como de costume nenhum de nós respondia e seguíamos sempre, sem sequer para êles olharmos. Retomavam a carga e continuavam a caminhada com a pele enlameada e tostada pelo sol, nua e banhada em suor. *Langontins*, apenas, envolvendo-lhes os órgãos sexuais, constituíam todo o seu vestuário. As mulheres, despenteadas e sujas, enrolavam-se em *lipas* imundas. Os seus braços descaíam despidos e lânguidos, ao longo dos corpos e os seios, rijos e direitos, estremeciam levemente com o andamento.

A pouco e pouco, eu sentia-me mais adaptado ao dorso do eqüídeo, limitando-me a desviar êste das fragas e dos palavões. Bandos de macacos fugiam em grande algazarra, à passagem do seu descendente. Alexandre e Martins adiantavam-se, insensìvelmente, grim-

---

[1] — Espécie de selins, feitos de pano e cheios de sumaúma.

pando côrregos e atravessando campinas desoladas. Eu, para os fazer esperar, ia fazendo perguntas sôbre preguntas, mas logo me aborrecia, deixando-me ficar para trás, meditando silenciosamente. Passou por nós um grupo numeroso de nativos, transportando grossos e compridos madeiros. Alinhavam-se aos lados dos troncos, sustentando-os por meio de cordas presas aos ombros nus. Paravam a todo o momento para descansar e só retomavam a marcha quando a voz ameaçadora do *cabo* (1) se erguia, ou quando êle brandia a *rota* (2) para zurzi-los sem piedade. Caminhavam com esfôrço, ao ritmo dum côro lento, melancólico e confrangedor. Era um cantar repleto de tristeza, uma canção de escravos, semelhante às nossas canções alentejanas. Então pensei que o sofrimento humano se deve exteriorizar da mesma maneira em tôda a parte!

A marcha seguia cada vez mais monótona, ora a trote, ora a passo, conforme a configuração do caminho. Na nossa frente, a macacaria saltava indisciplinada, numa gritaria irritante. A's vezes o trilho alargava-se um pouco, e, então, aparecia uma cubata rodeada de mangueiras, bananeiras e papaeiras e com um milharal ao lado. Bandos de rôlas, «*que te rru... que te rru...*» ora pequeninas como pardais, ora do tamanho de pombos, esvoaçavam por tôda a parte, ou passeavam indiferentes no carreiro, quási se deixando pisar pelas patas dos cavalos. Trepámos e descemos montes, já sem vermos Maubice e internámo-nos cada vez mais nas esconsas e escalavradas ranhuras das gargantas.

Os veados, espavoridos, corriam balindo, a esconder-se nas sebes. De longe em longe surgia uma aldeia

---

(1) — Indígena que dirige os outros nos trabalhos.
(2) — Espécie de cana da Índia. Faz as vezes de cavalo-marinho.

com as suas diferentes *uma* (1). Os tetos, de capim, desciam até ao chão, deixando apenas um buraco para os moradores entrarem e saírem. As paredes eram de bambu aberto, de *palapa* ou de *fanful* (2). Nas proximidades estavam as respectivas hortas onde os indígenas cultivavam o milho, o nele, a cana doce, a mandioca e outros produtos tropicais, além das habituais árvores de fruto. De mistura com a garotada nua, andavam porcos, carneiros, cabritos, cãis e as diferentes aves domésticas.

Algumas casas assentavam em estacaria, servindo, neste caso, a parte térrea de curral. Davam-lhes acesso escadas tôscas feitas com bocados de bambu amarrados. O caminho afastava-se dum monte para logo se aproximar doutro, numa ondulação constante e caprichosa. Ao tomar contacto com novas serras, estreitava-se e adaptava-se-lhes desfiado ao longo das encostas. A flora, aqui, era mais uniforme, dominando, encobertos por árvores seculares, os cafèzeiros, maiores ou menores conforme se tratava do *robusta*, do *libéria*, ou do delicioso *arábico*. Os seus frutos, pequenos e vermelhos como cerejas, provocariam desejos a quem, como eu, lhes não conhecesse ainda o sabor amargo. No entanto, a semente sêca, despolpada e aromática constitui um dos melhores deleites dos meridionais!

Agora, caminhávamos a passo e juntos.

—Dentro de meia hora passaremos a baliza (3), que separa os comandos de Aileu, Suro e Manufai—disse Alexandre.

—Para primeira aula de equitação, confessem que não me tenho portado mal! Sinto o corpo quebrado e as pernas e o traseiro em fogo...

—Ora, ora, meu caro, isso não é nada!—interveio

(1)—Casa.
(2)—Cana finíssima.
(3)—Fronteira entre comandos ou postos.

Martins. Daqui a três horas, quando chegarmos, é que nos há-de contar as suas impressões...

—Da baliza em diante tem que se mexer mais ràpidamente!—tornou Alexandre, pouco depois. O caminho é melhor e poderemos fazê-lo, em grande parte, a galope.

Eu fanfarronei:

—Não receio essas galopadas! Quando quiserem experimentar...

Alexandre e Martins desataram a rir:

—Nós não queremos matá-lo!...

—Sim, sim! Para esconderem o mêdo fingem que têm pena de mim! Já conheço êsse estratagema...

—Com essas basófias perde-se, meu pobre civilizado!—chasqueou Martins. Se continua a falar nesse tom, pomos de parte a nossa misericordiosa generosidade e, então, nem ao menos conseguirá segurar o *cuda!*

—Assim pretendeis justificar, airosamente, os vossos próprios receios—repliquei eu, dando-me ares petulantes.

Êles trocaram, entre si, algumas palavras a meia voz. Depois, Alexandre voltou-se para mim, dizendo, imperativo:

—Ponha-se em guarda!

—Vejo que conspiram contra mim!—comentei, com voz calma.

Êles, porém, não responderam.

—De qualquer maneira não me apanham desprevenido...—tornei.

O caminho, ali, era relativamente bom: mais largo e menos pedregoso. A certa altura, Martins voltou-se para trás e gritou: «Segure-se!» e despediu, imediatamente, a galope, acompanhado por Alexandre. Eu seguia muito atento. Apenas fui avisado, estribei-me bem, agarrei-me com alma às crinas da montada e, à vontade, propus-me acompanhá-los. Nas curvas sentia-me escorregar, chegando, por vezes, a supor o trambulhão inevitável,

mas lá me segurava, endireitando-me, para descaír, logo em seguida, para o outro lado. Circuindo, estive prestes a rolar pelo chão, por não acompanhar, devidamente, com o corpo, os movimentos do cavalo mas, entrado nas rectas, restabelecia-se-me o equilíbrio. Passados alguns minutos, todo eu transpirava. Cansado e desorientado, acabei por gritar para diante:

— Parem!

Estacaram logo e voltaram se para mim à gargalhada:

— Então, senhor cavaleiro da triste figura, essas basófias?! — exclamou Martins, escarninho.

— De futuro, menos língua! — aconselhou Alexandre, sempre a rir.

— Não abusem da vitória! A verdade é que, por enquanto, não me posso meter em grandes cavalarias mas, lá mais para diante, vereis...

E, passados momentos, acrescentei:

— Tenho a certeza que vocês, quando começaram, não fizeram metade do que eu tenho feito!...

A viagem, entrecortada de pequenos diálogos, prosseguiu, primeiro trotada, depois num passo árabe, curto mas rápido e cómodo. Por vezes, na nossa frente levantava-se um galo bravo que cortava os ares num vôo planado de algumas centenas de metros. Bandos de corâceos, negros como fantasmas, deslizavam pelas ramagens num crucitar esfaimado e incessante. À medida que se subia, o frio apertava e açoitava-nos os rostos, impiedosamente. De onde em onde, raros, ouviam-se os gritos roucos e afastados de algum *tòkè* (1) menos dorminhoco. Já frente ao vulto gigantesco e sombrio da Cablac, apareceram as primeiras *medas* (2), suspensas pelos rabos e fazendo difíceis provas de acrobacia. Os *bibi-ru-*

(1) Espécie de lagarto nocturno, que emite os sons que lhe formam o nome.

(2) — Marsupial pequeno e vulgar na ilha.

ça [1], por sua vez, esgueiravam-se pelo mato rasteiro e pouco, com seus gemidos mimados e tristonhos. A natureza movimentava-se perante os meus olhos admirados: Se surgia um vale, êste logo começava a deprimir-se e o meu olhar seguia-o até se extenuar ou perder na escuridão; noutros, pisava-lhes os taludes e depois subia de costas voltadas, grimpando insuaves ladeiras até atingir uma crista. Olhava então para baixo e estremecia, abismado perante a profundeza dos côrregos ascendidos! Na nossa frente divisava-se uma fraga. Seguíamos em sua direitura e, passadas horas, a minúscula rocha transformava-se em mastodôntica montanha! E tudo, nesta natureza selvagem, se avolumava e desfazia, fantasmagòricamente, perante o meu olhar maravilhado! Mas, eis que o caminho se insinuava por desfiladeiros, estreitando-me ou fechando-me o horizonte! Enternecia-me, então, com os bandos de mansinhas rôlas que passeavam próximas, sem qualquer receio. De quando em quando, uma serpente, dalguns metros de comprimento, atravessava o caminho e desaparecia no capim, ou topavam-se, enroladas, pequenas cobras verdes ou azues, únicos répteis, da ilha, venenosos e de perigo.

Uma pequena plataforma, no cimo de três vertentes, servia de baliza aos comandos de Aileu, Manufai e Suro. Alexandre propôs que se descansasse ali e todos concordámos.

Os cavalos, livres da carga humana, puseram-se a surrar a erva curta que esverdeava o chão. Estirei-me sôbre a relva, esgotado, sem pronunciar palavra. Martins e Alexandre, mais afeitos àquelas estafas, sentaram-se e desenrolaram o lanche.

— Não quere comer? — preguntou-me Martins, com ar zombeteiro.

---

(1) — Veado.

A fome, porém, restituiu-me as energias. Ergui-me e aproximei-me, começando também a comer. A princípio devorámos em silêncio mas, depois, pusemo-nos a tagarelar, mastigando mais lentamente.

— Eis uma das maiores montanhas de Timor! — exclamou Alexandre, apontando a Cablac e como se a visse pela primeira vez.

O gigantesco pendor tinha uma configuração curiosíssima: do lado do Suro erguia-se quási a-prumo, formando uma muralha que nenhum alpinista seria capaz de escalar. Do nosso lado, porém, desdobrava-se, ora abruptamente inclinada, ora suave e longa até ao mar.

— Temos que descê-la até quási ao fundo! — murmurmou Martins, abanando a cabeça, apreensivo.

— Oh, que horrível estopada! — desabafei eu, de testa franzida.

Alexandre pôs-se a apontar para a Cablac, explicando:

— O Suro fica ali encravado. Visto daqui parece inacessível...

— Só com elevador se deve poder lá chegar! — comentei, com admiração.

— E, no entanto, se caminharmos naquele sentido não encontraremos grandes obstáculos... — elucidou Martins. De longe é que se nos afigura inabordável.

Ergui-me e trepei a uma pequena eminência, donde olhei para baixo: A sombra da Cablac repousava nas profundezas do vale escuro, formando, na base, uma noite medonha e eterna, como a de gruta fechada e fria, gotejante de umidades sem fim... Aquelas lernas provocavam-me vertigens, atraíam-me magnèticamente!

Continuámos a viagem. O caminho agora era mais irregular, sendo necessário andar devagar para não esbarrarmos pelo pedregal. Os cavalos, desferrados, apalpam o terreno, poisando as patas cautelosamente. O desfiladeiro escondia-se um pouco abaixo, numa curva. Te-

ríamos que acompanhá-lo até que êle se confundisse quási com a planície. Então estaríamos em Manufai, já livres daquelas maçadas! Mas até lá...

Sùbitamente, começou a cair uma chuva torrencial, sem que nenhum abrigo se nos deparasse.

— Isto não estava no programa, meus caros! — exclamei eu.

— Estes banhos inesperados são aqui freqüentes — explicou Alexandre. É bom que se vá habituando!

Martins aconselhou:

— Faça de conta que está a banhos no Estoril!

Continuou chovendo durante algum tempo. A breve trecho estávamos encharcados. Depois, as nuvens foram-se embora e o Sol resplandeceu. Passada meia hora tínhamos a roupa e os corpos enxutos e caminhávamos de-pressa por trilho liso, trauteando cantigas de Portugal.

Nos ares, os *maquiqui* (1) pairavam, grasnando. A ravina tornava-se mais funda e ameaçadora e o carreiro abetesgava-se, sobressaindo mais. Nós, atentos, afastávamo-nos uns dos outros e perdíamo-nos de vista, por vezes, nas sinuosidades contínuas. Impressionado com os perigos que se abriam aos meus pés, lembrava-me do conselho do Comandante de Maubice: «confiar, acima de tudo, no cavalo...». Êste poisava as patas com uma prudência instintiva. Algumas vezes não tinha espaço onde as assentar e, então, o abismo tomava proporções mais emocionantes e vertiginosas. As patas calcavam levemente, chegando a esbarrondar a terra que pisavam. Nesses momentos, o animal, nervoso, sustentava-se nas outras patas e encostava-se para dentro. Havia pedras que se soltavam da berma e que ecoavam durante muito tempo, saltando e multiplicando-se, num clamor repercutido, cada vez mais surdo, que só se calava lá muito

(1) Aves de rapina.

ao fundo... Seguia-se, após, um silêncio que era ainda mais lúgubre e ameaçador! Durante minutos que pareciam séculos, a vida seguia suspensa por um fio infinitamente subtil, imaginário quási...

....

O vale, a seguir, era menos estreito e corria apenas a alguns metros do caminho que se tornou mais largo e aprazível pela suavidade do declive.

Aicerias, ingondões, sândalos e outras variedades múltiplas da floresta tropical, tornavam o ambiente pitoresco e animado. Aves de côres berrantes e cânticos canoros e desconhecidos, despertavam os nossos ouvidos dos zumbidos produzidos por altívolos vendavais. Ficavam já lonje as penedias selvagens e silentes e, então, em vez de barrancos desdobravam-se férteis lezírias. À medida que a colina se transformava em plaino, nós acelerávamos a marcha, aligeirando os trotes e passos de aba dos animais. Havia ocasiões em que era preciso parar perante grupos numerosos de cavalos bravos que impediam ostensivamente a vereda ou a atravessavam espinoteando numa balbúrdia infrene. Pequenas manadas de búfalos, chafurdando nos lamaçais que bordejavam o caminho, também se permitiam dominar neste a seu belprazer. Se eram mansos, bastavam algumas pedradas para os fazer debandar para as várzeas mas, sendo bravos, era necessária cautela, ou esperar com paciência que êles se dignassem desobstruir a passagem quando muito bem lhes apetecesse. Afora estes obstáculos, a viagem prosseguia com entusiasmo e rapidez. Apareciam já algumas rectas que eram transpostas a galope largo. Cavalos e cavaleiros, íamos todos desfeitos em suor, que o razoável calor, anunciador da planície e do mar, cada vez mais próximos, facilitava. Eu, em vez do inexperiente e tímido eqüite de Maubice, parecia já um autêntico cossaco, com o capacete caído sôbre as costas, a

camisa de caqui desabotoada e os cabelos desgrenhados e batidos pelo vento.

Manobrava as rédeas com segurança e usava a *rota* com a energia dos *jockeys* nos *turfs!* As minhas calças de caqui cinzento iam amarrotadas pela longa cavalgada e cobertas de lama, salpicada dos tremedais produzidos por três diluvianas chuvadas.

Manufai já estava perto e, no entanto, nós, em vez de abrandarmos a marcha, embriagávamo-nos num ritmo veloz, constantemente aumentado e voávamos céleres, sem mostras de cansaço. O trilho tornou-se estrada e à sua beira corriam, compactas e numa grande largura, as águas cristalinas da ribeira. Com *élan*, tentei e consegui algumas vezes ultrapassar os meus companheiros, mas a vitória era passageira, porque a veterania dêstes não podia consentir estas petulâncias de um principiante atrevido... Então, os únicos incidentes desagradáveis eram provocados pelos gentios que assaltavam repentinamente a estrada para alongarem os braços queimados e secos na sua habitual saüdação de escravos. Os cavalos assustavam-se e estacavam, pondo em perigo as nossas posições verticais. Mas logo nos reacomodávamos, retomando a correria insana. Alguns cavaleiros timores passavam por nós como bólides, quási nus, com lenços berrantes enrolados nas cabeças, olhares ferozes e as dentaduras cerradas e descobertas, ameaçadoras e raivosas! Alguns levavam as mulheres nas garupas, ou nas frentes das montadas. Apertadas nos braços vigorosos dos companheiros, ostentavam, em vez do habitual aspecto medroso, um à vontade altivo e seguro!

Surgiu numa curva o vulto medíocre dum pequeno outeiro. Ao vê-lo, Martins gritou radiante:

— Same à vista!

— Eis-nos chegados! — exclamei eu, alegre e extenuado.

— Por enquanto não deite foguetes — obtemperou

Alexandre, com voz grossa e calma. De Same à Raimera ainda são uns cinco quilómetros bem puxados...

Fiquei desolado:

— Ora bolas, bem melhor seria que fôsse aqui!

Martins explicou:

— Aqui é a sede do comando de Manufai. Daqui à Raimera é uma galopadazita...

Same fica no tôpo duma colina. Torneámo-la e esporeámos os *cudas* em direitura da Granja. O monte foi-se aproximando cada vez mais. Passámos a curta ponte de madeira e transpusemos um pequeno portão.

— Já está dentro dos meus domínios! —declarou-me Alexandre. Daqui para diante é preciso muito respeito pela minha pessoa...

Martins, galhofeiro e em voz baixa, disse-me:

— É preciso cuidado com êste cavalheiro! É um déspota!

Rimo-nos todos três.

Os cavalos estafados, tresfolgavam na subida. A senda era larga e já tinha tido a honra de ter sido percorrida pelo automóvel do Governador!

Entrámos num bosque cerrado e maravilhoso que nos escondia o sol, quási por completo. O ar era fresco e agradável, em virtude da sombra e das emanações úmidas dos brejos e dos lameiros. As copas uniam-se nas alturas, formando um túnel verde-escuro. Os ingondões, enormíssimos, rompiam o céu vegetal, afirmando lá muito em cima a sua fôrça e independência. As trepadeiras, emmaranhadas, enroscavam-se nas ramarias e cimbravam-nas, liando-as em baixo em brenhas e matagais, ou pendiam sôltas de dezenas de metros de altura! Bandos de catatuas volitavam pelas folhagens numa berraria irritante e insuportável. Aqui e além apareciam árvores de fruto, tropicais e metropolitanas e grupos de arequeiras carregadas de cachos. A macacaria espavorida esgueirava se pelas ramagens em desharmónica al-

gazarra e alguns porcos bravos, em fuga, lançavam se pelas sebes, grunhindo aflitivamente. Atravessámos plantações de borracha, viveiros de café e louros milharais. Uma multidão de aves exóticas enchia a floresta com um concêrto melodioso e interminável. O nele, amadurecido, ondulava as suas fôlhas compactas e amarelas num oceano deslumbrante e doirado. Fiozinhos de água cristalina irrompiam das rochas e atravessavam constantemente o caminho, vivos e lestos como passarinhos e iam morrer mais adiante nas terras gretadas pelo sol escaldante!

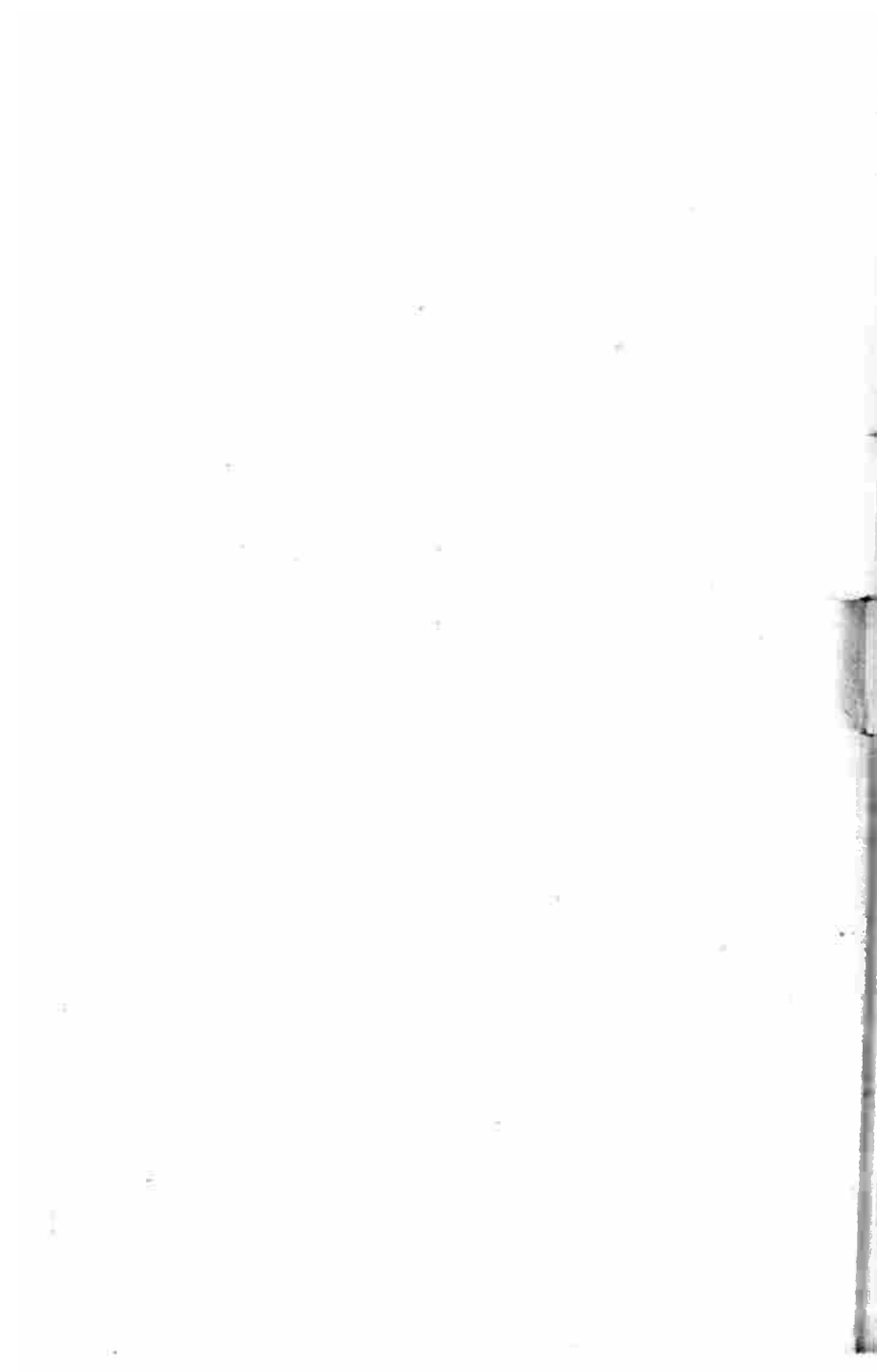
Ouviam-se as patas dos cavalos pisando o chão lentamente e nós não ousávamos perturbar a harmonia venturosa e inigualável da selva com as nossas vozes. Eu, de encantamento em encantamento, mergulhava os olhos, curiosos e famintos, naquela natureza tão selvagem e tão rica. Existiria naquelas misteriosas sombras alguma promessa para mim? Passavam, em continência, abacateiras, torangeiras, sândalos e sumaúmas. Apareciam hortas, de couvais exuberantes, outras hortaliças e legumes. Um manancial de fresca e límpida água jorrava de fonte inesgotável, indo banhar, pròdigamente, as prolíficas encostas. Já tinham desaparecido os vetustos cafezais e o extenso túnel de verdura desembocou, finalmente, numa várzea intérmina. A' esquerda situava-se um pequeno grupo de cubatas de *palapa* rodeando uma casinha branca de alvenaria.

— Ersal! [1] — exclamou Martins. Eis-me chegado!

As despedidas foram rápidas e eu e Alexandre continuámos. A Raimera, pròpriamente dita, ficava um pouco mais acima, a uns trezentos metros. Dezenas de timores entregavam-se, lazeirentos, ao rude labor de arrancar à

[1] O nome dêste lugar significa, na lingua local, água corrente.

terra os seus maravilhosos tesoiros. As curvas da estrada, ora nos mostravam, ora nos escondiam o belo e vasto panorama. Silenciosos e encantados, subíamos o suave declive, sem pressas de chegar. Alexandre, sentindo-se já no exercício das suas funções, inspeccionava com a vista os campos adjacentes. Eu, chegado finalmente ao lugar escolhido para a efectivação dos meus projectos de amor e felicidade, sentia-me desconcertado, hesitante, receoso até, talvez... Esperar-me-ia ali uma desilusão completa?! A Raimera seria o vácuo ou a terra da promissão? Tive tentações de voltar o cavalo e seguir, a galope, para Díli! Mêdo? Loucura? Chegámos ao tôpo. Era no princípio dum planalto estreito e comprido. A estrada terminava ali, numa curta galeria engrinaldada de fôlhas e de flores, num verdadeiro jardim, com simétricos arruamentos e canteiros com lindas roseiras, craveiros perfumados e tôda uma variedade infinita de olorosas e belas flores. Ao meio ficava o Palácio da Granja, residência de Alexandre, de alvenaria branca, qual um templo oriental, venturoso e simples, cercado de laranjeiras, tangerineiras, bananeiras, ananases e morangueiros!

Apeámo-nos e entrámos para a varanda posterior. Alexandre, obedecendo a um primeiro impulso, correu para dentro a-fim-de surpreender e abraçar a mulher e as filhas. Abandonado, sentei-me e pus-me a comer, com sofreguidão, um cacho de uvas que encontrei em cima de uma mesa.

VIII

No dia seguinte levantei-me cedinho, muito antes das sete horas. Cedo que fôsse encontraria a criadagem na labuta doméstica, se o dono da casa já estivesse a pé, como era seu costume. Mas, Alexandre dormia ainda, profundamente, graças à estafadora viagem da véspera; a sua *nona*, por sua vez, entendeu por bem não abandonar, sòzinho no leito, o espôso, tornado de demorada ausência; e os servos, à falta de quem mandasse, mantiveram-se enroscados como gatos, em cima das suas esteiras. Eu é que, não obstante maçado e bem maçado, não consegui fechar ôlho em tôda a noite. Sem dúvida que nenhum dos outros se moera tanto como eu, cavaleiro a sério pela primeira vez! Para prova, lá estavam uma maldita fogueira a assar-me, implacàvelmente, o assento e as dores horríveis que me flagelavam os ossos e a carne tôda, dores macissas e moídas, que me davam a impressão de ter passado por entre as mós dum moínho! Morfeu, porém, não conseguiu arrebatar-me. Volta que volta, sôbre a fôfa *ai-lela* [1] do colchão e um formigueiro impertinente e constante a cocegar-me o cérebro, assim passei a noite. Isto sucede-me sempre que durmo em cama alheia ou em terra estranha.

---

[1] Sumaúma.

Pé ante pé, para não acordar ninguém, abri a janela do meu quarto e, debruçando-me, pus-me a observar em volta, curiosamente, procurando, talvez, orientar-me. O Sol, como que também cansado da sua viagem da véspera, ainda não retomara a sua cotidiana jornada. A manhã, todavia, estava inundada de luz, de uma luz calma e inofensiva, que me permitia abrir os olhos à vontade, completamente. Dir-se-ia que a atmosfera também possuía luz própria para iluminar a terra enquanto a raínha das estrêlas procedia com feminina garridice aos últimos retoques de toucador, pùdicamente biombada pelo horizonte Os meus olhos immergiram pelos raminhos de flores agrupados nos canteiros, tatearam com leveza as violetas que, junto à parede, rodeavam tôda a casa, e avançaram depois, tìmidamente, para mais longe, buscando flores invisíveis que, por ora, só tinham forma no meu subconsciente. Em frente, a orla fechada do bosque murmurava-me misteriosamente: «Por aqui não entram, nem olhos, nem desejos sacrílegos!» Era um convite... Deixei a janela e observei melhor o meu quarto, procurando uma saída furtiva. Fronteira à parede onde estava a janela havia uma porta que dava para o interior da casa. Essa não me convinha... Cada uma das outras duas paredes possuía uma saída para os terraços exteriores. Dêstes, um servia de sala de jantar e o outro estava adstrito a diferentes funções domésticas. Poderia, pois, sair à vontade por qualquer destas últimas portas, cuja falta não dificultaria ainda o problema, em virtude de a janela não ter mais de um metro de altura. Abandonei o amplo e confortável aposento e fui-me a bisbilhotar os domínios do meu amigo. Defronte da residência ficava a cozinha e, em volta, as capoeiras, as cavalariças, o pombal, o canil, o curral, etc.. Na capoeira, os galináceos, impacientes por liberdade, barafustavam em grande chinfrineira; um pouco ao lado, os patos, embora mais comedidamente,

procediam de igual modo, indignados com o esquecimento a que tinham sido votados. Pela primeira vez na minha vida encontrei encanto em tôda aquela bicharada. Deixei-me, por isso, ficar ali algum tempo, com o nariz enfiado pela rêde, a ver e a ouvir tão irrequietas famílias. Os grunhidos esfaimados dos suínos despertaram-me daquele embevecimento e atraíram-me. Desharmónicos e irritantes, abriam as bocarras exigentes pela vianda matutina e cevavam uns nos outros, à dentada, o seu descontentamento. Um pouco ao lado, sob um telheiro de capim e presos por correntes, estavam os cãis, num côro de latidos que não se percebia ao certo se eram de fereza ou de fome. Na dúvida, não me aproximei. Nas cavalariças, os eqüídeos, associavam-se àquele protesto geral, escoucinhando-se, desalmadamente, uns aos outros. Só os habitantes do pombal não necessitaram que ninguém lhes fôsse abrir a porta para irem mourejar pela vida. É certo que tiveram que passar sem aquêles deliciosos e confortantes bagos de milho e de arroz, que Alexandre costumava dar-lhes ao romper da alva. Mas, do mal o menos... No tôpo das árvores, ou pairando, as aves de rapina aguardavam, pacientemente, que a pintaïnhada saísse da capoeira, na mira de, gulosamente, filarem algum infante desgarrado.

Afastei-me, distraído, caminhando devagar pelo relvedo crescido e rociado. Apeteceu-me, então, passear um pouco através daqueles matos, mas a lona encharcada dos sapatos, aconselhou-me a retroceder.

De regresso, vi abrir-se uma das portas da casa, surgindo Alexandre, comprido e sêco como uma arequeira, em camisa e despenteado. Sonolento ainda, meteu-se, mais por tino que por ver, numa barraca ao lado da cozinha. Pouco depois apareceu com uma bandeja de *aquedíro* cheia de milho, que espalhou pelo pequeno largo. Em seguida abriu uma fisga da capoeira e entrou resolutamente. O seu olhar amodorrado vagueou fami-

liarmente pelos galináceos: introduziu um dedo nos ânus de algumas fêmeas e, por fim, qual carcereiro, foi-os contando, atentamente, à medida que saíam. Só deixou ficar galinhas que tivessem filhos a-fim-de contar estes. Momentos depois, gritou:

— Maulaca!

Apareceu o criado. Depois dêle surgiram, a correr, os *auxiliares* (1), ainda com aspecto dorminhoco e enrolado, as gaforinas desfeitas e as *lipas* amarrotadas e sôltas sôbre os ombros.

Maulaca saüdou em português:

— Bom dia, patrão!

— Bom dia — respondeu Alexandre, sem desfitar as ninhadas. Faltam três pintos a esta galinha...

O criado voltou-se para o *auxiliar* e interrogou:

— *Mano oan tolo falta ia née, inabé?* (2)

O serviçal respondeu:

— *Maquiqui...*

— Àquela faltam dois — continuou Alexandre, apontando.

Maulaca voltou-se, interrogativamente, para o *auxiliar*, que repetiu:

— *Maquiqui.*

— Àquela faltam quatro...

O *manoata* (3) resmungou, de novo:

— *Maquiqui...*

Alexandre, sem olhar os *auxiliares*, ordenou:

— *Ba ona!* (4)

Soltou depois as carinhosas mamãs com os seus pipilantes meninos e saíu da capoeira.

---

(1) Serviçais.
(2) Faltam três pintos. Onde estão?
(3) Criado encarregado dos galináceos.
(4) Vão-se embora.

— O que é isso de *maquiqui*, senhor fazendeiro? — disparei-lhe eu de surprêsa.

— Olá, seu madrugador! — festejou Alexandre. Com que então já a pé, anh?! É bom habituar-se...

E olhando para a frangalhada que, a seus pés, depenicava, famélica, o arroz triturado:

— O *maquiqui*, meu caro, é o milhafre mais ladrão e atrevido que existe nestas paragens. Dizimam as ninhadas.

— É dar-lhes caça!

— Qual caça!... Faz lá idea do que é esta calamidade! Não imagina as variedades e quantidades de rapinantes que existem aqui em Timor. Uns são lindos e magestosos, grandes como águias e felpudos como mamíferos. Há outros mais pequenos, igualmente belos e pouco abundantes. Os mais nocivos, porém, são os *maquiqui*, do tamanho de melros, com as penas castanhas e lustrosas. São espertos e cautelosos como raposas... Enquanto que os outros ratoneiros alados pairam, denunciando às galinhas o perigo da sua presença, os *maquiqui* escondem-se nas ramarias, espreitam e aguardam, pacientes e calados, a ocasião propícia para desferirem um *raid*, que só muito raramente resulta inútil...

Sempre conversando dirigimo-nos para as cavalariças. Alexandre acariciou a larga testa do «Mulato» e deu-lhe umas palmadinhas amigáveis nas ancas. O cavalo parecia descontente. Alexandre adivinhou as causas dêsse descontentamento:

— Tens fome, meu vélho? Mas de quem é a culpa? Quem te mandou estragar uma ceia que chegava para dois dias?... (com o pé revolveu a verdura pisada e amassada com os excrementos). Se tens fome come-a assim mesmo, meu porco!

O «Mulato», carrancudo, parecia compreender as censuras do seu dono. Como que envergonhado, tinha os olhos cravados no chão.

Alexandre continuou, ralhando:

— Tens sempre fome, grande comilão! Tôdas as noites te põem uns poucos de molhos de *duto* (1) e de *bit'onora* (2) e, afinal, é mais o que estragas do que o que comes...

O «Mulato», aborrecido com tanto sermoar, começou — qual menino malcriado — a escravar o solo com uma das patas dianteiras.

Alexandre gritou:

— *Cudata!* (3)

Um timor aproximou-se, a correr.

— Pronto, *malai!*

— *Duto hodi mai...* (4)

O *cudata* trouxe algumas braçadas de erva, que espalhou na frente do cavalo. Êste cheirou-a, sem lhe tocar e continuou no seu protesto, pisando, agora, com patadas arrogantes, a erva fresca.

Alexandre regougou entre dentes uns insultos afectuosos e ordenou ao *auxiliar*:

— *Ba ola batar!* (5)

O serviçal trouxe um *caut* (6) com milho, que enfiou na cabeça do «Mulato».

Êste, satisfeito finalmente, abanou a cauda e começou a roer.

Alexandre, fingindo-se zangado, admoestou-o:

— Não passas dum cabeçudo e dum goloso!

Afastámo-nos na direcção do canil. Os rafeiros, esticados nas correntes, tentavam correr para o dono. Logo que êste lhes chegou ao alcance, saltaram-lhe às per-

---

(1) Erva.
(2) Fôlhas de bambu.
(3) Servo dos cavalos.
(4) Traz erva!
(5) Vai buscar milho.
(6) Saco feito com capim sêco.

nas e lamberam-lhe as mãos, patenteando o seu contentamento em contínuos ladridos.

Alexandre fêz-lhes festas e libertou-os das correntes e, após, para se ver livre da sua infatigável expansividade, enxotou-os com berros ameaçadores.

Depois, clamou:

— *Açoata!* (1)

Acorreu outro timor:

— *Malai!*

— *Ba alo aço ninia eto!* (2)

O *açoata* afastou-se lentamente. Alexandre, impaciente, gritou-lhe:

— *La laice!* (3)

Em seguida chamou o *faiata* (4) e deu-lhe as suas ordens.

Maulaca aproximou-se e, no seu português arrastado e pretensioso, comunicou ao patrão que o *mata-bicho* estava na mesa.

Num dos terraços, transformado em sala de jantar, encontrava-se já Ernestina, a *nona* de Alexandre. Era uma rapariga um pouco envelhecida, de cabelos pretos e lisos enrolados sem gôsto sôbre a nuca. Trazia ao colo uma menina de dois anos, de olhos vivos e sorridentes. Perto, um criado embalava uma criança de meses, cantarolando, com voz duvidosa, uma melopeia timor.

Alexandre, ao ver as filhas e a companheira, prorrompeu em manifestações de ruïdosa alegria. Pegou na mais nova e desabou sôbre ela um dilúvio de carícias. Com os dedos longos e ossudos apertava-lhe, ternamente, as tenras bochechitas. Pai e filhas riam, conjuntamente, de satisfação e todos aquêles risos se confun-

---

(1) Servo encarregado dos cãis.
(2) Vai preparar a comida aos cãis.
(3) De pressa.
(4) Auxiliar encarregado dos porcos.

diam numa nota única de infantilidade e singeleza.

Acariciando as miúdas, comentei com malícia:

— Nunca supus que um revolucionário pudesse vir a ser papá e, muito menos, assim piegas!...

Alexandre soltou uma franca gargalhada e aproximou-se de mim, encostando-me à barba o rosto mimoso e róseo da filha. Beijei-a meigamente e, depois, sentámo-nos à mesa e démos início à refeição. Comi um prato de sagu, tomei uma chávena de café, e, por fim, conversámos e fumámos tabaco de Alas.

— Agora vou ver a minha horta. Se você quiser vir comigo...

Aceitei com prazer.

— Amanhã e depois passarei a «Granja» em revista. Não deve ter sofrido muito com a minha ausência...

Metemos por veredas escondidas nos bambuais e que nos levaram directamente à horta. Chegados ali, Alexandre observou minuciosamente o milharal e a seara de nele, comunicando-me as suas impressões:

— Sabe lá! Êste arroz da montanha carece de muitos cuidados; pelo menos, duas ou três limpezas! Com o milho é quási o mesmo.

Sentámo-nos numa pequena fraga, donde pude ver o mar, ao longe, e algumas cadeias de montanhas. Same ficava mesmo em frente, sobressaíndo, com o seu casario de paredes brancas, do outeiro, terroso e escuro.

— Não imagina a extraordinária fecundia destas terras, que produzem mais numa das suas duas sementeiras anuais, que as da Europa na única que têm! — exclamou Alexandre embevecido.

Enquanto observava um monte fronteiro, alto e estreito, em forma de cone, Alexandre levantou-se e foi espiolhar atentamente a mandioca, as canas de açúcar, as couves e o nabal. O feijoal estava crescido e tinha

vagens bastas e gradas. O seu indispensável *ai-manas* (1) denotava algum abandono.

Entrámos, a seguir, no pequeno barracão, onde se guardavam as colheitas e se procedia ao descasque do nele. Nada estava ainda preparado para a próxima colheita, que prometia ser de muitas *latas*... (2) Alexandre praguejou contra os olheiros, berrou as deficiências que encontrou na horta e expandiu o seu descontentamento nalgumas pragas e insultos que não lhe saíam do coração.

Voltámos à estrada com intenção de cortar pelas sinuosidades que levavam à Raimera. Mas, eram apenas dez horas e o almôço só estaria pronto ao meio-dia! Resolvemos, por isso, descer a Ersal, para visitarmos Raul Martins.

Durante dez minutos, em silêncio e vagarosamente, caminhámos pelo macadame até Ersal. Raul Martins era a encarnação da juventude, da robustez e da alegria. Todo êle irradiava saúde e movimento. Era impossível estar-se ao pé dêle sem se sofrer o contágio do seu optimismo, da sua constante boa disposição! Andava sempre em camisa, com as mangas arregaçadas e usava o cabelo, curto e rebelde, voltado para trás. Era êle quem animava a sua pequena herdade, desde a aurora até ao anoitecer. Os seus braços, grossos, agitavam-se, incessantemente, ou impondo ordens, que eram logo cumpridas, ou realizando, hábil e ràpidamente, qualquer trabalho. A sua voz sonora e incisiva dominava, imperativamente, todo aquêle conjunto a que êle chamava, com orgulho, «o seu reino pequenino»: «*Auxiliar!* faz... *Rona calai* (3)*?!!... Hatene, calai?!...* (4) *Aré, calai?...* (5)»

---

(1) Pequeninas malaguetas, a que em África chamam *piri piri*.
(2) As latas de gasolina, vazias, servem de medida.
(3) Ouves, ou não?
(4) Sabes, ou não?
(5) Vês, ou não?

E os *auxiliares* lestos como o amo, respondiam sempre, executando prontamente as suas ordens: « *Au rona, malai...* [1] *Au hatene, malai...* [2] *Au aré, malai!!...* [3] »

A sua horta ficava perto de casa e êle mesmo se ocupava em regá-la tôdas as manhãs. Sob os seus cuidados, hortaliças e legumes cresciam a olhos vistos, enchendo-lhe a alma simples de vaidade e de alegria! «Ninguém tem um feijoal como o meu!... E estas cebolas!... já viram umas couves mais bonitas?...» E, assim contente, labutava de sol a sol, correndo da horta à cozinha, desta à pocilga, à capoeira, à cavalariça, a todos os recantos da sua pequenina fazenda. Dominados pelo seu frenesi, todos corriam em sua volta, até mesmo a sua Isabel e a pequenita Irene. Aquela era um misto de chinesa, javanesa e timor, possuindo traços de beleza comuns às três raças de que viera. Ocupava-se na cozinha, condimentando as refeições do seu *malai*, ou no lar, tecendo e passajando. Irene, vergôntea tenra de dois anos, sorriso inocente, a borboletear-lhe na boquita vermelha como papoila, ora denunciava o seu meridionalismo tagarelando e fazendo traquinadas ao papá, ora fitava o olhar túmido, rasgado e negro, de chinesinha em miniatura, na sua virtuosa e cismadora mamã!

A nossa chegada foi celebrada com grandes manifestações de alegria.

Raul Martins, com a sua Irene ao colo, beijando-a e fazendo-lhe momices, interrogou-me:

— Que tal acha a minha herdeira?

Sem esperar resposta, acrescentou:

— De-certo que lhe parece tão formosa como as ocidentais da nossa terra, como minha Mãi, por exemplo,

---

(1) Ouço, senhor!
(2) Sei...
(3) Vejo...

com quem se parece imenso; inteligente como êsses malaios de Java, que lhe enviaram um pouco do seu sangue e encantadora e espiritual como só o sabem e podem ser as mimosas filhas do Sol Nascente?!

Bateu-me no ombro, com força e gritou:

— Não é verdade?!

Eu, aquiescente, ri-me e beijei a petiza. Depois disse-lhe:

— Você é, indiscutivelmente, um grande artista! A sua obra é perfeita... pelo menos no sangue, a sua filha é o mais cosmopolita que se pode ser! Todos aqui dirão que é uma verdadeira lusitana, mas quando ela estiver em Portugal, então, qualquer pessoa a julgará a mais gentil e bonita flor do Oriente...

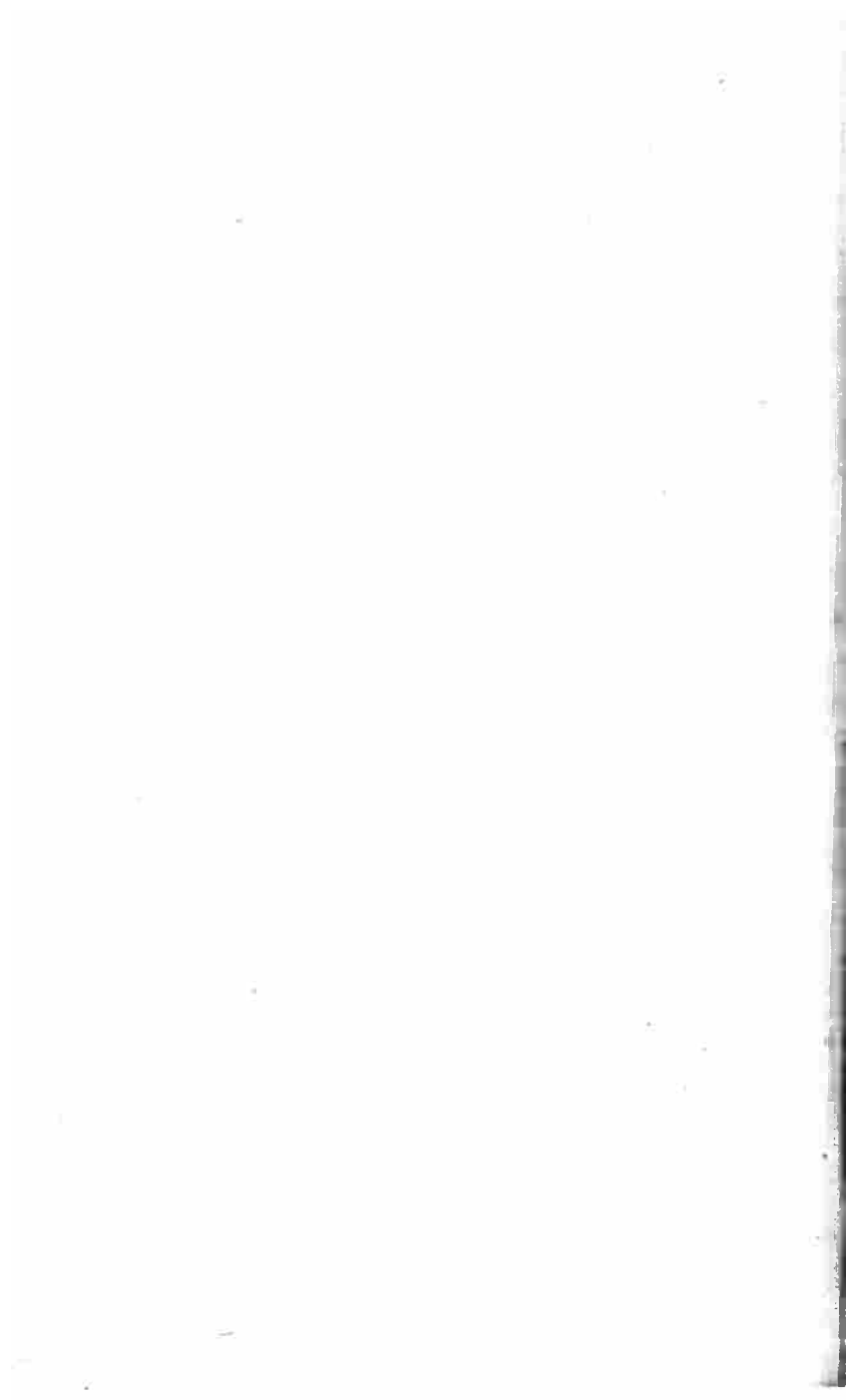
Alexandre afagou e beijou Irene. Esta, nos braços fortes do pai, sentia-se mais segura que um rei medieval no seu trono.

Cavaqueámos, os três, até que chegou a hora do almôço.

— Sem verem os meus porcos não saem daqui! — exclamou Martins.

Satisfazendo-lhe a vontade, dirigimo-nos para o curral. Os suínos, dois belos exemplares, eram quási redondos e de tal modo toucinhudos que até a pele se gretava, derretendo-se e escorrendo a banha! Martins quis ainda mostrar-nos mais alguns exemplares do seu mundo vivo: os perus, por exemplo, eram bem dignos de serem admirados; dos patos nem se falava... mas, o almôço clamava lá de cima, da Raimera e os nossos estômagos estavam ansiosos... Nada nos segurou!

Pusemo-nos, pois, de abalada, puxa que puxa, por atalhos cobertos de espêsso matagal, trepámos tresos barrancos e transpusemos, apressados, convidativas alamedas, entrando, por fim, num dos arruamentos ajardinados e floridos da planura que nos encaminhou para casa.

IX

Subia o Sol, vagarosamente, a cotidiana encosta, dardejando sôbre a Raimera os seus raios luzentes. As árvores e as ervas, orvalhadas pelo cacimbo nocturno, reflectiam e rebrilhavam como diamantes. As andorinhas volitavam apressadas, caçando os insectos menos cautos para a refeição matutina. As ramagens, prenhes de passarada, palpitavam num contínuo adejar de asas e emitiam maravilhosas e alegres melodias. O vento corria suavemente, acordando e agitando a natureza ainda entorpecida pelo seu último sono. Manhã primaveril, nos trópicos, desabrochando aromas e fremindo eugénicos desejos!

Era domingo e dia de bazar.

A estrada parecia um tapête branco, surtindo das copas fechadas e desenrolando-se, mal desdodrado, pelas reverdecentes colinas. A população da Raimera, montada em fogosos garranos, tinha-se pôsto a caminho. Seguíamos em fila indiana, com lentidão, recreando os olhos sequiosos e deslumbrados pelas polícromas vegetações. Na frente íamos nós, os europeus, a seguir as *nonas* e os criados no fim. Os *auxiliares* tinham partido já, a pé, por atalhos impérvios e só dêles conhecidos.

Era uma cavalgada numerosa e de aparência festiva! Os cavalos iam ajaezados com vistosas cabeçadas

feitas de pele de búfalo, com guizeiras e encimadas com aparatosos penachos fornecidos pelas próprias crinas ou rabos. Os *cochins* multicores, tecidos com fio macassar, agitavam ao vento as suas franjas principescas. Entre os *cochins* e os cavalos ostentavam-se ainda lindos e valiosos panos timores. Eu e mais dois ou três camaradas levávamos nas cabeças o clássico capacete colonial, mas alguns iam em cabelo. Vestíamos todos camisas de caqui e calças brancas. As *nonas* envergavam as suas melhores e mais vistosas *cabaias* e *cambatis* de sêda colorida. Algumas mostravam vaidosamente as suas *cabaias* brancas com punhos e rebordos de rendas e bordados. Prendiam-nas à frente com lindos alfinetes de oiro timor ou de prata, em substituïção de botões. Sôbre as tranças negras, a que o óleo de côco dava um brilho especial, poisavam, soltos, os seus lenços largos e floridos. Nas mãos levavam pequeninos lenços rendilhados e, nos pés, *cambaras* de cabedal com coberturas lavradas a oiro e a côres.

Os criados envergavam *lipas* e casacos e enrolavam nas cabeças, à maneira de turbantes, lenços grandes e vermelhos.

A bizarra cavalaria, sem pressas, foi ziguezagueando pelas rampas. Íamos conversando e soltando exclamações de admiração e alegria ou cantando melopeias meridionalíssimas, bem portuguesas, de mistura com os tristonhos e lamentosos coros nativos. Dir-se-ia um rancho a caminho de rèclamada romaria!

Eu alinhava entre Martins e Alexandre. Nós, umas vezes acompanhávamos o côro geral, outras palrávamos também e discutíamos.

A certa altura declarei-lhes:

— Trago comigo tôda a minha fortuna — cinqüenta patacas — para adquirir a rapariga mais formosa que aparecer no bazar!

Martins atalhou:

— Com êsse dinheiro até se pode dar ao luxo de arranjar duas!

— Não, não. Uma chega-me!...

Eu ia montado num dos três cavalos do reino [1] que estavam ao serviço da granja.

A troca tinha sido feita na véspera e era o primeiro serviço que aquêles *cudas* prestavam. O meu era alto e comprido.

— Se perdesse êste dinheiro ficava impossibilitado de me casar!

— Por certo — confirmou Alexandre. Só lhe restaria regressar a Díli, desiludido...

Rimo-nos todos três.

Na planície, porém, tocámos os cavalos, desfazendo a formatura.

O «Mulato» pôs-se à cabeça e, numa emulação entusiástica, partimos todos a galope. Eu, no *cuda reino* [2], fiquei para trás e julguei mesmo que seria o último a chegar a Same. Já os outros se perdiam de vista nos ângulos do caminho quando o meu garrano se encheu de brios, partindo-lhes, a tôda a brida, no encalço. O chão estremecia sob as suas violentas patadas! Em manifesto perigo, fui passando todos os cavaleiros até que, no sopé da íngreme colina, apanhei Raul Martins e Alexandre. Em competição, continuámos galopando os três pela inclinadíssima ladeira. Pouco depois Martins ficava para trás, seguindo sempre, lado a lado, Alexandre e eu, até que atingimos ambos a meta ao mesmo tempo!

Apeámo-nos e prendemos os animais às árvores da

---

(1) Os timores, além de pagarem o imposto de capitação, prestam serviços pessoais durante 15 dias em cada semestre e têm que fornecer os seus cavalos ao Estado por igual período de tempo.

(2) Cavalo do reino. Também se emprega esta expressão num sentido depreciativo, miserável.

achada, deixando-lhes as cordas longas, para que pudessem ir surrando os relvedos que mal cobriam o chão.

Alexandre aproximou-se de mim:

—Livra que êste ladrão é resistente e corre como um gamo! —exclamou, dando uma palmada na testa do *cuda do reino.*

—Nem parece um cavalo do reino! —comentei por minha vez. Repare-lhe no ar inteligente e na exagerada envergadura. Parece quási um peninsular...

Alexandre abriu a bôca ao eqüídio e pôs-se a mirar-lhe os dentes!

—Oh, oh, mas êste diabo ainda não tem o dente do siso! Com êste corpanzil é impossível! Com certeza que lho arrancaram...

Juntaram-se vários europeus e timores e todos foram unânimes em admirar o belo e raro exemplar.

Eu estava enfeitiçado! Depois dos outros se terem espalhado pelo bazar a questiuncular qualidades e preços e a fazer compras, eu, a-sós com a minha montada, acariciei-a, dizendo-lhe amigàvelmente:

—És ainda uma criança, meu caro!

Era pigarço e, quando fitado, semi-cerrava os olhos com meninice agarotada. Quanto mais o observava mais simpático eu o achava.

Fiz-lhe mais umas festas e depois misturei-me também no meio da timorada, a observar, cuidadosamente, garina por garina, com sentido nalguma mais venusta ou mais formosa. Algumas ouve que me despertaram mais atenção e que me atraíram até, mas os dentes rubros da arecina, ou qualquer outro pormenor, de-pressa me afastavam desiludido.

O bazar decorria sonolentamente. Tudo o que o chão timor produzia ou sustentava, ali se amontoava para ser negociado. Os timores, magros e terrosos, agachavam-se em tôrno dum montículo de batatas ou cebolas, aguardando, com indiferença quási, que os compradores apa-

recessem. As mulheres contemplavam os galináceos que as cercavam, presos por cordéis, ou vendiam, de longe em longe, um atado de areca ou *doet Ilma* (1) de tabaco grosseiro. Alguns transportavam pequenos porcos às costas, ou grandes cachos de bananas. Os europeus, seguidos das *nonas* e dos criados, iam discutindo e comprando tudo o que lhes era necessário para os gastos da semana. Os chineses, enfiados nos seus quimonos, conseguiam atrair os indígenas às suas lojas e ali os ludibriavam com trocas, quási sempre desvantajosas para estes.

Farto de andar, voltei para o pé do meu cavalo. Renovei-lhe as minhas carícias e pus-me a conversar com êle. Um indígena aproximou-se e disse-me com um sorriso idiota e submisso:

— *Au nian, malai...*

Maulaca, que se juntara, traduziu:

— Diz que é dêle, senhor!

— Ah, é teu! — exclamei admirado.

E, depois de uma pequena pausa, acrescentei:

— É um belo cavalo!

O timor murmurou:

— *Au fan!*

O Maulaca explicou mais uma vez:

— Êle diz que está disposto a vendê-lo.

— Se fôsse barato, comprava-o! — declarei.

Os timores conversaram entre si. Depois, Maulaca informou-me:

— É um cavalo de estima. Diz êle que dentro de meses não haverá em Manufai nenhum melhor...

— Mas, quanto é que êle pede, afinal?

— Cinqüenta patacas, senhor!

— Livra! Dava-lhe dez por muito favor. Diz-lho...

O Maulaca apresentou ao outro a minha proposta. O

(1) Cinco avos.

timor riu-se, dizendo depois qualquer coisa, que eu não compreendi.

— Só o venderá por cinqüenta patacas, senhor!

Entretanto, aproximaram-se outros que se associaram à discussão do preço. Eu já dava vinte e cinco... Apareceu um timor que ofereceu quarenta! O dono rejeitou e eu acabei por lhe entregar as cinqüenta patacas, isto é, todo o meu dinheiro!

— E a respeito de *nona*? — preguntou-me Alexandre, com ironia.

— Tenho que desistir, por agora! Vinha no propósito de comprar uma mulher e acabei por comprar um cavalo! É quási o mesmo, não lhe parece?...

O bazar perdia o interêsse. Os europeus entraram nos chinas e pediram cerveja. Um chinês ofereceu-me um pequeno *laco*. Era um felino parecido com a raposa, mas muito pequenino. Os *lacos* destroem os cafèzeiros, roendo-lhes as polpas dos frutos. Aquêle era manso e fôra criado de pequenino pelo chinês. Achei-lhe graça e, por isso, fiquei muito contente com a oferta.

Os indígenas, não vendo mais compradores, trocavam os seus produtos ou jogavam-nos. Muitos vieram ali, de longe, com dias de viagem e noites dormidas ao luar, para venderem ninharias quási sem preço. É que o bazar era um pretexto para viajar, conversar continuamente, beber umas garrafas de *canipa* e uns canudos de tuaca, fumar, mascar e jogar todo o dinheiro que houvesse! As mulheres guiavam-se por idêntico critério. Envergando as suas melhores *cambatis*, algemavam os braços morenos com uma infinidade de escravas e pulseiras de prata e ali vinham mostrar-se. Traziam os colos provocadoramente nus e os corpos bem apertados, para que se evidenciassem as formas esculturais. Serpenteando, os seus braços côr de canela desprendiam no ar cálidos perfumes, excitadores de desejos e lascívias! Os seus lábios grossos, avermelhados e carnudos, pareciam mo-

rangos, gretados de maduros! Os rapazes olhavam-nas sensualmente e convidavam-nas para voluptuosos colóquios e prazeres misteriosos.

Baptizei, entretanto, o meu cavalo: «Átila» era um bonito nome. Dei depois as últimas voltas pelo bazar. Decididamente não havia ali nenhuma mulher que me empolgasse! Mas, e se houvesse? Seria o mesmo, porque não tinha já dinheiro para a reivindicar para mim! Tal como no Ocidente, também ali o amor estava mercantilizado. Mas uma mulher que eu comprasse nunca seria a mulher dos meus sonhos!

Não obstante não ter dinheiro eu procurava sempre. Todavia, a mulher que se deseja espiritualmente, nunca se encontra quando buscada. Surge-nos sempre do imprevisto, ou do acaso, mas, enquanto não se revela, que de canseiras e impaciências! Eu forcejei tôda a adolescência, pesquisando infrutìferamente a mulher que idealizara, mas, nem por muito activo fui mais feliz! Aturdira-me em Portugal, como agora me aturdia ali, num contacto de mulheres puramente material, sem jamais satisfazer ou calar os clamores constantes e cada vez mais vivos do meu coração, faminto de um amor que se não comprava. Encontraria naquelas florestas abditivas o que nunca lobrigara na minha terra natal? Eis uma dúvida bastante dolorosa que se me enraïzava dia a dia na alma! É que o olhar da timor é calmo e frio como os cristais polares e rasgado e incompreensível como as profundezas oceânicas! Eu fitava e perscrutava anelante aquêles pequeninos e formosos budas, sem conseguir penetrar o mistério asiático que se irradiava do seu brilho negro.

Depois do meio-dia iniciámos o regresso. Os *auxiliares* caminhavam devagar e a pé, ajoujados com as compras. As *nonas* e os europeus, animados pelas bebidas, tagarelavam, cantavam e riam sôbre os *cudas*. Prendi o *laco*, por um fio, à garupa do meu «Átila»

e segui atrás de todos, aborrecido e distanciado.

Num regato à beira do caminho algumas timores banhavam-se, acocoradas. Umas estavam enroladas nas *lipas* e outras, nuas, curvavam-se de tal forma, à passagem dos brancos, que os olhares cúpidos dêstes não conseguiam descobrir-lhes as partes pudendas.

Eu, por mim, nem podia ver mulheres! Irritavam-me, ou melancolizavam-me! Gostava de «Átila»... sem dúvida, mas porque diabo o comprei, privando-me de adquirir algo de que necessitava mais? Na frente, os outros iam cantarolando fragmentos de fados e canções que cantavam e choravam o amor! Aquêles sons torturavam-me! «Sem amor não se podia viver...» Certamente que não abandonei Díli, atravessando indefesso as ínvias montanhas a caminho da Raimera, para comprar um garboso *cuda!*

Um bando de pombos verdes passou em revoada, quási me tocando com as asas. As andorinhas volteavam sempre, mas cada vez mais cansadas... Os búfalos, cheios e ulcerosos, espojavam-se preguiçosamente nos tremedais que bordejavam o caminho.

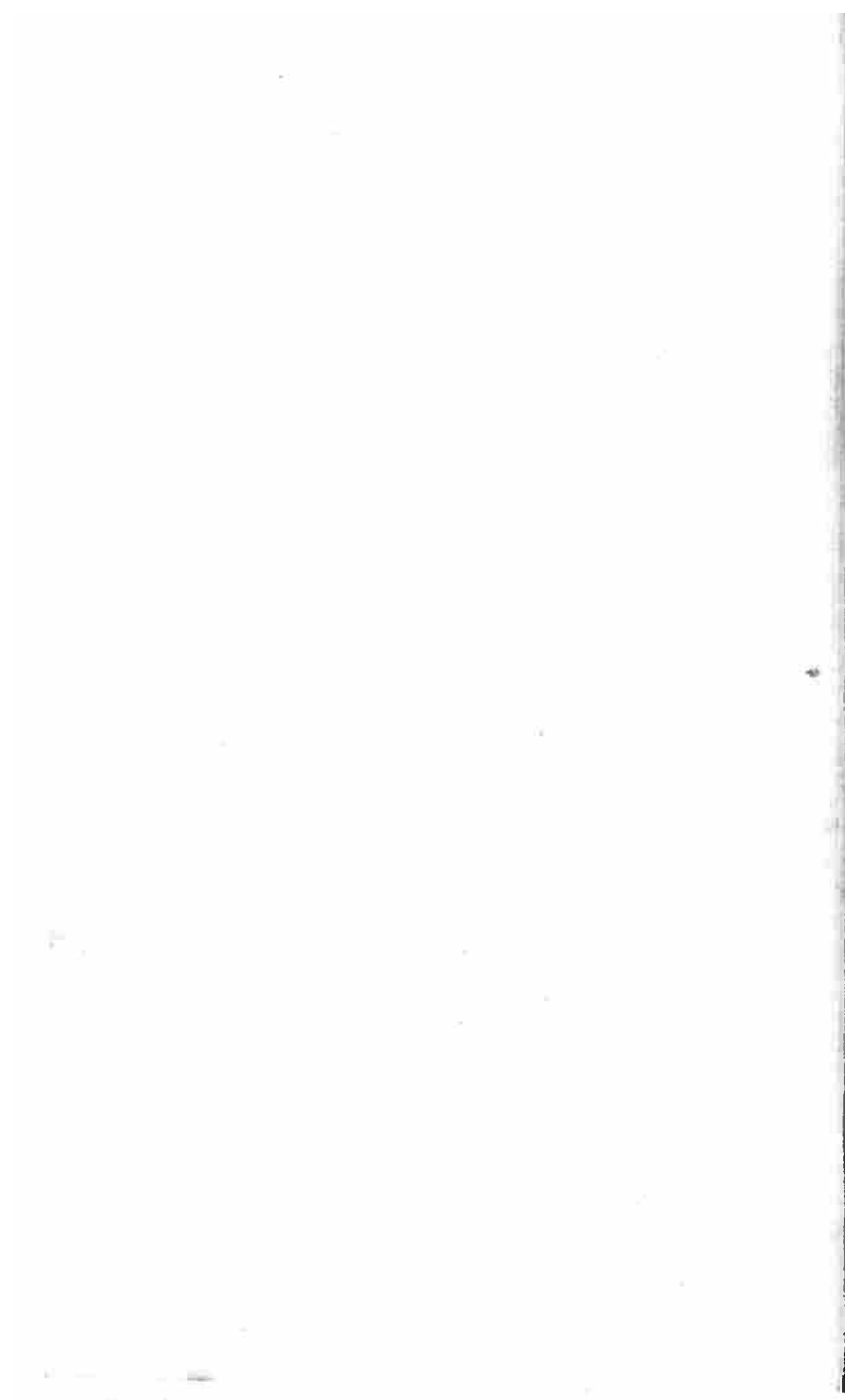
Havia aves esquisitas que trauteavam músicas deliciosas e incaptáveis. A pouco e pouco ia-me esquecendo das minhas amarguras. Despedi a galope para as sacudir melhor e afugentar e, mais livre, gritei como os selvagens. As patadas firmes e sonoras de «Atila» esmagaram as últimas preocupações, numa marcha guerreira e triunfante!

Fui passando a um e um todos os cavaleiros que topei no percurso. Quando passei por Alexandre, êste disse-me, para me animar:

— Encontrará outro dia o que hoje procurou, baldadamente...

— Assim o espero...— gritei-lhe.

No sítio de Ersal fiz uma paragem e cavaqueei um pouco com Martins, que já regressara às labutas domés-

ticas. Senti-me melhor e desferi com destino a casa, alegre quási, uma esperança nova a bailar-me sôbre outras ainda mal fenecidas e cantando, baralhadas, notas duma canção indígena, que ouvira na debulha do nele, com outras do *lorçá* que o criado me ensinara.

X

Algumas vezes, nas minhas idas frequentes a Same, reparei numa simpática jovem que habitava uma modesta casa de *fanful* (1), disposta à beira do caminho.

Não me foi difícil saber que se tratava da filha única do falecido *lagana* (2) D. Boaventura — rei timor que chefiou a última rebelião. A filha tinha então uns dezanove anos, visto ter nascido pouco depois de finda a guerra e com o pai já morto no fatal destêrro de Ataúro. Era uma rapariga extrêmamente formosa, mais morena do que branca. Seus olhos, aveludados e negros, ligeiramente umidados, pareciam chorar, permanentemente, uma desgraça que não tinham visto. Os seus lábios eram finos e, como tôda ela, mais recordavam a Europa longínqua do que a Ásia vizinha, amarela e inexpressiva. Os cabelos, ondulados, faziam-lhe artística voluta sôbre a nuca. Normalmente, usava uma *faro* (3) de chita finíssima que lhe moldava os seios tumorosos e virginais. Da cintura para baixo envolvia-se numa *lipa* grosseira, com listrados pretos, brancos e azues e calçava *cambaras* (4) de madeira com presilhas estreitas pintalgadas de fantasias.

---

(1) Cana finíssima.
(2) Chefe.
(3) Blusa.
(4) Chinelas.

Ali vivia, num isolamento incompreensível, apenas na companhia da Mãi — a inconsolável viúva de D. Boaventura. Esta era uma mulher de quarenta anos, o máximo Vestígios de beleza irrompiam ainda, a custo, da sua máscara de sofrimento. A sua viüvez mais parecia vir de há dois dias, que de há vinte anos! Seus olhos, a-pesar-de secos, dir-se-ia que choravam sempre, também, ainda mesmo para lá das lágrimas esgotadas! Nos seus lábios não se descobria nem a sombra distante de um sorriso...

Habituei-me, assim, a ver a jovem, cujo corpo coleante e delgado eu já reconhecia de longe e, confesso, se acaso, ao passar, os meus olhos a não encontravam, sentia uma indizível tristeza invadir-me a alma. Ela tornou-se, para mim, a païsagem mais bela daquele caminho!

Um dia, a pretexto de lhe pedir um copo de água, apeei-me e entrei em sua casa. A avaliar pela sala de entrada, calculei tôda a pobreza que ali devia reinar. Em cada canto erguia-se um jarrão disforme, com plantas, sôbre uma coluna. Pelas paredes viam-se, dispersos, vários quadros e inúmeros objectos. Dos quadros, um emmoldurava a fotografia de D. Boaventura em trajes de guerra, outro representava o Sol repousado numa várzea de arroz e outro mostrava um crocodilo estendido despreocupadamente à beira de um *collão*.

Para satisfazer o meu pedido, retirou-se, reaparecendo pouco depois com um copo de água, que eu bebi com especial deleite.

Os sorrisos com que lhe agradeci a sua gentileza não conseguiram alterar a sua atitude fria, gelada...

Relanceei ainda um olhar curioso pelas relíquias dependuradas: *luas* lavradas em ouro ou prata, brincos, manilhas de oiro, pulseiras grossas de oiro timor, uma cinta de prata doirada, espadas de Macassar em aço e

parões [1], punhais ricos, chicotes, panos timores, uma cinta indiana de sêda, *cambatis, cabàias*, etc. Tudo isto, sem dúvida, devia ter pertencido a D. Boaventura...

Agradeci, despedi-me e prossegui no meu caminho, sem pressas e, no primeiro cotovêlo do carreiro, olhei para trás mas já não a vi... Até chegar a casa ela foi senhora dos meus pensamentos.

Maulaca, o criado de Alexandre, já várias vezes me oferecera os seu serviços de bom *piloto*, tendo-me mesmo prometido arranjar uma *nona* invejável. Êle seria, pois, o intermediário ideal entre os meus desejos e a filha do rei, ainda que isso me custasse um bom *saguate* [2].

Certa ocasião, em que Maulaca estava mais palrador, abordei-o e pu-lo ao corrente da minha pretensão.

Maulaca, prontamente, replicou-me:

— É impossível, senhor!

— Mas, porquê?

— Impossível, senhor! — repetiu Maulaca, quási assustado.

— Impossível, porquê? Tu julgas que eu não sei que Cacheu não é filha de D. Boaventura, mas sim dum comandante europeu que vivia aqui em mil novecentos e doze e que vocês decapitaram no início da guerra...

— Já vês! — continuei — . Se uma raínha pôde ter contacto com um *malai*, parece-me que não te será difícil fazer com que seja minha uma simples princesa... De resto, não te regatearei um *saguate* principesco...

— Um dia contar-te-ei essa história, senhor e, então, compreenderás a razão porque Cacheu não pode ser tua *nona!*

. . . .

Poucos dias passados, Maulaca serviu-me de guia

[1] Faca de guerra.
[2] Gorgeta.

num passeio matinal à Riac. Atravessámos o pequeno colo que separa o monte Raimera do monte Riac e internámo-nos no extenso cafezal que, quási por completo, cobre êste último. Os nossos *cudas*, com fome, iam rilhando arbustos próximos, mais tentados pelas verdejantes pastagens do que pela beleza do passeio. O ar estava impregnado de aromas olíbanos e agrestes. O monte, totalmente coberto por cerrada floresta, oferecia o mistério e a emoção de um trecho do paraíso. Árvores seculares ou recentes — como as *madres del cacau* (1)—, sombreavam os cafezeiros arábicos que enchiam as encostas. Rímulas ou lisuras, tudo ostentava as pequenas e preciosas plantas, denotando um aproveitamento total e um cuidado impressionante. Desta maneira, nem um bocadinho sáfaro se lobrigava do caminho, que se enrolava, envolvente, até morrer lá no cimo do monte.

Eu ia observando, com atenção, a sensível e rica planta do café. Do alto, os periquitos e os macacos inflectiam, sôbre nós, olhares susanos e espantados. Mais adiante encontrámos um trôço de *auxiliares* entregues à limpeza do café. Gatinhavam, esgravatando o terriço com pedaços de bambu, ou arracando as ervas. O olheiro adiantou-se de chapéu na mão.

Maulaca explicou-me que a limpeza estava atrasada e a colheita muito desprezada e isto talvez devido à ausência do seu patrão. Como eu me calasse, Maulaca explicou-me:

— Senhor, compreende: O fruto do cafezeiro não amadurece todo ao mesmo tempo e se não é colhido logo que sazona, cai e estraga-se. A colheita, por isso, prolonga-se durante muitos dias, sendo necessário apanhar bago aqui, bago além...

A' medida que ascendíamos tornava-se mais insuave

(1) Árvores especialmente escolhidas para fazerem sombra aos cafèzeiros.

a configuração do terreno. Caminhámos, por isso, com extremo cuidado, não quisesse o demo que nos estatelássemos pelas ribanceiras. O silêncio tornava-se, assim, mais completo e os singultos espaçados das *medas* (¹) arrepiavam, quási nos aterrorizando!

Maulaca quebrou o silêncio:

— Êste monte é *lulic*, (²) senhor. Foi aqui que se travaram os últimos combates de mil novecentos e doze.

Sempre de viés atingimos o cume onde nos desmontámos.

— O meu patrão já mandou plantar, aqui, perto de cem mil pés de *arábico*. Êle quere a isto como se fôsse dêle, a-pesar-de o seu esfôrço ser mal recompensado.

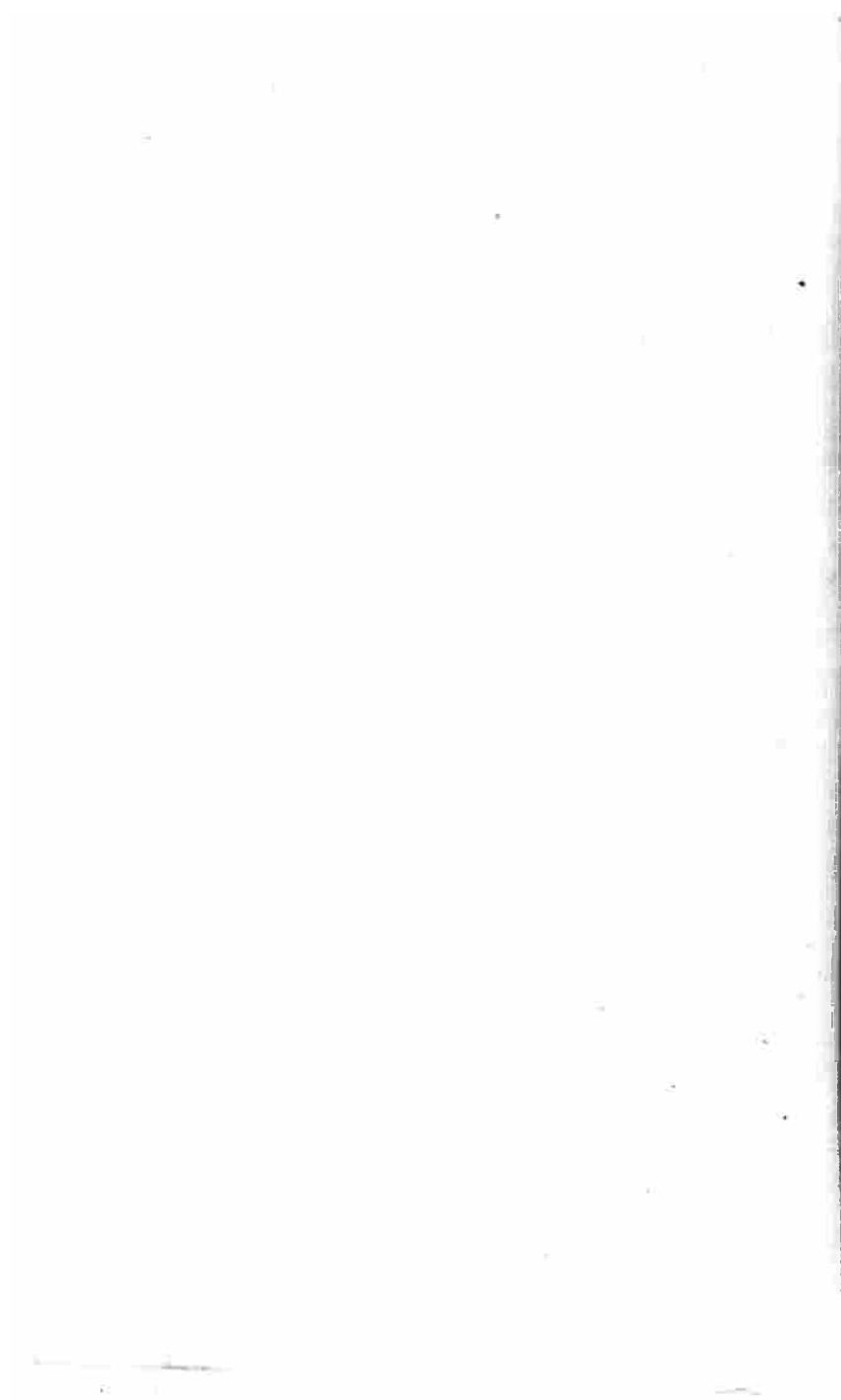
O olhar escuro perdia-se-lhe na mata, cismando...

Eu recaí no meu habitual mutismo. O meu cérebro, porém, trabalhava, meditando, talvez, no sangue timor ali vertido.

— O sangue do gentio aqui derramado deve ter fertilizado estas terras! — murmurei.

Maulaca abanou a cabeça, afirmativamente:

— Poucos combatentes escaparam a esta guerra sangrenta. Os que evitaram a pólvora e o ferro foram dizimados pela fome e pela sêde. Quando os vossos tomaram aquela fonte ali em baixo, supuseram que êles se renderiam. Mas não! Resistiram sempre, até que a morte os fêz baquear. No último assalto dos vossos soldados, já ninguém lhes apareceu a fazer frente. Depararam apenas com um vasto necrotério, onde se amontoavam cadáveres de homens, mulheres e crianças. Dos cavalos e cãis, comidos num último recurso, só se encontraram os ossos completamente descarnados.

(¹) Mamífero marsupial.
(²) — Sagrado.

XI

Descemos até junto à fonte, um pouco abaixo do planalto e depois de termos aplacado a sêde nas águas frescas e límpidas que brotavam da rocha, preguntei, de chofre, ao criado:

— Agora, que estamos sós, poderás explicar-me... Afinal qual é a razão porque Cacheu não pode ser minha *nona*?

Maulaca, sentando-se sôbre os calcanhares, respondeu-me:

— Quando os vossos aqui chegaram, há perto de quatrocentos anos, Timor estava dividida em quarenta reinos, aproximadamente. Porém, o maior e mais importante de todos era o nosso, o de Manufai! Não era o mais rico, sem dúvida, mas era o mais forte e o mais poderoso. Nas guerras freqüentes que ensangüentavam o território timor, os nossos *arraiais* [1] saíam sempre vitoriosos e, mais de uma vez, não chegaram as *catanas* para transportar, espetadas, as cabeças dos adversários! Os *malai mutin* foram ocupando alguns reinos com tratados de aliança e pela fôrça das suas armas terríveis. Maubara e Liquiçá foram os primeiros reinos a aliarem-se com os da tua raça. Foram-se assim estendendo

---

[1] A formação guerreira do reino.

pelo litoral, até que um dia pensaram a sério na conquista de todos os reinos. Aproveitaram, para isso, as dissensões que nos dividiam. Nas guerras contra os povos de Oeste firmavam aliança com os de Leste e, contra os de Leste, uniam-se aos de Oeste. Assim, eram os meus próprios irmãos que se despedaçavam nos combates a favor da soberania de Portugal...

O timor calou-se, apanhou uma pedra e atirou-a a uma rôla que passeava próximo. Esta, assustada, fugiu, num ruflar precipitado de asas.

— Um reino houve, porém, que nunca se aliou aos vossos: foi Manufai! Aceitámos sempre alianças de reis vizinhos contra Alas e contra outros inimigos timores que nos ameaçavam as balizas, mas nunca fizemos causa comum com os brancos! Em 1895 quási todo o território de Belos [1] estava sulcado de postos e comandos militares. Sòmente Manufai, como símbolo de rebeldia e independência, permanecia completamente livre!

Tirou um pequeno saco de *aquediro* [2] cheio de arroz cozido e, cortando-o com a faca, começou a comer. Depois, com a mão em concha, bebeu uns goles de água e continuou:

— Um dia os brancos concertaram-se com os outros reinos timores para nos fazerem uma guerra exterminadora. Fomos cercados por todos os lados. O canhão troava-nos de Alas, Maubice, Tútu-Luro e de Suai! Os meus, porém, souberam resistir. A *uma* do rei foi adornada com cabeças de oficiais e de sargentos europeus e as cubatas dos *datos* e *principais* ostentaram, nos topes das varas, cabeças de régulos, *datos, principais* e chefes de *suco* e de povoação que, desta maneira, pagaram a sua infame traição. O inimigo, completa-

(1) Nome que designa a parte da ilha sujeita à soberania de Portugal.
(2) Arbusto.

mente destroçado, deixou-nos canhões, espingardas e pólvora, para melhor resistirmos a futuros assaltos.

— Ficastes então vitoriosos?!... — comentei, com sarcasmo.

O timor, todo encolhido, confirmou:

— É verdade, senhor, ainda desta vez mantivemos a nossa independência.

Depois calou-se, enquanto preparava a masca, que amassava na bôca, cuspinhando em seguida a arecina desfeita na saliva. Eu, interessado no seu irreverente relato, ordenei-lhe que continuasse.

Maulaca obedeceu:

— Em 1900 fomos de novo cercados. Os nossos vizinhos já estavam todos submetidos e os reinos de tôda a ilha transformados em comandos. Concentrámos as nossas fôrças em Leo-laco. O monte foi circundado de trincheiras e de esteiras de bambu. O espêsso arvoredo facilitava a defesa. O inimigo cercou-nos por completo e começou a bombardear-nos sem descanso. Durou mais de um mês o assédio! As nossas trincheiras só à custa de muito sangue eram ocupadas e os nossos só as abandonavam juncadas de cadáveres. O inimigo, no entanto, embora palmo a palmo, ia-nos conquistando terreno. Os nossos da povoação de Fuan, após renhidos combates, tiveram que se render. Aos de Babulo sucedeu o mesmo e os da Riac, guerreiros dos mais valorosos do nosso reino, tiveram que se retirar para a Cablac, onde foram destroçados num combate feroz em que o *Liurai* [1] perdeu a vida! Em Leo-Laco, entretanto, mantinham-se os nossos com valor e tenacidade mas, o conhecimento dos referidos insucessos, espalhava o desânimo. Os brancos acabaram por ocupar a ribeira e as únicas fontes que nos abasteciam de água. O gado, sequioso, começou

---

[1] Chefe de guerra.

a morrer-nos nos currais, os nossos guerreiros adoeciam com diarreias, varíolas e outras moléstias e as munições faltavam-nos. Mesmo assim não abrandou a nossa coragem na luta! Mas a nossa situação era verdadeiramente insustentável. Sem água era impossível prosseguir na resistência. Tiveram, por isso, os meus que aceitar as condições que os vossos impuseram!

Calou-se com o rosto ensombrado de tristeza. Com sincera dor, murmurou:

— Foi nesta guerra que morreu meu pai!

Depois continuou silencioso. Deixei-o estar assim algum tempo e, em seguida, preguntei-lhe:

— Foram pesadas as condições?...

— Se foram! Os vossos exigiram a entrega das armas, o pagamento de avultados impostos de guerra e a vassalagem do nosso Rei ao Rei de Portugal! Aceitámos mas, em breve, Manufai podia considerar-se, de novo, independente. O nosso Rei governava, os *malai* haviam retirado para Díli e a nossa riqueza tinha sido reconstituída à custa dos vizinhos que, então, guerreámos.

— Independência efémera...— motejei.

— É certo, senhor! Em 1907 nova guerra lançou o alarme no nosso reino. Desta vez, porém, foi uma guerra sem tréguas nem quartel! As cabeças dos nossos rolaram com abundância, os gados foram dizimados e as nossas povoações incendiadas. Dos que não fugiram poucos escaparam...

— Pouco efeito produziu essa sanguinária lição, visto que em 1912...— comentei, irònicamente.

O timor, com desalento, rematou-me a frase:

— Em 1912 voltámos a pegar em armas, mas para sermos definitivamente vencidos! Até então quási todos os reinos ocupados se tinham revoltado isoladamente, mas essas sublevações eram fàcilmente dominadas pelos brancos. A nossa, de 1912, foi certamente a última revolta timor!

Um casal de veados aproximava-se da fonte para beber mas, ao verem-nos, fugiram, em pulos ágeis, a esconder-se nos silvedos.

— É impossível lutar-se contra o vosso domínio. Estais unidos, tendes armas, soldados, dinheiro, tudo!

— Conta-me essa guerra, Maulaca!

— Fortes razões nos impeliram para a luta, senhor. Era necessário tentar a libertação. Enquanto os outros reinos se habituavam ao jugo dos *malai*, quási sem resistência, Manufai ansiava pela liberdade. Esquecemos as rivalidades que nos dividiam, as ofensas que os vizinhos nos haviam feito, os gados roubados, as hortas destruídas e as casas incendiadas; esmagámos, até, os brados de vingança que clamavam dentro de nós contra os reinos de Leste que, anos antes, tinham firmado alianças com os brancos e com êles nos tinham feito guerra! Tudo esquecemos e a todos mandou o nosso Rei, D. Boaventura, os seus enviados a propor a união dos régulos contra os estrangeiros. Nos serros das nossas montanhas reüniram-se os delegados e estendeu-se a união a todos os timores. Faltava Oé-Kussi, reino poderoso, também dominado pelos portugueses, mas encravado em território holandês. D. Boaventura enviou, por isso, um emissário a D. João Holney. Combinou-se um encontro secreto, que se realizou nos desfiladeiros daquela montanha ali defronte, na Cablac. Dos braços de ambos os régulos foi retirado sangue para uma taça. Imolou-se um *bibl-oan* [1] ao *Maromac*, misturando-se um pouco do seu sangue com o dos chefes. Acabou-se de encher a taça com *canipa* e, em seguida, primeiro os régulos e depois os *datos* e *principais* todos beberam. Feita, assim, a aliança de sangue, retiraram-se todos para os seus reinos. D. Boaventura ficou encarregado

---

(1) Cabrito.

de iniciar a guerra quando lhe aparecesse um momento azado.

— Ainda a aliança de sangue se havia celebrado há pouco tempo, quando no nosso reino se deu um acontecimento que veio precipitar a guerra. O *malai* comandante abusou da raínha, pela violência! Foi grande a indignação. D. Boaventura convocou imediatamente todo o reino para um *estílo*(1) de guerra que se realizou em *Uma-Lulic* (2).

Maulaca interrompeu-se, pensativo:

— Eis a razão porque a filha de D. Boaventura se parece tanto com as *malai inan* (3).

— Compreendo! — comentei, sorrindo. Mesmo assim, a-pesar-da sua bastardia, agrada-me...

O timor, mal humorado e mascando sempre, retomou:

— Os *titi* (4), rufando unísonos por montes e vales, anunciaram ao reino que a guerra iria começar. Juntou-se o povo em volta da casa sagrada, dispondo-se todos por ordem de categorias e conforme os *sucos* e povoações a que pertenciam. No meio ficou D. Boaventura, rodeado por todos os *datos*, *principais*, *laganas* e outros *liurais*. D. Boaventura seria o chefe máximo! E que chefe! Êle era um homem extraordinário! Inteligente, instruído, temerário e cauteloso ao mesmo tempo. Era bondoso como o *Maromac*(5) forte como o *carau*(6) veloz como o *bibi-ruça*(7) e astucioso como o *lafaec*(8)!

---

(1) Cerimónia.
(2) Casa sagrada.
(3) Feminino de *malai*, estrangeira.
(4) Tambor de guerra
(5) Deus.
(6) Búfalo.
(7) Veado.
(8) Crocodilo.

Ficou-se uns momentos a contemplá-lo na sua memória e continuou, com orgulho:

— E eu conheci-o! Era o mais novo dos seus *laganas*, mas durante a guerra combati sempre a seu lado. A minha catana foi sempre digna da sua espada.

Disse isto com certo enternecimento na voz e o olhar fulgurou-lhe de uma maneira estranha. Fêz uma pausa prolongada, como que immerso em sonolência. Passou a mão pelo rosto, de alto a baixo, como que a limpá-lo de qualquer narcótico. Eu escutava-o em silêncio, limitando-me a fumar cigarros *alas*, uns atrás dos outros.

Maulaca prosseguiu:

— Formaram-se os *arraiais* armados de espingardas, azagaias e catanas. Na frente dos *arraiais* estavam os *liurais*, ansiosos por mostrarem a sua sabedoria e o seu valor guerreiro. A uma ordem de D. Boaventura fêz-se silêncio absoluto. Avançou o *Dato-lulic* (1) com um *aço-oan* (2) já degolado. O *Dato-lulic* começou imediatamente a abrir as entranhas da vítima sacrificada ao *Maromac*. Os mais respeitáveis e experimentados *catuas* (3) fixaram atentamente todos os gestos do sacerdote, enquanto iam pedindo, também, em suas rezas, aos espíritos dos antepassados, que lhes fôssem favoráveis. Os *arraiais*, distraídos, ora enfiavam as luzidias catanas nas baínhas feitas com pele de búfalo ou de veado, ora as brandiam no ar, ameaçadoramente. Os *datos*, mais calmos, mas não menos valentes, apertavam fortemente os punhos de prata ou doirados das suas ricas espadas. Os que tinham carabinas mantinham-se aprumados como os soldados africanos e os que conseguiram espingardas de pederneira preparavam-nas para o primeiro tiro. A gente pobre do reino apertava feroz-

(1) Sacerdote.
(2) Cachorro.
(3) Vélhos.

mente os canudos de bambu onde transportavam as flechas e zagaias, enquanto a *ema-labaric* (1) se amestrava no uso do *gugu* (2) ou arremessava os *parões* de forma a irem-se espetar nos troncos das árvores. Rufou o *titi* para anunciar que os rins do cão haviam sido extraídos e já se encontravam sôbre o *lantem* (3). Todos se voltaram, fixando ansiosa e atentamente o rosto do *Dato-lulic*. Êste tocou na fronte com o *buisole* (4) que trazia pendurado ao pescoço e agitou o leque de penas que ostentava na cabeça. Em seguida colocou as vísceras preciosas com umas pontas voltadas para Díli e com as outras para Manufai. Com a *tudic-lulic* (5) foi observando. As respirações estavam suspensas e os corações batiam apressados, desordenadamente. Só D. Boaventura, extremamente sereno, fixava o olhar carregado sôbre o *Dato-lulic*. De repente, o sacerdote ergueu-se e o *titi* rufou, impondo atenção. O *lulic*, então, gritou: «*Canec la ia!*» (6) Todos se olharam inquietos e em silêncio. O *Dato-lulic* pegou noutro *aço-oan* que lhe trouxeram e decepou-o êle mesmo com a sua própria catana! Com todos os cuidados a víscera renal foi arrancada e disposta sôbre o *Lantem*. Novo silêncio. Nervosismo e ansiedade! O *Dato lulic* soltou um grito agudo de alegria, batendo com os pés no chão, repetidamente. O *Maromac* estava do lado de Manufai! Ergueram-se clamores ensurdecentes e a ressonância dos *titi* ecoou lùgubremente pelas ravinas do reino. Abateram-se logo, a uma ordem de D. Boaventura, alguns búfalos e porcos e atearam-se fo-

---

(1) Gente nova, rapaziada.
(2) Canudo de bambu, dentro do qual se coloca um penacho feito de penas e terminando em seta de ferro. Sopra-se de um lado e a seta vai-se espetar a uma grande distância.
(3) Espécie de mesa fixa no solo e feita de bambu.
(4) Pedra milagrosa.
(5) Faca sagrada.
(6) «Não tem ferida!».

gueiras. O rei mandou distribuir *canipa*, tuaca, bétele e areca. Em volta das fogueiras os rapazes e as mulheres iniciaram as danças guerreiras e, por ordem do régulo, começou-se a cantar o *lorçá* (1). Os guerreiros assediavam o *Dato-lulic*, que os espargia com *bé-lulic* (2), para os tornar invulneráveis. A alegria atingia porporções de delírio e só os prudentes conselhos dos *catuas* conseguiam acalmar a impaciência dos *labaric*, ansiosos por entrarem na liça. A noite descia, desdobrando o seu manto negro sôbre a terra. Só os clarões das fogueiras conseguiam romper em trágicos revérberos o apertado cêrco das trevas. O *lorçá*, mercê da *canipa* e da tuaca, erguia-se incessantemente, num côro cada vez mais rouco e mais geral e as rodas de mulheres, barulhando nas *babas* (3), rodopiavam intérminas. As chamas, o movimento e a algazarra davam ao conjunto uma ambiência infernal! Ao romper da alva formaram-se os *arraiais* e, por ordem de D. Boaventura, iniciou-se a marcha para o Comando. A embriaguez quási geral e as notas agudas do *lorçá* impeliam os guerreiros para o primeiro combate. Chegados perto da tranqueira, D. Boaventura adiantou-se com o seu Estado Maior e solicitou uma audiência ao Comandante. Êste, ignorando o que se passava, franqueou-nos a entrada. Ao meio-dia os *datos* formaram uma roda em volta do monte de cabeças que tinham sido decepadas a todos os *malai* residentes em Manufai. Um *assuai* (4) pegou na do comandante pelos cabelos e pôs-se a dançar e a cantar o *lorçá*. Depois atirou-a aos pés de D. Boaventura que lhe deu um ponta-pé. Os outros fizeram o mesmo e, em breve, tôdas as cabeças

(1) Cântico guerreiro.
(2) Água benta.
(3) Tambor cónico, feito com um bocado de tronco ôco e tapado com pele de carneiro.
(4) Valentão, herói.

brancas rolavam, empurradas pelos pés dos chefes que dançavam em círculo, por entre cânticos selvagens de guerra e de triunfo! Já tarde, D. Boaventura ordenou que se dissecassem aquelas cabeças para que fôssem depois espetadas em varas em frente da sua *uma.*

....

— Não há memória de uma guerra tão cruenta como aquela! Todo êste chão foi bem regado pelo sangue timor. Chegámos a estar às portas de Maubice e de Aileu, mas os maus dias vieram, o desânimo assaltou-nos e tivemos que recuar na frente das vossas baionetas e dos vossos canhões! As rezas dos *Dato-lulic* e os cãis e cabritos imolados não conseguiam já levantar os espíritos. A nossa manifesta inferioridade obrigou-nos a debandar, até que nos tivemos que refugiar neste monte. Homens e mulheres, todos trabalhámos nas obras de defesa. Abriram-se trincheiras em volta do monte, fizeram-se taludes e fossos, parapeitos revestidos de bambu, cortámos grossos troncos que empilhámos ao comprido e nos caminhos fizemos abatises. O monte, circundado de fortificações, parecia inexpugnável. Os rapazes abriam covas de lôbo e as mulheres faziam currais para os gados e, até, traveses e muralhas de terra. Os brancos instalaram-se ali defronte, na Raimera. Dêsse lado a Riac era inacessível e, por isso, o ataque foi-nos feito por meio de artilharia. As cargas de infantaria sucumbiam tôdas na base dêstes altos rochedos. Começámos, então, a ser ladeados, estabelecendo-se e apertando-se o cêrco. Do lado de Ciarema a defesa era difícil, pois que apenas contávamos com o nosso esfôrço e com as fortificações que tínhamos levantado. Para maior perigo, ficava dêsse lado a única fonte que nos abastecia de água. Nos primeiros três meses de cêrco nada fazia prever a nossa rendição. Tínhamos carne e água com abundância. Mas, devoraram-se os últimos búfalos e cãis e

começámos a abater os cavalos. Entretanto, os vossos, embora lentamente, conquistavam terreno. Passados oito meses ainda dominávamos nas alturas. Foi então que se travaram os combates mais renhidos. Entrincheirados nas árvores, os assaltantes fizeram-nos fogo cerrado e mortífero. As nossas fortificações sucumbiam e, não obstante a nossa defesa encarniçada, estávamos em riscos de ficar sem a fonte. Seria o fim... Esgotaram-se-nos as munições de espingarda e as azagaias. Apenas nos restavam catanas! Era insustentável a nossa posição e tivemos que recuar até à inacessível planura, abandonando a fonte ao inimigo. Então, já nos alimentávamos da carne dos nossos que morriam nos combates. A varíola ceifava-nos a eito e o paludismo prostrava-nos a todos! Num golpe de surprêsa, D. Boaventura e o seu Estado Maior conseguiram romper o cêrco, indo refugiar-se nos montes de Rotuto. Acompanhei-o, recebendo então alguns dos ferimentos que as minhas cicatrizes atestam. Os que ficaram nunca se renderam e, quando mais tarde os vossos entraram no tôpo do monte, só encontraram cadáveres de homens, mulheres e crianças e os ossos secos dos nossos entrezilhados rebanhos!

— E que sucedeu depois a D. Boaventura? — preguntei eu?

— Acabou por ser preso, indo morrer passado pouco tempo no destêrro de Ataúro.

O timor calou-se a descansar. Daí a momentos concluiu:

— Aqui tens, senhor, a razão porque Cacheu não pode ser a *nona* dum branco.

Pouco depois, com o olhar assustado fito num ponto invisível:

— Nós, timorinos, sobretudo os que fizemos essa guerra, corremos perigo em entrar na casa dela. É gente *dato* (1), é certo, mas... fora da lei pelo parentesco que

(1) Nobre.

as unia ao chefe rebelde. A-pesar disso, são estimadas por todos nós que sempre que podemos e às escondidas, lhes manifestamos a nossa dedicação. São *ema lulic*(1)!

—E vivem, assim, tão pobremente?—interrompi.

—Não têm nada, senhor! É o reino de Betano que lhes envia tudo que precisam: porcos, arroz, milho, areca e dinheiro.

Pouco depois montávamos e partíamos. O *cochim* de Maulaca era pequenino e tinha, presos e suspensos à maneira de estribos, uns cordéis com rodelas de madeira nas extremidades. Maulaca enfiava os dedos nos loros, apoiando-os em seguida nas rodelas. Prendia na cintura uma *lipa* de riscas azues-escuras e brancas. O resto do corpo, nu, ostentava várias cicatrizes e tatuagens.

—Afinal, ainda tiveste sorte em escapar! Como o conseguiste?

—Fugi! Após a guerra, os reinos que se tinham aliado aos teus devastaram tudo. Fiquei sem os bens e sem mulher... A minha cabeça foi posta a prémio pelas autoridades militares.

Calou-se, uns instantes, a rememorar:

— Escondi-me, com outros fugitivos, na Cablac e por lá andámos esguaridos pelos barrocos e chaparrais dos desfiladeiros. Quando não conseguíamos acertar com as flechas, ou azagaias nos *bibi ruça, fal fuic*(2), javalis e outra caça, gemíamos de fome! Passados dois anos sobrevivíamos quatro! Era impossível permanecer mais tempo ali. Descemos, por isso, a Same e entregámo-nos aos *moradores*(3). Sofremos a golilha e arrastámos durante cinco anos grossas correntes, presas nos tornozelos. Por fim, fomos perdoados...

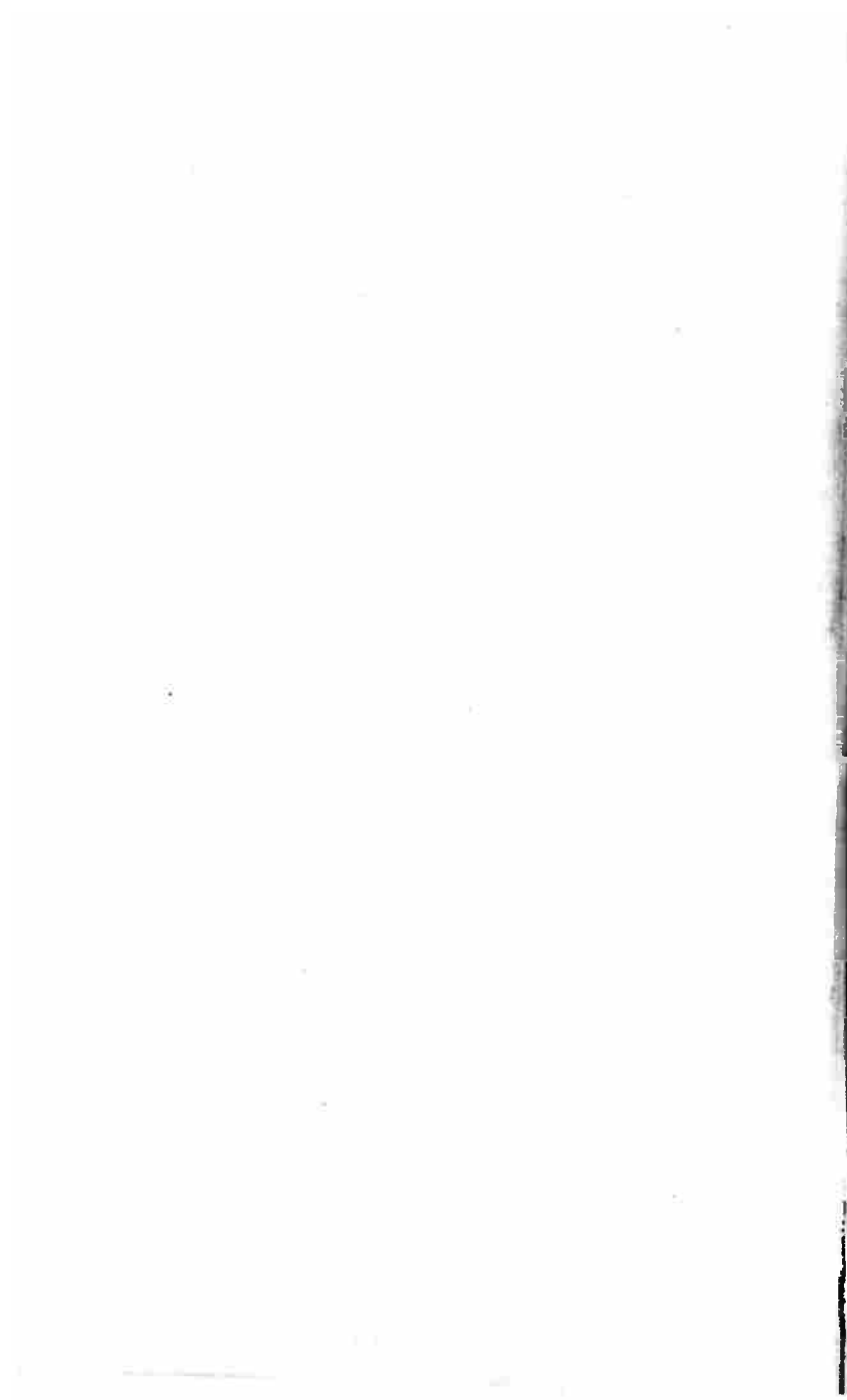
---

(1) Gente sagrada.
(2) Porco bravo.
(3) Auxiliares que prestam serviços militares nos comandos.

Seguimos uns momentos sem pronunciar palavra. Depois, êle concluiu:

— Depois, senhor... a minha *uma* tinha sido incendiada, a minha *to'os*[1] destruída, os meus gados roubados e minha mulher, meus pais e irmãos tinham sido assassinados. Só me restava vir servir os *malai*...

Seguimos muito tempo calados por carreiro esconso no capim. Uma manada de búfalos chafurdava num chavascal. Alguns, isolados, pastavam. Um dêles tinha no dorso uma ferida larga e funda e, sôbre ela, um corvo esfaimado depenicava sossegadamente. Um bando de periquitos, tendo-se apoderado de uma jaqueira, furava-lhe os frutos às bicadas. Numa encruzilhada, o timor indicou uma vereda íngreme que atalhava para a planura. Metemos por ali, chegando em seguida à base da Riac, donde avançámos até à estrada em passo tardígrado, mas depois enxotámos as cavalgaduras que desfecharam para casa em ruidoso tropel.

(1) Horta.

XII

Buicire foi a minha primeira *nona*. O meu *celibato* prolongou-se bastante, enquanto procurei, em vão, pelas festas, pelos bazares e pelas aldeias. Por fim, entreguei-me ao acaso e fiz uma encomenda. Chamei Maulaca e declarei-lhe:

— Bem, Maulaca, estou pronto a dar as dez patacas. Mas tens que descobrir-me uma *nona* nova, fresquinha, com os lábios pouco grossos e que não masque, ouviste?

Maulaca recebeu as dez patacas e garantiu-me que no dia seguinte eu possuiria uma timor nas condições desejadas.

Mas passaram-se vários dias e Maulaca não deixava de me falar, invariàvelmente, «no dia seguinte...» Contei o estranho caso a Alexandre. Êste soltou uma gargalhada e, sempre a rir, preguntou-me:

— Mas que desculpa lhe tem êle apresentado?

— Ora, diz sempre a mesma coisa. Que é preciso convencer o pai da Dulcinea, um vélho caturra que se mostra um pouco renitente... Para lá tem ido tôdas as noites a catequizar o vélho, enquanto eu vou esperando, baldadamente...

Alexandre exclamou:

— Não acredite em tal história. O que êle lá vai fazer está bem à vista!... Se o meu amigo não se impuser, nunca mais o Maulaca lhe traz a *nona*...

Chamei o criado de parte e, com indignação, lancei-lhe em rosto as minhas bem fundamentadas desconfianças.

— Hoje irei contigo buscar a *nona*. Custe o que custar, ou vem a *nona*, ou vêm as dez patacas!

Maulaca protestou a sua inocência e boa-fé e pediu-me que o deixasse partir sòzinho, de contrário lhe inutilizaria o seu trabalho de tantos dias...

Finalmente, meio convencido, sempre o deixei partir, mas só depois dêle me ter jurado solenemente pelo *Maromac* que ou a *nona* ou o dinheiro viriam naquela noite.

E, realmente, já perto da meia-noite, Maulaca surgiu-me da selva em trevas na companhia de Buicire.

Esta era uma rapariguinha de doze a treze anos, miüdinha e selvagem.

Nessa noite, deitou-se e dormiu a sono sôlto até de manhã, sempre de costas voltadas para mim. Esta sua atitude em nada me inquietou, porque, tendo visitado o tenente Costa, êste obsequiara-me com uma dose exagerada de licores, cervejas, «pôrto» e outros vinhos, de modo que cheguei a casa quási ao mesmo tempo que Maulaca e a *nona* e num estado verdadeiramente deplorável... Por isso também eu passei aquela noite de núpcias sob o domínio de um sono directo e pesado...

Já dia claro, despertámos. Buicire, muito pequenina e encolhida, mal se percebia sob os cobertores. Da sua cabeça evolava-se um forte aroma de óleo de côco que, durante a noite, se tinha já empregnado pelo quarto todo.

Eu próprio lhe dei um banho magistral e completo. Depois, cortei-lhe os longos cabelos e preparei-lhe um penteado à «ninon» que a valorizou, tanto aos meus olhos como aos do mercado, em mais de cem por cento.

Buicire submeteu-se humildemente a todos os meus caprichos e nem sequer esboçou qualquer resistência.

Submeteu-se e — pareceu-me até — que aprovou a minha obra.

A-pesar-de criança, Buicire tinha um corpo venusto e escultórico. Todavia ainda não era mulher e isto percebia-se pela antipatia que nutria pelo leito, excepto para dormir. E dormia magnìficamente a pequena Buicire, absolutamente alheada da minha presença e como se nos separassem alguns milhares de milhas. Eu era homem e Buicire ainda não era mulher, como disse. Ora êste facto influiu de tal modo nas nossas relações que deixei de ver em Buicire uma *nona*, para a considerar, antes, quási uma filha adoptiva. Mas, para que queria eu uma filha? Tão crescida, tão estúpida e ignorante? Francamente, a minha situação afigurava-se-me de-veras embaraçosa.

Porém, com a rudimentar educação que lhe ministrei, Buicire tornou-se-me útil. Fazia a cama, lavava e passava a ferro a roupa e tratava da alimentação do *laco*. De resto, Buicire deixou de cheirar a óleo de côco, tomou gôsto pelo banho diário, imitando com requintado prazer tôda a higiene que me via praticar.

Para completar a sua modernização, comprei-lhe roupas bonitas e outras coisas que lhe encheram os olhos de contentamento. Por outro lado, talvez como distracção, fui-lhe limpando os dentes, a um e um, da capa vermelha ou negra com que o uso da masca, agora interdito, os tinha coberto. Enfim, graças aos meus pacientes cuidados, Buicire parecia outra, quási bela, e no bazar vi, muitas vezes, timores e europeus a olharem-na com admiração e até, talvez, com cobiça!

Julgo que Buicire me estimava, sobretudo pela afabilidade com que a tratava e pela generosidade das minhas ofertas. De resto, ela compreendia, com evidente gratidão, que a mim devia a milagrosa metamorfose que a transformara numa mulherzinha galante, coberta de luxos e encantadora. Mas o que influïria mais sèriamente a meu favor na alma simples de Buicire, devia ser, sem dúvida, o facto de eu nunca a ter força-

do a desempenhar o principal papel de uma *nona*.

Buicire passou mesmo a procurar-me, durante o dia, para conversar comigo e para que eu lhe ensinasse português. Só de noite manteve, constante e inalterável, a sua atitude, dormindo ou fingindo dormir ininterruptamente e sempre de costas voltadas para mim, não fôsse eu alterar a minha conduta tolerante e a obrigasse a ser mulher à fôrça, mais do que era costume.

Buicire — via-se bem — era verdadeiramente feliz. Eu, porém, de-pressa me saturei com aquela situação e, assim, decidi descartar-me dela, custasse o que custasse. Era-me doloroso mandar embora a pobre rapariga, tão ciosa e contente do pequeno paraíso que eu lhe criara!

Além disso, eu nem sequer dispunha dum pretexto ou da coragem suficiente para a mandar embora. Buicire tinha a preocupação de não me contrariar e fazia tudo quanto lhe parecia que me era agradável. Como expulsar uma criatura que procedia para comigo desta maneira?

Mas o almejado pretexto surgiu, finalmente.

Além de Buicire havia dois animais que eu estimava sinceramente: o cavalo e o *laco*. Durante muito tempo foi perfeita a harmonia entre estes três sêres. De noite, ficávamos todos próximos: « Átila » dormia preso a uma árvore, perto do meu quarto e o *laco* estava instalado no fôrro do teto, entrando e saindo por um buraco aberto num bocado de madeira podre e subindo e descendo por uma longa vara que eu tinha disposto a-prumo. Buicire, com se sabe, dormia na minha cama.

As noites timores são longas e inquietantes e, por isso, a insónia torna-se normal e avassaladora. O indígena dormirá até à eternidade, se o não despertarem, mas o branco perscrutará, no silêncio e no negrume, o mistério das coisas e dos pensamentos. É na noite que se desenvolvem os mais belos ideais e é, também, na noite que se resolvem as coisas mais fantásticas e generosas. É que os olhos do espírito vêem mais que os do

rosto e vêem melhor quando estes nada podem e estão fechados. «Átila» e eu sofríamos de insónias e, assim, durante a noite, ouvia-o uma infinidade de vezes mudar de posição, levantar-se, comer, escravar o solo com as patas e relinchar.

Na natureza como nas grandes cidades, há sêres que dormem de noite e outros de dia. O meu *laco* dormia todo o dia e, de noite, comia e brincava. E nisto se resumia a sua vida. Mal eu me deitava, sua excelência, ainda com os olhos estremunhados, espreitava lá de cima, pela janela da sua estranha moradia. E bastava que eu imitasse a sua chiada, para que êle acorresse logo, num miar aflito e contínuo, deslizando ràpidamente ao longo da vara e correndo depois para mim, a fazer-me festas, a mordiscar-me as orelhas e a amassar-me o cabelo com as patitas pequenas, por entre miados ternos e piegas. E assim passava a noite, brincando, saltando para a janela, para a cama, para o chão, eu sei lá!

À Buicire, porém, que gostava de dormir profundamente, não agradava esta irrequieta actividade nocturna do *laco*. Sobretudo, irritava-a a mania que o felino tinha de a acordar constantemente, pondo-se a amassar-lhe e a puxar-lhe os cabelos.

Foi assim que uma noite, Buicire, supondo-me a dormir, pegou no bicharoco e atirou-o com fôrça contra a parede. O animal gemeu e esgueirou-se, espavorido, pela vara acima, indo refugiar-se nos seus aposentos, enquanto a minha *nona*, calmamente, se dispôs a continuar o sono interrompido. Eu, porém, estava desperto e não pude conter a minha indignação. Soergui-me e apliquei-lhe duas valentes bofetadas, dizendo-lhe:

— Então isso faz-se? Sua estúpida...

Buicire, todavia, nem se mexeu, fingindo dormir e dando a impressão de nada ter feito e de não ter sentido o castigo que eu lhe infligi.

Depois dêste acontecimento, passei a embirrar com

ela e resolvi logo mandá-la aos pais quanto antes.

Um dia chamei-a ao quarto e disse-lhe que um motivo urgente me obrigava a ir a Díli, imediatamente. Por essa razão ela iria para casa dos pais durante a minha ausência e logo que regressasse mandá-la-ia chamar, novamente, por Maulaca...

Buicire ouviu-me sem me olhar e correu a fechar-se no quarto. Depois estirou-se em cima da cama, de bruços, e chorou copiosamente. Passou assim o resto do dia e, em tôda a noite, soluçou duma maneira aflitiva e confrangedora.

Várias vezes estive tentado a revogar a minha determinação e pensei mesmo em dizer-lhe que já não iria a Díli e que não a mandaria embora. A minha sensibilidade experimentou uma difícil prova e pensei sèriamente que o meu procedimento era indigno e censurável. Sempre tive a opinião de que não se deve dar um bom bife a um cão faminto e, no entanto, eu tinha feito com que Buicire esquecesse quási por completo o milho cozido e insosso, a cama de esteiras e bambus abertos e a eterna *lipa*, negra e áspera! A minha decisão equivalia, afinal, a uma condenação severa, própria de um tirano ou de um bárbaro. Poderia Buicire encontrar agora o mesmo sabor no milho, depois de se ter habituado a comer à minha mesa refeições variadas, com môlhos que ela considerava maravilhosos?

Para me justificar e poder persistir na minha atitude pensei muitas vezes que não faltariam brancos que a quisessem agora, com o seu penteado à «ninon», com os seus níveos dentes e com os belos e valiosos adereços que eu lhe ofertara! E, assim pensando, passava em revista, mentalmente, todos aquêles que a poderiam desejar e a disputariam logo que eu a abandonasse. Acorreram-me ao espírito os olhares de alguns camaradas, que eu algumas vezes surpreendera, fitando-a libidinosamente uns, com sincera admiração outros. Lembraram-me certas

apreciações de vários amigos que muitas vezes me tinham comunicado as suas opiniões laudatórias sôbre os encantos e a figura esbelta de Buicire.

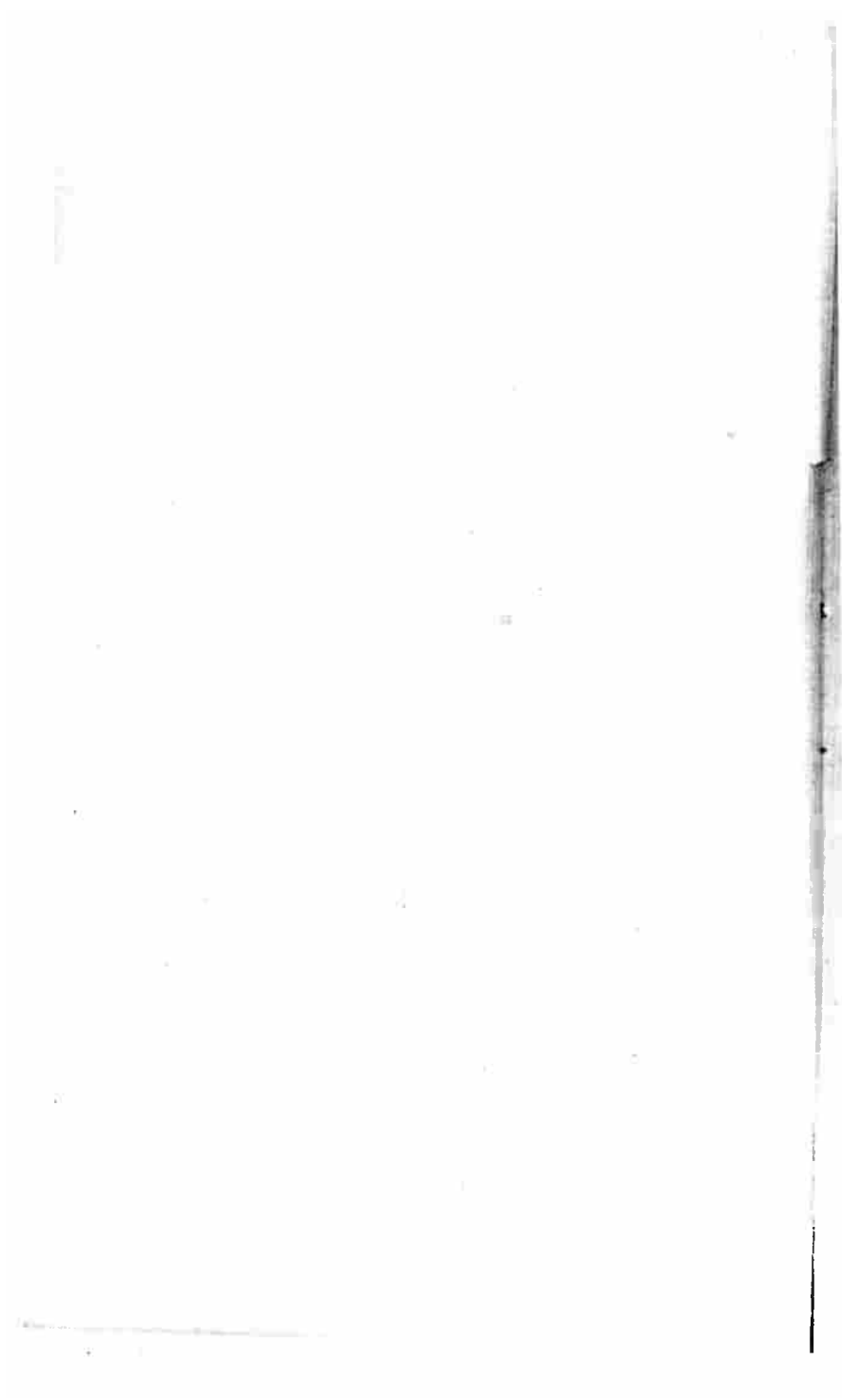
Depois, procurava descobrir qual dos camaradas me sucederia na posse da minha *nona* e, após determinar aquêle que reüniria mais probabilidades, sentia-me invadir, umas vezes por uma espécie de ciúme, outras por profunda mágoa, julgando que o meu sucessor não trataria com tanto carinho, confôrto e brandura a pobre Buicire.

Mas também sentia um mixto de desprêzo e de cólera ao pensar que ela teria coragem para se entregar a outro, sem qualquer repugnância, depois de ter compartilhado comigo o meu leito!

Todos estes pensamentos, contraditórios e até absurdos, me mantiveram na indecisão e fizeram com que não lhe desse contra-ordem.

No dia seguinte, Buicire preparou a sua pequena bagagem, que entrouxou dentro duma lipa vélha. Antes de partir, porém, obriguei-a a mostrar-me tôdas as suas coisas e, então, verifiquei que ela me tinha surripiado pequenos objectos que me faziam falta e que eu lhe não tinha dado. Mesmo assim consenti que ela me levasse algumas toalhas de rosto, alguns lenços e um cobertor. De tudo quanto a obriguei a repor na minha mala, aquilo de que mais lhe custou a separar-se foi, sem dúvida, do meu pequeno espelho de cabo de madeira e da minúscula tesoira de unhas...

No dia da separação, a pequena Buicire chorava ainda mais convulsivamente do que na véspera e durante a noite e foi sempre banhada em lágrimas que tratou da sua bagagem e procurou apoderar-se dos meus parcos haveres...

Depois, com a trouxita debaixo do braço, sem se despedir de mim, sem me lançar um derradeiro olhar, sequer, partiu, com a sua cabeça gentil sem tranças, à «ninon», pendida e agitada por fortes e sentidos soluços.

XIII

Passaram-se várias semanas, depois da partida de Buicire. A princípio, confesso, tive saüdades da sua cândida alegria e das suas preguntas inocentes. Mas o tempo, êsse voracíssimo aniquilador das recordações, em breve transformou a saüdosa pequena numa lembrança longínqua e quási sem forma. De resto, outro a adquiriu, não por dez patacas, mas talvez por vinte ou trinta e eu não tinha mais o direito de pensar ou recordar, sequer, a graciosa *nona* de um respeitável camarada...

Mas a castidade não era, então, virtude muito de apreciar em mim e eu abandonei-me um pouco a ligações mais do que passageiras, sem que se avolumasse no meu espírito o desejo de reconstituir o lar desfeito. Julgo mesmo que nos bazares e nas festas passei a olhar as raparigas com intenções meramente transitórias e sem qualquer interêsse especial... Convenci-me até de que o homem, no que se refere a mulheres, é essencialmente instável, amando por igual a aventurosa liberdade de uma vida singular e os doces encantos e mistérios de um ambiente conjugal. Facilitando o prolongamento desta solidão, sucedia ainda que eu não encontrava em parte alguma uma jovem fora do comum, capaz de me perturbar, ou entusiasmar... Confinavam-se as minhas amizades e as minhas distracções às companhias insubstituíveis de Átila e do *laco*. Sem falar no Martins, em Alexandre e nos

outros exçelentes camaradas que habitavam a Raimera...

Os dias decorriam calmos e lentos, sem incidentes nem outros factos, além dos que se repetiam sempre, por necessidade apenas, mas cada vez com mais moleza e aborrecimento. Os camaradas desapareciam quási por completo sob um manto de suave preguiça e totalmente enleados na teia duns fantásticos e discutíveis afazeres domésticos. Assim, já raramente se davam aquelas pequenas reüniões à noite, apenas até às nove, invariàvelmente degeneradas nos habituais jogos de cartas! Jantávamos e adormecíamos, eis no que se transformaram as nossas belas tardes...

Um acontecimento, de-veras doloroso, veio-me desentorpecer, por alguns dias, do irritante sonambulismo em que a ociosidade e a selva me tinham mergulhado. Depois de Buicire, outro amigo — e êste mais querido — havia de partir! E em que terríveis circunstâncias!...

O *laco* foi o amigo amado e inesquecível que uma morte estranha e estúpida arrebatou do meu convívio.

Eu tinha partido com Alexandre, Martins e outro para um passeio a Tutu-Luro, onde nos mantivemos cêrca de uma semana. Todavia, antes de partirmos, recomendei repetidas vezes à *nona* de Alexandre que cuidasse convenientemente da alimentação do *laco*, durante a minha ausência. De resto, bastaria pôr-lhe alguns alimentos na sua pequena marmita e colocar-lhe ainda, junto a esta, uma ou duas bananas. Feito isto, uma vez ao dia, era o suficiente.

Infelizmente, porém, de-pressa a *nona* esqueceu tôdas as minhas recomendações e, em breve e pela primeira vez, teve o pequeno animal que sair dos seus hábitos sedentários em demanda dos indispensáveis alimentos. E sucedeu, ainda por fatalidade, que o primeiro e mais fácil depósito de víveres que lhe surgiu foi a populosa e gorda capoeira de Alexandre...

Todos os dias passaram a aparecer galináceos mortos

em circunstâncias misteriosas. Em cada cadáver apenas se encontrava um pequeno e imperceptível ferimento no pescoço. A princípio, tôdas as suspeitas recaíram sôbre qualquer cobra ou serpente que sub-reptìciamente se introduzisse na capoeira para sugar o sangue das galinhas. Isto sucedia até com freqüência e em tôda a parte.

Mas, certa noite, um auxiliar mais vigilante surpreendeu um bicharoco parecido com um gato, um *laco*, por certo, esgueirar-se ràpidamente da capoeira, trepar por uma árvore e saltar e desaparecer no telhado da nossa casa! O alarme espalhou-se e o escândalo rebentou! Não podia já haver dúvidas sôbre a identidade do misterioso «vampiro».

Perante a acusação mantive-me sereno e tentei negar, empregando, para isso, argumentos que até a mim próprio me pareceram absurdos.

Depois... aceitei e enfrentei a verdade completa. Adoptei mesmo uma atitude arrogante, declarando que, como dono do *laco*, pagaria de boa vontade todos os prejuízos que êle causasse. Mas estava longe de ser uma solução; nem Alexandre consentiria que eu lhe pagasse as aves mortas, nem, por outro lado, estaria disposto a permitir que o meu *laco* lhe exterminasse tôda a criação.

Por sua vez, o bichano, desde que provara sangue, tinha-se transformado completamente. Outrora brincava com as galinhas com inocência e sem intenções vampirescas. Mas, agora, bastava aproximá-lo duma franga para que êle imediatamente se transtornasse por completo, ficando com o olhar desvairado e fazendo esforços extraordinários para saltar sôbre a sua vítima. Via-se que a tentação era superior às suas fôrças e que êle perdia todo o contrôle de si mesmo.

Alexandre aconselhou-me a prendê-lo. Mas eu, a prendê-lo, preferia, sem dúvida, matá-lo. É que o *laco*, neste ponto, é diferente dos outros animais, é até supe-

rior ao homem: morre, mas não aceita os grilhões!

Passaram-se mais alguns dias e registaram-se outras tantas mortes. A amizade que me unia a Alexandre estava em perigo e exigia uma resolução enérgica. Por isso, acabei por chamar um camarada que morava distante e me cobiçava o bicho e dei-lho. Mas o animal, levado de dia dentro de um saco, voltou de noite, refugiando-se ao pé de mim.

Esta sua obstinação complicou ainda mais o incidente. Eu sabia perfeitamente que o desejo de Alexandre seria resolver o assunto mediante uma medida radical e definitiva. Um dia, desesperado, consenti-lhes que o matassem; mas o felino, pressentindo talvez o perigo, fugia-lhes e êles não conseguiriam certamente prendê-lo. Então, possìvelmente enraivecido, tomei uma deliberação de sacrifício. Chamei-o eu próprio, empregando, para isso, aquela espécie de terno chamamento que só eu e êle usávamos. Primeiro espreitou lá de cima, pelo buraquinho aberto na madeira podre do teto, fitou-me fixamente e, reconhecendo-me, deslizou afoitamente pela vara, fêz-me festas no rosto, lambeu-me e, como que adivinhando a traição que eu lhe preparara, caminhou serenamente pelo meu braço estendido e meteu-se-me na mão. Entreguei-o ràpidamente a Maulaca, dizendo-lhe:

—Toma! Mata-o e come-o!

Em seguida, a correr, quási, fui refugiar-me no meu quarto...

....

Mas os dias tornaram-se ainda mais monótonos. Já nem sequer me interessava ir aos bazares de Same. Que iria eu lá fazer? Ainda ia longe e já reconhecia as feirantes, sempre as mesmas. Era sempre o mesmo colorido, as mesmas coisas para vender e trocar, os mesmos camaradas e as mesmas libações alcoólicas nos «chinas», antes do regresso. Desejos de substituir Buicire não me faltavam, mas... com quem? Conhecia já, de

vista, tôdas as raparigas e as poucas que me agradavam tinham os seus lares. Não seria, talvez, impossível *comprá-las* ou forçá las, mas estes meios sempre me repugnaram e eu não faria uso dêles. Nem todos os camaradas pensavam assim, é certo, mas as acções — diz o povo — ficam com quem as pratica.

Quantos obrigavam os nativos a vender-lhes os produtos por um preço arbitrário e imposto e quantos *compraram* cavalos ou *tiveram nonas*, usando de violências e extorsões ?!...

Mas, quero ser justo afirmando que a maioria reprovava tais métodos e que nem um único civil se serviu dêles, que eu saiba.

Um outro costume — êste mais condenável — que se generalizou entre os camaradas, foi o de espancar os *auxiliares* a propósito de tudo e de nada. Eu nunca bati num criado! Poderão muitos companheiros dizer a mesma coisa?

Amo a democracia, sobretudo pelo respeito que ela mantém pela personalidade humana. Democracia e liberdade são princípios tão necessários ao homem como o sangue, ou o ar que se respira e, por isso, entendo que o respeito pelos nossos semelhantes deve estar na base da verdadeira civilização. Devemos considerar os outros, não tanto por êles, mas sobretudo por nós, pela integridade do nosso pensamento. Que importa que muitos não se considerem suficientemente e deixem até de se manter naquele nível de dignidade humana absolutamente indispensável? Devemos dirigir-nos aos outros como se tratássemos connosco próprios.

Vivemos numa época regressiva, em que a opinião dum só é, quási sempre, a opinião de todos, em que os pensamentos se nivelam e uniformizam duma maneira horrível e chocante. Dir-se-ia que o homem, na sua acepção bela, independente e superior, se submerge, para dar lugar a um ser inferior e hediondo. Mas nós, os ca-

maradas que fomos a Timor, não devíamos deixar-nos cair na degradação de imitar alguns costumes duma civilização retrógrada e condenada. Eis porque nunca bati num *auxiliar!* Eis porque censuro aquêles que o fizeram!

....

Certo domingo decidi não ir ao bazar. Partiram todos, contentes, galopando pela estrada fora — os camaradas, as *nonas*, os criados e os *auxiliares* — e eu fiquei só, na planura daquela Raimera eternamente primaveril.

A Raimera é sempre maravilhosa e vale mais do que todos os bazares de Timor, com suas indígenas *coquettes*, seus chinas e *cognacs*... Lá, nem o estio queima, nem o inverno se evidencia. Sob o Sol jocundo, ou sob a chuva, tem-se sempre uma sensação de primavera! Os ares estão permanentemente impregnados de aromas de campos floridos e a vida não pára de germinar, de multiplicar-se fantàsticamente. Folhinhas novas, tenras, infantis, rebentam sempre e cobrem os troncos e os ramos duma tonalidade alegre e verde-clara. Fôlhas sêcas e amarelas, perfeitamente mortas, submergem-se ràpidamente nos matagais habitados por avezinhas chilreadoras e recém-nadas. E as folhagens, numa cumplicidade manifesta, escondem-nas avàramente, sublimando, assim, a inocência suprema da natureza viva!...

A natureza, ali, é um parto belo e fecundo e permanente! Semente caída hoje, algures, por acaso, será já amanhã uma viçosa planta, como se o milagre e o maravilhoso surgissem êles próprios da terra! As flores, com as suas pétalas alacres e mimosas, surgem momentâneamente e como por encanto, de mágicos botões, ainda não há muito fechados.

Cantores alados, mestres por certo dos rouxinois do ocidente, executam, com suprema virtuosidade, peças musicais de inexcedível subtileza e harmonia. As gotas de orvalho acamadas nas pétalas e nas fôlhas, em miríades, dir-se-iam o céu numa noite estrelada e rebrilham

diamantinamente, como se o próprio Sol se pulverizasse e derramasse pela planura fascinante! Os sândalos, as caneleiras e os ananases soltam, pròdigamente, as suas essências perturbadoras e há aromas bravios e diáfanos perfumando a selva, tornando-a ainda mais selva, mais misteriosa e atraente! Aqui ao-pé, haverá um laranjal em flor, mas logo ao lado inclinar-se-ão, nos ramos, laranjas maduras e sumarentas, prontas a deliciar os viandantes que chegarem correndo de Same, esbodegados e sequiosos!

Não, naquela manhã eu não iria ao bazar! Levantei-me e, enquanto todos partiam, tomei sossegadamente uma gemada de ovo vegetal, que Maulaca me tinha preparado.

Depois mandei levar Átila para um lugar onde havia mais erva e fui fazer-lhe companhia. Enquanto o cavalo surrava, pacientemente, a verdura abundante, distanciei-me a pouco e pouco, admirando a beleza do mato inextricável e complexo. A certa altura sentei-me num pedregulho, à beira do planalto e deixei-me ficar embevecido, na contemplação das paisagens distantes que dali se avistavam. A voz de um *auxiliar* veio interromper-me, um pouco bruscamente, para me comunicar que Átila partira a corda e fugira para a floresta de *madres del cacau,* onde andava de brincandeira com outros da sua espécie.

Segui imediatamente para lá, enquanto o *auxiliar* foi chamar os poucos timores que tinham ficado na Raimera. Depois, todos munidos das indispensáveis cordas, preparámos um cêrco ao grupo de indisciplinados e foragidos cavalos. O exemplo rebelde de Átila tinha frutificado e todos os seus irmãos de raça tinham igualmente rebentado as cordas que os prendiam. A erva rociada de-pressa me encharcou os sapatos de lona e os pés, as calças e as pernas... O nosso cêrco, porém, não surtiu o efeito desejado. Átila foi bastante esperto para nos evitar, raspando-se a galope na companhia dos seus cinco compa-

nheiros. Não longe, dois que ainda estavam presos, corriam para conseguirem esticar e partir as cordas. Uma delas, num empuxão maior, rebentou e o cavalo contente foi juntar-se aos outros em fuga. As suas brincadeiras consistiam em mimosearem-se, mutuamente, com abundantes parelhas de coices e com dentadas. Logo que os *cudatas* se aproximavam, êles estacavam, como que compreendendo o perigo da situação, tanto mais que o planalto ali era estreito e comprido. Sempre espinoteando e mordendo-se, correram para uma das extremidades e romperam novamente o cêrco, afastando-se a galope. Já vários laços tinham sido lançados sem qualquer resultado positivo. Os indígenas, manifestamente aborrecidos com aquela maçada, atribuíam a Átila, asperamente, as culpas do sucedido.

Eu não lhes ligava importância. Intimamente, até apreciava aquelas diabruras do meu «Vèlhinho», como eu lhe chamava ternamente. Por isso, mal podia disfarçar a minha satisfação quando, prestes todos os cavalos a serem laçados, Átila executava, com esperteza e mestria, um estratagema que o salvava, a êle e a todos, da difícil conjuntura.

Átila era, então e mais uma vez, alvo dum chuveiro de pragas e maldições. Por vezes, punha-se na frente dos seus perseguidores, especado, de cabeça baixa e com os olhitos semi-cerrados de poldro irrequieto mas inocente. Todavia, quando tinha uma orelha quási filada, deslizava suavemente, passando por êles como uma seta.

Só depois de ver os timores bem estafados me resolvi a intervir e a prender o meu incorrigível traquina. Tirei da algibeira um bocado de pão e mostrei-lho, a distância. Átila, extraordinàriamente guloso, começou logo a lamber-se. Depois, pressentindo que, tal como os peixes, iria ser preso pela bôca, escatrapusou, recuando vagarosamente. Estendi-lhe novamente a bucha, dizendo-lhe com naturalidade:

— Então não queres, meu tolo? Olha que é dado de boa vontade...

Átila, como criança que ainda era, deixava-se enganar fàcilmente. Por isso, devagarinho, como quem pisa um terreno escorregadio, foi-se aproximando, num passo que parecia de dança, poisando as patas cautelosamente... Depois esticou o pescoço e abriu a bôca, mas, ao trincar o pão, lacei-o traiçoeiramente.

Os outros, sem a buliçosa companhia de Átila, foram apanhados sem dificuldade logo de seguida.

Por volta do meio-dia cheguei a casa e estendi-me numa cadeira de «malandro», aberta no terraço. O Sol dardejava a-prumo os seus raios causticantes e entorpecentes. Não tardaria que começassem a surgir nas curvas do caminho os primeiros habitantes da Raimera, regressados do bazar. Entretanto almocei sòzinho, pois Alexandre costumava almoçar nos chinas, aos domingos.

Por essa época vivíamos apenas uns seis camaradas no planalto da Raimera. Eu e Alexandre na melhor casa — pomposamente chamada o «Palácio da Granja». Não longe, nas águas furtadas dos Armazéns, viviam António Gonçalves e Pedro Silva. Um pouco mais além, em casas térreas de *palapa*, habitavam o tenente Costa e, perto, um outro camarada.

Alguns criados, entre êles Maulaca, já tinham chegado havia bem meia-hora, para «aldrabarem» à pressa os almoços, antes que os *malai* chegassem.

Dos brancos, o primeiro a aparecer foi António Gonçalves. Era um camarada rude e ignorante, que na metrópole se dedicava a trabalhos agrícolas e em quem jamais descobri qualquer pensamento ou preocupação moral. O acaso de uma revolução atirara com êle para ali, com o rótulo de «político», palavra cuja significação êle desconhecia em absoluto.

Em vez de se dirigir para o armazém, onde residia,

encaminhou-se, antes, para o lugar onde eu estava. Com o seu habitual vozeirão brusco, interpelou-me:

— Então você não quis ir hoje ao bazar, anh?

— É verdade, meu amigo. Acho melhor ficar na Raimera deserta e silenciosa, do que ir estafar-me a Same, sòmente para beber *cognac* e ver sempre as mesmas caras...

— Pois eu acho que a gente precisa de distrair-se e como só há um bazar por semana, não se pode perder.

Aproximou-se de mim, sentou-se numa cadeira e confidenciou-me:

— Arranjei hoje uma *nona* bestial! Nunca se viu nada mais bonito no bazar! Tôda a gente me deu os parabéns e eu mereci-os, porque, realmente, mais linda não pode haver!

E o bom Gonçalves dizia isto com tal entusiasmo, que se via logo estar apaixonado a valer pela sua conquista.

A princípio deixei-o falar, sem lhe prestar grande atenção. Já conhecia sobejamente o «bom gôsto» da maioria dos camaradas, sempre rendidos de admiração perante a primeira burra de *lipa* que lhes aparecesse, de modo que as suas descrições calorosas nunca me comoviam. Limitei-me a dizer-lhe, não sei se por amabilidade se por chacota:

— Seu tolo, anh?! Você é um homem de sorte; tem conquistado as melhores pequenas de Manufai!

Sobretudo a última *nona* que êle tivera — uma garôta de uns doze ou treze anos — era um estafermo muito respeitável que, no entanto, o camarada Gonçalves se tinha farto de gabar. Logo, estavam bem de ver os encantos da nova beldade que êle acabava de conquistar em Same!

Mas êle não se calava:

— Só queria que você a visse! Que beleza, que olhos,

que elegância! Mas não deve tardar e então é que você vai ficar pasmado, palerma...

Nervoso, levantou-se e descrevia-a com exuberância de gestos e expressões rudes, mas significativas. Enfim, uma pontinha de curiosidade começou a picar-me e, já interessado, preguntei-lhe:

— Mas, tem os lábios muito grossos?

— Nada grossos! Você não imagina, é tal qual como as brancas...

— Nariz muito achatado?

— Qual achatado, nem meio achatado! Nem parece o nariz duma timor!...

Diabo, os sinais dados, mais do que a opinião rude do camarada, condiziam bastante com o que eu procurava desde que chegara a Manufai. De-repente, interessei-me e fiz uma infinidade de preguntas e as respostas vinham imediatamente, de tropel e grosseiras, é certo, mas de molde a sobreexcitar cada vez mais a minha ansiedade.

O camarada despediu-se, dizendo que ia à beira do planalto para ver se ela já viria em baixo, na estrada. Não o deixei, porém, partir só e seguimos os dois com passo apressado.

Dali observámos atentamente alguns pedaços de estrada que se viam fàcilmente de cima. A estrada, todavia, continuava deserta, não obstante a nossa espectativa.

Sùbitamente, surgiu a galope um cavaleiro, que prontamente se reconhecia ao longe: alto, magro, escanchado num cavalo negro e baixo e apertando de encontro ao peito a sua filhinha mais vélha. Era Alexandre.

Imediatamente abandonei o camarada, retirando-me para o «Palácio». Gonçalves, porém, como se tivesse adivinhado o meu pensamento, acompanhou-me.

Alexandre, ofegante, apeou-se e correu para mim, dizendo-me:

— Monte a cavalo e corra pela estrada, sem demora.

Vem aí a garina mais bonita que eu tenho visto em Timor! É um verdadeiro encanto, um mimo de rapariga! Vamos, não perca tempo, senão pode fugir-lhe...

Estas expansões de Alexandre, do homem que se considerava uma competência na apreciação de belezas e que desdenhava sistemàticamente os gostos alheios, dizendo invariàvelmente: «Calem-se! Só há mulheres bonitas em Baucau!», deixaram-me aturdido.

Sim, para Alexandre, só em Baucau e quem não fôsse a Baucau nunca veria, nem possuiria uma verdadeira *nona*, bela, elegante, arrebatadora... Mas agora êle abria uma excepção, e abria-a sem discutir, sem reticências, sem falar em Baucau e expressando-se em têrmos calorosos, num crescendo de entusiasmo!

Se o relato de Gonçalves me tinha deixado algumas dúvidas no espírito, a atitude desconcertante e única de Alexandre tinha-as dissipado por completo.

Ela seria certamente uma beleza timor, sim, mas beleza excelsa e imprevista, com certeza.

Gonçalves, de testa enrugada, olhava-nos, desconfiado e atónito. Para lhe aplacar as iras, eu disse a Alexandre:

— Tudo isso está muito certo, meu caro, mas essa rapariga já tem dono, é a *nona* aqui do nosso Gonçalves.

— Arranjei-a eu no bazar por dez patacas — confirmou Gonçalves, tentando sorrir-se.

Alexandre preguntou-lhe:

— Mas já pagou?

— Ainda não, mas já fechei negócio. Combinei com os pais pagar-lhes cá em casa, logo que cheguem.

— Então ainda não pode dizer que é sua, meu caro — afirmou Alexandre, decidida e convictamente.

Intimamente, eu já tinha decidido bater-me pela posse da formosa timor. Mas convinha não irritar, nem alarmar o bom do Gonçalves. Por isso, disse com ar desprendido:

— Não, você contratou com êles, é sua, está certo. Não serei eu quem lhe faça concorrência, meu amigo;

fique descansado. Mas já agora sempre quero ir ver se ela é como vocês dizem. Não leve a mal, ó Gonçalves...

Enquanto me preparei para montar Átila, Gonçalves afastou-se e cortou por um atalho dévio e inclinado que ia dar à estrada. Átila partiu a todo o galope mas, como pela estrada era mais longe, era natural que Gonçalves chegasse primeiro. E, realmente, quando Átila estacou diante de uma pequena caravana de timores que subia a estrada a pé, já o Gonçalves se encontrava no meio dêles.

A formosa indígena ali estava, rodeada pelos seus e não longe do *malai* que em Same a comprara a seus pais. Ficava muito acima do que eu tinha imaginado. Não era bela, numa acepção absoluta e estética. Era mais encantadora do que bela e o seu encanto caracterizava-se por uma simplicidade cativante, aliada aos tais traços de beleza que maravilhavam todos aquêles que a viam. Os seus olhos eram pretos e quando olhavam davam-nos a sensação do contacto doce e macio dum veludo ideal. Vi--lhos apenas num relance, porque ela, ou por pudor, ou por mêdo, tinha-os sempre obstinadamente fixos no chão. Mas houve um momento em que me fitou, interrogadoramente. Era pequenina, duma graciosidade de estatueta e tinha os pés minúsculos e descalços muito juntinhos no macadame, como se esta aproximação reflectisse uma ordem de união geral e orgânica contra os inimigos brancos que a cercavam, talvez dispostos a disputá-la ali mesmo, na estrada. A singeleza e sobriedade do vestuário davam-lhe ainda mais encanto e até um comovedor arzinho de pobreza.

Enfim, era verdadeiramente aquela a *nona* que eu procurava há tanto tempo! E só naquele dia, em que eu ficara preguiçosamente na Raimera, ela se resolvera a fazer a sua aparição de raínha no bazar de Same. Esta fatalidade, êste acaso enervante que me tinha afastado duma competição que me daria a vitória, custasse o que custasse e ainda mesmo para lá das minhas fracas possibilidades

financeiras, enchia-me duma irritação e dum nervosismo que eu mal podia disfarçar. Mas urgia não perder a calma.

Durante momentos, numa quietação geral, ficámos todos em silêncio. Depois, disse a Gonçalves:

— Você é realmente um felizardo! Mas diga-me com franqueza, você já pagou, já é definitivamente sua *nona?*

O outro, desconcertado e um pouco atabalhoadamente, murmurou:

— Claro que já paguei, agora mesmo, e que já é minha *nona!*

— É pena, meu amigo. A rapariga é um verdadeiro primor e agrada-me a valer.

Os timores assistiam a êste curto diálogo, sem compreenderem as palavras mas adivinhando, talvez, os nossos pensamentos e as nossas intenções. Enchi-me de coragem. Era necessário lutar. De momento tinha uma vantagem evidente sôbre Gonçalves: eu compreendia e falava o *tétum* (1), razoàvelmente, enquanto que o meu rival — deixem-me chamar-lhe assim! — não percebia patavina de qualquer dialecto indígena. Baseado nessa superioridade, preguntei à rapariga:

— *Ó naran sá?* (2)

— Caiúru — respondeu por ela um timor de cabelos já grisalhos.

Ela, porém, não disse nada e limitou-se a fitar-me com os seus olhos tímidos e rasgados, de gazela receosa. Eu desejaria devorá-la com os meus.

Voltei Átila para regressarmos ao «Palácio», depois de dizer a Caiúru, como despedida:

— *Ó diac! Au acarac ó barac!* (3)

Em seguida despedi a galope, direito a casa.

---

(1) — Dialecto falado em tôda a ilha. Espécie de língua internacional, que quási todos os indígenas falam.

(2) — Como te chamas?

(3) — És bela! Amo-te e desejo-te!

XIV

A *nona* de Alexandre e Maulaca — meus valiosos aliados — partiram a tôda a pressa ao encontro dos timores. A sua missão era difícil e o êxito apresentava-se bastante problemático. Tratava-se de convencer os pais de Caiúru, nos escassos minutos que os separavam do términus da sua viagem, a descansarem uns momentos no «Palácio», antes de entrarem nas águas-furtadas de Gonçalves. E, logo que chegassem ao «Palácio», era preciso desenvolver junto dêles uma hábil propaganda a meu favor e contra o meu rival, de modo que nem Caiúru, nem os pais, já dali saíssem. Não esqueçamos que Gonçalves vinha com a futura *nona* e que, a-pesar-de não conhecer a linguagem indígena, se havia de opor tenazmente aos desígnios dos meus emissários! Além disso havia já pelo seu lado, se não um contrato, pelo menos uma promessa solene...

Foram momentos de indescritível ansiedade, de palpitante incerteza! Perscrutei atentamente, com a respiração suspensa, as embocaduras dos caminhos que morriam na achada. Por qual dêles chegariam? Pela estrada que passava junto ao «Palácio»? Por qualquer daqueles atalhos, mais distantes, que encaminhavam quási directamente para o Armazém?

Mas foi precisamente num dêstes caminhos que êles surgiram! Havia, no entanto, ruas perpendiculares, ajar-

dinadas, na direcção da nossa casa e era possível que os defensores da minha causa lobrigassem desviá-los neste sentido. Passaram, porém, a primeira rua, passaram a segunda e um desânimo inquietante se apoderou de mim. Era já impossível evitar que êles transpusessem a curta distância que os separava da casa de Gonçalves. Mas, milagre? Na terceira rua a caravana abrandou a marcha, parou por instantes, indecisa, e acabou, afinal, por obliquar na minha direcção! Era o meu triunfo, nítido e absoluto!

Ordenei a um *auxillar*, à pressa, que dispusesse ali, no terraço, todos os bancos e cadeiras, para que os meus convidados se sentassem. Certamente não haveria assentos para todos, mas isso não constituía dificuldade séria, porque os timores preferem estar acocorados sôbre os calcanhares, a recostarem-se na melhor poltrona.

Acomodaram-se todos: Caiúru, os pais, tios, primos, uma infinidade de gente, enfim.

Gonçalves, que os acompanhara, estava desorientado e as palavras entaramelavam-se-lhe na bôca, sem que as articulasse convenientemente.

— Você fique sabendo que a *nona* não fica aqui, anh! — disse êle cheio de raiva.

Eu respondi-lhe, aparentemente sereno:

— Descanse, meu amigo, que ninguém lhe rouba a *nona!*

— Mas então porque a fizeram desviar-se para aqui? — interrogou êle, de sobrecenho carregado.

— Não fui eu que os chamei, essa lhe garanto eu. De resto, que mal faz que esta gente esteja aqui um bocado?

Êle sentia-se cheio de razão, a explodir, mesmo, de razão mas, como era profundamente bruto, nem sabia o que havia de dizer, nem como expressar-se. Na verdade, lógica e aparentemente, nenhum mal havia em que os

timores ali repousassem. Mas, não era evidente que eu pretendia a *nona* para mim?

— Você quere roubar-me a *nona*, mas raios me partam se ela não for minha e não seguir na minha companhia... — continuou êle muito rubro e com gestos ameaçadores.

Os timores, enfiados, assistiam mudos a esta discussão, indiferentes à disputa e até aos seus resultados. A minha situação era assaz delicada: Gonçalves era um gigante e um rude, capaz de tôdas as violências e ainda por cima — valha a verdade — estava cheínho de razão! Poderia eu, um estudante franzino, evitar que êle realizasse o seu fim, quando o principal meio a empregar seria certamente a fôrça física?

Eu pressentia que se alteasse a voz um pouco, se soltasse um único grito, êle desabaria sôbre mim como uma montanha, esmagando-me, para logo em seguida levar a *nona* na sua frente, arrastando-a até, se fôsse necessário. E, no entanto, eu tinha a certeza de que não cederia nunca, nem que, em vez de um, eu tivesse ali quinhentos Gonçalves a rugir-me na frente.

Maulaca e Ernestina — a *nona* de Alexandre — não perdiam tempo, falando contìnuamente com os outros timores em *mombay* — o dialecto da região. Eu não entendia nada do que êles diziam, mas compreendia perfeitamente que os meus aliados me teciam um panegírico magnífico, fazendo-me passar por pessoa bondosa, que não batia em *nonas* e lhes comprava *cambatis* deslumbradoras e tudo o mais que elas sonhassem e pedissem. De Gonçalves, diriam que era um monstro terrificante, capaz de tôdas as brutalidades e contariam até que a sua última *nona* fugia dêle, gritando assustada, a deshoras, pela noite fora, para se vir refugiar no «Palácio» dos *malai* bons! Explicariam ainda que êle era incapaz de oferecer qualquer coisa a uma *nona*, mesmo uma *lipa* grosseira e barata e que no momento de as mandar em-

bora lhes tirava tudo o que lhes houvesse dado...

Ora, sendo exactos quanto aos sentimentos e hábitos de Gonçalves, eram, no entanto, talvez exagerados quanto à minha pessoa e isto era uma prova evidente da sua parcialidade... aliás recomendada.

Assim, o tempo passava e a ira do meu rival subia de ponto, enquanto que eu ia galgando terreno nas almas simples e medrosas dos timores.

Pedro Silva, companheiro de casa de Gonçalves, pôs-se abertamente a seu favor. Como eu não gritava, eram êles só que, fora de si, altercavam e ameaçavam duma maneira que se tornava cada vez mais intolerável. Eu argumentava com uma lógica barata, que os irritava cada vez mais:

— Você, Gonçalves, é um idealista, um homem que, como todos nós, veio para aqui por se ter batido por princípios elevados, que reconhecem às pessoas o direito de disporem de si mesmas. Para nós não há escravos e não podemos aceitar a compra e venda desta gente como uma idea sã e moral. Logo, não pode pretender obrigar esta rapariga a segui-lo e a ser sua *nona* à fôrça! Se ela quiser ir consigo, está muito bem, não serei eu quem me oponha. Mas se ela me preferir a mim? Não acha que só ela deve decidir êste assunto?

— Estou farto de trapalhices e de hipocrisias!... — vociferou êle com a voz alterada.

Pouco depois partiu com Pedro Silva, barafustando sempre e gritando-me, ameaçadoramente:

— Eu já venho buscá-la! Não julguem que se ficarão a rir de mim!

Esta curta ausência de Gonçalves permitiu-me que ultimasse a catequese de Caiúru e de seus pais. Por dinheiro nenhum êles seguiriam já o terrível bruto que «espancava as *nonas*», como lhes diziam. Por outro lado, os velhotes receavam declarar-se abertamente pelo meu lado, temendo as represálias do outro *matai*. Pareciam

até dispostos a não entregar Caiúru a nenhum de nós e a voltarem com ela para a aldeia. Esta hipótese não me desagradava em absoluto e era, sem dúvida, quási um triunfo, porque eu saberia ir buscá-la mais tarde.

Mas Gonçalves voltou mais enfurecido do que nunca. Percebia-se nêle que vinha disposto a tudo e, por isso, senti faltar-me a coragem, por segundos, apenas.

Êle gritou a Maulaca:

— Diz ao pai que eu lhe darei, não as dez patacas combinadas, mas sim vinte!

— Nesse caso, dir-lhe-ás que eu darei trinta! — ofereci eu por minha vez.

— E eu quarenta! — gemeu Gonçalves, apoplético.

— Cinqüenta!

— Sessenta!

Era notório que nós oferecíamos já dinheiro que não possuíamos, o que, de certo modo, se tornava ridículo. Então, seguro do meu triunfo, já convenientemente preparado, mudei de tática e fingi-me até generoso:

— Bem, Gonçalves, não quero competir mais com você. Nenhum de nós tem sessenta patacas, ou coisa que com isso se pareça; por isso vou deixá-lo à vontade.

Voltei-me para Maulaca e ordenei-lhe:

— Diz aos timores o seguinte: *Malai* Gonçalves está disposto a dar sessenta patacas, ao passo que eu não lhes darei mais de dez, que é o que tenho. Diz-lhes ainda que se *malai* Gonçalves der oitenta, eu darei apenas cinco e se êle der cem eu não darei nada! Anda, explica lá isto!

O Gonçalves e o Pedro Silva, apalermados, olharam-me com curiosidade e desconfiança. Alexandre desatou à gargalhada e, depois, todos se fixaram atentamente no pai da *nona,* que tagarelava com Maulaca. Se êste lhe transmitiu ou não o meu recado, ignoro-o. A verdade é que tanto a *nona* como o pai se decidiram a meu favor.

Pedro Silva, indignado, gritou que nós estávamos a

fazer batota e a chuchar ainda por cima com o Gonçalves e êste, encolerizadíssimo, jurou que «cegasse naquele momento» se não fôsse capaz de partir a cara ao mundo inteiro, que eu lhas havia de pagar e que o assunto se não resolveria tão fàcilmente como eu julgava.

Aparentemente calmo, procurei falar-lhe à razão, reduzi-lo com argumentos e máximas filosóficas e morais que, só sofismando, se poderiam aplicar ao caso em questão. Gonçalves nem me escutava e, de punhos cerrados, berrou-me junto dos ouvidos:

— Sim, você é mais bonito!... A gente percebe como essas coisas se fazem...

Pedro Silva, igualmente exasperado, vociferou:

— Oh! estes intelectuais são dum cinismo revoltante! Justificam os actos justos e as patifarias que fazem, sempre com os mesmos argumentos, sempre falando nos Princípios, na Lógica e na Razão... Cá para mim *vêm todos de carrinho!*

Êles procuravam um protesto meu, ou uma palavra de defesa mais implicante, para me caírem logo em cima, mas eu não lhes fazia a vontade.

Dominando o nervosismo, calei-me durante algum tempo. Entretanto chegou o tenente Costa e a sua aparição, naquele momento, foi verdadeiramente providencial e salvadora. De resto, eu soube depois que Alexandre o mandara chamar apressadamente. Só o tenente Costa, pessoa unânimemente respeitada e estimada, poderia salvar a situação. Por isso regozijei-me bastante, intimamente, logo que êle entrou, barafustando com uma jovialidade forçada:

— Ora, que grandes palermas que vocês me saíram! Estão aqui quási a jogar à pancada por causa do estupor duma *nona!* Vocês deviam ter vergonha de se deixarem chegar assim às do cabo, por causa duma reles timor!...

— Mas, meu Tenente, — interrompeu Gonçalves, já mais sereno — a *nona* pertence-me e eu tenho razão...

O tenente Costa, porém, cortou-lhe logo a palavra:
Ora, não sejas parvalhão. Nem tu, nem o F..., nem ninguém tem razão. Ou, por outra, eu é que tenho razão em vos considerar umas bêstas, uns idiotas! Mas eu vou já resolver o assunto: a *nona* nem é para um, nem é para outro; é para mim! E vai já comigo, que é para cortar o mal pela raiz...

E voltando-se para os timores:

— É gente! Toca já tudo a andar para minha casa. Vá, de-pressa, seus molengões do diabo...

Em volta todos emmudecemos. Os timores, à formiga, começaram a sair, dirigindo-se para casa do tenente Costa. Êste, Gonçalves e Pedro Silva seguiram-nos, ficando no «Palácio» eu e Alexandre, além de Maulaca e Miquelina.

Caía a tarde e com ela uma chuva miùdinha, umidade quási, que me penetrava até aos ossos. O céu fechado, sem nuvens dispersas, era um todo escuro e bolorento, donde se desprendiam, lentamente, umas espécies de flocos de neve suja, que eram, afinal, poeiras de chuva indeterminada, nevoeiros indefinidos que tornavam a atmosfera densa e pesada. As goteiras, por sua vez, escorriam frouxamente, provocando um ruído acabrunhador e contínuo, leve como uma súplica ou como um suspiro e doloroso como um grito longínquo e abafado.

Maulaca pôs o jantar na mesa e eu e Alexandre sentámo-nos e começámos a comer em silêncio.

Eu tinha a batalha quási ganha, mas era necessário não desperdiçar as vantagens já obtidas, nem abandonar a prêsa... Por isso escrevi à pressa um bilhetinho ao tenente Costa, em que lhe dizia: «Caro Costa: Espero, da nossa vélha e nunca desmentida amizade, que me auxilies neste transe, evitando que a *nona* vá com o Gonçalves e fazendo com que ela fique para mim. Está tudo, agora, na tua mão e eu confio em ti cegamente. O melhor será fazeres com que ela regresse com os pais e eu de-

pois a irei buscar a Uma Liurai. Se ela viesse já hoje para aqui, havia com certeza um sarilho dos diabos, porque o Gonçalves não se conformaria e seria capaz de arrazar tudo. Enfim, confio em ti e tudo o que fizeres está bem feito, certo de que és por mim. Teu amigo de sempre e muito grato — F.».

Maulaca partiu com a missiva e com a recomendação de não a entregar ao tenente Costa à frente de ninguém, sobretudo do Gonçalves, caso lá estivesse ainda.

Entretanto a noite escureceu ainda mais e a chuva definira-se por completo, provocando, ao cair, um ruído sempre igual e monótono. Uma aragem fria invadiu o «Palácio», arrastando consigo alguma chuva, que o vai-vém dos *auxiliares* espalhou pelo cimento do chão. Alexandre, com a cabeça poisada na mesa e tapada pelas mãos, dormia ou dormitava, esquecido das peripécias daquele dia. Ernestina e as filhas, no quarto, tinham-se abandonado já a um sono calmo e feliz. Só eu pensava e estremecia de frio e ao ouvir alguns passos amortecidos pelo chão próximo, ervoso e molhado. Seria Maulaca? Mas só passados uns vinte minutos êste regressou, muito enrolado numa lipa encharcada e tiritando. O tenente Costa escrevera-me num cartão de visita uma resposta breve e inesperada: «Já podes vir — C.».

Maulaca explicou-me que o *malai* tenente não tinha podido responder-me antes porque os *malai* Gonçalves e Pedro Silva só então se tinham ido embora.

Muni-me, apressadamente, dum largo chapéu de chuva chinês, de tela impermeável e pus-me a caminho. A escuridão nem sequer me permitia ver o carreiro estreito que eu trilhava por tato apenas. Quando passei junto do Armazém, deslizei cautelosamente, não estivessem por ali emboscados, esperando-me, o meu rival e o seu amigo. Mas nada notei de anormal e cheguei sem incidente a casa do tenente Costa.

A casa do tenente era uma *uma* vulgar, dessas que se encontram a cada passo em tôda a ilha: teto de capim, paredes finas de *palapa* e chão de terra calcada. Compunha-se de duas divisões sòmente — quarto de dormir e uma despensa — que davam para um terraço estreito — a sala de jantar e de visitas — apenas separado do exterior por um parapeito baixo, também de *palapa*. A cozinha e a casa de banho ficavam numa barraca próxima.

Sôbre a mesa de jantar aglomeravam-se inúmeras garrafas e ao centro estava um candeeiro de petróleo. Em volta, sentados em bancos, empilhavam-se os timores, enquanto o tenente Costa e Maria — a sua graciosa *nona* — se entregavam ruïdosamente a grandes expansões de regozigo. Os timores, no seu dialecto impenetrável, faziam também uma algazarra desconcertante. No meio desta barafunda, mal deram pela minha chegada e eu surgi quási bruscamente das trevas e da chuva. Ao ver-me, o tenente Costa fêz-me uma recepção barulhenta e festiva.

— Ora até que enfim que apareceu S. Ex.ª! Pensei que era preciso ir buscar-te ao colo! Se te domorasses mais um pouco chegavas mesmo no fim da boda. Olha para isto!

E indicava a garrafeira dispersa sôbre a mesa, alegre e rubro e com o olhar já velado por evidentes sintomas de uma próxima carraspana.

— Não imaginas, esta cambada está farta de beber *cognac* e vinho do Pôrto! Mas ainda aqui tenho com que te afogar e umas garrafinhas de espumante para a noiva e para nós...

Os timores, sem cerimónias, esvaziavam as garrafas umas atrás das outras, por entre guinchos selvagens e risadinhas estéricas. Alguns, completamente bêbedos, dobravam-se com lassidão. As mulheres, porém, guardavam mais compostura, embora os seus olhos vítreos e

brilhantes denunciassem o estado anormal em que se encontravam.

Ninguém ligou qualquer importância à minha pessoa, a não ser Caiúru que, lá do seu cantinho, me lançou alguns olhares curiosos e assustadiços.

De-pressa abanquei, procurando ganhar fôrças e coragem com alguns copos de *cognac* e de licores. Pouco depois fazia já causa comum com todos, brancos e malaios, dizendo disparates e cantando. O tenente Costa, enquanto esvaziávamos, de sociedade, um licor divinal e polvorento, ia-me contando, com entusiasmo:

— Oh filho, sabes lá! Tu és um parvo, não sabes tratar com aquêles tipos. Calcula que êles vieram atrás de mim, sempre a bichanar-me os ouvidos, sem que eu lhes ligasse nenhuma. Depois meteram-se aqui, muito chatos, muito ridículos, a alanzoarem razões e mais razões. Mas eu só lhes dizia: «Oh meninos, eu não trato de negócios de mulheres sem vergonha. Se vocês querem beber é outra coisa, sentem-se». Êles, porém, voltavam, muito teimosos e aborrecidos, a seringar-me com o mesmo assunto. O Gonçalves quási chorava, suplicante, jurando-me que tinha sido êle quem tinha descoberto a *nona* e quem a tinha mandado vir ter com êle. Eu apenas lhes repetia: «Caramba, vocês bebem ou não? Parece que não gostam de *cognac?!...* Oh filhos, se vocês não gostam de *cognac* então é melhor irem-se embora, porque eu não vos posso dar outra coisa... Irra, por todos os diabos do inferno não me estraguem a festa! Na *nona* não pensem mais: é minha, é minha e é minha, acabou-se e daqui já não sai, pronto!» Enfim, meu vêlho, muito desiludidos, muito enfiados, lá se foram, cada um apenas com um copo de *cognac* no bucho!...

E mudando de tom:

— Agora nós, anh! Quero que seja uma boda de caixão à cova. Só depois de estarmos completamente *jorcas*

é que decidimos o que se há-de fazer da *nona*, não achas?

E realmente já pouco faltava para que o nosso estado de inconsciência fôsse completo.

A *nona*, mais à vontade, emborcou algumas taças de espumante, a-pesar da tossezinha que lhe provocava. E eu e o Costa, como de costume, não sabíamos beber por taças mas só por copázios grandes. No meio de uma chinfrineira infernal, improvisámos um bailarico fantástico, sem música, sem ritmo, sem ordem nenhuma... O alcool pesava-me na cabeça, como chumbo, obrigando-me até a cambalear, coisa que, aliás, todos faziam. Entretanto a garrafeira do tenente Costa deu o seu último suspiro, quási sem darmos por isso.

— Isto não pode continuar assim! — bradava o tenente Costa, escorropichando o copo. Trago todos os domingos mantimentos líquidos para uma semana, mas, não percebo porquê, nunca passam de segunda ou têrça-feira. Mas acabarem mesmo no próprio dia em que chegam é que não pode ser, isto é incrível!...

Com voz rouca, bradou:

— Maria! Vê lá bem se não há nada... Nem ao menos uma botija de vinho verde?

E para mim:

— Oh, isto é horrível! Calcula que nem uma botija de vinho verde! Até me dá vontade de chorar...

Bastante comovido, associei-me à sua dor e fiz esforços desesperados para suster as lágrimas. Segurámo-nos um ao outro, cansados, sucumbidos. Os pais de Caiúru, a um canto, dormiam beatìficamente. Os restantes timores estavam igualmente caídos e dispersos.

O tenente Costa balbuciou-me junto do ouvido:

— Bem, vou-me deitar com a *nona* Caiúru! Sim, porque ela é minha, afinal!

Maria, com surpreendente vivacidade, interveio:

— Eh *malai*, que é que tu estás a dizer?

—Eu, eu dizia aqui ao F... que fôsse dormir com a *nona* dêle, a Caiúru, porque a gente também quere dormir, não é verdade?

E caíu pesadamente nos braços da *nona*. Cambalearam os dois, uns segundos e, instintivamente, arrastaram-se para o quarto, onde se sumiram por completo.

Acordados, ali, apenas ficámos eu e Caiúru. A embriaguez que me dominava levantou uma ponta do seu espêsso véu e eu pude reconhecer a situação, num relâmpago. Agarrei a *nona* por um braço e disse-lhe:

—Bem, vamo-nos também embora para nossa casa, sim?

Puxei-a para fora e senti logo a chuva a fustigar-me o rosto e a cabeça descoberta. A água e a aragem fria volatilizaram grande parte do alcool que eu tinha ingerido. Reentrámos para nos abrigarmos. Lembrei-me então que tinha levado um chapéu de chuva e apressei me a procurá-lo. Depois abri-o e saímos, abrigando-nos bem, muito juntinhos, sob a sua ampla copa. Andávamos devagar, pisando com cautela um caminho que não víamos e rompendo a custo pela selva de sombras que enchiam a imensidade, enleando-nos completamente. Os pés de Caiúru, descalços, poisavam levemente, sem ruído, mal tocando a erva ou a lama do chão molhado. Raramente gemiam as fôlhas sêcas ou os raminhos caídos, como se a chuva os tivesse emmudecido para sempre. As serpentes podiam caminhar connosco, sem que o seu rastejar suavíssimo pudesse jamais ser pressentido.

Várias vezes nos desviámos um passo, se tanto, do carreiro mas, então, recuávamos, procurando ansiosamente a verdadeira direcção. Caiúru, sentindo plenamente a grandeza do escuro naufrágio que nos submergia, achegava-se cada vez mais ao meu corpo, como se procurasse dentro de mim uma Luz, uma Estrêla que lhe ensinasse o seu caminho. E o seu corpo pequenino —qual taça de estranha e capitosa bebida—estremecia

continuadamente, derramando-me nos nervos os seus próprios estremecimentos, que me agitavam igualmente. A água fria apoderou-se-nos das roupas e das epidermes. Mas as nossas almas eram portadoras de um fluido quente, que a chuva não apagaria nunca. Passámos defronte do Armazém, ainda mais achegados — fundidos quási — não fôssem os seus ferozes habitadores surpreender-nos e assaltar-nos. Mas do enorme casarão não saía um raio de luz ou o mínimo som. Apenas a sua silhueta, imperceptível, adivinhada apenas, se reflectia em contornos hediondos e ameaçadores nas nossas imaginações inquietas. E até parecia que ali as bátegas batiam com mais fôrça na tela do guarda-chuva, provocando nêle o ruído de um tambor ruflando ao longe, numa guerra invisível e distante. Sempre unidos, caminhámos mais de-pressa ainda para o nosso ninho, que seria também um refúgio seguro. As aves, poisadas nas ramarias, nem pipilavam, amedrontadas pelo negror e pela água que, certamente, lhes devia escorrer pelas penas muito acamadas. O nosso caminhar incerto não era mais que um deslizar errante de espíritos, impalpáveis e ignorados. Nem uma saüdação, nem um sorriso nos vinha daqueles milhões de sêres, despertos e silenciosos, mas completamente aniquilados pelo mêdo e pelo sofrimento. Mas nós, obstinadamente, caminhávamos sempre. Por fim, subimos os dois degraus do «Palácio» e tropeçámos nas primeiras sentinelas adormecidas. Estremunhados, os timores, enroscaram-se ainda mais em cima das suas esteiras, resmungando frases ininteligíveis. Admiráveis vigilantes! Abri a porta do meu quarto e convidei Caiúru a entrar. Pela primeira vez ofereceu alguma resistência, mas acabou por obedecer. Fechei a porta à chave e, depois, fui acender o candeeiro.

Caiúru, cansada, deixou-se cair numa cadeira de viagem. Estava tão negra a noite que tínhamos atravessado, que a luz hesitante mas familiar do meu candeeiro

me encheu a alma de sol e de alegria. Dos recentes excessos do alcool apenas me restava um certo amargor na bôca e uma recordação muito imprecisa. Era uma hora e eu não tinha sono e, agora, o fustigar amortecido e exterior da chuva, em vez de me entristecer, fazia repercutir no meu coração sensações de indelével felicidade. Caiúru, porém, continuava de cabeça pendida e tôda encolhida. Seria a vergonha de se ver tão inopinadamente fechada comigo num quarto, enquanto seus pais, embriagados e ignorantes do seu destino, dormiam ainda no chão de uma casa estranha? Sentiria ela uma pequena parcela da doce e desmedida emoção que se assenhoreara da minha alma enamorada? Seria apenas o frio, que as roupas molhadas lhe comunicavam à carne mimosa?

Obriguei-a a trocar a *lipa* e a *faro* por um dos meus pijamas. Caiúru, muito insignificante, desaparecia sob as mangas e as calças excessivamente compridas, mas ficou ternamente encantadora dentro de roupas minhas e ela própria se sorria ingènuamente para mim, sentindo o contacto quente daquela intimidade do meu pijama! Fiz as honras da casa e dei-lhe um cálice de *cognac* para aquecer e ofereci-lhe tabaco *alas*, que ela saboreou deliciada. Mercê das minhas carícias e delicadezas foi-se adaptando ao meu ambiente e começou a associar-se ao meu riso e a prestar-me alguma atenção. Deram duas horas e nós continuávamos sentados, frente a frente, presos das espirais de fumo que fugiam dos nossos cigarros e como que encantados pela subitânea e mútua simpatia, tão recentemente nascida, mas já tão fortemente enraïzada nos nossos corações.

Muito junto dela, murmurei-lhe:

— *Ó diac!* [1]

---

[1] És bela — *diac* significa, também, bom e agradável.

— *Lai, malai! Au ladiac.* [1]

— *Au acarac ó barac!* [2]

Avermelharam-se-lhe as faces macias e morenas. Embriagado com o fluxo espiritual que escorria do seu olhar meigo, apertei-a nos meus braços trementes e pronunciei-lhe o nome com admiração votiva. Depois repeti-lhe:

— *Au acarac ó barac, Caiúru!*

Tentou libertar-se para fugir, mas ficou ainda mais presa e mais próxima. Os nossos lábios uniram-se e apertaram-se num sorver guloso de salivas. Os olhos cerravam-se-lhe e o corpo escultural enlanguescia e abandonava-se nos meus braços cupidíneos.

Lá fora houvera certamente uma revolução: já não se ouvia aquêle ritmo contínuo, sempre igual, da chuva caindo. Agora ecoava docemente, suavemente, uma sinfonia de sonho, que uma orquestra de ralos e aves contentes executava com arte inimitável. Irresistìvelmente, movidos por oculta mola, levantámo-nos simultâneamente e quási corremos para a janela que eu abri, por completo. Tudo fôra abençoado! As nuvens escuras e extensas tinham já desaparecido e agora, um luar de prata, claro e calmo, servia de fundo a uma chuva de maravilhas lucilantes que se vinham acamar nas ervas e nas fôlhas ainda molhadas. Houve, visìvelmente, um movimento universal de regozijo e de expansão na natureza viva e notava-se que um reino adormecia encantado e feliz nos braços de outro. Vegetações luxuriantes e sêres vivos, tudo cerrava os olhos, confundindo-se assim na mesma palpitação de sonho. A pouco e pouco sobreveio um silêncio absoluto — essa música quimérica e inaudível, perceptiva, apenas, para os espíritos sensibilizados e indefessamente despertos. Eu e Caiúru, enlevados,

---

(1) Não, *malai!* Sou feia...
(2) Amo-te muito!

sentíamo-nos arrebatados para o éter, unidos por uma emoção total, ansiosa e apaixonada.

Então, a luz do candeeiro bruxuleando dentro do quarto, a luz que pouco antes me dera uma sensação de Sol, pareceu-me precária, brutalmente insignificante. Apressei-me em apagá-la para que o luar fôsse só luar, sem combinações humilhantes. Mas a lua mostrou-nos claramente todo o aposento, a minha cama de madeira, a mesinha de cabeceira e, sôbre esta, uma caixa de fósforos e alguns cigarros. Encostada à mesa de cabeceira estava uma *rota* finíssima. Via-se bem nesta luz de mistério e de sonho, mas suficiente...

— Bem, Caiúru, será melhor deitarmo-nos. É já um pouco tarde!

Ela, sem me compreender, continuou calada. O silêncio magnífico que nos rodeava esmagava-nos, como se se tivesse concentrado ali todo o silêncio da selva adormecida. Em *tétum*, insisti com ela para que se deitasse, mas depois continuámos mudos, de pé, frente a frente... Afinal decidiu-se.

Devagarinho, saíram-lhe os braços das mangas como serpentes que surgissem de perfurações subterrâneas, para se virem refrescar à superfície. O casaco caiu no chão, num ruído abafado que nem sequer interrompeu os fluxos silenciosos que continuavam invadindo o quarto através da janela completamente aberta. Era uma quietação extenuante...

Restavam-lhe as calças do pijama, apertadas sôbre os seios tersos, esculturais e belos.

— Vamos, tira isso!

Tremeram-lhe as mãozinhas pequenas; enrolaram-se-lhe os deditos esguios, fusiformes, enquanto da varanda chegavam até nós ruídos de esteiras arrastadas e o ranger de bambus abertos.

Afinal as calças desprenderam-se-lhe do corpo e caíram-lhe aos pés, num rumorejar abafado, de sêdas aban-

donadas. Depois correu a enfiar-se no leito. O meu olhar libidinoso tentou segui-la, destapá-la e banhá-la de alto a baixo, mas os meus pés pareciam de chumbo e não se moveram. Ela, com gesto friorento, tapou-se tôda, cabeça e tudo.

Da selva próxima, de longe em longe, vinham singultos de *meda* dorida, que rasgavam e feriam a imensidade silente. Ouviam-se também berros de catatuas acordadas em sobressalto e adivinhavam-se ruídos de fôlhas adejadas por rastejos cautelosos de serpentes repugnantes.

Por fim, insensìvelmente, comecei a caminhar para ela. Os meus sapatos molhados gemiam levemente — *trr... trr... trr...* — num estertor de almas martirizadas. A pouco e pouco a atmosfera tornou-se fria, ameaçadora, arrepiante! Voltei atrás e fui fechar as persianas da janela. Depois voltei para junto de Caiúru e poisei-lhe as minhas mãos profanas na cabeça e deixei-as deslizar, mal tocando, pelas próprias ondulações do seu cabelo sedoso, esparso e comprido. Sensualmente, palpei-lhe a pele macia dos ombros, escorri-lhe os braços com volúpia e vesti-a tôda com um manto delicioso e excitador de carícias.

As nossas almas, dilatadas, palpitavam desordenadamente!

E ouviam-se vagidos trémulos de gazela mal deitada, enquanto alguns fios de luar entravam, indiscretos, pelos interstícios das persianas...

Os olhos de Caiúru, perfeitamente visíveis, refulgiam espiritualmente como dois sóis negros e tímidos e inflamavam-me cada vez mais o coração rendido.

Apertei-lhe e osculei-lhe a fronte quente, sôfregamente. Depois beijei-lhe os olhos, as faces e os lábios...

...E os lábios outra vez e muitas vezes mais...

Ouviu-se, imperceptìvelmente, um ruflar setíneo de

peles. Os nossos corações, com o mesmo ritmo, palpitavam com uma intensidade funambulesca.

Lá fora, uma brisa indefinida agitava, com leveza, as ramarias, donde se evolavam, meigamente, arrulhos de rôlas acordadas.

Mas havia também sussurros de brutalidade desperta profanando o silêncio da floresta ignota, indevassa!

Do céu caíam ainda flóculos de prata, que de-pressa se derramavam e derretiam pelas folhagens.

E os nossos lábios, em fogo, sedentos, uniam-se sempre, enquanto alguns suspiros perdidos fugiam, apressada e nervosamente, pelos interstícios discretos das persianas fechadas...

XV

A nossa «lua de mel» borboleteou, sempre escondida, pelos túneis de verdura e pelas galerias selvagens das florestas da Raimera.

Conheceu, na mais bela e doce das intimidades, todos os esconderijos, ainda os mais ábditos, que o reino vegetal espalhou e camuflou hàbilmente por todo o planalto e pelas ravinas virginais que o envolvem. Como um casal receoso de gazelas perseguidas, percorremos tudo o que na selva era indevasso, impenetrável, palpitámos, com ela, através de todo o seu imenso sistema nervoso, as dores e as esperanças que a agitam e sentimos a nossa respiração confundida com o seu hálito quente e perfumado, sem jamais nos fixarmos numa gruta só ou num único ninho. Fugindo sempre, sem cansaço, deslizávamos pelas folhagens, afastando os longos cordões das trepadeiras infinitamente compridas e percorríamos todos os salões e recantos que constituem êsse palácio misterioso de contos de fadas, adormecido lânguidamente sob o frondoso bosque tropical. E havia salas magnificentes, com tapêtes de verdura, enormes e macios, com belas franjas suspensas do céu e reposteiros diáfanos e agigantados e com colunas altas, magestosas, dignas dos mármores de Carrara. Nem reis antigos, nem os príncipes famosos da fantasia, possuíram jamais tão maravilhosos e opulentos castelos ou solares. As aves, chilreando

unísonas, volteavam em cima e irrompiam das fôlhas, num milagre de colorido polícromo e de música verdadeiramente celestial.

Era êste o ambiente no nosso amor, da nossa « lua de mel ».

E, quando ao anoitecer regressávamos a casa, fatigados de prazer, percorridas as esgotantes solidões do nosso país encantado, era sempre para jantarmos à pressa e depois nos refugiarmos no nosso quarto. Êste era para nós como que um natural prolongamento da selva, ou mais um dos seus admiráveis esconderijos, talvez o mais fechado e seguro.

Mas, êste isolamento voluntário e constante não poderia eternizar-se sem provocar justos protestos. Alguns camaradas e em especial o tenente Costa e Alexandre faziam já ouvir um certo clamor surdo contra a intrusa que lhes roubara o indispensável parceiro das cartas, das palestras e das libações. Alexandre, mais do que ninguém, sentia êste afastamento, habituado como estava a dividir comigo, eqüitativamente, o tédio cotidiano que uma vida sem novidades nem incidentes nos impunha. Por isso, eu não me sentia muito à vontade, quando êle, galhofeiramente, me batia com fôrça à porta e bradava:

— Caramba, vocês estão sempre fechados! Não acham que é demais? Irra, nunca mais se fartam...

Para aplacar estas justas reclamações, tinha que sair, por momentos, do nosso ninho, mas aproveitava a primeira distracção dos meus *guardas* para me sumir definitivamente.

Sim, eu e Caiúru não conhecíamos melhor prazer que o de estarmos juntos! E nem só o amor com todo o seu cortejo de variadas significações, nos ocupava o tempo. Havia também pequenos afazeres. Assim, nos primeiros dias do nosso *matrimônio*, com uma paciência que só o amor feliz conhece, desnudei-lhe com uma pequena tesoira de unhas os dentes todos, um a um,

dos vestígios ds arecina, que um prolongado uso da masca nêles depositara. Enquanto durou essa delicada tarefa, digna de um hábil escultor, Caiúru aproveitava tôdas as minhas interrupções para correr a procurar um espelhito, em frente do qual se mirava e remirava, esquecida do tempo, tolinha de todo e encantada com aquela fieira de pérolas, tão níveas e tão belas, que nem em gentis damas brancas e civilizadas assim se viam.

Caiúru pedíu-me que lhe pusesse um nome europeu, tal como era costume fazerem todos os brancos às suas *nonas*. Mas teria Caiúru, para mim, o mesmo encanto, se em vez de Caiúru usasse um outro nome, de europeia, absolutamente inadaptável e deslocado na sua personalidade de selvagem? Eis um hábito condenável, estúpido, da parte de quási todos os camaradas, que eu não seguiria nunca. Não, Caiúru seria sempre Caiúru enquanto vivesse na minha companhia.

Diversamente do que fiz a Buicire, não cortei os cabelos a Caiúru. É que ao contrário daquela, esta possuía um cabelo negro e sedoso, ondulado e longo, que entrançava hàbilmente e enrolava com arte inigualável sôbre a nuca. Por isso, só pensar que lhe poderia fazer o mesmo que à outra, afigurava-se-me um sacrilégio indesculpável, uma brutalidade sem nome. Buicire ganhara muito com tôdas as transformações que eu lhe operei, mas Caiúru perderia incalculàvelmente se eu ousasse modificá-la, ainda que ligeiramente, ou roubar-lhe algumas das suas características próprias.

Logo nos primeiros tempos deparou-se-me uma dificuldade séria, aflitiva mesmo, que urgia resolver com a máxima brevidade: Caiúru foi-me entregue sem mais nada além do que trazia vestido. E isto resumia-se numa *lipa* e numa *faro!*

Os timores entregam sempre assim as filhas, costume que eu considero absolutamente indecente. Tenha muito

ou tenha pouco, nenhuma *nona* leva consigo qualquer bagagem, seja o que fôr, ao ir para a companhia do seu *malai*. Êste que à vista, que compre tudo quanto é indispensável!

Ora o meu erário, depois de ter dado as dez patacas do estilo ao pai de Caiúru, ficou exhausto. Como adquirir tanta coisa que era necessária!?

Enfim, comprei-lhe a crédito duas *cambatis* novas e alguns outros adereços, que a tornavam mais *coquette*, mais bela e mais senhora.

Caiúru sentiu-se imensamente feliz com o pouco que lhe comprei. Porém, um incidente de-veras lamentável inutilizou-lhe a *cambati* melhor e mais bonita.

Sucedia que Caiúru, para entrar ou sair do quarto, quási nunca se servia das portas. Entendia ela que pela janela o caminho era mais curto e, por isso, mais leve que uma gazela e apenas com dois pulinhos ágeis e silenciosos, ausentava-se repentinamente, ou surgia-me de surprêsa. O prazer com que ela se demorava propositadamente no peitoril da janela, acocorada, muito pequenina e sorridente! Eram hábitos de selvagem, rebelde a regras e a portas...

Quer de dia, quer de noite, várias vezes Caiúru repetia esta gimnástica, indiferente a um modesto prego, esgrouviado e cabeçudo, que, um pouco abaixo da janela, a espreitava constantemente, com uma pertinácia implacável, aguardando certamente uma ocasião propícia para a prender traiçoeiramente na sua acerada garra de ferro. Ora essa ocasião não faltou. Certa vez, quando Caiúru desferia um dos seus vôos costumados, lá lhe ficou presa e tôda esfarrapada a *cambati* dos seus sonhos, de sêda cara e com lindos e grandes florões vermelhos estampados.

A emoção e o susto emmudeceram-na durante algum tempo. No rosto convulsionado evidenciou-se uma expressão de horror. Pensou até que eu lhe iria bater,

por ter sido teimosa em continuar a saltar pela janela depois do seu *malai* lhe ter ralhado tantas vezes e, sobretudo, porque estragara uma *cambati* tão cara!

Tremia cheia de mêdo e só pôde balbuciar:

— *Malai!...*

E nem sequer ousava fitar-me de frente.

Mas não, eu não lhe bateria por coisa tão insignificante, tão inocente. Não teria tão cedo, por certo, coragem para me individar em mais sete patacas — uma fortuna em relação com o meu modesto orçamento! — para lhe comprar uma *cambati* igual àquela! Mas isso pouco importava.

No entanto, uma noite, tivemos uma desavença séria, a primeira questão doméstica, pròpriamente dita.

Caiúru era uma rapariguinha gentil que vivia muito e dormia pouco. De noite, atravessava-se na cama e fazia de mim seu travesseiro. Se lhe apetecia conversar — o que acontecia com freqüência — não hesitava um instante e punha-se a abanar-me até me acordar.

E logo que me via com os olhos bem abertos, suplicava-me com doçura:

— Olha, *malai,* conta-me essas lindas histórias da tua terra.

Porém, naquela noite, eu preferia dormir a narrar as maravilhosas histórias que costumava impingir-lhe. Aborrecido, por me ver assim interrompido no melhor do meu sono, exasperei-me, empurrei-a brandamente e, voltando-lhe as costas, disse-lhe:

— Deixas-me dormir, sim?!

Caiúru não gostou nada daquela falta de gentileza. Amuada, levantou-se e foi sentar-se numa cadeira de viagem aberta ao fundo do quarto. Durante algum tempo fingi que dormia e não lhe liguei importância, mas, a pouco e pouco, comecei a enervar-me e acabei por soerguer-me e acender o candeeiro.

A caravana retomou a marcha. Na frente íamos os europeus — vanguarda de luzida cavalaria —, a seguir vinham os timores nobres e alguns oficiais nativos e, no final, os *auxiliares*, os *moradores* e as *nonas*. Espalhados em volta, os cãis latiam contentes e saltavam pelas sebes, uns atrás dos outros, como que preparando-se para a próxima batida. O cortejo enchia a estrada de-lés-a-lés e estendia-se num comprimento de algumas dezenas de metros.

Chegámos à planície por volta das nove horas e pusemo-nos logo todos a trabalhar, afanosamente, nos preparativos de um cêrco vasto e em forma. Nós, os brancos, dávamos ordens a torto e a direito e preparávamos as carabinas com todo o cuidado, enquanto os timores erguiam coretos feitos de bambu.

Antes das dez horas começou a queimada. Um círculo de fogo, amplo e crepitante, cercou os veados e os búfalos bravos dispersos pelo capim. O fogo alastrava ràpidamente, lambendo a palha e os pequenos arbustos, enquanto os caçadores, sôbre palanques, vigiavam atentamente a única saída. As chamas banhavam àvidamente a vasta planície de capim, consumindo, também, algumas árvores dispersas. Começaram, então, a ouvir-se mugidos de búfalos aterrorizados e em fuga.

Um búfalo correu para a saída, sendo-lhe disparados alguns tiros. Foi cair adiante, banhado em sangue. Um bando de veados dirigiu-se, simultâneamente, para a embocadura. Ouviu-se o mortífero crepitar da fuzilaria. Alguns juncaram o chão, mortalmente feridos e outros escaparam-se, perseguidos de perto pelos cãis e pelas azagaias dos timores escondidos atrás dos troncos. Os cãis seguiam-nos durante muito tempo e, quando próximos, fincavam-lhes os dentes nos testículos ou nos músculos das pernas e deixavam-se transportar. Os veados, com as carnes esfarrapadas, caíam, esvaídos em sangue e berrando confrangedoramente. Um cornúpeto

crivado de balas conseguiu evadir-se indo morrer a uma grande distância.

A caçada continuou emocionante, mal dando tempo, por vezes, ao rápido movimento das culatras. As chamas da queimada estavam cada vez mais próximas e desenvolviam um calor asfixiante. O Sol, a pino, esbraseava! As nossas camisas estavam encharcadas e o suor banhava-nos e escorria-nos pelos rostos com abundância...

A macacaria, alarmada, corria em ensurdecedora gritaria pelas ramarias e sentava-se ao longe a observar o temeroso incêndio. Alguns *lacos* e *medas*, sem tempo para fugirem, morriam no braseiro que avassalava já todo o círculo. A muitas serpentes sucedeu o mesmo, ao pretenderem escapar àquela incineração inevitável.

As catatuas e os periquitos esvoaçavam longe, receosos daquela atmosfera infernal! Os galos bravos que se escondiam no capim, em riscos de serem lambidos pelas chamas, descolavam e desapareciam pelo arvoredo em vôos planados de muitas dezenas de metros.

Junto dos palanques amontoavam-se os animais mortos: búfalos, veados, javalis e porcos bravos. Espalhados pelos matos estavam os veados que os cãis tinham morto.

Ao meio-dia começou o almôço. Assaram-se alguns frangos *à cafreal:* depois de depenados e limpos, atravessaram-se com um pau, esfregaram-se com um môlho feito de alho, colorau e *piri piri*, barraram-se de manteiga e voltearam-se sôbre o brasido.

Em breve, numa grande roda, tudo comia com apetite devorador. Eu não era, por certo, dos que se aplicavam a esta tarefa com menos entusiasmo! O vinho e a cerveja bebiam-se mesmo pelas garrafas, enquanto os timores despejavam, por sua vez, garrafas de *canipa* e canudos de tuaca e *tuassab*[1].

---

[1] Espécie de aguardente, resultante da destilação da tuaca.

Os cãis, esfalfados, roíam os ossos que os donos lhes iam atirando. Alguns macacos aproximaram-se e houve mesmo um que desceu sorrateiramente e que mordeu na pata dum canídeo. Quando êste se voltou, ganindo, já o *licrauc* (1) o contemplava lá de cima, com esgares trocistas.

Depois do almôço, nós, os europeus, estendemo-nos à sombra dos palavões, enquanto os *auxiliares* amontoavam a caça morta e a preparavam para o transporte. Alguns cortavam, com as catanas, grandes varas e descascavam-nas.

Os nossos criados trouxeram-nos papaias e mangas que nós comemos àvidamente. Havia também laranjas e tangerinas com abundância, para des-sedentar os mais acalorados e sequiosos.

Um timor, mordido por um *sacuna* (2), gemia dolorosamente. Um outro, que tinha sido apanhado por um búfalo enfurecido, estava agonizante. Alguns europeus, entendidos em medicina e enfermagem, prestavam assistência, solìcitamente, a todos os feridos.

O cheiro da carne estorrada nas fogueiras atraía as aves de rapina. Os *maquiqui* escondiam-se nas folhagens e os enormes abutres pairavam famélicos, grasnando.

Pela tarde iniciaram quási todos o regresso. Os europeus montaram e seguiram adiante. Os timores prenderam as patas dos animais caçados e suspenderam estes em varas, que sustentavam sôbre os ombros. Caminhavam ajoujados e vagarosamente. Dos doze veados, quatro eram valiosos espécimes de nove pontas!

Os búfalos, volumosos e pesados, tiveram de ser cortados ali mesmo, para se facilitar o seu transporte.

Um indígena, mordido por uma cobra verde, torcia-se

(1) Macaco.
(2) Escorpião.

com dores. Teve que ser queimado à pressa com uma ponta de ferro em brasa.

Em Same dividiu-se a carne, cabendo aos brancos e *principais* timores os tenros e saborosos *bibi-ruça*. A carne dos *carau* foi destribuída pelos *auxiliares, moradores* e outra gentalha do reino.

Eu, Alexandre e Martins, com as respectivas *nonas* e criados, ficámos ainda na planície até tarde. Da caçada apenas guardámos uma corça, que depois levámos connosco para Betano.

Caiúru, contente como um passarinho, assistiu a todos os pormenores da queimada e, depois de almôço, obrigou-me a acompanhá-la numa curta digressão pela mata de palavões, agora silenciosa e assustada ainda da recente batalha. A atmosfera estava ali também impregnada de um activo odor a pólvora queimada e a chamusco.

Eram três horas da tarde quando levantámos o acampamento e recomeçámos a viagem para Betano. Logo no princípio nós, os três europeus, distanciámo-nos das *nonas* e dos criados, que só tornámos a ver em Betano, já na praia. Durante algum tempo galopámos os três, a par, pelo caminho largo e liso que descia suavemente um monte insignificante.

Em breve, atingimos a planície que percorremos em ligeiro tropel. Uma vasta floresta de palavões cobria o solo numa extensão a perder de vista. Os cervos, assustados, escondiam-se nas ranhuras e nos barrancos. A ribeira aproximava-se, anunciada por férteis várzeas de arroz.

Era a época das sementeiras: manadas de búfalos mansos percorriam os lamaçais alagados, em todos os sentidos, para revolverem com as patas os terrenos a semear.

Alguns timores, encavalitados, dirigiam estes arados viventes!

Chegámos à ribeira, que ia cheia nessa altura. Perto, não vimos nenhum gentio que nos ajudasse a atravessá-la.

Alexandre disse-me:

— Passe você primeiro... O seu cavalo é mais alto!

Depois de algumas objecções razoáveis, meti «Átila» à água. A corrente era fortíssima! Quási a meio do leito, o cavalo, com a água pela barriga, deixou-se arrastar pela corrente, regressando, com muita dificuldade, à mesma margem.

Raul Martins tentou, por sua vez, atravessar a corrente, mas teve que desistir.

Alexandre tomou uma resolução heróica: aproveitaria um grosso tronco caído sôbre as águas e que as atravessava quási por completo. Eu e Martins, para o ajudarmos, abandonámos, por momentos, os nossos *cudas*. Estes ao verem-se livres, fugiram para o alto capim, que os cobriu completamente. Aflitos, eu e Martins deixámos Alexandre sôbre o tronco com o seu «Mulato» preso pelas rédeas e corremos sôbre as nossas montadas. Em breve ouvimos Alexandre gritando por nós, aflitivamente. «Mulato», temendo a corrente do riacho, rebentara as correias e fôra juntar-se aos companheiros em fuga.

Unimo-nos, então, os três numa caçada extenuante e infrutífera. Ao cabo de uma hora, apenas o «Mulato» se deixara prender. Finalmente, apareceram alguns nativos que se lançaram em perseguição dos dois fugitivos, enquanto nós procurávamos atravessar a ribeira, percorrendo cautelosamente o tronco derrubado. Quando me encontrava quási no fim, caí na água e submergi-me por completo. Reapareci momentos depois num estado deplorável Raul e Alexandre também se tinham afundado até à cintura! Um timor trouxe-nos o «Mulato» para a outra margem.

Já fartos de esperar que os cavalos fôssem captura-

dos, decidimo-nos a continuar a viagem só com o «Mulato». O calor solar tinha-nos secado as roupas nos corpos.

Uns instantes depois, uma chuvada torrencial ensopou-nos novamente. Eu, que fôra o propagandista mais entusiasta daquele passeio, já dava ao diabo a viagem!...

Tínhamos que nos revezar, a cavalo. Os dois que iam a pé faziam maravilhas de equilíbrio sôbre o caminho enlameado e escorregadio. Em certa altura afundei-me com o cavalo numa poça de lama! Quando me ergui, esta escorria-me, com abundância, do cabelo, da cara e até me enchia as algibeiras! Os outros, escarninhos, riam perdidamente. Pouco depois, Alexandre nadava num chavascal! Coube-me então a mim a vez de troçar e de rir. Raul Martins, para não fazer excepção, mergulhou por seu turno numa cova cheia de lama! E, assim, nenhum mais se pôde rir ao ver os companheiros enterrados nos tremedais.

Já perto da praia apareceram finalmente dois indígenas montados nos *cudas* foragidos.

Exultámos de alegria ao vermos as montadas. Dali em diante a viagem continuou-se rápida e sem incidentes, até chegarmos.

As *nonas* e os criados só apareceram à noitinha. Com a ajuda dos *auxiliares* tinham feito a travessia da ribeira mais fàcilmente.

O Pacífico, relevado por branda calema, morria sem luta no areal. A atmosfera cálida ennevoava-se com a poalha escura do crepúsculo...

— Dormiremos aqui esta noite — propôs Alexandre. Amanhã procuraremos o Macedo!

Todos concordámos.

Os cochins serviram-nos de travesseiro e as camas foram esteiras desenroladas no chão.

Deitámo-nos, cada par por seu canto. O céu azul regava-nos os olhos abertos com miríades de estrêlas. Em volta, zumbiam os anofeles, que não nos consentiam um segundo de sono, ou descanso!

As rãs, nos céspedes, coaxavam desharmónicas.

A noite, uma noite tropical à beira do mar, sonorosa e movimentada, decorria lentamente.

Morcegos enormes agitavam o ar estagnado e quente, em volitações negras e repelentes.

Pouco dormimos.

O Sol, despontando no extrêmo oriente, figurava um incêndio contido num círculo de gêlo... Nem uma cintilação!... Frieza de sangue sem vida!

As rãs cansadas deixaram de coaxar e os ralos, perante esta atitude das suas competidoras, calaram-se por seu turno. Da floresta vinha uma brisa morna e balsâmica, que rescendia a subtilíssimos perfumes de magnólia e palavão.

Uma víbora friorenta tinha-se enroscado, durante a noite, sob o meu cochim.

Lavámo-nos e comemos qualquer coisa. Os criados foram colhêr papaias, mangas e bananas, que nós saboreámos, igualmente.

Depois, eu e Caiúru fomos molhar os pés na espuma do oceano. Em seguida poisámos os corpos no areal e fixámos os olhos no horizonte cerúleo do mar!

Que belo e imenso é o mar! O mesmo corpo que ali palpitava com moleza, beijava também, tumultuosamente, as praias distantes de Portugal!

Por volta das nove horas montámos de novo a cavalo e seguimos pela praia fora em procura da casa de Macedo. Não era fácil descobri-la — palhota insignificante e escondida no meio do alto capim, rodeada de coilões e quási dentro da ribeira —...

Mas felizmente deparámos com um gentio amável que nos levou até lá.

A *uma* de Macedo constava de um telhado de fôlhas de palapa, um pavimento de bambu destapado e elevado alguns metros acima do solo e... mais nada! Macedo e o criado dormiam em cima e, por baixo, misturava-se a canzoada e tôda a fauna doméstica.

Mas, o leitor precisa de saber quem é êste Macedo e nós temos muito prazer em apresentá-lo: Trata-se de um deportado social, um antigo, que naquela altura não devia de andar longe dos cinqüenta anos; brasileiro de origem e pelo espírito, como o demonstrava o seu dito freqüente e orgulhoso, embora impróprio: «Sou gaúcho!». Desde que chegara a Timor isolara-se entre o capim, os *coilões* e os anofeles! Assim, ficou seguro de não ser importunado. Era feliz e gozava saúde naquele ambiente pútrido e miasmático. A sua casa era sòmente a cobertura: « Só preciso de me precaver das chuvas! » — Dizia êle, com freqüência. Desdenhava o mosquiteiro: « São os próprios anofeles os meus guardas, a garantia da minha independência! ». A-pesar destas extravagâncias gozava de invejável boa disposição, enquanto que os outros, mais cautelosos e alcandorados em regiões salubres, se debatiam em acessos de paludismo ou sucumbiam a uma biliosa mais violenta ou colhidos por fatal pneumonia. De que vivia? Do peixe que pescava, sem necessidade de sair de casa, da carne dos veados que os seu cãis apanhavam e das suas próprias criações e culturas!

O subsídio — diziam as más línguas que viviam na salubridade material! — mal chegava para os hábitos que adquirira no contacto quási exclusivo dos selvagens: masca, *canlpa*, etc.!...

O seu isolamento não era, porém, falho de incidentes. Um dia, uma cheia intempestiva da ribeira inundou-lhe o rés-do-chão da moradia (!) e levou-lhe todos os bens! Êle ficou porque dormia em cima!... Foi necessária tôda a gente do reino para o salvar... Nem assim foi

mais prudente no futuro. A sua nova residência era como que um grande cogumelo nascido na margem do ribeiro. Dizia-se que os crocodilos lhe aproveitavam a sombra da choupana para dormirem a sesta, sem jamais lhe evidenciarem a menor mostra de hostilidade! Macedo, mesmo de casa, alongava a cana sôbre as águas, em suas cotidianas pescarias. Uma vez por outra, pegava na carabina e procurava os búfalos, sucedendo, de quando em quando, que os papéis se trocavam, passando êle a ser o procurado pelos quadrúpedes acossados e irritados!

A verdade, porém, é que o Macedo era feliz!

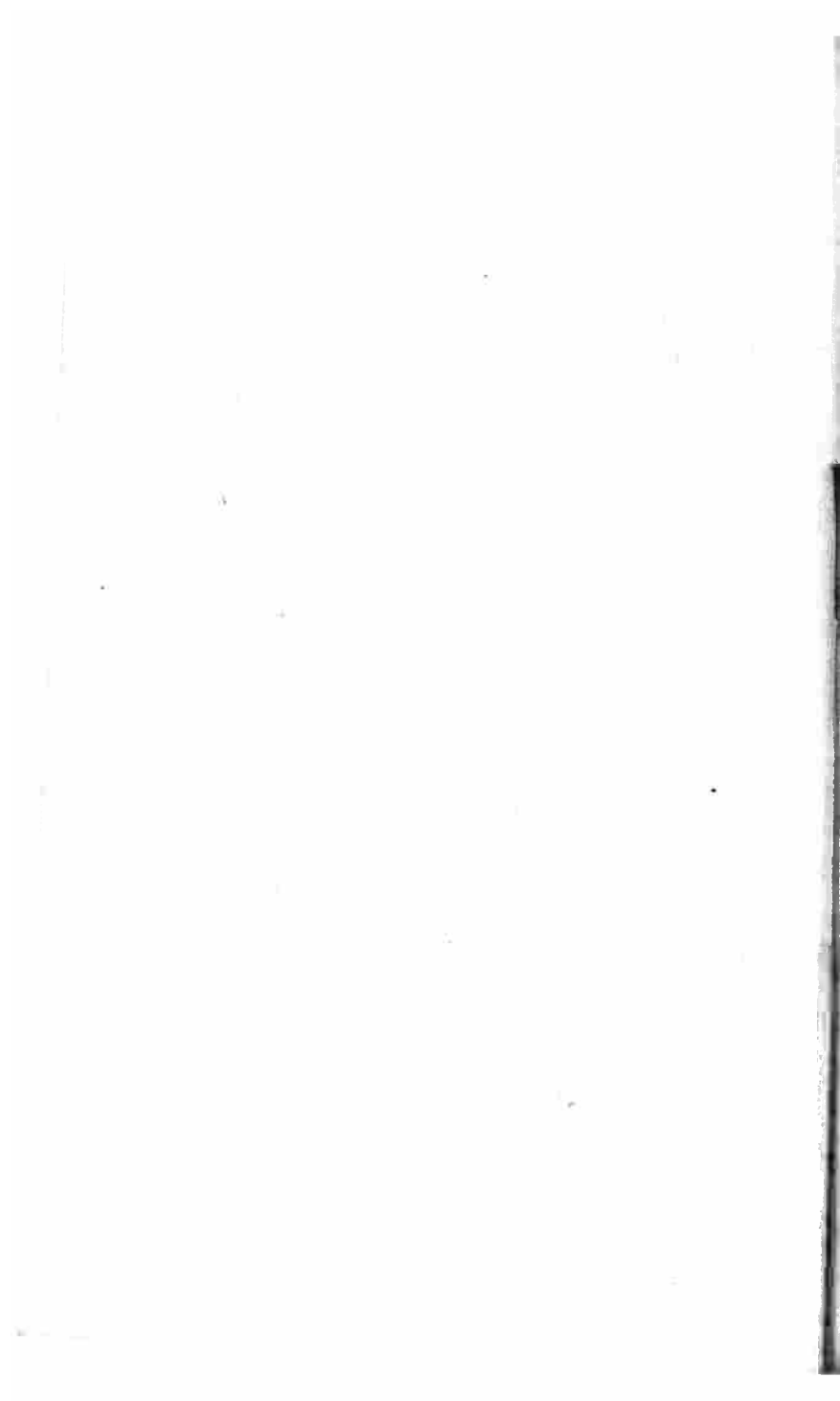
Eu e a restante comitiva chegámos por volta do meio-dia. Macedo recebeu-nos condignamente, mandando logo fritar grande quantidade de peixes de água doce, pescados já naquela manhã. Um nativo vendeu-nos uma porção de camarões da montanha, apanhados nas ribeiras. O almôço foi pois opíparo e regado com excelente tuaca, que nos desenvolveu a tagarelice.

Macedo consumia água dum *coilão*, garantindo, todavia, que se tratava duma fonte admirável, por êle descoberta!...

De tarde galopámos pela praia. Raul Martins procurava uma restinga onde pudesse estabelecer um cêrco de pesca. Na margem dum *collão* alguns crocodilos tomavam banhos de sol. Surpreendidos pela cavalgada, refugiaram-se no fundo das águas estagnadas e lodosas. Chegou a noite assustadora e misteriosa. Macedo, em atenção aos hóspedes, mandou acender fogueiras para afugentar os insectos, seus amigos. Depois da ceia convidou-nos a subir para o seu *primeiro andar*, a-fim-de dormirmos mais à vontade e mais sossegadamente.

Dois dias depois, enxotados pelo paludismo, regressámos à Raimera. Mais uma vez tomámos a dianteira, voando nos ágeis garranos e deixando as *nonas* e os

criados para trás. A ribeira levava menos água... mas nem por ísso deixámos de chegar tarde a casa e debaixo de chuva.

Luarentas claridades inundavam já a floresta, transformando as fôlhas molhadas em esplendorosas pratas e luciluzentes vidrilhos.

XVI

Poucos dias depois realizou-se em Ciarema uma festa importante para celebrar a inauguração da casa de alvenaria do *Liurai*. Os preparativos começaram com muitos dias de antecedência e da magnitude de tais festejos falava-se com admiração em todos os reinos, ainda nos mais afastados. A nada se poupou o digno chefe para dar inconfundível brilho e nomeada à cerimónia. Se preciso fôsse, seriam abatidas tôdas as suas manadas de búfalos, os seus rebanhos, cãis e aviário e gastar-se-iam as libras, cordões de *mutiçala*, «luas» e *pesos* mexicanos que lhe enchiam bojuda panela de barro, enterrada em local só dêle conhecido! Haveria uma emocionante corrida de cavalos, lutas de galos e alguns jogos, dos mais apreciados pela juventude daquele reino. Dariam brado os batuques e as rodas e bailaricos à maneira dos *malai*! Para isso compareceriam os melhores tocadores de gongue, *títi*, harmónio e violino! D. Carlos de Alas comprometeu-se com a sua grafonola e garantiu que dirigiria algumas quadrilhas, com a competência e elegância dum mestre-sala parisiense.

À noite haveria um banquete que nada ficaria a dever ao de qualquer rajá das Índias. Desde o *champagne* à tuaca, bebida alguma faltaria nas suas mesas, para pasmo e regalo dos seus convidados.

Andou de porta em porta, a comunicar a todos os *ma-*

lai — livres ou *dado* — (1), *datos, principais* e outras gentes gradas das redondezas, que as portas da sua principesca residência se abririam de par em par para os receber. Logo ao romper da manhã começou todo o reino, em grande azáfama, a cortar e transportar ramos de palmeira, *palapa* e bananeira para ser enfeitada a casa do chefe e o pequeno largo fronteiro. O estrondear contínuo dos *panxões* (2) repercutindo pelas aldeias, entusiasmava todos quantos teriam a felicidade de ali se irem divertir e refastelar. Os *títi* rufavam unísonos e potentes, obrigando convidados que vinham de longe a apressarem-se e até a dansarem o batuque, isolados, nas sombras frescas dos caminhos.

Mal o altívago astro diurno marcou o início da tarde, começaram a chegar magotes de convidados indígenas. Vinham de Alas, Betano, Tútu-Luro, Fatu-Berliu e ainda de reinos mais remotos; traziam os seus melhores panos e envergavam luxuosíssima indumentária. As mulheres adornavam-se com tôdas as suas jóias e faziam-se acompanhar das respectivas *babas*, que suspendiam do ombro por uma estreita correia de pele de búfalo. Atearam-se fogueiras e abateram-se logo alguns cornúpetos que, depois de esquartejados e divididos, foram assados nos braseiros e devorados. Vieram bambus cheios de tuaca, que os indígenas beberam com entusiasmo e sem temperança. As mulheres, fartas mais de-pressa, davam-se as mãos e dançavam em volta das fogueiras graciosos jogos de roda, ao som das *babas* e das suas vozes confundidas num côro monótono e repetido. Alguns *assuai* executavam na frente delas bailados excêntricos e difíceis, para mostrarem a sua plástica e agilidade. Gritos dissonantes, selvagens, denunciavam a

(1) Preso (deportado).
(2) Espécie de bombas de S. João, feitas com canudos de bambu e muito ruïdosas.

satisfação geral por tais provas de arte e de fôrça.

Alguns europeus começaram, também, a aparecer, montados nos seus velozes corcéis. O *Liurai* recebia-os com demonstrações de grande deferência e introduzia-os em casa, obsequiando-os com cálices de «pôrto», canecas de cerveja, ou taças de *champagne*.

Como tôda a população branca da Raimera, também eu fui convidado. Eu... e a minha *nona*, bem entendido.

Hesitei, porém, algum tempo em ir aturdir-me naquele festim babélico e tumultuoso. Os meus ouvidos estavam já demasiadamente habituados à paz bucólica da selva e aos doces murmúrios da natureza calma, para que, de chofre, me decidisse a concordar com uma transição tão violenta e desagradável. Chegou o dia da festa, sem que eu tivesse afastado de mim aquêle horror ao borborinho dos *estilos* (1).

No entanto, eu percebera no olhar submisso e amoroso de *Caiúru*, um desejo ardente de ir àquele famoso arraial da sua gente.

Êste facto e a insistência amiga de Alexandre e de Martins, demoveram-me finalmente dos meus propósitos misantropos.

Montámos a cavalo e atalhámos por barrocos e matagais que iam quási direitinhos a Ciarema. A alegria aumentava à medida que nos aproximávamos dos prazeres que D. Luiz nos proporcionaria.

Fomos galhardamente recebidos. Vários criados tomaram conta dos cavalos e foram prendê-los ao pé de grandes molhos de erva e de fôlhas de bambu. D. Luiz fêz abrir várias garrafas e servir-nos a capricho e copiosamente. Já tinham chegado quási todos os europeus, e convidados timores e chinas não faltava nenhum. A algazarra era ensurdecedora e as rodas apanhavam todo o

(1) Festas.

largo, repetindo-se os coros e as pancadas nas *babas* e nos *títi* com ritmo dormente e cadenciado.

Chegou a hora das corridas de cavalos. Os melhores garranos foram montados em pêlo por exímios equitadores gentios. A um sinal de D. Luiz partiram à desfilada. Em velocidade vertiginosa, alguns cavaleiros foram-se estampar com as montadas nos muros, ou despenharam-se pelas ravinas. Ficou vencedor um cavalo de D. Carlos, rei de Alas. Um rapaz morreu pouco depois, em virtude da queda, e três outros encontravam-se em péssimo estado. Dois *cudas* ficaram por sua vez inutilizados. Foram logo abatidos, assados e devorados pela gente do reino. Os europeus resolveram fazer também uma corrida, montando êles próprios os seus corcéis.

Alguns indígenas mais categorizados quiseram fazer parte da prova. Eu pensei em correr, mas os camaradas dissuadiram-me: «Era perigosíssimo»... e, demais a mais, eu já tinha bebido uns copitos...

— Precisamente por isso...

— Não, não vai! — intimou-me Raul Martins. Irei eu no seu Átila, que não tenho pretensões com o meu *cuda* lazarento.

Assim sucedeu.

Em breve voavam como meteoros, mas sem a perícia e o à vontade dos nativos.

Átila chegou primeiro. Fiquei radiante e quási beijei o meu «Velhinho». Dali fomos novamente beber. Levantaram-se discussões acaloradas e fizeram-se comentários azedos:

— Se não fôsse...

Todos se justificavam de não terem chegado primeiro, com razões abundantes e lógicas. Eu expandia a minha boa disposição, mimoseando os cavaleiros vencidos com piadas e insinuações:

— Não podeis exigir milagres a cavalos de vinte e de dez patacas...

Barafustavam:

— Qual...

O vinho do Pôrto e a cerveja foram mudando os assuntos das conversas. Saímos para o largo enquanto a espôsa do *Liurai* obsequiava gentilmente, com bolinhos e chá, as nossas *nonas*. Fora, os timores embriagados, cantavam com voz roufenha. As mulheres, com enfeites de plumas de catatua nas cabeças, dançavam lânguidamente e continuavam espancando as *babas*. Alguns jovens mais robustos entretinham-se no jôgo do pé, por entre grandes clamores dos assistentes. Quando um lutador batia com o dorso no chão, o outro era delirantemente ovacionado. Em grupos isolados faziam-se alguns combates de galos. As apostas ferviam em volta, com interêsse exagerado pelas grandes quantidades de tuaca ingerida. Alguns pares desapareciam nas vielas, ou afundavam-se no espêsso e alto capim. Das fogueiras evolava-se um activo cheiro a carne assada. Os indígenas, excitados, manifestavam o seu mais recuado atavismo numa gritaria selvagem, infernal! Os europeus, cada vez mais dominados pelo alcool, despiam os seus preconceitos de civilização e misturavam-se com a gentalha. Alguns davam as mãos às timores e dançavam interessadamente com elas. O chão estava coberto por uma vasta nódoa vermelha e fresca de arecina. O suor do gentio tornava a atmosfera verdadeiramente pestilencial. Os brancos isolavam as mulheres e mostravam-lhes patacas. Algumas aceitavam e escondiam-se com êles. Outras rejeitavam cheias de dignidade e corriam a confundir-se com a multidão. O crepúsculo estendia o seu véu negro sôbre as coisas e sôbre os sêres, realçando de mais em mais os feixes de chamas que irrompiam das fogueiras. A alegria, geral, atingia o auge! Os indígenas empanturrados e embriagados dançavam pesada e mecânicamente.

A's nove da noite começou o banquete na residência

de D. Luiz. Sentaram-se uns cinqüenta convidados. Aos europeus foram dados os lugares mais honrosos e a seguir ficaram os naturais por ordem de castas e categorias. Noutra sala ao lado comiam as *nonas* e pessoas de menor importância. Os criados começaram a trazer as diferentes iguarias em grandes travessas e a servir os convivas. De princípio observou-se alguma compostura. A pouco e pouco, porém, as conversas foram-se acalorando e, à medida que os múltiplos manjares apareciam e que as garrafas se esvaziavam, ia-se o banquete transformando numa babel. A vozearia geral aturdia até os que mais gritavam. Aqui e além partiam-se já, em gesticulações exageradas, garrafas, pratos e copos.

As nossas *nonas*, solicitadas pelos pais, tinham ido com êles para fora, depois de obtido o nosso unânime consentimento. Alguns mancebos começaram a tocar violino e harmónio. Os rapazes e as raparigas deram-se imediatamente as mãos e começaram a dançar. Alguns europeus, livres dos olhares das *nonas*, quiseram tomar parte nas rodas. Eu e Martins conseguimos dois pares dos mais galantes. O meu par era uma rapariga pequenina e extremamente jovem. Dezasseis anos, se tanto! Trazia um lenço preso à frente, no pescôço, e caído sôbre os ombros, deixando-lhe a descoberto uma cabeleira formosíssima e ligeiramente crêspa. Os olhos túmidos e escuros, de donzela guardada, não sabiam ainda fitar de frente, com audácia. Os lábios sensuais e redondos nunca deveriam ter apreendido o dulçor edénico de um beijo e os seios vírgens inflectiam os mamilos na sêda fresca e fina da *cabaia*. O ventre e as ancas não mostravam os exageros deselegantes e licenciosos das africanas. Pèzinho miúdo, de ave leve e incerta, emmoldurado em *cambaras* com debruns de fio de oiro e de prata. Na farta trança, enrolada na nuca, cravavam-se um crescente de oiro timor com incrustações de madre-

-pérola e alguns pregos encabeçados por moedas de prata de vinte avos.

Prendiam-lhe os pulsos tenros duas pulseiras lisas de prata e ao pescoço trazia um fio de oiro feito com libras inglesas. Ao sentir-se nos meus braços estremeceu de mêdo ou de pudicícia e não teve sequer coragem para desprender-se ou fugir.

Os pares, enlaçados, rodopiavam, impulsionados e embalados pelas notas dolentes de um tango que girava na grafonola. A carne mimosa e palpitante das garinas desprendia cálidos e excitantes perfumes.

O meu gracioso par, sentindo, talvez, que os meus braços a apertavam demasiadamente, fugira-me. A confusão era enorme. D. Carlos de Alas desistira de continuar a marcar as suas quadrilhas e ouviam-se ao mesmo tempo músicas antagónicas e desconcertantes.

Os europeus, embriagados, perdiam a compostura e misturavam-se com a nobreza do reino. D. Luiz e os convidados da sua raça estavam igualmente perdidinhos de bêbedos. Algumas *nonas* de europeus, vendo os maridos inconscientes, ausentavam-se por mais tempo do que a decência aconselhava. Voltavam com as *cambatis* amarrotadas e com os penteados desfeitos. Eu e Martins saímos. Cá fora a gente do reino continuava nos seus folguedos em tôrno das fogueiras. De quando em quando ouviam-se os estoiros dos *panchões,* sobressaindo da barulheira indescritível feita pelos *titi, babas* e harmónios. As rodas, compridas, moviam-se cada vez mais abafada e vagarosamente e semelhavam o rastejar coleante de um réptil gigantesco, ferido e moribundo. As vozes que cantavam eram roucas e os pés batiam no chão já sem entusiasmo. Esconsos nos salgueirais e no capim adivinhavam-se muitos pares, dormindo. Algumas raparigas, talvez pisadas e possuídas em algum recanto da selva próxima, sentavam-se com lassidão e com modos que denotavam um cansaço excessivo. Os compridos

canudos de bambu estavam quási vazios e as garrafas de *canipa* tinham-se esgotado já noite dentro.

Começara a cair uma geada, úmida e fria, que nos afugentou para casa do *Liurai*.

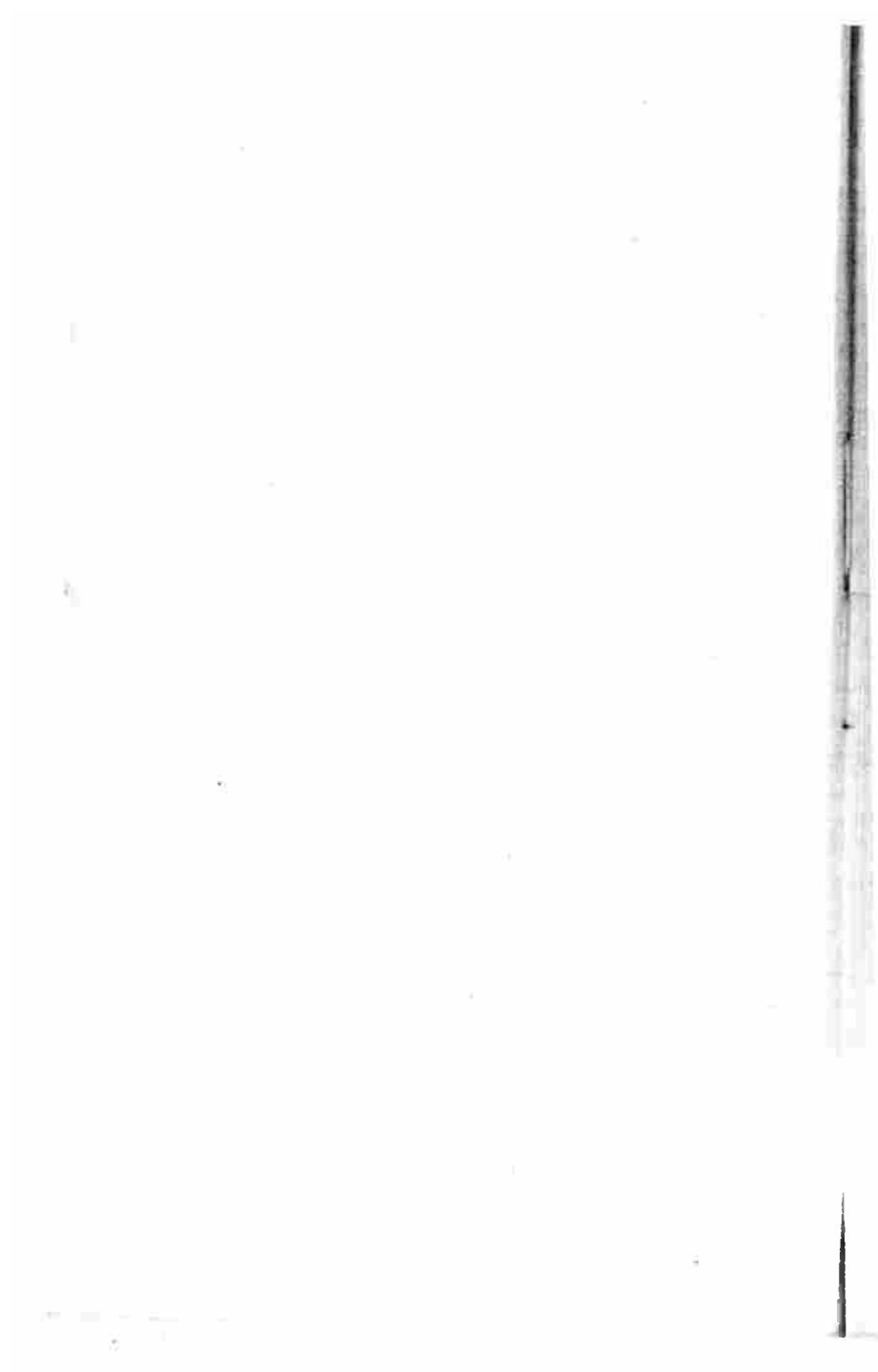
Lá dentro, a atmosfera, saturada de fumo e de emanações alcoólicas, tornara-se pesada e irrespirável e o ambiente era de verdadeira bacanal. Algumas horas de excessos e desregramentos tinham subvertido tôdas as composturas e conveniências sociais, ou de moral.

Europeus e indígenas, numa mistura sórdida, dormiam pelo chão, ou descaíam das cadeiras e das mesas. O camarada Branco Pinto, ou «Branco e Tinto», como alguns lhe chamavam, roncava sonorosamente a um canto. A sua bebedeira era de tal fôrça que êle só acordou passadas 24 horas! Entretanto a *nona*, a sua «querida Severa», como êle dizia, de antemão convencida da longa sonolência do seu *senhor* e não podendo, talvez, resistir a tantas horas de abstinência e liberdade, entregara-se, por momentos, nos braços de um irresistível sedutor, o camarada Rui Monteiro. Esta *traição* ia dando lugar, mais tarde, a um drama terrificante, que o acaso feliz da presença duma apaziguadora garrafa de *cognac* evitou.

Alexandre puxou-me para fora, onde nos juntámos a Martins. A areca mascada e cuspida enrolara-se na poeira úmida, transformando-a numa lama fina e viscosa que se nos agarrava pertinazmente aos sapatos. O ar exterior, menos viciado, mais leve e mais fresco, bafejou-nos os rostos, animando-nos e desentorpecendo-nos. Os vapores do alcool dissipavam-se e nós, agora, víamos e pensávamos com mais nitidez. O barulho sumido e rouco das *babas* e dos *títi: pam, pam... pam, pam... pam, pam...* era o eco tumultuário dum festim longínquo, já na agonia. Os pirilampos minúsculos e os morcegos grandes como águias, convergiam, atraídos pelas chamas mortiças das fogueiras abandonadas. Junto de nós, dois indígenas esquálidos emborcavam e esvaziavam nas goe-

las, um após outro, uma garrafa de mel silvestre. Démos umas voltas pelo largo, ziguezagueando em tôrno dos corpos adormecidos e tudo aquilo nos lembrou um campo de batalha, onde se acabasse de travar mortífero combate e se amontoassem, ainda por recolher, os montões de cadáveres e de despojos. As pontas esbraseadas dos nossos cigarros, luzindo e riscando linhas fantásticas na noite escura, dir-se-iam almas errantes e indecisas fugidas de algum cemitério inhóspito.

Em cima da erva, alguns garotos ventrudos e nus, dormiam sossegadamente e muito enroscados uns nos outros. Procurámos as nossas *nonas* e iniciámos o regresso. O arrebol da aurora começou a tamisar as altas camadas atmosféricas de coloridos róseos-claros. Seguíamos lentamente, debruçados sôbre as crinas dos cavalos e mal seguros. As fôlhas das abacateiras açoitavam-nos sem violência e, por vezes, parávamos em frente de inextricáveis emmaranhados de trepadeiras.

Depois lá continuávamos, adormecidos quási, enquanto os corcéis gatinhavam cansados, puxa-que-puxa, pelas encostas acima.

XVII

Mas a felicidade, tão ansiosamente buscada, não estava ali no «Palácio da Granja». Tornava-se necessário ir demandá-la mais longe, num recanto onde a selva fôsse mais bárbara e menos povoada, sem jardins, sem arruamentos geomètricamente traçados e sem paredes de alvenaria.

Eu e Caiúru éramos apenas hóspedes de Alexandre e, nessa qualidade, só nos competia comer, dormir, passear e fazer contas uma vez por mês.

A princípio esta situação foi-nos até cómoda e agradável, porque o nosso amor enchia o tempo todo e achava-o até pouco. Mas o amor tem as suas fases e exige-nos, despótica e constantemente, novos climas, novos ambientes e outras sensações.

O amor mais modesto não dispensa um lar — a instituïção-base das máximas aspirações dos namorados e dos casais. O lar é a fortaleza onde se guardam perpetuamente as doces afeições dos amorosos; é a mais bela e optimista união de esforços que a humanidade tem conhecido; é através dêle que o amor adquire um sentido criador e eterno e é adentro das suas muralhas inexpugnáveis que se consolidam e sublimam os sentimentos mais puros e veneráveis que o coração humano encerra. No lar há tarefas a realizar, tão belas que nenhumas outras, na vida, se lhes poderão igualar.

Ora Caiúru sentia a falta de um lar! Apenas possuía

um quarto e uma mesa posta e isto mesmo sem que ela dispendesse esfôrço algum ou assumisse quaisquer responsabilidades. Ela própria se confrangia com a sua passividade e insignificância e muitas vezes tinha já pensado — li-lho nos olhos! — que a sua vida não tinha horizontes, nem um fim a realizar. Um lar é um instituto indivisível e aquêle que nos guardava hospitaleiramente tinha já a sua dona, a sua raínha legítima, absoluta e indiscutível: Ernestina! Caiúru sentia-se uma intrusa, uma insignificante adventícia naquele poder doméstico que já tinha quem o exercesse avara e totalmente. Esta situação equívoca aumentava nela o seu desejo de partir, de possuir também um buraquinho, ainda que modesto, onde pudesse materializar o seu mais belo sonho de mulher. E eu sentia tão sinceramente a justa mágoa da pobre pequena, compreendia tão bem o seu aborrecimento, que já nem me admirava nem a contrariava, quando ela me pedia autorização para ir visitar as amigas — *nona* Maria, *nona* Beatriz ou qualquer outra.

Mas estas visitas às *amigas* não só não resolviam o problema como até faziam muito mal a Caiúru. Não tanto pelo hábito que as *nonas* têm, quando reünidas, de porem a ridículo os seus *malai* e de criticarem irreverentemente tudo quanto êles fazem, mas sobretudo pelas ambições excitadas, ou pelas invejas desencadeadas.

Quando Caiúru regressava trazia sempre histórias para me contar e tinha igualmente que manifestar-me a sua admiração pelas qualidades e grandes quantidades de *cambatis, faros* e *lipas*, que as suas amigas possuíam. E insinuava, subtilmente:

Olha *malai, nona* Maria tem muitas *lipas* de sêda, tôdas tão lindas, que lhe comprou o *malai* Tenente...

Eu compreendia perfeitamente estas alusões, bem ofensivas para o meu orgulho de pelintra. Mas em vez de me irritar, respondia-lhe com calma:

— Que queres, o teu *malai* é pobrezinho, não tem dinheiro, não tem coisa alguma...

— Mas eu não quero nada, senhor... Tu és bom, isso me basta...

— E se não te bastar, só tens uma coisa a fazer: procurar um *malai* rico que te compre muitas coisas. Quando quiseres partir, não te prendas, nada receies. Considera-te livre e pensa que prefiro que me deixes, a que vivas comigo contrafeita.

Caiúru, porém, nem desejava partir, nem queria que eu lhe desse fôsse o que fôsse. O meu amor chegava-lhe e não o trocaria pela melhor fortuna do mundo.

Isto dizia ela e eu, insensato como todos os homens, acreditava-a, enlevado e venturoso. No entanto, à cautela, passei a contrariar estas *amizades* perturbadoras e a restringir visitas indesejáveis.

Mas havia mais.

Em mim, como de resto em todos os jovens que sonharam e leram, havia um Robinson adormecido. Quantas vezes, no estridor da cidade em movimento, no reduzido panorama de paredes e ruas alcatroadas, atordoado e prisioneiro do progresso, depois de assistir num cinema à passagem dum dêsses filmes fantásticos que nos apresentam o homem, renascido na sua primitiva vitalidade, vencendo a floresta, o deserto ou o isolamento insular, apenas com a sua fé, a sua vontade e inteligência, eu desejei partir também à aventura, em busca de qualquer ilha perdida no mais recôndito dos oceanos, onde eu pudesse ser o primeiro a devassar-lhe a quietude virgem e ancestral!

Quantas vezes êsses livros maravilhosos que nós, os que fomos realmente jovens, jamais esquecemos, me excitaram a ponto de julgar possíveis tôdas as aventuras, mesmo as mais romanescas ou extraordinárias! E, então, a-par de tantas fantasias, ao lado dos mais belos sonhos, tomava sempre proporções dentro do meu espí-

rito cansado por uma civilização cheia de misérias, contradições, injustiças e crueldades, um desejo ardente de ser bárbaro e só, numa floresta imensa e selvagem, onde eu tivesse de lutar e dominar ùnicamente com músculos, com vontade e com inteligência. E, fechando os olhos, via-me rude, primitivo, de torso nu e empunhando um machado, a abater árvores multi-seculares, a erguer uma choupana, e a viver ali com uma mulher que me amasse e que pensasse como eu, rodeado de galinhas, cavalos, porcos, cãis e cultivando eu próprio uma horta e um pequeno jardim! Oh, isto deslumbrava-me, era estranhamente belo!

Mas agora, sem exageros, pondo de parte alguns pormenores mais difíceis de ajustar ao meu velho sonho, era possível, era até fácil realizar êsse belo romance, ainda tão vivamente impressionado no meu cérebro, ainda presente na minha juventude madura de vinte e um anos! E para isso bastaria escolher, entranhar-me um pouco pelo mato, em qualquer sentido, e marcar o lugar preferido. Como nos contos de fadas, tudo seria disposto ao meu gôsto e segundo a minha vontade! Algumas vezes o Comandante Militar me tinha já declarado que me ofereceria uma modesta casa de *palapa*, a construir onde eu quisesse, em qualquer ponto que eu escolhesse!

E, no entanto, eu ali continuava no «Palácio da Granja», pensionista de Alexandre, sem preocupações, sem afazeres, sem interêsses... Possuía a mais bela e invejada *nona* daqueles reinos, era meu o cavalo mais veloz e cobiçado em tôda a região e fermentava-me no pensamento um sonho magnífico, agora fácil de realizar mas, todavia, neurastenizava-me numa vida sedentária e sem encantos, numa inactividade mórbida e mortificante!

Oh, era necessário, era urgente fugir, partir, correr para a felicidade próxima e tentadora!

E esta sedutora idea, reacendida na minha imaginação doente, cresceu, avolumou-se e tornou-se febre. Per-

corri montes, atravessei planícies, desci colinas aprumadas e circundei planuras verdejantes. Afinal, já extenuado, depois de percorridas longas distâncias, parei um dia, maravilhado, completamente seduzido, no colo estreito do próprio planalto da Raimera! Era um mirante único, absoluto, donde se olhava para tôda a parte, donde se viam todos os postos do Comando, o mar, a Cablac e terras mais longínquas ainda.

Arrastei Alexandre até lá e expus-lhe todo o meu plano. Eu não podia continuar a viver de braços cruzados e, tendo uma casa minha, responsabilidades, afazeres, distrair-me-ia, por certo, esquecendo preocupações, saüdades, nostalgias...

Alexandre achou insensato o meu plano e atacou-o com argumentos sólidos e substanciais. Desagradava-lhe, sobremaneira, a minha atitude — e prevendo já o inevitável aumento de aborrecimento que se iria entranhar no «Palácio» — tornou-se carrancudo e ficou todo êsse dia de mau humor.

No dia seguinte começaram as obras. Cinqüenta *auxiliares*, divididos por diferentes tarefas, davam nova fisionomia ao estreito colo, já livre do crêspo matagal que havia pouco o cobria.

A casa ficaria pequena: a tradicional varanda destapada, que serviria de sala de jantar, e mais dois compartimentos. Um dêles seria o quarto de dormir e o outro a despensa. As paredes eram de *palapa* e o teto seria feito com fôlhas daquele arbusto. Fronteira à residência, num cubículo isolado e pequeno, ficaria a cozinha, com paredes de bambu aberto e cobertura de capim. Ao lado far-se-ia uma palhota destinada ao criado, se algum viesse a tomar para o meu serviço. Numa outra dormiriam os *auxiliares*. Haveria ainda as cavalariças, as capoeiras, o curral, o balneário e um alpendre, onde se prepparariam as refeições dos *auxiliares* e dos irracionais. Defronte da cozinha e encostados a um *lantém*, alinhar-

-se-iam os bambus da água. Mandei cortar cerces algumas árvores seculares que me furtavam trechos insignificantes de vista. Só uma delas demorou quatro dias a decepar, ocupando seis indígenas. Alexandre só teve conhecimento dêstes arboricídios depois dêles consumados. Ferveu de justificada indignação:

— Um selvagem não fazia o que você fêz! Não calcula a falta que fazem estas árvores para sombrearem o café...

Encolhi os ombros e respondi-lhe:

— Não quero nada na minha frente...

«Estavam cortadas, estavam cortadas!». Na verdade, o recanto do planalto não era mais que uma plataforma lisa e destapada. Só dum lado se via ainda o mato insondável.

Quando uma das árvores cortadas caíu pelas abruptas e inclinadas escarpas, estava eu presente. O estertor do monstro e o abrir da ferida enorme — bocarra hedionda — metiam mêdo. Ao despenhar-se produziu um clamor surdo e horroroso. Sucedeu-se um silêncio terrificante e ameaçador. De longe em longe, um pedregulho sôlto, rolava pelo barrocal. Depois, tudo se silenciava outra vez. Algumas trepadeiras, grossas e longas, tinham-se partido com o pêso da árvore. Agitavam-se de um lado para o outro, formando caprichosos mudéjares. Pouco depois a macacaria indemne, recobrando a serenidade, debandava em desenfreada gritaria. As aves, esquecidas do acidente, aproximavam-se em busca dos insectos amedrontados e fugitivos.

Chegou finalmente o ambicionado dia da mudança. Caiúru não cabia em si de contentamento e eu próprio não podia esconder a felicidade que me trasbordava na alma.

Pouca coisa tiveram que transportar os auxiliares: uma cama, uma cadeira e as minhas duas malitas (agora minhas e de Caiúru) já mais vélhas, muito esfoladas pelas montanhas atravessadas e talvez mais vazias.

Nós sim, tivemos muito que levar! Íamos ajoujados de fulgentes aspirações, de maravilhosos sonhos e com tantas esperanças que mal nos podíamos mover...

Era esta tôda a nossa bagagem, tôda a nossa querida e frágil fortuna! Que mil cuidados não demandava o seu transporte, para que o mais ligeiro choque a não molestasse, ou esmigalhasse!

Mas o tesoiro chegou incólume. O nosso Reino estava pronto e era tão belo e simples, na sua aparência modesta, apagada, de pequena povoação indígena! Lá estava a nossa casinha — só nossa — o nosso quarto todo forrado de esteiras, a janelinha pequena de palapa espreitando o pequeno largo, a cozinha com o seu fogão de barro e bambu, a residência carinhosa de Átila, a *uma* dos *auxiliares*, a casa de banho (!), o curral, as capoeiras!..

Depois de tudo arrumado, os *auxiliares* partiram e nós ficámos sós, finalmente! Eu, um novo Robinson, e Caiúru, a fada daquelas florestas bárbaras mas hospitaleiras.

Começou então a vida nova, uma vida repleta de afazeres viris e de adaptação. Todos os pormenores foram cuidadosa e sèriamente estudados por mim e por Caiúru. Ela, sentindo-se dona, de-pressa aprendeu os seus deveres e fêz-se hábil e diligente cozinheira. Eu multiplicava a minha actividade, confeccionando êsses pequenos nadas — umas estacas, uns cabides, copos de bambu, o saleiro, etc. — que são sempre indispensáveis numa casa. Levantávamo-nos antes do Sol despontar e só recolhíamos ao leito noite dentro, cansados, mas felizes e satisfeitos. Vieram galinhas, bácoros e outra fauna doméstica para completar o nosso lar e torná-lo mais vivo e pitoresco, mais colorido e harmonioso. Dois cachorros — o Leão e a Leoa — irmãos de boa raça, quiseram também partilhar connosco da nossa vida agreste e do nosso pão. O mesmo fêz um jovem *laco*, que se acomodou no fôrro do quarto.

Algumas enxadas e catanas desbravaram o terreno circunvizinho e uma pequena horta reverdeceu fàcilmente naquela terra virgem e generosa.

Caiúru trabalhava infatigàvelmente, como costumam trabalhar as rudes e boas camponesas da minha terra. Cozinhava, lavava e engomava a roupa, arrumava e alindava tôda a casa e, nas horas vagas, até caçava, à sua maneira.

Um dia apareceu-me, correndo, com um galo bravo na mão:

— Vê, *malai*, estava num dos meus laços!

— Bravo! És uma grande caçadora!

— Apalpa, senhor; é gordo!

— Muito gordo, realmente!

— Estava no meu laço!

— Tens que armar mais alguns; vejo que isso dá um resultadão!

Ao jantar deleitámo-nos com a vistosa e excelente ave, de sabor idêntico ao do capão.

No dia seguinte, Caiúru passou a tarde a dissimular entre os arbustos mais armadilhas aos incautos galináceos. Uma pequena forquilha de madeira, um fio, uma varinha de bambu e alguns bagos de milho e pronto, estava feito um laço.

A's vezes, depois do almôço, íamos para um esplêndido tanque de cimento que ficava numa encosta próxima. Enquanto Caiúru lavava a roupa, eu fazia natação. Caiúru tornou-se assim como que a minha própria sombra e ser-me-ia já impossível viver sem ela. Nos primeiros tempos ainda lhe permitia aquelas permutações de visitas, a que as timorenses dão tanto aprêço. Mas voltei a pensar e talvez bem, que as mulheres juntas não aprendem coisas boas... De resto eu já tinha alguma experiência a êsse respeito. Assim, um dia, quando ela me solicitava autorização para ir visitar umas ami-

gas, asseverei-lhe que a única amizade que ela deveria cultivar era a minha.

—Não tens necessidade de andar pelas casas dos outros...

Caiúru parece que concordou... Pelo menos conformou-se. De modo que passámos a viver apenas um para o outro.

De manhã era eu quem abria a porta da capoeira. Os habitantes desta, depois de encherem os papos com o milho por mim espalhado no pequeno largo, desapareciam pelo matagal. Só voltavam ao anoitecer, surtindo, em fila indiana, por debaixo das urzes emmaranhadas na ladeira a-prumo. Algumas vezes sucedia que eu me levantava mais tarde e, então, era Caiúru que desempenhava aquela tarefa libertadora.

Se algumas galinhas estavam condenadas a ser comidas num dêsses dias, eu recomendava sempre à *nona* que as prendesse antes de abrir a capoeira. Mas Caiúru não raras vezes se esquecia de tomar aquela providência... Ia depois esgueirar-se pela selva, fazendo descidas simiescas, em busca da ave salvadora... Jamais descobriu onde paravam durante o dia!

Então eu zangava-me e com razão!

Mas, nem só para procurar galinhas Caiúru fazia aquela acrobacia extraordinária: o grito de uma *meda*, o miar dum *laco* ou o esvoaçar alvoroçado dum *mano fuic*, preso numa das suas armadilhas, era motivo mais que suficiente para que ela desaparecesse, rápida e misteriosamente, nos abismos cobertos de espêsso mato e arvoredo emmaranhado em trepadeiras sem fim.

Admirado, aguardava ansiosamente que ela surgisse pelo buraco que a sumira. Já por vezes uma inquietante angústia me assaltava, quando a via sobrenadar as ramarias em ponto mais distanciado!

Caiúru tomava banho todos os dias, de manhã, e depois penteava-se, não com óleo de côco, mas sim com o

auxílio de brilhantina e perfumes, dos que usavam as europeias. Nos domingos em que íamos ao bazar, demorava-se já um pouco mais no toucador. Eu tinha-lhe comprado um cavalo, sua máxima aspiração! Ir ao bazar montada num *cuda* seu tinha para ela mais valor!

Eu adiante e ela atrás, fazíamos o trajecto sempre a galope, caprichando em ultrapassar todos os cavaleiros que topávamos no caminho.

Com os poucos luxos que eu lhe comprara, vestidos com gôsto e simplicidade, fazia sempre sucesso em Same. As outras *nonas* olhavam-na cheias de inveja e os europeus lançavam-lhe olhares concupiscentes. Por minha vez — para que negá-lo? — tinha vaidade na minha Caiúru!

Vaidade legítima!

Feitas as compras, despedíamo-nos e partíamos para casa à desfilada.

E apenas chegávamos púnhamo-nos logo à vontade, entregando-nos aos nossos afazeres. Quantas vezes, alargando a vista pelo esplendente panorama, eu pensei que, afinal, a felicidade era uma coisa fácil e simples!

Só de quando em longe recebia alguma visita da Raimera mas nunca a retribuía. Habituei-me, pouco a pouco, a viver só com os timores. Eu falava já o *tétum* correctamente e, como já proïbira o uso do português, tornei defeso, também, o uso de qualquer outro dialecto indígena, num dia em que me pareceu que os *auxiliares* usavam o *mombai* para me criticar os actos.

E Portugal?

Se olhava para o mar lembrava-me, mas a ventura era muita, para que pudesse ter saudades. Quando os outros camaradas me falavam da metrópole, eu comentava com ênfase:

— Ah, bem sei; um país pequeno que fica nos antípodas...

Um dos meus maiores enlevos era a horta. Passava

ali o melhor do dia, vendo se os legumes rompiam da terra ou se as hortaliças cresciam. Eu mesmo dirigia as regas, com um sacho em punho.

Caiúru não era estranha a estes devaneios rústicos. Quis mesmo ter um couval privativo. Para isso aproveitava os talos das couves consumidas, que espetava no solo sem quaisquer cuidados. Estes desenvolviam-se sempre e davam algumas fôlhas raquíticas, que mal faziam um caldo verde...

— *Malai*, vem ver a minha horta!...

— A tua horta está melhor do que a minha! —dizia-lhe eu para a estimular.

Ela acreditava na facécia e ria de contente. A-pesar-da minha constante atenção, foi ela quem descobriu o primeiro feijão nascido!

De alegria, saltei, cantei...

No dia seguinte todo o terreno estava pintalgado de pontos verdes e, uma semana depois, os legumes cresciam a olhos vistos e cobriam-se de fôlhas.

As minhas flores predilectas são as silvestres, sobretudo a baunilha, o malmequer e a magnólia. A-pesar disso organizei um jardinzinho, onde plantei roseiras, craveiros, gerânios, crisântemos, violetas e outras plantas que nos deram lindas e aromáticas flores.

Conversava horas esquecidas com os gentios, preguntando-lhes pela sua vida, preocupações, etc., e mostrando-me bastante interessado pelas suas narrativas e com os seus negócios. Em virtude desta convivência era freqüentemente procurado para diagnosticar doenças, aconselhar remédios e resolver pequenos litígios e malquerenças. Indígena mordido por uma cobra era-me logo levado. Cauterizava a carne envenenada com azeite fervente ou ferro em brasa, salvando-os quási sempre duma morte horrorosa. Era, por isso, considerado e estimado por aquela gente. Raro era o dia em que não recebia, de presente, um cacho de finas bananas, ananases, um lei-

tão, um cabrito, ou uma galinha. Conhecendo o carácter interesseiro dos nativos, retribuía-lhes com dádivas de dinheiro ou objectos por êles apreciados.

Os parentes de Caiúru visitavam-nos tôdas as semanas. Chegavam ao sábado à noite, dormiam e marchavam no dia seguinte de manhã para o bazar.

Eu tratava-os com deferência e sentava-os mesmo à minha mesa.

Caiúru há muito que me aconselhava a comprar um porco. Realmente um porco dá muito arranjo a uma casa. Comprei, por isso, um que pesava um *pico* (1) e ainda alguns *cates* (2).

Alguns amigos ofereceram-se-me para o matar e para me ajudarem a fazer o enchido. Não aceitei; eu próprio queria ter o prazer de me iniciar naquelas artes. Limitei-me a ouvir, atentamente, os conselhos e as explicações que uns e outros me deram.

Na véspera da matança fui, com Caiúru, de passeio até Same. O Comandante ofertou-me tripas de búfalo, excelentes para fazer os chouriços. Quando montámos para regressar, entreguei o saco com as tripas a Caiúru. Esta opôs, a mêdo:

— É melhor vir um *auxiliar* buscá-las...

— Não; tu mesma as levas! — decidi eu.

Caiúru calou-se e seguiu-me aborrecida, enleada. «A *nona* de um *malai* com um saco na mão!... que vergonha!»

Íamos devagar.

A certa altura do caminho um timor apressado passou-nos à frente, dizendo-me:

— *Nona tanes, malai!* (3)

Voltei-me repentinamente. Caiúru sorriu-se, a dis-

---

(1) — Pêso equivalente a sessenta quilos.
(2) — Seiscentos gramas.
(3) — A *nona* chora, senhor!

farçar, sem ter tempo de enxugar os olhos úmidos...

— *Lá tanes, malai!*

— Mentes! Bem vejo...

Pouco depois, colérico, gritei-lhe:

— Com que então envergonhas-te de levar o saco, anh? Julgas-te igual a mim, não?... Pois fica sabendo que não és mais que teu pai ou tua mãi...

E em casa dei-lhe duas bofetadas, dizendo-lhe:

— Aqui tens agora um pretexto para chorar com razão...

Mas pouco depois arrependi-me. Não tinha o direito de bater numa criatura tão boa, tão gentil, tão submissa!

Todavia, ela compreendeu e aceitou de bom grado aquêle castigo: «*malai* é justo!» — ouvi-lhe eu dizer a um vélho *auxiliar* a quem contou o sucedido.

Os seus sorrisos, no resto do dia, não mostraram qualquer ressentimento. Confesso, tive até tentações de lhe pedir perdão. Porém seria uma quebra de dignidade e de respeito, absolutamente inútil. Fui, no entanto, mais carinhoso para ela naquele dia, do que era meu costume.

Com beijos ternos e ardentes conquista-se desculpa para tôdas as violências, ainda as mais intempestivas!

No dia seguinte levantámo-nos antes do nascer do Sol. O suíno foi logo amarrado e preso pelos auxiliares. Espetei-lhe a faca com mão firme, dando-lhe uma morte rápida. Abri-o eu mesmo e desmanchei-o, dando assim a impressão dum matador profissional, com escola e com prática.

Pela tarde fora, de sociedade com Caiúru, fiz a banha, derretendo os bocados de toucinho num grande tacho de ferro.

Caiúru, tìmidamente, pediu-me:

— Dás-me os torresmos, *malai?!*...

Não pude deixar de rir do extravagante pedido e aquiesci.

Caiúru, pouco depois, vendeu-os aos *auxiliares* por uma pataca.

O facto aborreceu-me! Não gostava que houvesse ali outra propriedade além da minha. Com os outros europeus chegavam a dar-se casos ridículos: as *nonas*, com dinheiro que os *malai* lhes davam, formavam o seu pecúlio. Assim, algumas vezes sucedia que os brancos, em apertos, tinham que contrair empréstimos com as *nonas!*

Na minha opinião, casos desta natureza não nos dignificavam. Todos nós sabíamos bem quão acerbos críticos eram os selvagens! Por essa razão impus a Caiúru:

— Com essa pataca compras duas galinhas! Não quero que tenhas dinheiro...

No bazar seguinte ela comprou duas frangas gordas e bonitas, que depois domesticou a ponto de a seguirem constantemente e de fazerem da cozinha capoeira.

Uma delas foi vítima duma distracção da dona: uma manhã, Caiúru esqueceu-se de prender um galináceo para o almôço...

Ao vê-la preocupada, preguntei-lhe:

— O que tens?

— *Malai,* não tenho galinha para o almôço!...

— Não tem importância — retorqui-lhe. Matas mesmo uma das tuas.

Chorou... e suplicou-me:

— Não tenho coragem, senhor!...

Com uma faca afiada, degolei eu próprio a ave, enquanto dizia a Caiúru:

— Tem paciência, filha! Para a outra vez não te esqueças, senão temos que comer a outra!

Desde então passou a ser mais diligente...

Os chouriços feitos por nós eram uma especialidade! Com o tempo fomo-nos tornando mestres em tôdas as artes domésticas.

Caiúru transformou-se numa verdadeira dona de casa. Era sempre a primeira pessoa a erguer-se e a última

a deitar-se. O pequeno lar brilhava, graças às suas mãozinhas morenas e minúsculas!

O meu mundo circunscrevia-se, cada vez mais, ao pequeno planalto. Cartas vindas de Portugal, mal as lia, indiferente ao que se passava longe... A leitura, que fôra um dos meus prazeres mais apreciados, foi igualmente posta de parte! Tudo que não fôsse a minha Caiúru, a minha horta, os porcos, os cavalos, os cãis e as galinhas, não me interessava!

Quando pensava, era apenas para me repetir a mim próprio que a felicidade era uma coisa simples e fácil...

Um dia, depois do bazar, dispus-me a regressar ao meu Reino.

Caiúru, porém, pediu-me que a deixasse ficar ainda:

— Irei com Beatriz e com Maria, *malai*...

— Pois sim — respondi-lhe.

Pela primeira vez regressámos separados.

Uma hora depois de ter chegado a casa, apareceu Caiúru desfeita em lágrimas.

— O que tens? — preguntei-lhe, preocupado.

— *Malai* Comandante mandou bater no meu pai! — respondeu, por entre soluços.

— No teu pai?

— Sim, *malai* no meu pai verdadeiro! [1]

Chocado com a notícia, olhei-a interrogativamente. Ela explicou:

— Depois de tu te teres vindo embora, *malai* Comandante mandou levar meu pai e meu irmão para o meio do bazar e mandou-lhes dar cinqüenta palmatoadas a cada um... Depois foram para a prisão onde ficarão dois meses...

Dito isto continuou a soluçar, aflita.

Então, revoltado, tranqüilizei-a:

---

[1] *Aman racic.* Os timores também chamam pais aos tios e a outros parentes.

— Descansa, que eu irei falar ao Sr. Comandante...

Após o almôço encavalitei-me no meu «Vèlhinho» e parti para Same. Pelo caminho fui pensando naquela pobre gente e como eu ficaria se visse, um dia, meu pai a ser espancado numa praça pública!

Estes pensamentos imprimiram-me, de-certo, um aspecto feroz à fisionomia.

O comandante ao saber quem eram os personagens castigados, riu-se a bom rir:

— Desculpe, meu amigo, que eu não sabia que eram o seu *sogro* e o seu *cunhado!*

Foi necessário trazer todos os presos à minha presença para que eu pudesse indicar os meus *parentes*...

Condoído com a sorte de todos aquêles infelizes selvagens, aproveitei a oportunidade e pedi ao Comandante que concedesse uma amnistia geral!

O Comandante riu-se do estranho pedido, mas acedeu:

— Vocês vão-se todos embora, mas evitem de cá voltar, senão já sabem!...

Partiram muito contentes, depois de se curvarem, de braços estendidos, em atitude de muito reconhecimento.

Depois voltei ao meu Reino, restituindo a alegria e o sossêgo a Caiúru:

— Teu pai já foi para casa! Podes dormir descansada...

A *nona* beijou-me as mãos, com enternecimento e disse-me:

— Tu és bom, *malai!*

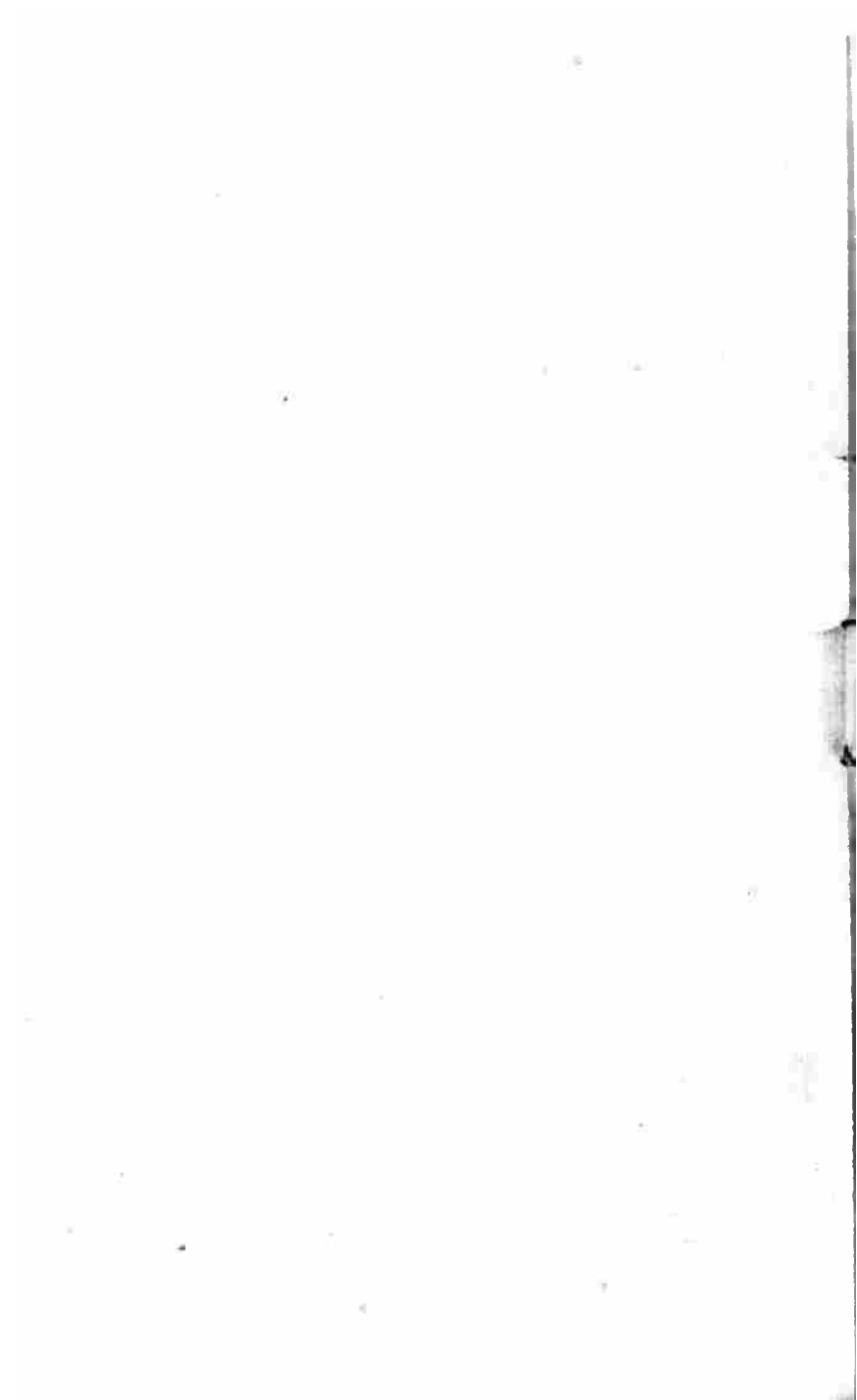
No dia seguinte os amnistiados foram visitar-me e levar-me presentes.

Para confraternizar com êles, mandei fazer um almôço para todos e sentei-os à minha mesa.

Os timores regressaram a suas casas encantados e

agradecidos. «É um bom *malai!*» — murmuraram todos em côro.

E Portugal? Ter-me-ia já esquecido? Por enquanto continuava a pensar que se tratava de um país insignificante, pequenino, que ficava nos antípodas!

E assim se passaram alguns meses.

XVIII

Era meio-dia quando me levantei. Caiúru substituíra-me naquilo a que eu chamava «as minhas funções de soberania». Cansaço? Sono? Nem uma coisa, nem outra. Raios de sol vivo a zebrarem-me o quarto, a convidarem-me para os gozos inultrapassáveis da vida matutina ao ar livre e eu, bem desperto, mas amodorrado com as ventas no travesseiro. Caiúru contente e ingénua lidava por um e por outro. Vi-a — alva a romper — desprender-se-me dos braços viciosos, enfiar a *lipa* grosseira do trabalho e sumir-se, pé ante pé, por detrás dos panos timores que serviam de reposteiros. Tive tentações de me levantar para me entregar aos meus habituais afazeres, mas um pêso brutal colou-me à cama e para ali fiquei como um madraço ou um vencido!...

Mau sintoma!...

Levantei-me com o veneno na alma...

Que coisas fantásticas teria ouvido ou visto no travesseiro?

— Não, não é preciso... não tomo banho...

Lavei apenas a ponta do nariz, mal me penteei, sem olhar para o espelho, e fiquei como que parvo a olhar para um montículo situado defronte.

Caiúru, medrosa, aproximou-se para receber o beijo matinal, bênção d u l c í s s i m a e indispensável, a que

se acostumara. Afastei a brandamente, sem a fitar.

— O almôço está na mesa, *malai!*

Apenas por hábito fui sentar-me em frente dos pratos. Caiúru, com solicitude, serviu-me.

— Come, *malai!*

Faltava-me, porém, o apetite. Empurrei os pratos e pedi-lhe:

— Traze-me laranjas!

— Mas... não comes, senhor?!...

— Não tens nada com isso... Traze-me laranjas.

Trouxe-mas e descascou-as. Depois, carinhosamente, meteu-me os gomos na bôca.

Saí cabisbaixo e, com passo lento, dirigi-me para uma saliência debruçada sôbre a planície funda e larga.

Sentei-me, finquei os cotovelos nos joelhos e poisei o queixo nas mãos em concha. Abderítico, olhava sem ver. Ver o quê? Tinham sempre a mesma forma, os mesmos contornos, aquêles montes fronteiros, era sempre verde e lisa a planície desdobrada sob os meus olhos, as árvores as mesmas, as copas, os cafezeiros...

Ver!!... Estava tudo visto!

E tive, então, saüdades de mim mesmo, da minha própria juventude, tão distante nas léguas, mas tão próxima no tempo, que até me parecia uma coisa actual, integrada ainda na minha personalidade! E vieram-me à memória coisas magníficas e longínquas, de que nunca me lembrara... Vi-me aos nove anos, investigador emérito de ninhos, pendurado nas árvores da serra, atravessando como enguia as águas azul-claras do Zézere, atirando pedras a distância... Mais tarde a adolescência de fogo, inflamada pela meditação das coisas sociais, tão grandes e deslumbrantes que semelhavam sonhos, histórias fantasiosas para crianças...

E depois!... mocidade turbulenta, fundida nos altos fornos revolucionários, vivida nervosamente, nas incertezas da luta e na fé das humaníssimas belezas a con-

quistar! As reüniões com os camaradas das oficinas, os manifestos, a imprensa rebelde, difundida clandestinamente!...

Embora pareça inacreditável, naquele momento eu tinha saüdades da juventude passada. « Estou para aqui como um anacoreta, emparedado entre galinhas e couves, apodrecendo lentamente!... », pensava, apertando a cabeça nas mãos. « Isto é de enlouquecer!... »; « Oh, a vida de Lisboa, espicaçada por ambições insatisfeitas, entoante, segundo a segundo, de hinos esperançosos, extraordinàriamente belos!... » « Aqui, é certo... » e não podia concluir. Deixava-me ficar, perfeitamente idiota, a olhar ideas sem forma, já mortas. « Aqui... os dias são absoluta, rigorosamente iguais! Será isto felicidade? ».

Os macacos aproximaram-se em algazarra antipática. Eu, imóvel na rocha, sentia-me um fragmento pétrico. Os símios passaram-me próximo sem me ligarem importância e foram assaltar o maçarocal com descaramento vulpino e voraz.

Indignado com aquêle desrespeito pela minha propriedade, fui a casa buscar a carabina e matei um. Os restantes fugiram alarmados e apenas um velhote se deixou ficar num tronco vetusto a mirar-me com calma e afoiteza. Apontei-lhe também a arma, mas depois baixei-a, dizendo: « Não mereces uma bala, grande macacão! Respeito-te a coragem e as barbas brancas!... » O símio mastigou mais uns bagos de milho e desandou, vagarosamente.

Fiquei com a impressão de que o macaco se ia a rir, a rir-se de mim, provàvelmente.

Tive que fechar os olhos para não adormecer. Já não podia ver « aquilo »!

De olhos fechados conseguia ver coisas novas, maravilhosas!

Caiúru aproximou-se e preguntou-me carinhosamente:
— Estás doente, *malai?*
— Não!
— Mas não comes!...
Encolhi os ombros:
— Tu não podes compreender!... Deixa-me!...
Era verdade. Caiúru não compreendia que o seu *malai* não estivesse doente. Porque se levantava tarde? Porque não comia e andava triste, taciturno?
Poisou-me a mão delicada sôbre a fronte e disse automàticamente:
— Não tens febre, senhor...
E olhava estupefacta! « Doente sem febre... » Não podia compreender tal doença.
— A alma também adoece, Caiúru...
Ficou completamente estúpida. « A alma também adoece!... Que significaria isto?... a alma adoecer!...» Se não fôsse dito pelo seu *malai* ter-se-ia rido, com certeza, de tão grande disparate...
Pôs-se muito séria e acariciou-me as faces enrugadas, enquanto me ciciava aos ouvidos:
— Já não gostas de mim?...
— Parva!
E num repelão, gritei-lhe:
— Deixa-me!
Caiúru afastou-se a soluçar. Franzi a testa, arrependido, e chamei-a:
— Ouve!
Fui-lhe ao encontro:
— Não me maces... Bem sabes que gosto de ti! Desde que to disse uma vez não é necessário andar sempre a repetir a mesma coisa...
Afaguei-lhe as faces rociadas e continuei:
— Compreendes que nós, os brancos, às vezes andamos aborrecidos... Porquê?... Pensamos... Temos saüdades...

Apertei-a contra o peito e prossegui devagar, sofrente:

— Um civilizado é um ser quási sempre infeliz.

— Porquê, *malai?*

— Talvez porque sabe, ou soube demais...

Larguei-a e sentei-me de novo:

— E' isto, pequena!... Lemos coisas extraordinárias, atingimos ideas perfeitíssimas... Raciocinamos muito, em suma! E, queres ver?... de repente, sem lógica, ou destruímos tudo, ou não compreendemos nada!

Os olhos dela pareciam contemplar um doido.

— Não compreendes? Nem eu. Ninguém compreende estas coisas...

Parei a procurar uma fórmula didáctica:

— É por tudo isto que nós andamos tristes, neuras!... Nós, os europeus, claro...

Os corvos crocitavam em volta, famélicos. Eu já nem os podia ver! « Todos os dias os corvos! » Francamente, nunca se vira tanto coráceo junto... Ennegreciam a atmosfera, o chão, os pensamentos, a vida tôda...

A vida é uma coisa estúpida e o homem um animal insatisfeito. O que queria eu? Nada me faltava, nem bens espirituais, nem bens materiais. A minha Caiúru era falada em tôda a parte, invejada por tôda a gente... Mas o quê!?... Faltava-lhe qualquer coisa indefinida e, talvez, inatingível... Se eu tivesse nascido e vivido sempre ali!... Mas conhecera a civilização, que poderia não o ser, na verdade, num sentido ideal e perfeito, mas que escravizava as almas mais rústicas. A electricidade não me fazia falta, nem a leitura... Mas porquê aquêle aborrecimento, intimamente ligado a gratas e doces recordações? Estaria eu nostálgico?... Mas nostálgico de quê?...

— Vai-te, Caiúru, deixa-me só, apenas comigo...

Ficar só!... Quanto mais só, mais acompanhado, afinal. E o pensamento? Eu não contava com o principal agitador...

Tive vontade de chorar... Saüdades concretas não as tinha de ninguém, de nenhum facto da vida... mas, no entanto, não me sentia bem!

Fui a casa, abri a mala e pus-me a ler a correspondência dos últimos tempos. Li cartas pela primeira vez!... Cartas da família, de amigos e dos camaradas... Novidades simples e comovedoras que eu agora devorava àvidamente. Li e reli tudo, vertendo algumas lágrimas inexplicáveis. Caiúru, vendo-me assim, chorou também. A selvagem bem compreendia que ao seu *malai* faltava qualquer coisa que ela não lhe podia dar!

— *Malai*, está um Sol tão lindo...

E, realmente, o Sol é sempre belo, mas naquele dia os seus revérberos eram mais diamantinos.

Acompanhei-a. Caiúru descascou laranjas e deu-mas.

As sumaúmas mostravam os frutos secos, a abrirem-se. Árvores do cacau e da borracha desabrochavam também em tôda a sua pujança...

« Morrerei eu aqui?... »

Caiúru, maquinalmente, respondeu-me:

— Estás doente, mas não tens febre!...

E ficou a pensar, sem atingir o que procurava.

Deitei-me de costas, na relva e fechei os olhos:

— Não imaginas, Caiúru!...

— O quê, *malai?*

— A minha terra! Se a visses, havias de gostar... É uma vida emocionante, saüdável, espiritual...

Teria eu saüdades?... Sim, com certeza!

Caiúru, com simplicidade, retorquiu-me:

—Só conheço Uma Liurai. Meu Pai foi um dia à *Praça* (1) e, segundo o que êle contou, não existe terra mais bonita nem maior! No entanto sinto-me bem aqui, não desejo afastar-me...

Com o semblante carregado, concordei:

---

(1) Díli.

— Tens razão. O nosso mundo é isto, só isto!

— Autorizaste-me a ir a Uma Liurai, de vez em quando...

— É verdade! Podes ir sempre que te apetecer...

O Sol quente da tarde dilatava-nos a carne. Revolvemos os corpos na erva fresca e encontrámo-nos. Agarrei-a, esquecido de tudo:

— Gosto sempre de ti!

— Amo-te, *malai!*

Ao jantar comi já alguma coisa. Com melhor disposição de espírito, conversei e ri com Caiúru. Esta deu largas à sua loqüela e contou histórias e lendas timores que lhe enchiam a imaginação.

De-repente, interrompi-a:

— Tu sabes, Caiúru, que te comprei a teu pai?

— Eu sei, senhor!

— És uma coisa que me pertence, em absoluto!...

— É verdade, *malai!*

— Pois devo dizer-te que...

Fiquei calado a observá-la.

— Diz, senhor?!...

— Vendi-te, Caiúru, a outro *malai!*...

Um raio que a tocasse não teria produzido efeitos mais fulminantes:

— Tu vendeste-me?...

Lágrimas ardentes e grossas jorraram abundantes. Já arrependido da estúpida brincadeira, sosseguei-a:

— E' mentira! Brincava contigo!...

Beijei-a meigamente:

— Gosto muito de ti, Caiúru e jamais consentirei que outro...

Terminou, assim, o jantar, com sobremesa amorosa.

A' noite ela pediu-me para irmos a casa dos pais. A lua iluminava amplamente e o Céu era uma exposição deslumbrante de estrêlas. Ela ia na frente, indicando as veredas que levavam a Uma Liurai. O trilho, úmido,

abafava a andadura dos eqüídeos. Era uma noite de festa em casa dos pais de Caiúru. Tratava-se da debulha do nele. Num barracão de bambu reüniam-se muitas famílias timores convidadas. Eu e Caiúru fomos acomodados num recanto especial.

As espigas eram amontoadas sôbre uma esteira larga, no meio da casa. Em seguida formava-se uma roda e iniciava-se uma dança de-veras curiosa e digna de figurar nas reüniões festivas da Metrópole. Bailando ou não, todos cantavam vêlhas árias nativas, melodiosas e rítmicas. Durante as danças as espigas eram bem pisadas. De quando em vez suspendiam-se os bailados e, então, apartava-se a palha do grão, guardando-se êste em sacos feitos de capim. Os convidados divertiam-se e trabalhavam ao mesmo tempo. Nos intervalos, os pais de Caiúru ofereciam *canipa,* tuaca, bétele e areca.

Os timores acocoravam-se no chão, bebendo, mascando e evidenciando as suas tendências linguarazes.

As vidas dos europeus, com todos os pormenores, eram ali passadas em revista e contavam-se, também, factos ocorridos com indígenas ausentes.

Altas horas da noite suspendeu-se a útil festança, que recomeçaria no dia imediato.

Eu e Caiúru regressámos a casa. Durante a festa fui obsequiado pelos sogros com bebidas ocidentais. Ia, por isso, um pouco alegre. Fiz mesmo côro com a *nona,* que cantava canções tristes e lentas da sua terra.

A pouco e pouco, o sono foi-me invadindo. «Átila» trepando a Raimera, tresfolgava.

As copas, por vezes, eram tão fechadas que não deixavam passar um fio de luar. O caminho era íngreme e perigoso, mas o *cuda* vencia tôdas as dificuldades, indiferente ao dono, que ia recurvado sôbre a sua cabeça.

Surgiu o nosso planalto escalvado. Embriagado com o sono e com as bebidas, mal me podia mexer. Caiúru ajudou-me a despir e a deitar. Depois poisou-me os

seios tersos sôbre o peito e beijou-me, longamente, os olhos já fechados. Em breve dormíamos ambos...

. . . .

No dia seguinte, um domingo, chegaram-me visitantes, vindos de Betano. Os camaradas Jaime das Neves e Álvaro Nogueira, com as respectivas *nonas*, bateram-me à porta ainda manhã cedo e pediram hospitalidade por uma semana, isto é, até que terminassem as festas que se iam celebrar em Same, promovidas pelo próprio Comando e para assinalarem a inauguração da Escola Primária Oficial. De todos os postos vieram numerosos camaradas, que já se tinham aboletado pela vizinhança e mesmo em Same e eu não podia, portanto, a-pesar-do meu isolamento obstinado, deixar de abrir as portas da minha casa àqueles que me solicitassem hospedagem.

Entraram e ficaram.

Preparei-lhes camas no quarto contíguo ao meu — a despensa — e ficámos, assim, apenas separados por um mal ajustado tabique de *palapa*. Entre êles improvisei um biombo com mantas e lençóis. Em matéria de acomodações não se podia fazer melhor, dada a exigüidade dos recursos de que eu dispunha, mas os camaradas ficaram contentes e agradeceram sinceramente aquêle acolhimento franco e, sobretudo, a minha manifesta boa vontade.

Para o almôço, Caiúru ofereceu e confeccionou hàbilmente um galo bravo — exemplar magnífico! — caído nessa mesma manhã numa das suas armadilhas. Os dois camaradas não se cansaram de admirar e elogiar a beleza sem par do pequeno colo da planura onde eu edificara o meu Reino, a vista extensa e deslumbrante que dali se abarcava, a minha horta, tôdas as instalações dos animais domésticos, a minha curiosa casa de banho e tudo o mais que era meu.

E a maneira como êles falavam e olhavam para Caiúru e para «Átila», demonstrava uma admiração

sem limites, talvez misturada de cobiça e de inveja. Mas, tanto Caiúru como «Átila» eram dois complementos tão formosos e cativantes daquele conjunto que já não me prendia, que eu nem sequer estranhava ou censurava, intimamente, aquelas expansões mal disfarçadas de estúpido egoísmo. Eu achava legítimo e natural que todos ambicionassem possuir aquilo que era meu, exclusivamente meu.

As *nonas* dos dois camaradas não eram bonitas, mas eram perfeitas de formas, elegantes. Caiúru dispensou-lhes as melhores atenções e obsequiou-as com bons tabacos e frutos raros.

Após o almôço visitámos a Raimera e Ersal, onde nos demorámos tôda a tarde conversando com Raul Martins e Alexandre e, depois de jantar, já noite, montámos todos três a cavalo e partimos para Same. As *nonas* precederam-nos a pé.

Um luar de plenilúnio iluminava amplamente os caminhos e rebrilhava ao longe nas vastas planícies.

Via-se tão bem como se fôsse dia, divisando-se até, fàcilmente, pequenos lugarejos mais distantes, e as estrêlas, inúteis, cintilavam muito alto, quási sumidas na imensidade clara e dilatada.

Até à planície caminhámos a-par e sem pressas, entretidos em ameno paleio, mas depois resolvemos aproveitar o plaino e a recta para pormos à prova os nossos *cudas*. Os meus hóspedes tinham grande vaidade nos seus cavalos e, segundo diziam, nenhum havia em Manufai capaz de os ultrapassar. Ora eu pensava o mesmo de «Átila» e, por isso, aceitei jubilosamente o desafio.

Despedimos à desfilada e, em breve, isolei-me e desapareci numa quebra do caminho. Manifestamente vencedor, esperava-os de quando em quando, para novamente me distanciar e submergir nas curvas e nos declives.

A uns quinhentos metros do sopé de Same consenti,

pela última vez, que os camaradas se aproximassem, para lhes mostrar então, numa arrancada decisiva, tôda a superioridade e invencibilidade de «Átila». Era meu propósito adquirir velocidade e fazer com que «Átila» galgasse a galope tôda a encosta de Same. Era uma prova difícil que poucos cavalos suportavam, visto que a estrada, muito íngreme, subia quási a-prumo até à pequena achada. Tratava-se, pois, de trepar uns duzentos metros sempre a galope.

«Átila», porém, fazia esta veloz ascenção com relativa facilidade.

Quando os camaradas me apanharam, incitei «Átila», que partiu como um meteoro. Para que «Átila» voasse não eram necessárias esporas nem *rotas:* bastava que eu lhe assobiasse de maneira especial às orelhas para que êle se empregasse logo a fundo e obrasse prodígios de ligeireza.

Por isso, naquele momento, eu assobiei-lhe sem cessar, ora numa orelha, ora na outra e, largando as rédeas na embriaguez do entusiasmo, dei-lhe palmadas no pescoço e incitei-o, até, com gritos estrídulos e selvagens, à maneira timor.

«Átila» nervosíssimo, com as orelhas esticadas para trás e quási coladas ao pescoço, corria com uma energia extraordinária e as suas pernas baralhadas, dir-se-iam os raios da roda de um automóvel voando a cem quilómetros à hora. As suas patas levantavam a poeira e repercutiam no chão em pancadas que semelhavam o ruflar dos tambores no meio do estrépito fragoroso das batalhas. Mas aquelas patadas eram ao mesmo tempo as notas fantásticas de uma sinfonia diabólica, de uma cavalgada imaginária e apocalíptica.

De repente — inenarrável e incompreensível acidente! — «Átila», num excesso de nervosismo, assustado com qualquer perigo invisível, tentou desviar-se brusca-

mente em ângulo recto. Uns segundos antes eu teria ido esmagar-me de encontro a uma grande árvore!

Naquele momento, porém, voei, dei voltas no ar, caí violentamente sôbre uma perna e revoluteei ainda no chão durante algum tempo. Depois fiquei quieto e estendido.

«Átila», que igualmente rebolou sôbre a relva, levantou-se e veio postar-se na minha frente.

Em breve chegaram os dois companheiros, que se apressaram em socorrer-me. Pedi-lhes que não me tocassem, que me deixassem um pouco naquela posição, para tomar fôlego, descansar. Depois inspeccionámos todo o meu corpo, em busca de qualquer membro ou osso partido. Mas nada, estava intacto. Ainda quente, fervente mesmo, saltei para «Átila», assobiei-lhe, gritei-lhe, bati-lhe com raiva e, então, numa explosão de nervos, o cavalo, também febricitante, galgou o monte vertiginosamente, num galope largo, de planície, como os cavalos lendários dos contos costumam cavalgar sôbre as nuvens.

Apenas cheguei ao planalto, apeei-me e, em breve, depois de andar um pouco, arrefeci. Senti, então, o corpo todo dorido e não pude dar mais um passo. Alguns camaradas transportaram-me para casa do Comandante e, ali, friccionaram-me convenientemente com alcool canforado. Mas não me sentia melhor e, por isso, deitaram-me numa pequena maca de bambu, que quatro indígenas ergueram, dispondo-se a levar-me para a Raimera.

Caiúru, que já se encontrava em Same, ficou desolada e acorreu logo para me acompanhar para casa.

Jaime das Neves e Álvaro Nogueira quiseram regressar, também, para me dispensarem os seus cuidados. Agradeci-lhes a boa vontade, mas não consenti. «Aquilo não era nada e, em breve, eu estaria completamente bom». Não havia, portanto, o direito de deixa-

rem a festa, o único motivo que os tinha trazido de tão longe.

Por fim concordaram e ficaram. As suas *nonas*, todavia, pediram-lhes para regressarem à Raimera comigo e com Caiúru, ao que êles prontamente acederam, na miragem de maior liberdade e desejosos de aventuras galantes.

Partimos, pois, eu, os quatro *auxiliares* que me transportavam e as três *nonas*.

A' medida que nos íamos afastando de Same, iam-se também desvanecendo nos nossos ouvidos os ecos ruïdosos da festa.

A noite tornara-se maior, muito mais ampla e, a-pesar da intensa luz do luar dar à atmosfera uma claridade suave e quási diurna, a noite imperava plenamente, vencendo, imobilizando, emmudecendo e calcando todos os sêres na superfície da Terra. A diferença entre o dia e a noite não era já uma questão de mais ou menos luz, de Sol ou de luar, mas apenas uma diferença de pêso atmosférico, de sufocação e entorpecimento geral.

A noite parecia esmagar como se fôsse de chumbo e as suas diáfanas toneladas derrubavam, estendiam no chão tôda a Vida e emmudeciam-na, ensurdeciam-na e mergulhavam-na no torpor e na inconsciência do sono. O dia, pelo contrário, era todo feito de leveza e, quando despontavam os primeiros alvores diluculares, o manto plúmbeo da noite evaporizava-se como por encanto e os sêres erguiam-se contentes e desoprimidos, perscrutadores e loquazes, ágeis, activos e cantantes. Os bosques povoavam-se de excelsas harmonias e de chilreios e de uma agitação geral e entusiástica e até a brisa, mais livre e resplandecente, corria célere e mais viva!

Mas por enquanto dominava a noite, clara mas pesada, faustosamente iluminada, mas sufocante e entorpecente. O silêncio geral era sòmente interrompido pelo caminhar abafado dos timores, pelo gemer contínuo da

maca e pelo murmurinho precípite dos pequenos ribeiros. As *nonas,* em vozes baixas e consternadas, comentavam o terrível desastre e teciam já o meu panegírico, salientando as minhas virtudes, como se naquela maca chiante de bambu fôsse levado, não um ser vivente, mas um cadáver... Caiúru, sobretudo, não se cansava de pôr em evidência o meu espírito de justiça, a amizade que eu lhe dedicava e a minha bondade e benevolência. Mas era tudo dito em voz ciciada, mais por recearem molestar-me ou aumentar o meu sofrimento físico, do que por temerem que eu lhes escutasse os elogios.

Os *auxiliares* caminhavam sem cadência, descombinados e, em conseqüência, a maca dava violentos esticões e solavancos, o que aumentava ainda mais as minhas dores.

Eu ia deitado com o rosto voltado para cima e sentia as articulações tão magoadas e todo o corpo tão pisado, que mal continha os gritos de sofrimento que tentavam romper-me da garganta. Ia atento ao andar dos timores, quási adivinhando os estremeções que êles imprimiam à maca e que em mim se reflectiam dolorosamente.

E só abandonava estas inquietações para fitar o olhar angustiado no Céu infinito, na Lua sangüínea e grande e nas estrêlas pequeninas e longínquas.

Os nativos continuavam a arrastar-me sem cuidados, tropeçando incessantemente nos pedregulhos e enfiando os pés nos socalcos do caminho. As *nonas* conversavam sempre e ainda diziam bem de mim.

Então senti-me mais só do que nunca e tive vontade de chorar. A minha terra, a minha família, os meus amigos e a minha causa, tudo estava longe, nos antípodas, enquanto eu definhava e morria ali, neurasténico, entre selvagens, numa terra selvagem e alheia às minhas preocupações e sofrimentos!... Parecia-me que se gritasse ninguém escutaria o meu grito e que se quisesse

queixar-me ou chorar, ninguém me compreenderia. Um náufrago, abandonado no seio de um grande oceano, não sentiria, por certo, mais aflição, mais abandono!

Cada cintilação do Céu me fazia recordar qualquer facto vivido, ou uma bela idea já esquecida. Mais do que nunca, senti naquele momento necessidade e vontade de fugir. E era tão urgente fugir!... Outros camaradas se tinham já evadido e só eu, indolente e suïcida, me tinha deixado ficar eternamente no meu Reino, colado a Caiúru, inclausurado nela, hipnotizado pela sua luxúria, envenenado pelo seu sangue bárbaro e pelos seus olhos estranhos e negros como aquêles tristes pensamentos qne me dominavam!

É que aquela minúscula Caiúru, que eu supusera antes ser a própria essência da minha felicidade, a bela determinante do meu futuro, não era mais já do que o meu vício, um vício lento e doce como a morfina e, como ela, igualmente destruïdor e absorvente. Caiúru tornara-se a minha obsessão, e eu sacrifiquei-lhe o meu apetite, a minha alegria e a minha saúde. O meu vício sobrepunha-se a tudo e só dêle se alimentava então o meu pobre corpo emmagrecido, doente e febril. E a tal ponto me subordinara, que não podia passar já um único segundo sem lhe sentir a epiderme quente e macia unida à minha e sem que as suas veias latejassem fortemente nas minhas fontes e nas minhas próprias veias. Oh, a ingénua Caiúru seria, sem dúvida, o meu fim, se eu não tivesse a coragem precisa para fugir dela a tempo, para me arrebatar do seu corpo venusto e escaldante, antes que êle me subvertesse completamente!

Todo o meu Reino, morto já o ideal que o criara, se desmoronava sob a acção do tédio e fôra ainda o tédio que transformara um belo amor, uma canção esplendente e meiga, num vício terrível e aniquilador. E êste vício era então a única realidade viva, o único elo — grilhão, tal-

vez — que me prendia, acorrentava ao meu desfeito Reino! Tudo o que fôra belo e ideal, tudo o que viera do sonho se tinha desmoronado ràpidamente e, agora, todos estes destroços do ideal não eram mais do que colunas incompletas dum templo destruído e assustavam e ennegreciam como fantasmas.

A noite resplandecia ainda, mas a sua intensa claridade invadia-me e penetrava-me na alma em lufadas de frio, de gêlo. Dos campos próximos vinham emanações úmidas e pestilenciais e divisavam-se manadas de búfalos adormecidos em pequenos charcos.

Subia, num crescendo sonoro, o côro agudo das rãs, dos ralos e de outros insectos nocturnos e os morcegos, tontos de luz, esvoaçavam desvairados e sem rumo.

Mas em breve os meus olhos atormentados não encontraram mais estrêlas, nem mais luz. Tínhamos penetrado já no caminho da encosta e, agora, o denso arvoredo, mal filtrava alguns filamentos de luar, que ràpidamente se perdiam na escuridão. A noite ali era real e completa, sob aquelas abóbadas de ramos e de fôlhas. Os timores, menos seguros do carreiro, caminhavam mais irregularmente e davam maiores estremeções à maca. O negror e as fortes nevralgias ensombraram-me ainda mais o espírito doente e, então, num receio instintivo da morte, na previsão de um fim funesto resultante do meu vício, recordei compungidamente os inúmeros camaradas que o vício — êsse mal estranho e fatal que as timores possuem e inoculam irresistivelmento — conquistou, tuberculizou e destruíu com implacável sanha. E a morte assustava-me; eu não queria morrer ali, tão longe da Amizade e do Ideal e ainda em plena juventude! Por isso, o pensamento de fugir, fugir da minha querida Caiúru e fugir da Ilha-papão, fugir do meu amado e fatal estupefaciente e fugir da terra-cárcere, desenvolveu-se e agigantou-se em mim e tornou-se vasto e cerrado como a própria treva.

Mas em breve chegámos e, o poisar violento da maca no chão, restituíu-me bruscamente às minhas dores. Depois as *nonas*, com mil cuidados, ajudaram-me a desenvencilhar-me da frágil gaiola de bambu e foram-me amparando até eu chegar ao meu leito.

Na manhã seguinte acordei maçado e alquebrado, mas já sem dores violentas. No entanto, resolvi não me levantar naquele dia, com o que concordaram os camaradas e as três *nonas*.

Após o almôço, Neves e Nogueira partiram novamente para Same, depois de consentirem às suas *nonas* que ficassem em casa, conforme lhes pediram. Elas preferiram ficar a dar à língua com Caiúru, a irem estafar-se para a festa do Comando.

Reüniram-se as três na despensa, sôbre o *lantem*, ficando muito próximas do tabique de *palapa* que separava aquela divisão do meu quarto.

Estavam tão perto de mim que, embora falassem baixo e em *tétum*, eu entendia tudo o que diziam.

Como de costume, os temas da conversa eram os *malai*, os seus costumes, fraquezas e vícios, até. A conduta sexual de cada um de nós foi cuidadosa e pormenorizadamente esmiüçada e eu pude verificar, com espanto, que o relatório apresentado por Caiúru sôbre a minha intimidade tinha sugestionado e interessado as outras. Caiúru era, com efeito, mais inteligente e sabedora do que elas, mas eu, confesso, não a julgava capaz de desnudar-me assim em público com tanto impudor e naturalidade. O certo, porém, é que a sua exposição me tinha emprestado injustamente um colorido sensualão e voluptuoso, que as outras não souberam exprimir ao despirem impudentemente os seus *malai*. E, assim, naturalmente, eu fiquei sòzinho em campo, como objecto da curiosidade e do estudo das três timores. A maneira pérfida e insidiosa como as *nonas* dos camaradas dirigiam preguntas a Caiúru, revelava-me, de maneira inso-

fismável, uma excitação que se tornou contagiosa.

Com efeito, eu, na minha cama e num ambiente de meia e rósea obscuridade consentida pelas janelas quási cerradas sôbre o Sol, não era indiferente àquela onda de erotismo, vinda até mim através do indiscreto tabique de *palapa* mal ajustada.

Travou-se no meu espírito uma luta frouxa, da qual o vício — já completamente senhor do meu organismo debilitado — saíu fàcilmente vencedor. Já depois de ter chamado Caiúru e de a ter encarregado de falar às outras *nonas*, de modo a convencê las, pensei nos dois honestos e confiados camaradas, meus hóspedes, naquele momento ausentes, talvez divertindo-se despreocupadamente em Same. Mas o vício de-pressa dissipou tais preocupações, qual vendaval arrebatando sem esfôrço as fôlhas sêcas e quebradiças do outono.

As *nonas* — tão excitadas e emocionadas como eu — concordaram e acederam sem reservas. Sòmente, para serem timores em tudo, não se esqueceram, ao sair do meu quarto, de me pedirem uma pataca cada uma. Quási ao crepúsculo, quando a primeira *nona* já há muito havia recebido a sua pataca e a segunda acabava de receber a sua e se afastava apressadamente do meu leito, chegaram, ofegantes da veloz galopada, os camaradas Neves e Nogueira. Com solicitude amiga, foram logo ao meu quarto inquirir da minha saúde, saber se eu estaria melhor. E ambos — com ar preocupado — foram unânimes em achar-me talvez pior, um pouco cansado, ofegante, febril... Dentro desta ordem de ideas, Nogueira até salientou:

— Você até está corado, da febre. Seria bom chamar-se o tenente Costa, para que êle lhe desse uma injecção de quinino.

Protestei contra tal lembrança. O tenente Costa tinha-se tornado o médico e o enfermeiro da Raimera. Mal sonhasse que a febre tinha entrado na choupana de

um camarada, acorria logo com a seringa, com ampolas, com conselhos, eu sei lá. E, a pesar da gratidão geral, todos o temíamos. O mal era êle saber que algum camarada apresentara sintomas de paludismo, ainda que ligeiros. Passados minutos já o infausto camarada estaria picado num braço, teria engolido uma dezena de hóstias ou comprimidos e sentiria a barriga gelada pelo contacto incessante de toalhas ensopadas em água fria.

Mas era tudo por bem, muito útil e oportuno, razões porque todos os camaradas tributavam ao tenente Costa um reconhecimento justo e uma afeição sincera.

Naquele momento, porém, nem o meu estado de saúde exigia um tratamento antifebril, nem eu me encontrava disposto a sofrer todos os horríveis tormentos que o tenente Costa, certamente, me iria infligir.

Por isso, o meu protesto foi tão veemente que logrei fazê-los desistir do seu assustador intento.

Jantámos, cavaqueámos um pouco sôbre os festejos e adormecemos por volta das vinte e duas horas.

No outro dia teimaram os camaradas em levar as suas *nonas* — cada vez menos interessadas em assistir a uma festa, da qual nada tinham visto, nem mesmo o comêço.

Por êsse motivo, passei aquêle dia só com Caiúru. Aproveitei essa circunstância para lhe preguntar se ela não sentia ciúmes, se lhe era assim tão indiferente que eu possuísse outras mulheres, que ela própria servisse alegremente de medianeira. Eu, um ocidental, não podia compreender a sua atitude, tanto mais que ela dizia amar-me. O facto de em Timor se praticar a poligamia não me explicava o facto suficientemente. Mas Caiúru justificou-se, singelamente:

— Senhor, eu gosto de ti e desejo ser sempre só tua. Mas agrada-me poder dizer que as outras *nonas*, sendo, muito embora, dos seus *malai*, também já foram tuas. De resto, não quero que outra mulher durma na tua

companhia e na *minha* cama. O *malal* é só meu e a cama também!

De tarde regressaram os camaradas. Já estavam enfastiados com a festa e, por essa razão, resolveram regressar a suas casas quanto antes.

E, realmente, no dia imediato, ainda de madrugada, despediram-se jovialmente de mim e voltaram para Betano.

XIX

Os dias decorriam lentos e sufocantes. O meu Reino, então, era apenas Caiúru e esta era cada vez mais um estupefaciente que me debilitava e destruía num crescendo apavorante.

Como se o meu Reino se tivesse rodeado de terríveis muralhas e de grossos gradeamentos de ferro, eu sentia-me prisioneiro, não um prisioneiro vulgar que tem uma pena determinada a cumprir e que sabe perfeitamente quando será livre, mas um prisioneiro condenado a pena perpétua e a quem só a morte poderá vir libertar. E, no entanto, a morte — a minha única presumível libertadora — acorria precipitadamente, impaciente por me levar consigo.

Mas a Providência, essa boa estrêla da minha vida, que jamais me faltou nos momentos decisivos, enviou-me um morador de Same com um recado urgente: O telefone chamava-me. Num pressentimento divinatório, reconheci a voz que me solicitava e, por isso, acorri logo numa espectativa ansiosa.

Apenas cheguei ao Comando, o timor encarregado da *cabine* pediu a ligação e durante mais de um quarto de hora gritou no bocal:

— Ó Maubice! Aqui Manufai! Ó Aileu, ó Díli! Manufai chama Díli! Ó Maubice, ó Aileu, ó Díli...

Afinal a ligação fêz-se e eu pude trocar breves palavras com o camarada F.

F. disse-me:

— É você? Bem, trate de vir imediatamente para Díli...

— Mas para quê, não se pode saber? — preguntei.

— Ora, ora, para que há-de ser! — respondeu F. Certamente que não é para o vermos nem para lhe oferecermos nenhum banquete, compreendeu? Julgo que não tenho necessidade de me explicar melhor...

— Eu compreendo, mas... é preciso ir assim com essa pressa tôda? Se pudessem esperar uma semana ou duas...

— Não há esperas, nem meias esperas, meu amigo — tornou F. Não perca tempo e... até breve.

Dizendo estas palavras, o camarada desligou logo o telefone. Por momentos fiquei perplexo, indeciso e ainda com o auscultador na mão. Uma voz sumida, como que estrangulada no meu punho, gritava enrouquecida e distante:

— Ó Same! Aqui Maubice...

Pousei o aparelho e saí apressadamente. Dirigi-me logo ao Comandante, a quem solicitei a necessária autorização para ir a Díli. Êste, amável como sempre, acedeu prontamente. Depois regressei a casa. Caiúru, curiosa de saber o que se passava, aguardava-me no términus do caminho.

Mal saltei de «Átila», comuniquei-lhe alegremente:

— Depois de amanhã o teu *malai* parte para Díli, Caiúru!

— E quando voltas, senhor? — interrogou ela ansiosamente.

— Espero de cá não tornar a pôr os pés, meu amor. Compreendes, vou embarcar em Díli para a minha terra e esta fica tão longe que não é fácil nem provável que eu volte à Raimera.

— Isso não é verdade, pois não *malai?* Tu brincas, certamente... Vais a Díli, creio-o, mas... voltarás de-pressa, não é assim, meu *malai?*

— Estou a dizer-te a verdade, rapariga. Qual Díli nem meio Díli! Díli não me interessa... Acredita, pequena, que nunca mais nos veremos.

Disse-lhe estas últimas palavras com um ar de tal modo grave e convincente, que não admitia dúvidas ou réplica. Ela compenetrou-se imediatamente de tôda a verdade. Pôs-se muito séria, fixando-me com os seus meigos olhos interrogadores e, pouco depois, agarrou-se a mim nervosamente, sacudida por um chôro convulso e desfeita em lágrimas. Êste seu brusco abatimento enterneceu-me bastante.

Então, admirei-me eu próprio da facilidade e do extraordinário à vontade com que lhe anunciei a triste novidade. Qual a razão da minha cruel e incompreensível atitude? Eu procedera em grande parte espontâneamente, é certo, e embriagado pela felicidade que me tinha trazido aquela miragem de breve regresso à Metrópole. Isto era fora de dúvida. Mas, não teria havido também uma grande dose de cinismo em tôda aquela brutal franqueza? De-certo, eu aproveitei aquela oportunidade — a única que até então se me oferecera — para mostrar a Caiúru, à minha doce e humilde carcereira, que me era possível e até fácil separar-me dela, fugir à sua influência magnética e era tão possível esta separação que até já estava tudo definitivamente resolvido e que eu a punha em presença dum facto já assente em todos os seus pormenores.

Mas o choque sofrido pela rapariga e o seu profundo e inesperado abatimento comoveram-me tanto que eu próprio me afligi e compartilhei, sinceramente, de tôda a sua dor. Tive remorsos da minha estúpida franqueza.

A pobre continuou a chorar, num acabrunhamento confrangedor. Alguns minutos passados, desprendeu-se

do meu pescoço e foi acocorar-se, muito encolhida, a um canto do quarto, sem mais se preocupar com o jantar que, esquecido, se queimava na cozinha.

Por minha vez, não a interpelei sôbre a refeição vespertina e, assim, acabámos por nos deitar sem termos trocado uma única palavra acêrca de tal assunto.

No leito, não encontrei expressões com que a pudesse consolar e limitei-me a prender-lhe as mãos entre as minhas e a desenhar-lhe no colo sensível uma fieira interminável de colares de beijos. Ela, desesperada, envolvia-me nos seus braços miniaturais e deixava-se afundar, cada vez mais, numa prostração angustiante.

Ambos sentíamos, por igual, a terrível desgraça que nos separaria para sempre.

Depois, a noite começou a desfiar-se, lentamente. Estávamos na lua nova. Trevas densíssimas acumulavam-se numa inundação catastrófica e asfixiante.

As palpitações precipitadas dos nossos corações cansados marcavam o decorrer do tempo, com uma intensidade decrescente.

A princípio, Caiúru manteve-se obstinadamente de olhos abertos e sempre úmidos, enquanto que eu, dominado pelo cansaço, deixei pender a minha cabeça, quási esgotada, sôbre o seu corpo enroscado como o de cadela abandonada e batida. Mas por volta da meia-noite inverteram-se os papéis: eu espertinei, ao passo que Caiúru, muito achegada a mim, se deixou vencer por um sono aflitivo, agitado. Mal se pressentia o leve esvoaçar das fôlhas pendentes dos arvoredos sem fim e o cântico brando das brisas incansáveis. « Átila », nos seus aposentos, escouceava descontente e ouviam-se também, nìtidamente, os pios fúnebres das aves noctívolas e o coaxar mais remoto das rãs.

Estava uma noite confrangedoramente serena, aflitivamente irrompível. Sentia-me sufocar e bagadas de suor frio deslizavam-me pela fronte.

Fatigado de tanta escuridão e até do excessivo silêncio, sentei-me na cama e risquei um fósforo. Acendi um cigarro e vi as horas. Depois só ficou visível a extremidade do cigarro, em brasa, crepitando suavemente e descrevendo trajectórias insignificantes e insensatas.

Tôda a noite se arrastou assim, intérmina e torturante.

A manhã veio surpreender-me ainda acordado. Estrias de claridade matutina, filtradas pelas frinchas da *palapa*, alongaram-se sôbre a colcha e segredaram-nos, muito baixinho, que a noite fugia, a esconder-se do Sol jocundo e omnipotente. E aquêles fiozinhos de luz subtil tão incisivamente fixos em nós, foram como que alentadoras carícias a insuflarem-nos ideas de esperança e de resignação.

Erguemo-nos, quási felizes, quási esquecidos do terrível apartamento que se aproximava tão vertiginosamente. Como nos dias venturosos e calmos do nosso Reino e do nosso amor, mandei aquentar ao sol quatro bambus de água, a-fim-de nos banharmos. E, como nesses dias inesquecíveis e maravilhosos, corri, sôfregamente, a libertar as galinhas, a preparar a primeira refeição de «Átila», a vianda dos porcos e o almôço dos cãis, repetindo, assim, num saborear derradeiro e quási saüdoso, tôda aquela labuta que me foi querida e que, havia já muito tempo, eu abandonara completamente enfastiado.

Depois do *mata-bicho* partimos para o bazar mas, então e pela primeira vez, já não fizemos compras. Êste facto chocou talvez mais rudemente Caiúru, do que a própria notícia da minha partida, que eu tão abruptamente lhe comunicara no dia anterior.

Era a primeira interrupção que surgia. Até então uma novidade — apenas palavras — tinha-lhe lançado o desassossêgo no seu coraçãozito de gazela feliz, medrosa e alegre. Eu anunciara-lhe um fim, uma verdadeira desgraça, mas ela ainda a não tinha começado a sentir. O

nosso Reino mantivera-se homogéneo e vivo depois da minha terrível declaração. Mas eis que um grande cabo, que um dos mais sólidos liames se despedaçava repentinamente. As compras feitas semanalmente no bazar, o aprovisionamento do nosso lar era uma garantia da sua continuïdade, uma afirmação de segurança e de eternidade. quási.

Mas daquela vez os *auxíliares* não partiriam ajoujados com sacos de batatas, laranjas, mercearias e tudo o mais que era imprescindível para manter uma casa.

Aos olhos da pequena selvagem, perante a sua alma subtil de mulher, esta circunstância definiu melhor do que qualquer outra todo o horror da iminente fatalidade. Naquele momento patético, ela não se sentiu apenas deminuída, envergonhada por não fazer aquilo que sempre fizera e que as outras ainda estavam fazendo com orgulho, com vaidade. Mais do que isso, ela compreendeu, ela sentiu compungidamente que tinha perdido o seu *malai* para sempre e que o fumo carinhoso e altivo, que se evolava da chaminé do seu lar, descrevia as últimas espirais, tal como os suspiros hesitantes de um cigarro consumido, ao apagar-se.

Então sentiu-se verdadeira e completamente desgraçada e não pôde refrear mais a torrente de lágrimas, que só a presença de tantas *nonas* despreocupadas e contentes conseguira fazer estancar.

Oh, nada é mais doloroso, mais violento para o coração de uma mulher—ainda mesmo quando esta é uma pobre selvagem ignorante — do que um abandono brusco. Elas sentem-se debruçadas sôbre o mais vasto, feroz e hediondo de todos os abismos!

Regressámos pela *última vez* ao nosso Reino, tendo-nos acompanhado alguns parentes de Caiúru, que vinham para passarem aquêle dia e aquela noite em minha casa, a-fim-de se despedirem de mim.

Enquanto preparavam o almôço, afastei-me um pouco

para o matagal. A natureza, querendo talvez associar-se à minha terrível mágoa, transmudou-se ràpidamente.

Nuvens negras e densas começaram a correr velozmente, vindas do nascente. O Sol, momentâneamente vencido, ficou invisível e o calor tornou-se insuportável.

Algumas aves espavoridas, pipitavam aflitas e abrigavam-se nas espêssas folhagens. De-repente, ouviu-se, a curta distância, o ribombar do trovão. Os relâmpagos fulminaram a atmosfera! Os ruídos aproximavam-se em estrondos assustadores. Parecia que a própria Cablac desabava... Os raios cortavam os ares em fulgurações estantâneas e cada vez mais próximas e o Céu ennegrecia de minuto a minuto... As galinhas regressavam, apressadamente, à capoeira e escondiam as cabeças debaixo das asas. O firmamento — bloco formidável de cristal — começou a despedaçar-se com fragor! Faíscas longas reverberavam no ar em golpes terríveis de fogo! Vozes tremendas atemorizavam e apoucavam os sêres...

Entretanto, eu passeava sempre pela achada do meu Reino, indiferente às medonhas eclosões e às angulosidades luminosas que fendiam o Céu nevoento e negro.

Pela minha alma perpassavam também prenúncios de fantástico temporal! Aparentemente calmo, o meu espírito revolvia-se em horríveis tempestades e o meu rosto salientava raivas mal contidas. Mas, porquê? Era o meu próprio pensamento que respondia, de vez em vez, em rajadas tumultuosas, em verdadeiros gritos! «Não devo partir! Não posso abandoná-la!»

Continuei arrastando os pés pelos tufos de erva, encobridores de rastejos viperinos e peçonhentos. Como era possível que um passado tão distante, que as longínquas ruelas de Lisboa, fedendo imundícies, adejadas de trapos, regadas pelos prantos de tantas misérias e injustiças, me suscitassem saüdades indomáveis? Uma estúpida nostalgia destruíra o meu Reino, a minha feli-

cidade e mostrava-se mais forte do que o amor, desafiava e vencia a própria paixão, o próprio vício! Terríveis indecisões faziam brecha no meu coração angustiado, sangrante. Senti-me fraco e tive necessidade de chorar. As lágrimas e os soluços irromperam, por isso, irrefreàvelmente.

A trovoada continuava emitindo os seus clamores ensurdecentes e os relâmpagos imprimiam colorações fulvas aos capins secos.

Caiúru veio surpreender-me, preguntando-me, meigamente:

— Tu choras, *malai?!...*

Disfarcei as lágrimas com um sorriso forçado.

Ela abraçou-me e soluçou:

— Tu também sofres, senhor!

Uma chuva brusca e violenta, ajudada por forte ventania, pôs têrmo ao colóquio e enxotou-nos para casa.

Pela tarde fora, o temporal dissipou-se e o Sol reflectiu de novo a sua luz forte nas vegetações inundadas, proporcionando-nos um entardecer calmo e límpido, a que sucedeu um crepúsculo lento — complexa sinfonia de um dia agonizante, ligeiramente sujo de sangue lá para os lados do poente...

E novamente a noite, uma noite ainda mais fechada do que a anterior, nos submergiu sob as suas asas de morcego monstro.

Tudo se encontrava preparado para que a minha partida se efectuasse ao nascer do Sol da manhã seguinte: a bagagem já estava entrouxada e os *auxiliares*, aguardando as minhas ordens, dormiriam na cozinha.

Entrei no meu quarto. Caiúru, deitada já e com a cabeça coberta pelo lençol, soluçava muito baixinho.

Aquela seria a nossa última noite! Êste pensamento compungia-me, mas despertava-me também o desejo animalesco de aproveitar bem os últimos momentos...

No entanto, o contacto de Caiúru e, sobretudo, as suas

lágrimas acabrunharam-me, em vez de me excitarem e eu compreendi, ìntimamente envergonhado, que tudo estava acabado e que só faltava montar a cavalo e partir. Caiúru, extenuada pelo sofrimento, acabou por adormecer.

Eu agora só desejava que o dia surgisse quanto antes, para fugir, mas, ao invés do meu desejo, os minutos pareciam séculos e alongavam-se infinitamente.

Acendi um cigarro e olhei para o lado: Caiúru, deitada de costas, dormia profundamente. A sua respiração era irregular e ofegante, como a de cavador ao cabo de um dia de labuta. Os seus seios nus arredondavam na base, quási submergindo, na provocante elasticidade, os biquinhos espetados.

Acendi outro fósforo só para a contemplar. Aromas sensuais, de carne de fêmea suada, dilataram-me as narinas. Deixei arder o fósforo até me queimar a polpa dos dedos. Depois, senti mais a escuridão que a queimadura!

O negror dissipou os perfumes lascivos. Com os olhos muito abertos, perscrutei fantasmas invisíveis que me cercavam, procurando, principalmente, uma luz nas densas trevas do meu pensamento.

Impunha-se um silêncio universal e a própria brisa se calava, como que horrorizada dos abismos da noite. As fôlhas, amedrontadas, nem boliam...

No céu de esteiras, o *laco* e os ratos travaram briga de morte, violando assim, sacrìlegamente, o silêncio absoluto... Venceu o *laco*, o mais forte, e os ratos debandaram...

Noite longa, em que o tempo parecia estar terrìvelmente imobilizado!

Ouviam-se ao longe, uivos desesperados e confrangedores de cãis esfaimados e, próximo, o *brouhaha* de fôlhas pisadas...

Depois, voltava a dominar um silêncio terrificante.

A cadela, enroscada a um canto, começou a ressonar

ofegante, ruidosamente. Ergui-me e sentei-me à beira da cama e deixei-me ficar assim muito tempo, indefesso e imóvel.

O ressonar da cadela interrompia-se com aflitivas sufocações.

Acendi outro cigarro e vi as horas. Era meia-noite, uma meia-noite muito fria. Mas o silêncio e a escuridão ainda eram mais frios, enregelavam-me a alma e os pensamentos. «Átila» escouceava sempre e os pios, mais lúgubres, repercutiam-se com medonha estridência.

Caiúru, aflita, debatia-se com terríveis pesadelos. Os lábios murmuravam, com leveza inescrutável, a palavra *malai*... Os seus cabelos ondeados e espalhados em desalinho pela almofada, dir-se-iam um oceano negro, miniatural e congelado e os seios entumecidos vibravam saliências quietas na colcha esticada. O seu corpo, estendido, desenhava-se como vulto escultórico, apenas esboçado num mármore de côr indefinida.

Adensava-se uma aragem fria e ouvia-se, cada vez mais distintamente, o escoucear de «Átila»... Os vampiros continuavam a profanar a selva com as suas gargalhadas satânicas, horríveis...

A cadela mantinha-se enroscada...

Do teto caíu uma pequena cobra sôbre os meus pés. Atordoada com a queda, contorceu-se indecisa e depois rastejou, lentamente, indo esconder-se nas frinchas da *palapa*.

Caiúru, agora, dormia sossegadamente, parecia até sonhar. Sonhava, talvez, o mais belo e doce e impossível de todos os sonhos da sua vida de selvagem...

Eu continuava na mesma quietude horrorosa, num estado de aparente e dolorosíssima inconsciência.

E a noite continuava fechada, numa barafunda medonha de sombras, suspiros e fantasmas.

Não podendo suportar mais tempo aquêle ambiente, vesti umas calças e saí devagarinho, para não acordar

Caiúru. O bambu aberto do soalho, sob as esteiras, apenas soltou uns gemidos abafados e quási imperceptíveis, que apenas eu ouvi.

Cá fora a família de Caiúru e os *auxiliares* dormiam profundamente. Em cima, as estrêlas feriam o negror com punhaladas de fogo. Afastei-me para o matagal, onde a escuridão compacta me apertou sinistramente.

Sentei-me num pedregulho, pesadamente. Os minutos, minutos nocturnos, passavam, calcando-me, esmagando-me o coração...

Voltei para casa; as ervas sêcas estertoravam sob os meus pés. Com as mãos crispadas, apertei com fúria as urzes e parti-as.

Os meus olhos, doridos, perdiam-se nas lonjuras imperscrutáveis e os meus braços retesavam as musculaturas em contracções de raiva impotente.

Aproximei-me dos *auxiliares* e acordei-os, ordenando que preparassem tudo para partirmos imediatamente. Era uma hora da noite...

Reentrei com a alma abatida, sangrante.

Vesti-me precipitadamente e depois acordei Caiúru, a quem pus ao corrente da minha deliberação.

Na cozinha, os parentes de Caiúru comiam e tagarelavam de sociedade com os timores que iriam transportar-me a bagagem. Os *auxiliares* fizeram uma fogueira no pequeno largo do meu Reino, e os seus reflexos penetravam pelos interstícios da *palapa*, semelhando os dentes acerados de uma serra fantástica e deformada.

Os *auxiliares*, carregados com a bagagem, partiram e «Átila», seguro pelas rédeas, aguardava-me.

O timor encarregado dos *auxiliares*, já montado no seu *cuda*, esperava-me também.

Acheguei-me da *nona* e olhei-a com fixidez arrepiante e idiota. Apertei-a contra o peito e beijei-a sôfregamente, enquanto algumas lágrimas se me escapavam furtivamente dos olhos.

Ela ficou como que hipnotizada, sem soluços, sem lágrimas, de olhos esbugalhados fixos em mim e com os braços pendentes ao longo do corpo, com desalento, quais ramos de trepadeira quebrados e sem vida.

Subi para «Átila» e pusemo-nos a caminho. Um *auxiliar* guiava o meu cavalo pela rédea e, por isso, as cavalgaduras marchavam lentamente.

A noite negrejava assustadoramente e mal se adivinhavam as sombras esbatidas das grandes árvores que deslizavam, perante nós, fantasmagóricas e silentes...

....

Caiúru, a flor silvestre e graciosa de Uma Liurai, a gazela tímida e selvagem, tão bela e tão amorosa como nenhuma outra eu vira em Timor, tinha deixado de ser uma realidade para se tornar numa saüdade dolorosa. Não mais a sua voz harmoniosa e fresca, mais doce que o mel das abelhas, mais suave que as brisas sopradas do oriente, entoaria junto dos meus ouvidos os seus cânticos misteriosos, repassados de ritmia e de ignoto! As sebes e as folhagens continuariam, sim, a acariciar-lhe as faces, o colo, os braços e as pernas — ébanos esculturais e mimosos — mas eu tinha perdido, para sempre, o seu contacto amado! Caiúru, melodia de paixão e de sonho, permaneceria na selva e nela conquistaria a eternidade, a que só os anjos como ela têm direito. Quando Caiúru morrer, o Céu possuirá mais uma estrêla — a mais formosa e rutilante de tôdas! E, entretanto, que ela regressava a Uma Liurai, as rôlas inocentes far-lhe-iam outra vez companhia e embalá-la-iam com os seus arrulhos ternos! E as águas múrmuras das fontes tornariam a conhecer os seus segredos e iriam sentir, de novo, o contacto dos seus lábios quentes e macios...

Eu, porém, seguiria inflexìvelmente o meu destino...

As patadas dos garranos, no macadame do caminho,

eram as notas sêcas duma música irritante e macabra, o hino soturno da minha vida irregular e nómada! A negrura colava-se nos directamente aos olhos... Os cavalos adivinhavam o carreiro, fazendo o percurso a passo. Os *auxiliares*, carregados com a bagagem, andavam ligeiros, impelidos pelo frio.

As árvores pareciam monstros ainda mais negros do que a própria noite e as arequeiras e os coqueiros, riscavam, a carvão, linhas que uniam directamente o Céu à Terra.

O *cabo* seguia adiante e eu atrás. Insensível à geada, dobrava-me sôbre a montada e fitava, de olhos desmesuradamente abertos, pontos invisuais!

Ascensão difícil, tateada, a caminho da baliza! Os corcéis grimpavam, tresfolgando, os ínvios côrregos. As bermas pisadas e desprendidas, transformavam-se em samoucos, que saltitavam a abismar-se em chaparrais e barrancos. Lernas profundas e invisíveis atraíam vertiginosamente as almas que serpeavam pelas cumiadas. Ouvia-se o murmurinho afastado e contínuo das ribeiras desfiadas no fundo dos vales...

Ecoavam abafados rumorejos de serpentes fugitivas e esvoaços agitados de aves noctívagas surpreendidas!

Grupos de cavalos bravos e manadas de búfalos corriam com estrépito e ao acaso, a refugiar-se em covas desconhecidas!

No firmamento, mãos cheias de estrêlas cintilavam incessantemente. Os ares estavam impregnados de aromas fortes e incensados!

O meu corpo acompanhava os movimentos do dorso do eqüídeo. O meu espírito fluía e refluía numa ondulação sofrente, feita de dilacerantes evocações. As rédeas, sôltas, concediam ampla liberdade ao cavalo. Êste perscrutava nervosamente as trevas e assentava as patas, devagarinho, nos pedregais dos atalhos.

A noite mostrava-se longa e fria como nos polos!...

Medas e cervas choravam baixinho, magoadas pelos amantes...

Os declives das encostas tornavam-se cada vez mais abruptos e isto sabia-se, não porque se visse, mas porque se pressentia e se adivinhava, pelos ruídos brutais e clamorosos das fragas que se despenhavam, metralhando, sinistramente, as tremendas funduras!

O meu olhar vagueava no nada. O silêncio imenso e abafante atordoava-me os ouvidos, repercutia-se-me na alma em gritos alarmantes!

Os pirilampos lucilavam no negror, como fragmentos microcósmicos e dispersos de sonhos desfeitos...

O vento das altitudes, frio como flóculos de neve, açoitava-nos as faces arrepiadas. E o meu coração, saco vazio e amarrotado, reduzia-se de segundo a segundo... A minha alma estremecia como tenro cafezeiro batido por brisa violenta, infernal!...

O dilúculo espreguiçou-se e uma poeira esbranquiçada e luzente apoderou-se da atmosfera. As aves começaram a partir em revoadas e o homem, pequenino, ergueu as suas hossanas à vida, à alegria, ao amor... O Sol impôs-se, numa vitória triunfal, radiosa de luz, de brilho e de calor; e a natureza, embriagada com o seu esplendor, aclamou-o, reverdecente e sonorosa!

Então, animados e deslumbrados com tanta luz, com aquêle dilúvio de ouro, os cavalos galoparam, céleres como o vendaval, pelas planuras e pelas ladeiras...

— Maubice!

Despedi-me de «Átila» — que voltaria para junto de Caiúru, — apertei-lhe meigamente a cabeça e beijei-lhe, até, o focinho.

Depois tomei assento no automóvel que me levaria a Díli e que se projectou pela estrada fora numa correria louca...

FIM

ERRATAS PRINCIPAIS

Pág.	linhs	Onde se lê	leia-se
11	6	de	*do*
44	1	todos	*Todos*
46	22	E verdade	*É verdade*
83	34	apalpam	*apalpavam*
103	15	desdodrado	*desdobrado*
106	6	*do reino*	reino
133	9	que!	*que*
116	15	Miquelina	*Ernestina*
167	9	tornavam	*tornaram*